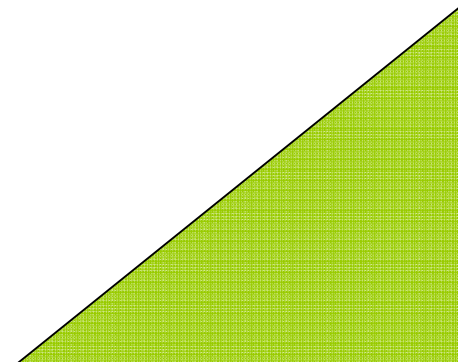




Novos desafios para a Formação do Futebol
Contemporâneo: que formação estética no Jogo?

Maria Luísa Barata da Rocha
Gagliardini Graça

Porto, Dezembro de 2008



Novos desafios para a Formação do Futebol

Contemporâneo: que formação estética no Jogo?

Monografia realizada no âmbito da disciplina de seminário do 5º ano da Licenciatura em Desporto e Educação Física, na área de Desporto de Rendimento – Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, sob a orientação da Prof. Doutora Teresa Oliveira Lacerda e a co-orientação do Prof. Doutor Júlio Garganta

Maria Luísa Barata da Rocha
Gagliardini Graça

FICHA DE CATALOGAÇÃO:

Gagliardini Graça, M. L. (2008). *Novos desafios para a Formação do Futebol Contemporâneo: que formação estética no jogo?*. Porto: M. L. Gagliardini Graça. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ESTÉTICA DO JOGO, FORMAÇÃO ESTÉTICA

A Ti que, por seres Sentido, me fazes procurar-Te em tudo

Agradecimentos

Profundamente grata à minha Família, pela presença permanente e inabalável, de acolhimento, de referência e de estímulo para dar algo de mim a este mundo; Obrigada, Mãe e Pai, pelo exemplo de vida; Meus irmãos, que grande é o vosso apoio... Luís e Inês (Luisinho, Rosarinho, Tomás, Mariana e Zé Maria), pelos vossos sorrisos; Inês, pela companhia e força; Joana e Zeca (e Inesinha), pela sensatez e proximidade; João Paulo e Marta (e bebé), por transmitirem sonho, alegria, juventude e ideal; Mafalda, porque, para onde quer que o mundo nos leve, continuaremos sempre lado a lado, como no útero materno. Avó Nita: quero me dar a esta vida e às pessoas como a avó!

Incalculável gratidão aos meus amigos, a família que Deus me permitiu escolher nesta vida, com quem cresço continuamente, partilho e sou feliz cada dia: Mariana, Rita, Joana, Jacinta, Ricardo, Guida, Maria, Filipe (Açoriano), Daniel, Vânia, Rui (Felgueiras), Pedro (Braga), Catarina (e a lista continua no meu coração com todas as vidas preciosas com quem me cruzei e cruzarei). Cada um de vocês sabe como ninguém porque vos agradeço.

Agradeço aos Mestres Amigos que tenho a honra de ter: Professora Teresa Lacerda, Professor Vítor Frade, Professor Jorge Bento: sem o saberem, não podem imaginar o quanto enriqueceram a minha existência. Que a minha vida possa de algum modo honrar e agradecer o que em mim fizeram. Serão sempre para mim uma referência de sabedoria, de trabalho, de humildade e de entrega.

Obrigada à Professora Doutora Maria Luísa Couto Soares, pela disponibilidade, pelo contributo científico construtivo que deu através da sua apreciação deste trabalho em geral, da sua pertinência, e da validação da entrevista em particular, mas sobretudo pelo contributo humano, que recuperou em mim alguma esperança na Qualidade Humana do futuro académico.

Obrigada à FADEUP – UP. Da fascinação à desilusão e da desilusão à realidade. Quase nunca foi fácil ou agradável. Mas sou o que sou, porque estes anos me amadureceram, me acordaram, me prepararam para a vida e é para ela que me dirigirei de hoje em diante: “Nobody said it was easy”.

Obrigada aos entrevistados: Professor Paulo Cunha e Silva, Professor Vítor Frade, Professor Carlos Queirós, Marisa Gomes, Pepijn Lijnders, Jorge Maciel e Tiago Moreira, pela disponibilidade e riqueza de contributo, mas sobretudo pelos agradáveis momentos de conversa, reflexão e partilha que proporcionaram.

Obrigada a todos os leitores desta monografia, por darem o benefício da dúvida a um sonho, uma ideia. Resta-me esperar que o conteúdo esteja à altura.

Como não tenho nada, retribuo com um conselho sábio de alguém a quem agradeço, no mínimo, a existência, mas também aquilo que do seu ser pude conhecer: a sua poesia! Obrigada Avô, porque não teria nada para dar a tantos a quem devo gratidão.

Não vivas a pensar em quem te deixa,
Nem vivas agarrado ao que não tens.
Ai quantos vivem só, sem uma queixa,
Contentes com os seus pequenos bens.

Não vivas em pensar na felicidade,
Que outros, por justiça, podem ter,
Pois alegre é somente, na verdade,
Quem sabe meditar, até morrer.

Queres ser feliz?... lembra as amarguras
De uma ou mais pessoas que torturas,
Por não teres humildade e alma franca.

Recorda o bom poeta que te diz,
Que só pode na terra ser feliz,
Quem tem, no fundo, a consciência branca.

Augusto José Sobrinho Barata da Rocha

**A razão é comum a todos, mas as pessoas agem como se tivessem uma
razão privada.**

Heraclito

**O meu intento não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir
para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira
procurei conduzir a minha.**

Descartes

Índice

Resumo	IX
Abstract	XI
Résumé	XIII
1. Introdução	1
2. Revisão da Literatura	7
2.1. Estética do Futebol	7
2.1.1. Conhecimento filosófico aditado ao conhecimento científico de um fenómeno	7
2.1.2. Da Estética do Desporto à Estética do Futebol	10
2.1.3. Estética do jogo de Futebol: dimensão que reclama sentido	12
2.2. Formação Estética em Futebol	19
2.2.1. O encontro estético na formação do jogador	19
2.2.2. Treino: um espaço de criação estética onde o desenvolvimento do jogador se faz numa estreita relação com a bola no jogo	22

3. Metodologia	31
3.1. Justificação da opção metodológica	31
3.2. Grupo de estudo	33
3.3 Instrumento	35
3.4. Procedimentos de construção e aplicação da entrevista	36
4. Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados	41
4.1. Valoração estética do Futebol: do conhecimento à construção do próprio objecto	41
4.1.1. Do conhecimento...	41
4.1.2. ... À construção!	50
4.2. Formação Estética: uma edificação da experiência	52
5. Considerações Finais e Conclusões	63
6. Bibliografia	71
7. Anexos	XV

Resumo

O Futebol é um fenómeno fruído por todas as pessoas, de todas as raças, idades, sexos, profissões e credos. É, manifestamente um fenómeno de globalização, que evidencia uma particular capacidade de convocatória e que proporciona experiências de relação sujeito-objecto, simultaneamente únicas e partilhadas. A consideração da natureza estética do Futebol, bem como a consciência das influências dessa natureza na relação com crianças e jovens, impulsionou-nos a aprofundá-la, procurando contribuir para os processos de formação em Futebol. Deste modo, o objectivo deste trabalho foi aprofundar o conhecimento acerca do Futebol, com o contributo da abordagem estética, partindo para a exploração da sua importância na formação de jogadores de futebol. O grupo de estudo integra cinco entrevistados tendo dado, cada um, pela particularidade da sua relação com o Futebol e com a Estética, um contributo de uma incalculável riqueza. São eles: o Prof. Carlos Queirós, o Prof. Vítor Frade, o Prof. Doutor Paulo Cunha e Silva, a Prof. Marisa Gomes e o treinador Pepijn Lijnders. A metodologia percorrida baseia-se na etnometodologia, procurando dar resposta à natureza «praxiológica», cultural e contextual do assunto em estudo. O instrumento utilizado foi a entrevista semi-directiva, tendo sido todas as entrevistas integralmente transcritas e analisadas em coerência com o paradigma interpretativo da etnometodologia. Assim, a Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados permitiu constatar que: (1) o Futebol possui uma dimensão manifestamente estética que emana da natureza do fenómeno, cuja compreensão necessita da consideração da relação entre sujeito e objecto, entre estética e ética, e entre estética e eficácia, sendo a sua manifestação evidenciada nos desempenhos das equipas de *top*; (2) uma Formação Estética em Futebol apresenta benefícios para as competências dos jogadores, bem como para o desenvolvimento de um espectáculo Futebolístico cada vez melhor e mais atractivo; (3) a Formação Estética reclama a criação de contextos esteticamente formativos, que promovam a autonomia, a liberdade e a criatividade, para os quais a intervenção do treinador é determinante.

PALAVRAS-CHAVE: FUTEBOL, ESTÉTICA DO JOGO, FORMAÇÃO ESTÉTICA.

Abstract

Football is a worldwide spread phenomenon pleasing all kind of people, of all races, age, gender, working status and beliefs. It is indeed a global phenomenon, which is able to display a particular kind of ability to bring people together and allows experiences of subject – object relationship, simultaneously unique and shared. Taking in consideration Football's aesthetics nature as well as the conscience of the influences of that nature, within the children and youngsters relationship, we found ourselves driven to go deeper, in order to contribute positively to the Football formation processes. Therefore, this essay's main goal is to get more knowledge about Football, helping ourselves with a philosophical and an aesthetics approach, and heading to explore its importance on the football player's formation. The study group includes five respondents gave each one, from the peculiarity of his relationship with the Football and the Aesthetics, a contribution of an untold wealth. They are: Prof. Carlos Queirós, Prof. Vítor Frade, Prof. Doutor Paulo Cunha e Silva, Prof. Marisa Gomes and the coach Pepijn Lijnders. The methodology is based on ethno methodology, seeking to respond to pragmatic, cultural and contextual nature of the subject under study. The instrument used was a semi-directive interview, and all interviews were fully transcribed and analyzed, consistent with the interpretive paradigm of ethnomethodology. Thus, the analysis, interpretation and discussion of the results found that: (1) Football has a clear aesthetic dimension that stems from the nature of the phenomenon, which requires the understanding of the relationship between subject and object, between aesthetics and ethics, and between aesthetics and effectiveness, and its demonstration is shown in the top teams performances; (2) an Aesthetic Education in Football presents benefits for the players skills, as well as for the development of a ever better and more attractive football; (3) the Aesthetic Education calls for a creation of aesthetically formative contexts, which promote the independence, freedom and creativity, for which the intervention of coaches is crucial.

KEY – WORDS: FOOTBALL, GAME'S AESTHETICS, AESTHTICS EDUCATION

Résumé

Le Football c'est un phénomène apprécié par toutes les personnes, de toutes les races, âge, genres, métiers et convictions. C'est visiblement un phénomène de globalisation, qui met en évidence une faculté particulière de convocation et qui offre des expériences de rapport sujet- objet, simultanément uniques et partagés. La réflexion de l'essence esthétique du Football, aussi que la conscience des influences de cette nature dans la liaison avec des enfants et des jeunes, nous a donné une impulsion pour l'étudier, en cherchant de contribuer pour les procès de formation en Football. De cette façon là, le but de cette étude c'est de détailler la connaissance sur le Football, avec la contribution d'une abordée esthétique, en partant pour l'exploration de leur importance dans la formation des joueurs de football. Le groupe d'étude comprend cinq ont donné chacun d'eux, la particularité de sa relation avec le Football et de l'esthétique, une contribution d'une richesse incalculable. Ils sont: Prof. Carlos Queirós, Prof. Vítor Frade, Prof. Doutor Paulo Cunha e Silva, Prof. Marisa Gomes et l'entraîneur Pepijn Lijnders. La méthodologie est basée sur l'ethnométhodologie, en cherchant à répondre à la nature pragmatique, culturelle et contextuelle de la matière à l'étude. L'instrument utilisé est une interview semi-directive, et toutes les entrevues ont été transcrites et analysées pleinement compatible avec le paradigme d'interprétation de l'ethnométhodologie. Ainsi, l'analyse, l'interprétation et discussion des résultats a révélé que: (1), le Football a une dimension esthétique qui découle de la nature du phénomène, qui exige la compréhension de la relation entre sujet et objet, entre l'esthétique et l'éthique, et entre l'esthétique et l'efficacité, sa démonstration mis en évidence la performance des équipes de haut, (2) une formation en esthétique Football présente des avantages pour les capacités des joueurs ainsi que pour le développement d'une Football toujours mieux et plus attrayant, (3) La Formation Esthétique appels de la création des contextes de formation esthétiques, qui encouragent l'indépendance, de liberté et de créativité, pour qui l'intervention de la voiture est indispensable.

MOTS – CLEF : FOOTBALL, ESTHÉTIQUE DU JEU, FORMATION ESTHÉTIQUE.

1. Introdução

1. Introdução

*O homem é o ser que conhece, como é o ser que ama.
(Leonardo Coimbra, 1983)*

O que significará hoje, e no futuro, o sucesso desportivo? Até onde seremos capazes de superar e transcender os limites humanos? Atingimos tais níveis de desempenho no desporto, os recordes e marcas desportivas cresceram de tal modo, que podemos estar perante um aproximar do limite, sobretudo físico e biológico, de que o ser humano é capaz. Perante tal realidade, surge a urgência de encontrar no desporto outros modos de transcendência em dimensões inacabáveis, ou idealmente perenes: “A capacidade que o homem tem para redescobrir, reinventar, reconstruir, é algo que caracteriza a nossa natureza humana e de que o desporto contemporâneo carece.” (Lacerda, 2002), criando-se assim novos desafios, para os quais a estética do desporto assume um papel importante.

O estudo da estética do desporto evoca aspectos como as categorias estéticas, a relação entre vitória e derrota, a plástica do movimento, o corpo desportivo, a interacção e interdependência processo-produto, e pode ser feito a partir de diferentes abordagens ou “olhares”: do observador, do praticante, ou das características e valores intrínsecos ao desporto que possibilitam a experiência estética. Neste trabalho percorremos um pouco de cada um destes “olhares”, considerando que uns não existem sem os outros, encarando o fenómeno estético no desporto como um fenómeno essencialmente comunicativo, onde tais fronteiras são difíceis (e talvez indesejáveis) de delimitar.

Ao determos o nosso olhar, no séc. XXI, sobre as temáticas que movem, motivam e exercem inúmeras influências no estado de espírito e nas vivências emocionais diárias do mundo contemporâneo, podemos descobrir uma realidade com popularidade e sucesso incalculáveis, transformando-a, à escala mundial, num fenómeno, efectivamente, difícil de explicar. Referimo-nos a esse fenómeno antro-po-social-total: o Futebol.

Embora não o saibamos explicar, a realidade é que gostamos de Futebol, vibramos com o Futebol e este desporto constitui, de uma maneira ou outra, um factor de grande relevância na nossa vida.

“Quando me perguntam porque é que vou ao estádio, o que me atrai num desafio de futebol, confesso que fico extremamente embaraçado, não pela simplicidade da pergunta, pertinente e legítima, mas sobretudo pela complexidade e comprimento da resposta. Porque esta, sendo longa, não é resposta e, sendo curta também não o é, por ser redutora. Sinto-me à procura de algo que me foge por entre os dedos sem, no entanto, o saber definir concretamente.” (Bento, 2004, p. 63).

Esta temática apresenta-se, portanto, ao mesmo tempo perturbadora e atractiva, nascendo daqui a nossa vontade de a explorar e conhecer melhor.

De facto, estudar o Futebol, aproximando sujeito e objecto a partir de uma abordagem estética, impõe inúmeras barreiras e não se apresenta tarefa fácil, mas será que se não o fizermos o estaremos a estudar de verdade?

O Futebol possui uma natureza manifestamente estética, dinâmica, interactiva e comunicativa que põe em evidência a permanente relação entre sujeito e objecto, sendo que o objecto, o jogo, é, ele mesmo, fruto da relação entre sujeitos que o constroem, e com ele e entre eles se envolvem.

É na consciência daquilo que de mais essencial existe na natureza do fenómeno, que surge a vontade e a necessidade de estudar o Futebol partindo da abordagem estética, através da persecução mais íntima e relacional dos seus caminhos.

O espanto, inicial e genuíno, responsável pelas inquietações sobre a formação estética em Futebol, nasce sobretudo da realidade prática.

A consciência de que o Futebol é um fenómeno de massas, fortemente mercantilizado e um produto de indústria, confere-lhe uma história e uma evolução que contextualizam a sua construção, a sua própria natureza e, conseqüentemente, o seu ensino e formação.

Vivendo o Futebol de rua, no meio dos irmãos, dos primos, dos vizinhos, dos amigos, a experiência é de tal maneira satisfatória e gratificante que se torna difícil despertar para a existência do Futebol “formalizado”. Então, numa

vivência do jogo sem limites, o jogo não é algo exterior, ensinado, imposto, mas é vivido de um modo pessoal e autónomo, na permanente procura de superação de limites, de transcendência daquilo que já se consegue ou que se vê os outros conseguirem. Para isso, imaginamos, inventamos, criamos e apaixonamo-nos. Somos o Futebol e não existimos sem ele.

Perante a constatação profissional do enorme contraste e desfasamento daquilo que vivemos num passado recente e aquilo que observamos hoje nas crianças das escolas de futebol, a inquietação é colossal. No terreno constatamos que os jogos não são vistos, a bola não é sentida, tocada, é um objecto difícil de dominar, estranho, e muitas vezes responsável pelas inseguranças, porque de cada vez que se a tenta manipular o resultado é um fracasso. O Futebol só existe no treino e na *playstation*, os ídolos são poucos e estão tão longe que o atrevimento de tentar imitá-los não pode existir.

Aspiramos, deste modo, a uma formação que, por respeitar a natureza do fenómeno, possibilite a convocatória, a atracção, em suma, a experiência estética, para que o Futebol continue a ser essa aventura apaixonante e encantadora, para todos os que com ele se envolvem.

Deste modo, temos como objectivo primordial deste trabalho aprofundar o conhecimento acerca do Futebol, com o contributo de uma abordagem filosófica que extrapola o conhecimento científico, a abordagem estética, partindo então para a exploração da sua importância na formação de jogadores de futebol.

Contudo, não podemos permitir que a ânsia de conhecimento nos leve por caminhos apressados em busca do saber imediato, porque este é um percurso que exige tempo, arte, dúvida e espera, porque “O filósofo é um personagem que sabe esperar e, sobretudo, sabe esperar o cadáver do seu inimigo, o homem hábil, prático, satisfeito e seguro de si próprio.” (Innerarity, 1996, p. 25).

Este trabalho encontra-se estruturado em seis capítulos. O primeiro capítulo, Introdução, caracteriza-se por uma breve contextualização acerca da pertinência da dimensão estética no estudo do Desporto na actualidade, particularmente no Futebol. No segundo, Revisão da Literatura, é realizado um enquadramento teórico face ao estado da arte, onde procurámos sondar os

contributos de uma abordagem estética para o conhecimento do Futebol, as manifestações da natureza estética do fenómeno, levantando a problematização da formação estética neste contexto. O terceiro capítulo, Metodologia, contém os caminhos metodológicos traçados (etnometodologia), seus procedimentos e justificação, integrando deste modo a escolha do método, grupo de estudo, instrumento (entrevista semi-directiva), seus regimentos de construção e aplicação, recolha de dados e seu tratamento. O quarto capítulo, Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados permitiu-nos aproveitamento dos preciosos contributos que o grupo de estudo conferiu a este trabalho, confrontando-os entre si e com a Revisão da Literatura, através de processos mais compreensivos do que explicativos. No quinto capítulo, Considerações Finais e Conclusões, expomos de modo compendiado as principais conclusões do trabalho, referentes aos contributos da abordagem estética para o conhecimento do fenómeno e para a formação em Futebol. Finalmente no sexto capítulo, Bibliografia é possível encontrar o suporte bibliográfico que sustentou o trabalho.

2. Revisão da Literatura

2. Revisão da Literatura

2.1. Estética do Futebol

2.1.1. Conhecimento filosófico aditado ao conhecimento científico de um fenómeno

*Sentimos que mesmo depois de serem respondidas
todas as questões científicas possíveis, os problemas
da vida permanecem completamente intactos.
(Wittgenstein, s/d)*

“Chegámos a finais do séc. XX possuídos pelo desejo quase desesperado de complementarmos o conhecimento das coisas com o conhecimento do conhecimento das coisas, isto é, com o conhecimento de nós próprios.” (Sousa Santos, 1987, p. 30).

Em função do conhecimento que procuramos, quando analisamos, reflectimos e estudamos um objecto, estabelecemos com ele algum tipo de relação que, de acordo com a sua natureza, pode ser mais ou menos subjectiva. Quanto mais subjectiva, confrontada e biunívoca a relação entre sujeito e objecto, mais obstáculos nos são colocados, e a disponibilidade (ou falta de) para a procura de compreensão e exploração dessas temáticas que mais nos inquietam, varia (Nunes, 2007). Que haverá de tão subjectivo, confrontado e biunívoco como a relação do Homem consigo próprio, com a sua natureza?

Na era moderna, Filosofia e Ciência eram tidas como procuras de conhecimento completamente distinguíveis, quer pelos seus objectos, quer pelas suas teorias e métodos. A ciência experimental, o positivismo, procurava então um conhecimento objectivo, material e inequívoco da realidade e, por seu lado, a filosofia basear-se-ia na metafísica, na especulação, na subjectividade do seu objecto (o próprio Homem), e ainda na inter

subjectividade entre sujeito e objecto, quando o objecto de estudo em causa era, também ele, o próprio homem.

“A época em que vivemos deve ser considerada uma época de transição entre o paradigma da ciência moderna e um novo paradigma, de cuja emergência se vão acumulando os sinais, e a que, à falta de melhor designação, chamo ciência pós-moderna.” (Sousa Santos, 1989, p. 9).

A reflexão sobre a Estética do Desporto pressupõe sempre disponibilidade para uma grande abrangência gnoseológica, uma vez que, entrando na esfera do conhecimento sensível e da subjectividade humana, nos permite deambular em cruzamentos de complexidade onde pode surgir a necessidade de que a ciência se torne filosófica e, por sua vez, a filosofia seja tida como ciência, para que ambas se encontrem e se complementem. Deste modo abrimos a possibilidade de mesmo neste nível de conhecimento perceptivo termos um acesso comum, intersubjectivo, à realidade, contribuindo, Filosofia e Ciência, como uma unidade na procura do conhecimento.

No estudo da Estética do Desporto podemos assumir uma atitude científica da qual resultam variadas operações, diferentes e complementares, representativas de níveis particulares de fruição que, não sendo análoga à tomada no campo das ciências experimentais, nos permite objectividade na observação de objectos manifestamente diferentes das referidas ciências. No entanto, tal objectividade deixa de ser a principal preocupação, sendo que “Estamos numa dimensão muito diferente da dimensão científica: aqui não é preciso despojarmo-nos dos desejos próprios, das opiniões, dos gostos, para nos basearmos em instrumentos aceites por todos, mas, pelo contrário, fazer dos nossos próprios desejos, opiniões e gostos, instrumentos para verificar qual a relação de necessidade em que se encontrava com as estruturas formuladas que os estimularam.” (Eco, 1965, p.50).

Deste modo, é fundamental que assumamos a natureza do conhecimento que procuramos, não estando mais a comprometer a sua análise, mas a torná-la possível, sendo que o recurso à mais valia estética nos conduz a uma amplificação e poliperspectivação do objecto, constituindo um contributo não desprezível para a sua compreensão (Cunha e Silva, 1999). No entanto, para

que o estudo e o conhecimento da Estética do Desporto sejam viáveis é necessária uma total abertura ao diálogo entre tudo o que, ao relacionar-se, intervém e permite tal poliperspectivação no seio de uma indispensável abordagem transdisciplinar.

Perante o aparente desaparecimento da capacidade de dialogar abertamente no confronto entre entidades diferentes, surge a urgência de consciencialização dos fenómenos meta-representacionais que justificam essa relação (Nunes, 2007). “Especializámo-nos na utilização de ferramentas da objectivação (ou até mesmo da objectualização), e furtámo-nos ao esquecimento das mais perspicazes ferramentas da compreensão da realidade.” (Nunes, 2007, p. 3): a profundidade dos discursos, diálogos e reflexões humanas, que não quantificam para não desqualificar, que objectivam sem objectualizar nem degradar, que caracterizam sem caricaturar, conduzindo a uma racionalidade plural, para que o conhecimento possa ser uma aventura encantada (Sousa Santos, 1987).

Olhar um fenómeno pela perspectiva estética, embora nos encaminhe por percursos da sensibilidade, não significa porém que nos afaste dos caminhos da racionalidade (Lacerda, 2002). Não haveria nada de tão pouco científico do que, ao aprofundar o conhecimento de um fenómeno, ignorar a presença de características não totalmente definidas e integrativas de subjectividade (Eco, 1965). Procuramos não mais um conhecimento que separa sujeito de objecto, mas um conhecimento íntimo e compreensivo que os une, em percursos mais contemplativos do que activos que pretendem, mais do que controlar ou fazer funcionar algo exterior, a satisfação pessoal e a experiência estética que a relação sujeito/objecto potencia (Sousa Santos, 1987). Ao contrário do que se pensou durante uma longa existência da humanidade, estudos recentes na área das neurociências, por exemplo, justificam que os sentimentos se encontram *enredados nas teias da razão* (Damásio, 1999, 2000; Goleman, 1999), tornando as suas fronteiras ténues.

Uma aparente intervenção diferenciada de emoção e intelecto nos domínios das ciências e das artes poderia justificar a distinção dos mesmos. No entanto, tais capacidades humanas não só se sobrepõem com frequência,

como são em certos aspectos até indistinguíveis (Lacerda, 2004), o que justifica uma abordagem transdisciplinar da Estética do Desporto, na qual ciência e filosofia contribuam para um objectivo comum: o conhecimento.

2.1.2. Da Estética do Desporto à Estética do Futebol

*Por vezes, sinto que os jogadores dançam.
Dançam com a bola e, para mim, isso é uma arte.
(Henry, 2006)*

Segundo Best (1988) o interesse em estudar as várias actividades desportivas pela perspectiva estética é crescente, ainda que muitos se poderão sentir acometidos com a aplicação do conceito de Estética ao Desporto, pensando que esta diz respeito apenas às artes (Kuntz, 1985).

Contudo, uma abordagem estética do Desporto permite-nos olhar para o Homem desportista, já não apenas como sujeito de rendimento, mas também (e em simultâneo) como sujeito de Arte. Neste sentido e, segundo Roberts (1995), transportar para o Desporto a linguagem da Arte permite engrandecer a sua compreensão e capacidade de apreciação.

Ultrapassando a discussão sobre semelhanças e distinções entre o Desporto e a Arte, parece ser consensual que a relação estética do Homem com o Desporto é inevitável, pela fruição proporcionada tanto ao desportista como ao observador em quem, perante o Desporto, espaço de expressão, de Estética, de comunicação (Bento, 1990), se desencadeiam respostas estéticas indeclináveis.

Qual o sentido e a justificação para uma abordagem estética do Desporto?

“O Desporto carece de perguntas que o interroguem fora da polarização do preto ou branco, do pró ou contra” (Bento, 1995, p.270). O desporto necessita de ver contempladas questões que se colocam frequente e

insistentemente a quem lhe procura outras abordagens, nomeadamente a abordagem filosófica da Estética do Desporto. (Lacerda, 2002).

No entanto, “Olhar para o Desporto do ponto de vista estético não se esgota na inovação de uma perspectiva *outra*, mas tem sobretudo a ver com uma maneira de estar no mundo.” (Lacerda, 2002 p. 22), que contempla os valores hedonísticos, estéticos, éticos, lógicos, práticos do qual está impregnado (Lacerda, 2002).

A Estética do Desporto e do jogo assume, por isso, manifestações concretas, nomeadamente na procura de padrões de excelência, na intimidade entre a audiência e o *performer*, na intensidade, espontaneidade, e jogabilidade Osterhoudt (1991), na “interacção entre colaboradores e opositores, na constante adaptação, readaptação e combinação de movimentações, na luta por vencer as dificuldades colocadas pelo adversário, nas estratégias de parceria e cumplicidade com os companheiros, na experiência de superação das limitações próprias e das adversidades do jogo.” (Lacerda 2007 p.82), bem como na apreciação do domínio técnico evidenciado pelos jogadores, nas decisões e opções táticas que conduzem à concretização das jogadas, na eficácia e na economia dos gestos, constituindo um ambiente de permanente comunicação (Lacerda, 2004).

É criada Arte no Desporto, quando as acções individuais e de grupo, no sentido de dar resposta aos problemas impostos pelo jogo, proporcionam exibições de habilidade humana que manifestam o sublime, onde estão reunidos elementos estéticos como movimentos individuais e de grupo, o ataque, a defesa, o contra-ataque, ritmo, cor, composição, elegância, estilo, graça, poder e economia (Masterson, 1983).

Segundo Boxill (1988) as categorias competição e vitória associam-se às categorias transcendência e superação, cooperação e competição (presentes no Futebol), contribuindo assim para a exaltação do potencial estético do Desporto, bem como o princípio de desafio subjacente às regras que obriga à evidenciação da excelência da *performance*.

Procuramos então, no seio da abrangente abordagem estética do Desporto, descortinar as manifestações concretas e específicas de uma

Estética do Futebol que, categorizado como desporto competitivo (Kupfer, 1988a, 1988b), apresenta um grande potencial estético manifestado na confrontação e cooperação, na permanente readaptação e combinação, que proporciona uma variedade surpreendente de movimentos, ritmos e situações.

Por seu lado, Huizinga (1972) acrescenta um outro conceito à análise estética do jogo: a ordem. Segundo este autor existe uma profunda afinidade entre o jogo e a ordem (absoluta e peculiar) que lhe confere carácter estético.

Também Wenger (2006) afirma que o Futebol é capaz de despertar em nós algo que não sabíamos ter, mas que existe dentro de nós: a capacidade de fruição da Arte, a relação com o belo.

Se, como afirma Marques (1993 p. 32), “a estética é um modo de percepção da realidade – de um objecto, de uma actividade”, integrando por isso questões e respostas sensíveis a quem perante esta se encontra, que outro desporto atrai tanta gente que dele quer fruir como o Futebol?

2.1.3. Estética do jogo de Futebol: dimensão que reclama sentido

Um terreno de Futebol vibra mesmo quando vazio. Ele nunca está em repouso. Um terreno vazio é como um ecrã branco de cinema: a partir desse momento todas as histórias são possíveis.
(Tronchet, 2004)

O que é a Estética do Futebol? Muitas questões se levantam quando aspiramos ao conhecimento de uma Estética do Futebol, surgindo a necessidade premente de encontrar fundamentos que a justifiquem, assegurando ao mesmo tempo a sua especificidade e contextualização.

Aspin (1974, cit. por Kirk, 1984) refere que o Desporto, por manifestar padrões e qualidades estéticos, é objecto de experiência estética, evocando respostas em termos emocionais que ocorrem em concordância com certos padrões ou critérios de excelência. Segundo este autor, a criatividade, por

exemplo, acrescenta um novo domínio de valor e de realização a um campo de excelência.

No entanto, dentro do universo desportivo, a variedade e diversidade de desportos existentes inquieta-nos e impulsiona-nos no sentido da procura de convergências e divergências que nos permitam aprofundar, de um modo mais específico, o conhecimento do Futebol.

Não podemos, contudo, esquecer que a apreciação individual do Desporto e do Futebol está sempre contextualizada aos valores e paradigmas da sociedade em geral, que funcionam como “lente” perante a qual, qualquer indivíduo observa o desporto (Neri Marinho, 2007). Deste modo, a relação autêntica do indivíduo com os factos sociais com que se depara pode ficar comprometida, e até diluída, perdendo-se na multidão anónima que o despersonaliza (Ortega y Gasset, 1993). Assim, a apreciação contemplativa e desinteressada que a experiência estética no Futebol pode proporcionar é, por vezes, impedida ou “abafada” por outros interesses sociais, políticos, “clubísticos” que podem anular, ou pelo menos desvalorizar, o lado estético da experiência.

Além disso, Segundo Constantino (2007), o Desporto é um meio de expressão e afirmação de identidades sociais e culturais. Assim, o peso histórico de cada nação molda continuamente os estilos de jogar em Futebol, que assumem identidades próprias. Deste modo e, de acordo com Maciel (2008), em cada país e cultura são facilmente identificáveis diversos modos base de entender o Futebol. Tal apreciação transporta também a carga cultural que um olhar estético pode ter, conferindo-lhe algo mais de subjectividade. Assim, é possível distinguir nos latinos a sobrevalorização técnica, nos sul-americanos a exaltação de valores individuais, nos alemães a sobreposição da força e nos ingleses o sentido colectivo do jogo (Lobo, 2002).

No entanto, sejam quais forem as qualidades percepcionadas, e admitindo que qualquer “Futebol” inclui técnica, valores individuais, força e sentido colectivo do jogo, nada nos impede de questionar e procurar o que de essencial nele existe, considerando-o como um *primum* com qualidades próprias, que permite desencadear respostas estéticas no Homem.

Neste sentido, Kuntz (1985) questiona-se sobre o que se deve, de facto, estudar na procura de relação entre Estética e Desporto: as acções do atleta enquanto artista ou a *performance* - o jogo bem jogado? Neste contexto outras questões se podem levantar: O que é um artista no Desporto, em concreto no Futebol? Não necessitará o rendimento e a *performance* de artistas? O que é o jogo bem jogado, em função da sua finalidade?

“As leis da ciência moderna são um tipo de causa formal que privilegia o *como funciona* das coisas em detrimento de *qual o agente* ou *qual o fim* das coisas.” (Sousa Santos, 1987, p. 16).

Na literatura, estudos centrados nas qualidades do objecto, categorizam as modalidades Desportivas em *aesthetic sports* (modalidades estéticas), em que a componente estética do processo é, por si só, o produto desejado, a sua finalidade; e em *purposive sports* (modalidades não estéticas), em que a finalidade transcende a realização estética do processo e caracteriza-se por um produto quantitativo concreto (Best, 1988). No entanto parece pertinente levantar algumas questões sobre o valor estético não só do processo, mas do produto desportivo e, sobretudo, do produto enquanto consequência do processo. Contudo, torna-se indispensável partir de processos mais compreensivos do que explicativos (Weber, 1979).

O método compreensivo, defendido por Weber (1979), consiste em entender o sentido que as acções de um indivíduo contêm e não apenas o aspecto exterior dessas mesmas acções.

Deste modo, é fundamental, perante um *purposive sport* como o Futebol, ter em consideração não só os processos que o criam, mas essencialmente a sua natureza, a sua finalidade, o seu sentido, relacionando processo e produto para uma melhor compreensão deste desporto.

Lobo Antunes (2008, p. 38) alerta-nos para esta preocupação, referindo-se a este aspecto relativamente à literatura: “(...) eu gosto do Ulisses, do Joyce, claro que gosto. Mas muitas vezes irrita-me porque sinto que é acrobacia pela acrobacia. (...) O livro tem de ser eficaz. Tem de se sacrificar a tentação a favor da eficácia.”, para que assim não corramos o risco de deixar de ver a obra, sendo ofuscados pelo o autor. Também Marcel Duchamp

reclama sentido para a construção das suas obras de arte: “Não posso fazer um quadro, um desenho, ou uma escultura. Não consigo de todo. Seria necessário que reflectisse por dois ou três meses antes de me decidir a fazer qualquer coisa que tenha algum significado... seria preciso que encontrasse esse sentido, antes de começar” (Duchamp, 1990, p. 15).

Transpondo esta ideia para uma apreciação estética do jogo de Futebol, é fundamental que não nos deixemos ofuscar por gestos ou habilidades dos jogadores, contextualizando-os para não perder o seu sentido, o que exige do observador uma atitude activa.

A Filosofia Clássica considerava o bem e o belo como «transcendentais», isto é, noções intercambiáveis com a noção de ser. Deste modo, tudo o que “é” (existe), é sempre algo de bom e de belo, bem como tudo o que é bom “é”, assim como tudo o que é belo “é” (isto é, existe). Nesta linha de raciocínio, não poderia haver separação entre o «jogar bonito» e o «jogar bem», porque o «jogar bem» é «bonito» e «jogar bonito» é «bem».

Contudo, na posmodernidade, a reciprocidade entre os valores «estéticos» e «éticos» parece ter desaparecido, sendo considerados totalmente independentes e isolados, havendo segundo Max Weber (1986), uma espécie de «politeísmo dos valores» e uma separação entre o «bem» e o «belo».

Procuramos, deste modo, no seio de uma abordagem estética específica e aplicada ao Futebol, descortinar a relação entre os seus valores estéticos (que integram, mas extrapolam a noção de «belo»), e os seus valores «éticos», referindo-nos a estes como os valores que caracterizam a sua natureza, a sua finalidade e o seu sentido. Contudo, para que tal se torne possível, teremos que conferir sentido aos conceitos «estética» e «ética» em Futebol, admitindo, como Lobo Antunes (2008) que todos os substantivos e adjectivos abstractos são perigosos e manipuláveis.

Uma outra categorização frequente no estudo da Estética do Desporto, diz respeito à separação/distinção entre o observador e o praticante, partindo do pressuposto que a relação estética que estabelecem com o desporto é manifestamente diferente.

Neste trabalho procuramos considerar a formação e relação estética do jogador de Futebol enquanto praticante, considerando também, não obstante, a sua relação estética com este desporto, enquanto observador que inevitavelmente é.

Segundo Boxill (1988), a resposta estética é tanto maior quanto melhor a compreensão e apreciação do arrevesado conteúdo do desporto em questão e a eficiência técnica (que no Futebol poderá ser caracterizada pela eficiência tático-técnica). Assim, a prestação é tanto mais estética quando mais se abrangem determinados níveis de excelência humana (Hemphill, 1995). Também Lacerda (2004) defende que quanto maior o conhecimento da actividade desportiva que se observa, mais se lucra do acontecimento presenciado e a relação que com ele se estabelece é qualitativamente mais intensa.

Então, a experiência estética associada ao confronto com o Futebol parece não dizer apenas respeito a uma resposta sensível à sua forma, mas também a uma apreensão e compreensão mais profundas do seu conteúdo, da sua natureza. É neste sentido que Frade (2007) refere que a expressão estética manifestada pelas acções tático-técnicas no jogo requer uma elevada cultura de jogo, essencialmente tática.

Deste modo, a vitória, por exemplo (objectivo central do jogo), não se opõe à liberdade de experiência estética nem do observador nem do atleta, mas o melhor resultado potencia expoentes estéticos mais elevados (Kupfer, 1988a; Boxill, 1988).

No entanto, a importância do produto é ainda descurada da apreciação estética por alguns autores, em benefício de uma sobre-enfatização do processo. Thomas (1974, cit. por Osterhoudt, 1991), por exemplo, refere que a valorização do processo é indispensável ao desenvolvimento de uma Estética do Desporto válida.

Será a ênfase do processo independente da ênfase do produto? Estará o produto de qualidade alheio ao desenvolvimento de um processo de qualidade? Não será um produto (frequente e constante) de elevado valor estético, reflexo de um processo (também frequente e constante) de qualidade

estética? Serão, no Futebol, os inumeráveis processos possíveis distinguíveis do produto/finalidade ao qual pretendem conduzir?

Kupfer (1988a) reconhece que o produto, a quantificação, desempenham um papel de elevada importância nos desportos competitivos, mas tais facetas não subsistem isoladas, estando subordinadas e adaptadas ao jogo, ao processo, cujo desenvolvimento não está pré-determinado, aludindo à improvisação, à imprevisibilidade, à incerteza, à criatividade, à invenção e à inovação, frente a frente com o adversário.

Também para Roberts (1995), o produto da actividade desportiva, o marcar pontos/ganhar, deve ser entendido como uma consequência natural de um processo que a esse fim conduziu. O gesto “inútil” assume, então, um valor estético definido, relativamente ao gesto portador de significado e sentido. Deste modo, o golo inicia-se muito antes da bola entrar na baliza e esses momentos não podem ser distinguidos de todos os elementos que directa ou indirectamente contribuem para a totalidade daquele momento (Roberts, 1995).

Boxill (1988) refere ainda que a eficiência condiciona grandemente o resultado final, sendo que uma maior eficiência deverá proporcionar melhores resultados e, por isso, uma maior atracção estética do fenómeno, pelo valor emotivo que o sucesso comporta (Damásio, 2004). Assim, para Boxill (1988), o desejo de vitória é fulcral para o carácter estético do Desporto (podendo nós concretizá-lo para o Futebol), referindo que um jogo bem jogado só ocorre quando envolve o desejo de ganhar (promovendo a concentração e *performances* superiores), sendo agradável do ponto de vista estético. Então, a beleza é apenas um meio de atingir a vitória e um modo de a expressar, porque a eficiência e o sucesso podem ser belos.

Deste modo e, de acordo ainda com Boxill (1988), o método mais eficiente reflecte habitualmente exhibições de excelência do corpo em harmonia com os equipamentos e/ou factores da natureza, manifestando fluidez como resultado do sincronismo e da adaptabilidade. Consequentemente, através de desempenhos ao mais alto nível, os atletas envolvem-se e participam, conferindo estilo à sua prestação, como manifestação de expressão do eu (no Futebol, de um eu colectivo).

Sumanik/Sharon e Stoll (1989) destacam os meios e fins da Arte e do Desporto como principais factores de distinção entre ambos. Assim, o fim desejado, que no Desporto se caracteriza essencialmente pela vitória, está arraigado ao valor estético inerente aos conceitos de *record*, superação, transcendência, através da criação de algo único, original e criativo. Podemos admitir, transpondo esta ideia para o Futebol, que o valor estético do jogo prende-se com a criação e construção singular e ímpar do seu fim desejado: a vitória.

Moderno (1998) afirma que a eficiência no Futebol não tem relação directa com a beleza do jogo. No entanto e, admitindo que o valor estético do jogo extrapola o “belo” ou o artístico que este representa (Kupfer, 1988b), Moderno (1998) refere que o antagonismo entre o Futebol-Arte e o Futebol-resultados ou o Futebol-competição constitui falsos conflitos, sendo que a prática do Futebol-Arte tem, como consequência natural, a procura dos bons resultados e, quanto mais o jogo for jogado com Arte, melhor servirá à competição. Além disto, Moderno (1998) acrescenta que o belo do jogo não se reduz à beleza da forma dos seus gestos, expondo que a forma do golo, por exemplo, é desenhada e criada pelo campo transformando-se numa pintura, mas com toda a imprevisibilidade inerente à criação futebolística. Deste modo, os melhores golos são aqueles que são precedidos de toda uma construção colectiva em função de uma intencionalidade comum, manifestada no golo (Frade 2007).

Há, portanto, no Futebol, uma relação de causalidade entre processo e produto: “A extensão do aspecto estético dá-se no compromisso da eficácia em direcção à vitória do atleta ou do grupo. A esteticidade não deve se sobrepor aos interesses da vitória, mas simplesmente ser uma colaboradora indispensável justamente em função da busca competente da vitória. Um alto rendimento desportivo é um bom e belo desempenho, regra geral.” (Moderno, 2004, p. 4).

No mesmo sentido, Kupfer (1988a) defende que a Estética do Desporto não é manifestada apenas pelo propósito externo de marcar mais pontos do que o adversário, mas internamente definida pelo modo de jogar necessário para o desfecho desejado: ganhar (manifestação de excelência). Assim, o golo

inicia-se muito antes da entrada da bola na baliza e não pode ser separado de todos os elementos que colaboram para a globalidade daquele momento – indivisibilidade entre o jogar e o marcar pontos/ganhar (Roberts, 1995).

Segundo Frade (2007) a Estética do Futebol, que se revela através de manifestações colectivas de ritmo, equilíbrio (entre atacar e defender), de expressividade, risco, dinâmica, organização, mobilidade, não é normalmente detectável por quem não se identifica com a essência ou natureza do fenómeno, que com frequência se deixa influenciar pelo acessório, também integrante do lado estético, funcionando como um prolongamento daquele. Assim, o que se está a passar longe da bola deve ser manifestação da finalidade/intencionalidade da equipa como um todo, tanto como aquilo que se passa perto da bola. Deste modo, e de acordo ainda com Frade (2007), quando absolutizamos um qualquer adorno estético de um gesto independentemente da sua finalidade, dos seus efeitos, definhamos/mutilamos o seu valor, porque a estética do jogo é exaltada quando reflecte a natureza do fenómeno.

2.2. Formação Estética em Futebol

Consideramos, que para retirar o Futebol do seu estado vegetativo, reavivar a paixão que desperta e elevarmos a sua dimensão Estética e Artística, este necessita que novos «desordeiros», como foram Garrincha, Di Stefano, Pelé, Eusébio, Cruyff, Maradona, entre outros criativos, comecem a emergir. Sendo para isso fundamental que os processos de Formação permitam o surgimento dessa potencialidade.
(Maciel, 2008)

2.2.1. O encontro estético na formação do jogador

A experiência estética proporcionada pelo Desporto torna-se possível não só através da sua prática, mas também pela sua contemplação ou por qualquer tipo de relação entre sujeito e objecto que a despolete: “O Desporto é um

artefacto para a beleza e elevação do corpo, um espaço de criação e apresentação, de recepção e fruição de arte, quer como atleta, quer como espectador.” (Bento, 2007 p. 17).

O encontro estético assume uma dimensão comunicativa entre sujeito, objecto e tudo o que os envolve, não se desenvolvendo isoladamente num relvado ou num pavilhão, porque fala, canta, atinge, questiona, responde, contagia, convida e arrasta (Neri Marinho, 2007). Segundo este autor, a experiência estética acontece quando objecto e sujeito se cruzam, quando a informação expressa pelo Futebol cruza a informação armazenada no sujeito. Neste sentido, “a experiência estética não nasce de um encontro entre estranhos que nada significam um para o outro, que nada sabem um do outro, que nada partilham. Sujeito e objecto, apreciador e jogo têm uma história comum que os mistura, os entranha.” (Néri Marinho, 2007, p. 18). Através desta abordagem, Neri Marinho (2007) alerta-nos também para a consideração da carga cultural que a experiência estética carrega, caracterizando-a como uma lente através da qual se vê e se sente esteticamente o Futebol.

São vários os níveis que, para Björn Funch (cit. por Barros Marques e Fróis, 1999), a experiência estética integra: a contemplação, a empatia, a compreensão, a fascinação e a experienciação.

No que diz respeito ao nível contemplativo, Arnold (1988) salienta a importância da capacidade de observação no indivíduo, acrescentando a indispensabilidade desta incluir a observação de si próprio, no desenrolar de um processo esteticamente formativo. Neste sentido, Lacerda (2008) refere que a atitude estética que a contemplação pode estimular, possibilita o desenvolvimento de uma atitude cada vez mais criticamente reflexiva e discriminante.

Através da observação contemplamos, abrindo portas à possibilidade de compreensão, fascinação e até mesmo experienciação. Esta última dá-se muitas vezes por desejo de imitação. No entanto, não podemos conceber a noção de imitação de um modo redutor, mas no sentido de *imitatio*, utilizado na literatura, isto é, prestar homenagem a um autor que se admira e se respeita, através de uma realização inédita e pessoal (Lobo Antunes, 2008).

Num estudo sobre a formação estética em Futebol torna-se necessário não só apurar o que caracteriza a experiência estética no confronto com o Futebol, mas sobretudo procurar descortinar a sua importância pedagógica. “O enfoque na singularidade é promovido pela educação estética que estimula para o re-conhecimento, para a re-criação, procurando que os alunos aprendam novos modos de ver, de pensar e de compreender o mundo.”, por meio do desenvolvimento do sentido crítico, do estímulo dos órgãos de percepção, bem como da sensibilidade interior (Lacerda, 2008).

Não só a experiência estética engrandece as possibilidades de compreensão do Desporto, sendo que a observação (suscitadora de um espectro alargado de interações e experiências de prazer) se reveste de elevado valor pedagógico (Lacerda, 2004), como também “A fantasia, a imaginação, a empatia, desenvolvidas pelo processo de observação de Desporto, fomentam a comunicação de cada um com o seu íntimo, favorecem um melhor *sentimento de si*, alargam e redimensionam a singularidade de cada um.” (Lacerda, 2004, p.7).

No entanto, a pessoa esteticamente instruída, não é apenas aquela com capacidade de falar de certos objectos ou situações de um determinado modo, de descrevê-los ou comentá-los, mas sim aquela que, na realidade, possui uma capacidade para neles experimentar, compreender e participar (Collinson, 1973, cit. por Arnold, 1988).

Thomas (1972, cit. por Osterhoudt, 1991) sintetiza alguns traços da experiência estética no Desporto, nomeadamente, a intenção de atingir níveis de excelência, a participação livre e voluntária, o uso extraordinário do tempo e do espaço, a afectividade, subjectividade, espontaneidade, a autenticidade, bem como o alto nível de mestria do executante.

De facto, a dimensão estética parece ser fundamental à formação global dos jovens jogadores (Sérgio, 2003), sendo os seus efeitos resultantes de um envolvimento pessoal e afectivo nas acções, reflexo da personalidade e expressão da emotividade de uma acção perfeita, que pode ser vivida ou contemplada. No entanto, o prazer estético assume expoentes superiores na realização relativamente à observação, sendo que esse prazer resultante da

realização implica um envolvimento livre e criativo, condutor ao aperfeiçoamento e com a pretensão de superação dos modelos (Andrieu, 1980). Assim, a exaltação estética inerente à facilidade de realização do movimento resulta do auto-conhecimento, da mestria do julgamento, do controlo das emoções, do amor e sensibilidade com que se vive essa experiência, sendo o efeito estético um elemento fulcral para a procura do auto-aperfeiçoamento e para a alegria da experiência de fruição do corpo. Tal fruição é enaltecida quando o encontro entre conhecidos (sujeito e objecto) é “consumado por territórios de sedução, territórios íntimos, de convite ao toque, territórios conhecidos e plenos de sentido.”, proporcionadores de experiências de prazer (Néri Marinho, 2007, p. 19). “Era sempre a ideia de divertimento que me levava a fazer as coisas e a repeti-las três vezes (...)”, (Duchamp, 1990, p. 69).

Damásio (2004) chama a atenção para a importância do prazer, referindo que estados de alegria e de felicidade permitem modos mais eficientes de pensar, uma maior fluência de ideias e uma maior facilidade de actuar, por possibilitarem ao organismo o alcance de um maior estado de perfeição, conduzindo a uma maior propensão para o sucesso. Neste sentido, e de acordo com Maciel (2008), o estado de supramotivação proporcionado pela experiência de prazer na prática do Futebol, revela-se determinante para o sucesso das aprendizagens efectuadas, e para a expressão de desempenhos de excelência.

2.2.2. Treino: um espaço de criação estética onde o desenvolvimento do jogador se faz numa estreita relação com a bola no jogo

Educar consiste em dar um mundo a alguém que não o tem, «imundando-o» através da possibilidade de construção do seu mundo (Santos, 1982). Numa perspectiva pluridimensional da educação, o professor assume o importante papel de proporcionar uma formação alargada e acompanhar o crescimento dos alunos rumo ao *ser pessoa, sendo* (Patrício, 1996). Nesta linha de raciocínio, será então indispensável considerar a importância de proporcionar,

na formação em Futebol, a «imundação» do Futebol, a «imundação» da bola, rumo ao ser jogador, sendo-o: “Para mim, era uma amiga. Mas, para certos jogadores é sua inimiga. Creio que a bola é uma amiga para o artista. É como o pintor. O pincel é o seu amigo.” (Platini, 2006). “A bola é quase a minha vida toda, não tenho nenhuma recordação que não incluía uma bola.” (Ronaldinho, 2004).

Neste sentido e, segundo Lacerda (2004), ver, ouvir, interpretar e experienciar requer treino, sendo um domínio educável que sobreleva e conduz a tal «imundação», aprendizagem, despertando-nos para o papel do treinador em tal processo de formação.

Contudo, é fundamental a consciência de que formar exige tempo, o que numa época da “instantaneidade” como a que vivemos (Gleick, 2003), se torna quase inacessível. Lobo Antunes (2008), referindo-se à literatura, afirma desconfiar dos processos rápidos e fáceis que, no seu entender, não podem dar produtos literários de qualidade.

Além disso, formar exige esforço dos intervenientes, o que numa sociedade marcada pelo “culto do desejo, e da sua satisfação imediata (Lipovetsky, 1989), perde significado e reconhecimento. Não obstante, formar exige também o desfrutar do mundo para o qual despertamos, o que muitas vezes pode ficar comprometido com a ansiedade e a pressa.

O Futebol, à imagem da sociedade, parece constituir-se como mais um mundo de impaciência, o que, segundo Valdano (1998), não apresenta quaisquer virtudes pedagógicas. “A Formação de Jogadores desde idades muito precoces caracteriza-se por conseguinte, como um processo de Formação desajustado que padece da “vertigem da pressa”.” (Maciel, 2008, p. 81).

Para Jones (2006), a infância tem vindo a ser progressivamente encurtada, e a chegada à fase adulta é cada vez mais precoce, restando pouco tempo para brincar e para viver o ser criança sendo-o. Neste sentido, Gleick (2003) acrescenta que o facto das crianças terem deixado de ter tempo para brincar, resulta numa redução do desenvolvimento do espírito criativo e da

espontaneidade, características indispensáveis a um espaço de criação estética no Futebol.

Nesta direcção, um outro conceito se associa à dimensão pedagógica da experiência estética, o de diversidade.

Para Sobrinho Simões (*in* Maciel, 2008 – Anexo 1), uma das consequências negativas da globalização é a homogeneização das crianças, por exemplo, através da comunicação social e das brincadeiras cada vez mais pré-formatadas a que são submetidas. Maciel (2008) acrescenta que grande parte da homogeneização que se observa no Futebol resulta, da formatação indevida das actividades de treino proporcionadas aos jovens. Também a este respeito Massada (*in* Maciel, 2008 – Anexo 2) refere que a homogeneização do jogo de Futebol, como consequência da mecanização do treino, é menos visível em determinados contextos culturais, como é o caso do Brasil, onde as brincadeiras de rua, repletas de diversidade, ainda estão presentes, e onde a criatividade e a individualidade são dimensões culturalmente valorizadas.

É, então, fundamental a consciência de que a quantidade e diversidade de experiências vividas em contexto desportivo contribuem para a estruturação e formação do *eu* de cada um, educando no sentido da descoberta de respostas mais favoráveis e adequadas em diferentes contextos (no seio de um repertório alargado de respostas possíveis) (Lacerda, 2004). Este aspecto assume uma grande importância, uma vez que e, segundo Kupfer (1988a), os desportos competitivos/de oposição, exigem o desenvolvimento de acções permanentes de mútua readaptação e combinação, propiciando uma variedade surpreendente de movimentos, ritmos e situações que o próprio jogador terá de desenvolver e criar.

Deste contexto emerge também a noção de criatividade.

“Os sistemas dinâmicos, onde incluímos o Futebol, assim como as formas de o compreender (...) contemplam a criatividade como um aspecto essencial e fundador.” (Maciel, 2008, p. 178).

Segundo Valdano (2008), com frequência os processos de formação penalizam o jogador distinto e criativo em benefício do obediente, que toda a vida joga mediante um “ditado”, não sabendo o que fazer com a liberdade. A

este respeito, Lacerda (2008) assinala a relevância de uma formação estética altamente personalizante para a construção da identidade de cada um.

É a criatividade que permite ao Homem “reinventar-se, superar-se, com isto complexificar-se e coexistir com o meio envolvente, e inclusive dominá-lo (...)” (Maciel, 2008, p. 180). Neste sentido Damásio (2000) refere que criar é inventar, discernir e escolher, contudo, com utilidade e funcionalidade. Mas para que tal aconteça, é essencial, de acordo com Maciel (2008), ter por base determinado padrão (especificidade de um jogar), que permite face à configuração caótica do sistema, o emergir da criatividade, o qual se revela determinante para a tomada de decisão ajustada ao contexto circunstancial de Jogo, conferindo-lhe equilíbrio entre ordem e desordem.

Moderno (1998) salienta a importância da criatividade no Futebol, manifestada pela relação que o jogador estabelece com a bola, com os colegas, com o adversário, com o espaço (com o jogo no seu desenvolvimento), numa actividade de representação, invenção e dissimulação. Então, este autor equipara a escola de Futebol a uma escola de Arte, que promove o desenvolvimento de um dom inato. Contudo, não é suficiente uma orientação técnica, sendo necessário ter em conta a intencionalidade/finalidade do jogo, que se manifesta no golo e na vitória. Para Moderno (2004), a intencionalidade de finalidade explicitada no conceito de invenção/criação confere-lhe sentido e reflecte aprendizagem. Inova-se e cria-se para que a função prática exercida conduza à optimização de resultados. De facto, um processo ou acto criativo só o é se determinar a existência de um produto criativo que se cria e re-cria (Briskman, 1980, cit por Arnold, 1988).

Para Frade (2007) a paixão pelo Futebol adquire-se muito cedo e encontra-se na esfera do subconsciente. Este fenómeno estético, caracterizado pela diversificação, parece ter vindo a desaparecer no seio de uma lógica “involuntiva” que o tem vindo a contaminar em fases de experiência cada vez mais precoces, onde a diversificação é cada vez menor e, como ninguém tem necessidade daquilo que desconhece, e a criação e re-criação nos conduz para além do conhecido, o desenvolvimento estético e criativo dos jogadores fica comprometido. Este desenvolvimento consiste, por exemplo, em criar espaço e

tempo onde aparentemente eles não existem, recorrendo a uma simulação ou levantando a bola, em suma, descobrindo soluções que à primeira vista não existem, remetendo para uma estética do inesperado, construtora de respostas de eleição e superiores à nossa expectativa.

Contudo, segundo Marisa Gomes, para que tais respostas sejam possíveis, é fundamental formar para a adaptabilidade contextual, para a plasticidade, capacidade através da qual se torna possível encontrar soluções e respostas criativas (*in* Maciel, 2008 – Anexo 5). Esta autora acrescenta ainda que conferir ao treino um espaço de criatividade, implica que a intervenção do treinador seja feita no sentido de criação de contextos que propiciem a sua emergência. Cunha e Silva (*in* Maciel, 2008 – Anexo 4) acrescenta que a criação de contextos criativos ou “sistemas criativos”, capazes de incorporar o novo, torna-se possível quando se encontram em relação três ou mais variáveis que, em interação se revelam extremamente sensíveis às condições iniciais, tornando-se os seus comportamentos muito imprevisíveis.

Concretizando no Futebol, Garganta (2000, cit. por Pacheco, 2001) especifica que a situação de jogo “3x3” representa a estrutura mínima para garantir a essência do jogo, na medida em que permite escolhas múltiplas em vez de escolhas apenas binárias, possibilitando a concretização dos princípios culturais e específicos do ataque e da defesa, respectivamente: penetração, cobertura ofensiva, mobilidade e espaço; e contenção, cobertura defensiva, equilíbrio e concentração (Queirós, 1983).

Deste modo, para se manter as condições caracterizadoras da natureza do jogo no treino, isto é, a criatividade, complexidade, infinidade contextual e circunstancial, a imprevisibilidade, é fundamental que o número de elementos em interação não seja inferior a três, porque a partir de três se torna possível a “abertura à infinidade” (Frade, 2006).

Neste sentido, Barros Marques e Fróis (1999), referem que a formação estética e até artística são fortes condutores da formação global do indivíduo, através do desenvolvimento das suas potencialidades cognitivas em tempos e contextos diferenciados.

Uma perspectiva estética na formação de desportistas requer também a consideração da sua dimensão emocional e sentimental, que parece ter vindo a ser descurada, mas sem a qual o desenvolvimento equilibrado e harmonioso do homem fica comprometido (Patrício, 1993). Damásio (1999, 2000, 2004) sugere frequentemente a importância da dimensão emocional na capacidade de tomada de decisão em diferentes contextos, relevando-se como fundamental para o sucesso das decisões tomadas. Esta dimensão assume uma grande relevância na comunicação de significados a terceiros e de orientação cognitiva (Damásio, 1999), à qual o jogo de Futebol tanto apela. Do mesmo modo, no improviso musical, ainda que ninguém diga o que vai fazer, a comunicação é constante, porque sem o sabermos explicar, todos se acompanham e constroem uma obra comum (Stewart, 2006). No entanto, tal criação não é aleatória nem caótica, regendo-se por regras que todos conhecem e que impõem um padrão comum capaz de conferir organização e harmonia geral à equipa de Futebol (Modelo de Jogo) ou à banda de música (Tabatabai, 2006).

Para Dalai-Lama (2006), as emoções assumiram um papel determinante na evolução do Homem, repercutindo-se na sua tipologia cerebral, e acrescenta que as emoções cognitivas superiores se encontram mais associadas ao neocórtex, a parte que se desenvolveu mais na evolução Humana (predominantemente implicada e actuante na actividade cognitiva complexa, como o raciocínio). Perante isto, podemos concluir a interdependência entre emoção e razão, e sua relevância para a tomada de decisão que o Futebol exige.

Despertamos também aqui para o carácter racionalizável, formável, educável da emotividade. Deste modo, as competências emocionais cruciais podem ser aprendidas e aperfeiçoadas pelas crianças, se houver alguém que se dê ao trabalho de lhas ensinar (Goleman, 1999).

Além disso, o reconhecimento do belo em geral e no Desporto em particular, na maioria das vezes, não é inato, resultando de uma cultura, de uma construção sócio-cultural que se faz do fenómeno (Maciel, 2008). Ainda que haja algo do belo percebido de forma sensorial, a percepção e

apreensão do belo requer a intervenção de uma certa compreensão e educação que se enriquecem pela experiência (Andrieu, 1980) e se fortalecem com o sentimento de prazer que dele advém, porque brincando com a bola experimenta-se a felicidade pura (Zidane, 2002).

3. Metodologia

3. Metodologia

3.1. Justificação da opção metodológica

Recurso à Etnometodologia: uma aproximação entre filosofia e empirismo, para que o conhecimento científico-filosófico possa sensocomunizar-se, dando resposta à natureza do assunto em estudo - a Formação Estética em Futebol.

“A ciência social será sempre uma ciência subjectiva e não objectiva como as ciências naturais; tem de compreender os fenómenos sociais a partir de atitudes mentais e do sentido que os agentes conferem às suas acções, para o que é necessário utilizar métodos de investigação e mesmo critérios epistemológicos diferentes dos correntes nas ciências naturais, métodos qualitativos em vez de quantitativos, com vista à obtenção de um conhecimento intersubjectivo, descritivo e compreensivo, em vez de um conhecimento objectivo, explicativo e nomotético.” (Sousa Santos, 1987, p. 22).

Controlando e assumindo a insegurança que esta subjectividade impõe, exercemos a prudência de enveredar por descobertas de objectividade que, tendo em conta a subjectividade, procurarão no objecto (considerado como um *primum* potenciador de reacções de sensibilidade no sujeito que, por sua vez, recria e amplifica o objecto) características que permitem tal relação entre sujeito e objecto, conduzindo a uma abordagem estética. Assim, procuramos no Futebol uma dimensão que, integrando as questões de gosto, as ultrapassa, procurando um relativo consenso no que, de significativo de uma dimensão qualitativa, emana do objecto (Lacerda, 2004).

Uma atitude científica perante a estética exige a compreensão de que cada fenómeno de pesquisa requer instrumentos adaptados à sua natureza, exigindo-se uma metodologia cuja cientificidade se adeque às imponderabilidades, ao não exacto, ao não redutível à quantidade, próprios do fenómeno estudado (Eco, 1965).

A máxima cientificidade da estética não se alcança através do estabelecimento científico (segundo leis da psicologia ou da estatística) de regras do gosto, mas aceitando e definindo a acientificidade da experiência pessoal de gosto (Eco, 1965).

A pesquisa Etnometodológica sustenta-se na passagem de um paradigma normativo, para um paradigma interpretativo, onde a relação entre actor e situação não é tida em conta como resultado de conteúdos culturais, regras ou normas, mas produzida por processos de interpretação (Coulon, 1995).

O conceito de Etnometodologia refere-se à investigação das propriedades racionais das expressões contextuais e de outras acções práticas, como os esforços contínuos e contingentes das práticas engenhosamente organizadas da Vida quotidiana (Garfinkel, 2006), sendo uma área que procura debruçar-se sobre o carácter prático dos fenómenos sociais (Fornel, Ogien & Quéré, 2001). Esta corrente de pensamento sociológico parte do princípio que os factos sociais são realizações práticas, objectos não estáveis e produto da contínua actividade de interacção dos homens (Coulon, 1995).

O jogo de Futebol, a formação dos jogadores, a relação estética de cada pessoa com o jogo é um fenómeno que se concretiza continuamente na prática e portanto, tem um carácter empírico.

Uma abordagem Etnometodológica centra-se na «unicidade fenomenal» das concepções, na produção local e endógena dos fenómenos sociais (Watson, 2001), baseando-se na capacidade dos indivíduos se apoiarem no senso comum, para agir, dar conta da sua acção e para perceber como a Vida social se traduz nas nossas práticas (Molénat, 2008). Deste modo, procura apreender e demonstrar as propriedades ordenadas das explicações fornecidas pelos indivíduos (Garfinkel, 2006), partindo do pressuposto que, no estudo de factos sociais, é fundamental em primeiro lugar ter em conta o ponto de vista dos actores, seja qual for o objecto de estudo, uma vez que é precisamente através do sentido que conferem aos objectos, às situações, aos símbolos que os cercam, que os actores constroem o seu próprio mundo social (Coulon, 1995). Assim, para aprofundar o desenvolvimento deste fenómeno,

procuramos integrar nele toda a riqueza que o contributo específico, único e irrepetível de diferentes personalidades envolvidas pode dar. Neste sentido, e em acordo com Watson (2001), parece-nos fundamental evitar os métodos de análise formal para responder às questões de ordem lógica e de sentido do contexto, que os fenómenos sociais colocam. Tendo em vista o não quebrar do fluxo que caracteriza os fenómenos (Levitin, 2007), desprendemo-nos da categorização imposta pela análise de conteúdo (a “falácia das ciências moles, ou uma insuficiência das ciências moles, perante o determinismo das ciências duras”, segundo Cunha e Silva (*in* Maciel, 2008 – Anexo 4) para nos ser possível a interpretação que colmata a incompletude natural das palavras pela contextualização, e a utilização dos relatos, que tem como base a Etnometodologia, bem como a contemplação da complexidade das variáveis de estudo, a sua implicação mútua, as suas relações e interacções, sem angústias por precisar o impreciso, vivendo satisfeitos com o seu carácter flutuante e conscientes da dimensão e inteireza do fenómeno como um todo complexo.

3.2. Grupo de Estudo

Para uma exploração Etnometodológica que contemple o carácter «praxiológico», cultural e contextual da problemática da Formação Estética em Futebol, recorreremos ao contributo de diferentes entrevistados que, pelo modo particular como se relacionam com o Futebol e com a Estética, permitiram a reunião de informação simultaneamente diversa e específica. O critério adoptado para a selecção dos entrevistados relaciona-se com os motivos abaixo mencionados:

- **Carlos Queirós:** Treinador da selecção principal portuguesa no início da década de 90, depois de ter levado os sub-20 a dois títulos mundiais, em Riade, na Arábia Saudita, e em Lisboa. Após ter orientado o Sporting durante um ano, esteve como treinador nos Estados Unidos da América, no Japão, nos Emirados Árabes Unidos e na África do Sul. De treinador principal do Real Madrid, em 2003, passou a adjunto de Alex Ferguson no Manchester United,

onde permaneceu até à última temporada, sendo o actual treinador da selecção principal portuguesa. A sua formação em Ciências do Desporto aliada a este invejável *curriculum* e às preocupações que demonstra com a formação em Futebol (concretizadas, por exemplo, na criação de uma Escola de Futebol), possibilitam um contributo que associa teoria e prática de alguém que percorreu o Futebol desde a formação ao mais elevado nível de rendimento, podendo assim contribuir para o conhecimento dessa globalidade, relacionando todo o processo.

- **Vitor Frade:** Licenciado em Filosofia e em Ciências do Desporto, é actualmente Professor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e, simultaneamente, um dos responsáveis pelo Departamento de Formação do Futebol Clube do Porto. Segundo Carlos Queirós (em “A Bola”, a 10 de Novembro de 2007) é um dos mais conceituados pensadores do jogo e do treino a nível internacional e símbolo máximo da qualidade do trabalho desenvolvido na FADEUP. A sua formação, cultura, conhecimento do jogo, experiência, paixão e sabedoria potenciam um contributo riquíssimo numa abordagem estética do Futebol.
- **Paulo Cunha e Silva:** Mestre em Medicina Desportiva, Doutorada em Ciências do Desporto, Professor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, tem centrado a sua investigação na problemática do Corpo, da Estética e do Pensamento Contemporâneo, permitindo um contributo científico específico, aliando a Filosofia e a Ciência numa abordagem multidisciplinar do Desporto em geral e do Futebol em particular.
- **Marisa Gomes:** Licenciada em Ciências do Desporto pela Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, e estando a frequentar a Licenciatura em Neurofisiologia na Escola Superior Técnica de Saúde do Porto, foi durante quatro épocas coordenadora da Escola do Dragão do Futebol Clube do Porto, tendo posteriormente desempenhado os cargos de treinadora adjunta do escalão de Escolas do Futebol Clube do Porto e de treinadora no escalão de sub-13 do mesmo clube. Com o curso de treinadora de Futsal nível 1 e o nível

2 de Futebol da UEFA, é actualmente coordenadora técnica do departamento de formação e treinadora dos Juvenis do Futebol Clube da Foz. O seu contributo é muito pertinente pelos conhecimentos e preocupações que manifesta no seu trabalho (actual e passado, publicado e não publicado) relativamente à formação em Futebol e ao conhecimento global do fenómeno, caracterizando-se como uma “Cientista do Terreno” que engrandece o Futebol com um dos poucos contributos de feminilidade de que ele dispõe.

- **Pepijn Lijnders:** Trabalho de vários anos desenvolvido no PSV Eindhoven como técnico responsável pelas qualidades técnicas de todos os escalões de formação, trabalhando tanto com atletas de 8 anos como com jogadores de 23 e campeão holandês orientando os sub-13 na época de 2006/2007. Actualmente o técnico holandês é responsável pelo Departamento de Desenvolvimento das Capacidades Individuais do Futebol Clube do Porto e também treinador das equipas de sub-11 e sub-13 do clube. A sua experiência permite um contributo que relaciona o desenvolvimento das capacidades individuais do jogador com as necessidades específicas que o jogo de Futebol, em competição, exige. Além disso, enriquece o trabalho acrescentando toda a carga cultural que a sua personalidade carrega, sendo o único entrevistado não português.

3.3. Instrumento

A linguagem é uma forma socialmente adquirida de interpretar a realidade e torná-la assunto dos nossos actos de comunicação. Os conteúdos que o homem concebe e expressa por meio da linguagem não estão no mundo mas na consciência humana, formada numa vida em sociedade (Azeredo, 2000). A linguagem vulgar, por ser vulgar, integra no seu vocabulário e na sua sintaxe toda uma filosofia petrificada do social, sempre pronta a ressurgir nas palavras comuns ou complexas do sociólogo ou filósofo (Bourdieu, 1984).

Neste sentido, procuramos utilizar “as mais perspicazes ferramentas da compreensão da realidade” (Nunes, 2007, p. 3): a profundidade dos discursos, diálogos e reflexões humanas, através da realização de entrevistas semi-directivas, com intenção exploratória.

As entrevistas foram integralmente gravadas, permitindo-nos preservar completamente o que é dialogado, o que, por um lado, pode inibir o entrevistado pelo receio de deixar vestígio irrefutável do que é dito, mas, por outro, liberta o entrevistador da preocupação de tomar notas do discurso em si, podendo dedicar toda a sua atenção e capacidades ao significado do que é dialogado e a todas as expressões e interacções não verbais que contribuem para a sua compreensão (Ghiglione e Matalon, 2005).

3.4. Procedimentos de Construção e aplicação da entrevista

A construção da entrevista passou por diferentes fases, tendo sido elaborada uma primeira versão (teste) e, posteriormente, uma segunda versão (final). Inicialmente a entrevista teste foi aplicada a dois treinadores de escalões de formação em Futebol do Futebol Clube do Porto (Jorge Maciel e Tiago Moreira), permitindo-nos a partir dela clarificar e aperfeiçoar as suas questões, tendo em vista uma melhor compreensão pelos entrevistados da versão final (dois Professores universitários e três treinadores de Futebol), em função dos nossos objectivos. De seguida a entrevista foi corrigida e validada por alguém com experiência na utilização deste tipo de instrumento, uma Professora Associada com Agregação do Departamento de Filosofia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, que aliou a apreciação geral que fez do trabalho a uma validação contextualizada da entrevista (Anexo 8).

Recolhida a informação de todas as entrevistas e, em concordância com a metodologia aplicada (etnometodologia), considerámos relevante aproveitar e utilizar toda a informação de todas as entrevistas, incluindo das entrevistas

teste, não deixando escapar nenhuma oportunidade de aprofundar o tema em estudo por um qualquer formalismo excessivo e descontextualizado.

As entrevistas decorreram entre Setembro e Novembro de 2008, duas nas instalações do Vitalis Park – Futebol Clube do Porto, três nas instalações da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, uma nas instalações do Complexo Desportivo Carlos Queirós e uma nas instalações do Centro de Estágios do Olival, do Futebol Clube do Porto, tendo sido gravadas através de um *Digital Voice Recorder*, marca *OLYMPUS*. Posteriormente foram integralmente transcritas, podendo realizar-se então o tratamento de dados baseado na Etnometodologia, por meio de métodos mais compreensivos do que descritivos, analisando, interpretando e confrontando os discursos entre si e com os temas focados na Revisão da Literatura.

4. Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados

4. Análise, Interpretação e Discussão dos Resultados

4.1. Valoração estética do Futebol: do conhecimento à construção do próprio objecto.

4.1.1. Do conhecimento...

**O lado estético é o lado da valorização. E nós valorizamos aquilo que se vê. No entanto, aquilo que vemos é diferente em função da realidade e da capacidade que cada um tem para ver.
(Marisa Gomes, anexo 4)**

Um fenómeno de grande complexidade como o Futebol reclama uma procura de compreensão, em si, também complexa. Essa procura não poderá, então, ser redutora ou reduzida a qualquer fracção que, por o ser, deixa de caracterizar o fenómeno do qual tenha sido retirada, surgindo a necessidade de procurarmos “olhares” ou abordagens que, não mutilando a sua natureza, o caracterizem.

Contudo e, segundo Marisa Gomes (anexo 4), para que isto se torne prática comum, é necessária uma mudança de paradigma que concentre os esforços de conhecimento para além do lado exterior daquilo que se observa, procurando o que à primeira vista não é observável ou visível, mas que se poderá tornar evidente se a nossa pesquisa for em busca daquilo que está subjacente ao comportamento exteriormente visível. Tal tarefa exige, de quem possui um conhecimento mais aprofundado do Futebol, um trabalho contra a corrente daquilo que é exaltado permanentemente na comunicação social, nas realizações televisivas dos jogos e na opinião pública em geral, que valoriza o lado mais superficial e fácil, contudo redutor e limitado, da apreciação do jogo, uma vez que, para Marisa Gomes (anexo 4), o lado estético é o lado do significado que se confere ao jogo.

Neste sentido, Vítor Frade (anexo 2) reforça a importância da abordagem filosófica da estética do Futebol, na medida em que os pilares em que assenta possibilitam, pelo menos, questionar o uso de uma certa terminologia científica para decifrar o Futebol. Este entrevistado enfatiza a necessidade realçada por Umberto Eco (1965) referida na Revisão da Literatura, de não nos despojarmos dos nossos próprios gostos, opiniões e desejos na procura do conhecimento de realidades que deles reclamem. Deste modo, a terminologia utilizada para reflectir o Futebol não pode ser inócua nem mutiladora, como frequentemente é, mas tem que ter “sangue, suor e lágrimas”, dinâmica e drama, para que a afinidade empírica com o fenómeno, com a realidade, seja possível. Assim, este autor propõe a construção, ou pelo menos uma equação de uma estética axiológica e semiótica do Futebol, que ao reunir categorias (naturalmente complexas) e signos ou sinais representativos de um “jogar bem”, permitiria a utilização de uma terminologia mais ajustada à natureza do fenómeno, apoiada na congregação de categorias científicas coerentes com as categorias estéticas. Deste modo seria então possível expressar com mais fidelidade essa natureza e tornar o Futebol cientificamente objectivável e caracterizável, por meio de uma qualificação da própria estética do jogo, conferindo-lhe, assim, especificidade. Tratando o problema desta maneira, “podemos dizer que a ciência do belo, é científica!” (Vítor Frade, anexo 2).

Para Cunha e Silva (anexo 3) a estética abre a possibilidade de nos relacionarmos com um determinado território, com o mundo, e entendê-lo melhor, conferindo-lhe um determinado sentido, organizando-o e enriquecendo a sua leitura. Deste modo, uma abordagem estética do Futebol permite amplificar em grande medida a sua compreensão, uma vez que emerge do que de essencial há no fenómeno, enquanto actividade desportiva do Homem (Jorge Maciel, anexo 6).

No entanto e, segundo Vítor Frade (anexo 2), apesar da indispensabilidade de um olhar estético perante o Futebol, que lhe reclama aquilo que de mais essencial existe na sua natureza, a consideração e o estudo desta temática levanta inúmeros problemas, dado que parece haver “uma espécie de contaminação acerca do jogo”, sendo enfatizados como

necessários ou essenciais, aspectos alheios, superficiais e até mesmo desnecessários ao jogo, em prol de uma multiplicidade de outros interesses que não o jogo. Este aspecto especifica para o Futebol o fenómeno de massificação que contextualiza a experiência do indivíduo no seio da sociedade, abordado por Ortega y Gasset (1993). Deste modo, surge a necessidade de clarificar o objecto de estudo em questão: “Qual é o objecto da estética? É o belo. E o objecto do jogo? É o jogar! E qual é aquele que expressa a máxima qualidade? É necessariamente bonito, é necessariamente um bem-jogar!” (Vítor Frade, anexo 2).

Referindo-se também à indispensabilidade de consideração da natureza do Futebol em qualquer abordagem que lhe seja feita, Carlos Queirós (anexo 1) acrescenta ainda que o respeito pelo que de essencial há no jogo por meio de um olhar estético do fenómeno, não permite apenas a amplificação do seu conhecimento e compreensão, mas determina a sua continuidade ou caducidade, possibilitando prolongar (ou até mesmo eternizar) a sua existência: “Eu acho que ela [a abordagem estética] deve ser cultivada, porque senão vamos cortar esta flor. (...) Não matem isto! (...) a televisão mudou o jogo e está a mudar os homens.” (Carlos Queirós, anexo 1), uma vez que distancia cada vez mais as pessoas do processo e do fenómeno em si (Vítor Frade, anexo 2). Os próprios jogadores, segundo Carlos Queirós (anexo 1) “têm que compreender que estão ali para competir, para ganhar jogando bem, jogando bonito, porque se não o conseguirem fazer, eles não conseguem atingir aquilo que é a razão da sua existência, que é produzir um espectáculo de Futebol.”

Verificamos, neste contexto, que não só o olhar estético permite amplificar o conhecimento do Futebol, mas que também esse conhecimento trará repercussões no fenómeno, na sua apreciação estética, construindo-o e até modificando-o. Assim é possível identificar a existência de uma relação intercabiável entre o conhecimento que se possui do jogo, a sua própria natureza e a apreciação estética que dele se faz, aspecto fundamental a considerar no seio de uma abordagem que relaciona intimamente sujeito e objecto por métodos contemplativos e compreensivos (Sousa Santos, 1987). Deste modo e, segundo Jorge Maciel (anexo 6), as preocupações estéticas

reflectem o modo como se entende e concebe o jogo, assim como este último acaba por ser responsável pela formação de um determinado olhar estético.

Então, a valorização estética do jogo determina não só o que dele compreendemos, mas sobretudo o que com ele queremos fazer, quais os valores que norteiam a nossa acção, qual o caminho que planeamos traçar, o que queremos ver no jogo, que comportamentos pretendemos, e o que desejamos que o jogo represente para as pessoas (Carlos Queirós, anexo 1).

Para que a nossa pesquisa permita aprofundar o conhecimento acerca do Futebol, objectivo central do nosso trabalho, torna-se pertinente colocarmo-nos algumas questões às quais os discursos dos entrevistados podem dar um contributo incalculável.

O que é a estética do jogo de Futebol? Em que se concretiza?

Cunha e Silva (anexo 3) elucida-nos através da sua perspectiva fenomenológica, a partir da qual evidencia a dimensão manifestamente cultural e antropológica que a estética do século XX e do século XXI assume, por meio da qual, depende, cada vez mais, do sujeito: “(...) a natureza estética da realidade só se revela depois de ser revelada, quer dizer, depois de ser olhada. (...) não há objecto sem observador que o configure e que o qualifique.” No entanto, o mesmo autor admite que o facto do Futebol, mais do qualquer outro desporto, ter a capacidade de convocar multidões, de despertar paixões e emoções, faz com que a dimensão estética se coloque com muito mais pertinência.

Contudo, Vítor Frade (anexo 2) considera não fazer sentido a dicotomia de “fazer tender” o lado estético mais para o objecto ou mais para o sujeito, porque a experiência estética se dá precisamente na relação dialéctica entre os dois. É precisamente isso que a caracteriza! E esta relação é dinâmica, não é estática, dado que o próprio objecto estético, isto é, o jogo, é realizado por sujeitos que o constroem, por meio de uma permanente experiência estética, na relação com esse mesmo jogo e com os que o observam.

Além disso, Vítor Frade (anexo 2) alerta-nos para a existência, no estudo da estética do Futebol, de um carácter subjectivo peculiar, que embora assuma

dimensões subjectivas, estas não são individuais, isto é, são em grande medida manifestações de uma sensibilidade colectiva e partilhada por um conjunto de pessoas que, estando ligadas de uma determinada maneira ao fenómeno, o vivem, sentem e experienciam até certo ponto de modos semelhantes, conferindo ao jogo um lado unitário no seio de uma natureza manifestamente subjectiva.

O que atrai a sensibilidade individual, contudo, partilhada das pessoas ao estádio de Futebol? Aspin (1974, cit. por Kirk, 1984) é referido na Revisão da Literatura por salientar que as respostas estéticas perante o Desporto ocorrem em concordância com padrões e critérios de excelência e perfeição. Pepijn Lijnders, especifica para o Futebol: “People come to the stadium to see beautiful football, the perfect football” (Pepijn Lijnders, anexo 5). Assim, as qualidades estéticas do jogo de Futebol possuem manifestamente uma capacidade de convocatória, tornando pertinente a sua procura. Contudo, delimitar o conteúdo estético do jogo de Futebol não se apresenta tarefa fácil (e porventura, nem desejável!), uma vez que e, segundo Jorge Maciel (Anexo 6), a estética do jogo concretiza-se precisamente no jogo em si, enquanto realidade complexa e indivisível.

A beleza, a competição, o movimento, a elegância, a superação, a transcendência, a eficiência, a eficácia, a imprevisibilidade, a emoção, a tensão, a harmonia, a ordem e também o caos, a cooperação e a oposição, a complexidade, mas também a simplicidade, a comunicação, o prazer associado à vitória e ao golo, porém, também o contraste com o desprazer associado ao sofrimento do golo ou à derrota, manifestações individuais e colectivas do sublime... são alguns dos aspectos referenciados pelos entrevistados como evidenciação do conteúdo estético do jogo, que se vêm somar à interacção, adaptação e readaptação, ao domínio técnico e às opções tácticas referidas por Lacerda (2004), bem como ao ritmo, cor, composição, elegância, estilo, graça, poder e economia nomeadas por Masterson (1983), e à competição e vitória enunciadas por Boxill (1988).

Contudo, nenhuma destas propriedades do jogo foi referida isoladamente, tendo sido, todas elas, relacionadas umas com as outras e, sobretudo,

contextualizadas a partir de vários planos ou focagens de estética do jogo: “Eu acho que há várias estéticas, dentro da estética do Futebol: há uma estética que pode ter que ver com uma leitura mais impressiva (...), e uma leitura quase desfocada em que estamos a olhar (...) para um território em que vemos estruturas que se movem e que definem uma rede e um tecido particularmente vivo, e podemos também focar-nos num jogador e apreciar as qualidades estéticas de um jogador e de uma jogada. Portanto, acho que há vários níveis estéticos.” (Cunha e Silva, anexo 3).

No entanto, nenhum destes planos existe solitariamente, sendo que uns se reflectem como manifestação dos outros, havendo, segundo Carlos Queirós (anexo 1), uma relação dialéctica entre todos eles, na qual uns sem os outros carecem de sentido, passando a ser qualquer coisa que não o Futebol, “Porque o essencial está para além da forma que se vê” (Vítor Frade, anexo 2). Carlos Queirós refere ainda que se não houver uma compreensão do momento, se este é retirado daquilo que é o jogo, ele pode até ser colocado noutros contextos, podendo ser considerado uma infinidade de coisas que, na realidade, não é. Este aspecto vem reforçar a ideia de Cunha e Silva (anexo 3) de que qualquer apreciação estética tem de ser contextualizada, caracterizando-se sempre como a avaliação de uma situação resultante de um determinado olhar, indo ao encontro de Webber (1979) quando salienta a importância de persecução de caminhos mais compreensivos do que explicativos.

Deste modo, qualquer gesto deve ser olhado e apreciado em função daquilo que o precedeu e da intencionalidade que a ele está adjacente e na qual se projecta, que por sua vez assume significância no jogo (Marisa Gomes, anexo 4). Assim, os gestos, as intenções, apenas ganham sentido quando a sua consideração emana da compreensão da unicidade das suas dimensões. A este respeito, Pepijn Lijnders refere que, por exemplo, a técnica ou a tática são uma mesma dimensão, porque não existem isoladamente: “If you want to play perfect football you have to be on a real high level in technical. (...) But it’s not only technical, it’s not only tactical, (...) they are always together in the game.” (Pepijn Lijnders, anexo 5).

Para Vítor Frade (anexo 2), a qualidade do jogo pode assumir diversas manifestações, diferentes modos de jogar, assim como o belo se pode manifestar também através de variadíssimas formas. Contudo, existem categorias comuns a qualquer “jogar bem”, destacando neste contexto as categorias estéticas. Deste modo, ao “jogar bem” estará sempre associado o conceito de belo, não num sentido absolutizado, mas assumindo a possibilidade de existência de variadíssimas formas de beleza.

Carlos Queirós (anexo 1) é também apologista desta ideia e afirma que “jogar bem é fazer bem as coisas e jogar bonito. O fazer bem as coisas tem a ver também com a beleza.” Do mesmo modo, Pepijn Lijnders (anexo 5) defende a unicidade do “jogar bem” e “bonito”: “The difference between “beautiful playing” and “well playing”? (...) that’s everything together, that’s perfect football, that’s perfect soccer.”, vindo assim confirmar a relação estética em Futebol, que sugerimos na revisão da literatura deste trabalho.

No entanto, e para Vítor Frade (anexo 2), na linguagem comum, aos conceitos de “jogar bem” e de “jogar bonito” estão associados determinados pré-conceitos que levantam algumas confusões, opondo frequentemente o “jogar bonito” à eficácia, à vitória, à finalidade, isto é, ao “jogar bem”, que significa, “jogar para ganhar”. Contudo, Lobo Antunes (2008) refere que nem na arte, nem na literatura esta oposição faz sentido, apelando ao valor da eficácia nestes modos de expressão. Neste sentido, Cunha e Silva (anexo 3), salienta que o pragmatismo do “jogar bem” pode manifestar e exaltar as qualidades estéticas do jogo, enriquecendo o seu valor estético. É nesta linha de raciocínio que Tiago Moreira (anexo 7) defende que a estética no Futebol não pode deixar de estar intimamente relacionada com a intencionalidade e finalidade conferidas ao jogo, porque estas lhe dão sentido e o constroem. Além disso, Jorge Maciel (anexo 6) acrescenta que o sentido da intenção de qualquer processo é confirmado no seu produto, isto é no resultado, podendo o golo ser considerado como o clímax, o momento de eleição que confirma a esteticidade de um jogar de qualidade, frequente e constante.

No seio desta problemática, realçamos o pensamento de Vítor Frade (anexo 2) quando não deixa de alertar para a importância de consideração do

golo ou da eficácia não só como factos consumados e concretizados, dando à eficácia um significado mais profundo, relacionando-a com os conceitos de frequência e constância. Segundo este entrevistado, por vezes o “jogar bem” não leva ao golo. No entanto, um “jogar bem” frequente e constante parece conduzir mais vezes à eficácia. Além disso é possível identificar uma eficácia em potência (ainda que nem sempre em acto) inerente ao “jogar bem”, sendo que este, quando não leva ao golo, com frequência nos conduz a um “quase golo” que com maior probabilidade, frequência e constância poderá dar lugar ao golo, isto é, a uma eficácia sustentada, indo de encontro à necessidade de entendimento do produto como consequência natural de um processo regular, manifestada por Thomas (1974, cit. por Osterhoudt, 1991) e por Roberts (1995). Esta é, segundo Vítor Frade (anexo 2) a manifestação do Futebol evidenciado pelas equipas de *top* e que apresenta grande valor estético.

Na sua maioria (Carlos Queirós, anexo 1; Vítor Frade, anexo 2; Marisa Gomes, anexo 4; Pepijn Lijnders, anexo 5; Jorge Maciel, anexo 6; Tiago Moreira, anexo 7), os entrevistados referiram como exemplos de exaltação estética do Futebol, as equipas de *top*, referindo-se concretamente a algumas características do seu “jogar”.

Assim e, apoiando-nos nos seus discursos, para que a dimensão estética do jogo se manifeste e para que uma equipa e os seus jogadores se expressem no seu jogar, a posse de bola é fundamental. Para Tiago Moreira (anexo 7) a estética do jogo manifesta-se na posse de bola, como condição indispensável à construção de um “jogar bem” que é “bonito”. Mesmo quando não se tem a bola, temo-la de outra maneira, porque esta estética manifesta-se no modo como a queremos, desejamos, e no modo como nos comportamos para a conquistar. Pepijn Lijnders partilha desta ideia: “(...) if you want to play beautiful you have to have the ball. Understand? So you have to capture the ball as fast as possible. And you can only play beautiful on the other side of the field, not close to your goal, but close to the other goal. So, also a beautiful is that you play as fast as possible to the team capture the ball again. And it’s easy to say, and it sounds so easy, but is the most difficult thing there is. (...)”

the whole team is waiting for the moment to capture and spread out again, and then play again, and play with the identity they have.” (Pepijn Lijnders, anexo 5).

Deste modo e, indo de encontro ao ponto de vista de Platini (2006) e Ronaldinho (2004), a questão da bola revela-se fundamental na abordagem estética do jogo, porque, segundo Vítor Frade (Anexo 2), é ela que vai regular a dinâmica das equipas, da qual depende o seu jogo posicional, que por sua vez assegura a possibilidade dessa mesma dinâmica, como manifestação de uma identidade do jogar.

Contudo, Vítor Frade (anexo 2) salienta a importância da consideração da individualidade para a construção destas dinâmicas colectivas. Assim, segundo este entrevistado e também para Pepijn Lijnders (anexo 5), a transcendência na construção de um “jogar bem”, que é “bonito”, dá-se frequentemente na transcendência de alguns jogadores que proporcionam exibições sublimes, inesperadas e raras, que levam a sua equipa ao sucesso e à eficácia: “If you look to the best players in the world (...), every top player is always looking for the space where he can use his technical qualities and his technical style of play. (...) the quality of the player it’s what makes the difference.” (Pepijn Lijnders, anexo 5).

É fundamental, contudo, perceber que, para que essa transcendência individual encaminhe ao sucesso da equipa, ela terá que ser, necessariamente, uma transcendência colectiva. Assim como essa transcendência colectiva só o é de facto, se tiver em conta a criação da possibilidade das transcendências individuais que estão ao serviço da transcendência colectiva (Vítor Frade, anexo 2). Partilhamos, então do ponto de vista de Marisa Gomes (anexo 4), quando afirma que é neste aspecto que está o cerne da valoração estética do Futebol. Para esta entrevistada, a transcendência colectiva, num jogo de enorme complexidade como o Futebol, é muito mais difícil de conseguir, é algo raro e manifestado sobretudo nas equipas de *top*, sendo por isso algo precioso e apreciado, elevando assim o potencial estético do jogo de Futebol. Segundo Marisa Gomes (anexo 4), é sobretudo a transcendência colectiva (ainda que dependente de transcendências individuais para a equipa) que se pode contemplar nos desempenhos das equipas de *top*, nomeadamente o Arsenal,

ou o Barcelona, ou até a selecção espanhola, ou a “laranja mecânica” holandesa.

Pepijn Lijnders (anexo 5) partilha desta opinião e concretiza a evidenciação estética destas equipas a partir de duas qualidades: a intencionalidade e as qualidades sublimes particulares de alguns jogadores: “Oh, when Arsenal plays, when Barcelona plays... i see that they know what they are doing. That they have the intention with the ball, without the ball, in transition...(...) Every player has a technical base really huge, but they are all special in one kind of way. One is very good in dominating to the front, like Messi... If I think in Xavi he is a type like “ligação”, he is always connecting, he’s feeding other players... So they are all different types of players...” (Pepijn Lijnders, anexo 5).

4.1.2. ...À construção!

A possibilidade de o Futebol ter também uma dimensão estética tem que ver com o facto de ser um fenómeno social com esta repercussão global e que envolve tanto as pessoas.
(Paulo Cunha e Silva, anexo 3)

O Futebol é um facto social com história, com um percurso que nada tem de estanque, mas é sobretudo evolução desde aquilo que era, passando por aquilo que foi sendo, por aquilo que é nos nossos dias e por aquilo que será no Futuro. Mas neste percurso não há paragens de fluxo e em qualquer momento que tentemos sair dele para o observar, já estaremos a perder aquilo em que ele se constrói. Em acordo com esta ideia, Marisa Gomes (anexo 5), sublinha que, nos esforços para entendermos o Futebol, não podemos sair dele, para que não deixemos escapar aquilo que ele é, aquilo que ele faz em nós e, sobretudo, aquilo que nele fazemos.

Para isto, segundo Vítor Frade (Anexo 2), é fundamental não deixarmos de considerar, ao longo da sua história, as permanentes adequações do jogo, do “jogar”, ao sujeito (não só o praticante, mas todo o sujeito que dele frui), e,

no seio desta relação dialéctica, as adaptações do sujeito ao próprio jogo. Deste modo, admitimos, com Vítor Frade (anexo 2) uma permanente relação osmótica entre sujeito e objecto proporcionada pelo Futebol, e que reflecte em grande medida o seu carácter fenomenológico. É por esta razão que o entrevistado refere que a complexidade deste objecto se sustenta no facto de ser criado por sujeitos, sendo a sua presença a responsável por lhe conferir expressão e expressividade. Deste modo, objecto e sujeito influenciam-se e constroem-se mutuamente. Esta ideia vem reforçar a contextualização cultural que um olhar estético sobre o fenómeno de massas que é o Futebol reclama, aspecto já referenciado na revisão da literatura deste trabalho.

Compreendendo o lado cultural da dimensão estética do Futebol, torna-se então possível identificar a expressão estética do objecto como uma dinâmica, feita a partir de múltiplas dinâmicas (Vítor Frade, anexo 2). Assim, a dimensão estética do Futebol assume um carácter comunicativo e interactivo, aliás, caracterizador da natureza do próprio jogo, bem como da natureza de qualquer experiência estética.

Neste sentido, Carlos Queirós (anexo 1) afirma também que, sendo o jogo feito por pessoas, assume um elevado carácter comunicativo, que se manifesta sobretudo naquilo que se pretende expressar através da sua construção. Este carácter comunicativo da dimensão estética do jogo de Futebol permite, para o entrevistado, o estabelecimento de uma linguagem comum, entre quem o pratica, quem o observa e o próprio jogo, no sentido de o construir e fazer perdurar: “Se aos olhos do espectador, aquilo que é bonito, que é elegante, que tem classe e que tem significado, não é o mesmo daquilo que os jogadores estão a tentar expressar, há aqui uma falha... quer dizer, não resulta!” (Carlos Queirós, anexo 1).

É, segundo Carlos Queirós (anexo 1), sobretudo nesta dimensão comunicativa, como resultado de uma evolução cultural à qual o jogo está permanentemente sujeito, que se vai fazendo a construção de um novo Futebol. A título de exemplo, Carlos Queirós refere: “Nós temos um treino de cruzamentos para treinar finalização e hoje os defesas atacam cada vez mais depressa a bola, cada vez mais alto. Se nós estimularmos os atacantes

também a atacarem a bola cada vez mais rápido e cada vez mais alto, evidentemente que a configuração do desenho técnico para poder fazer isso pode ser mais atraente, mais surpreendente. Podem aparecer mais pontapés de bicicleta, mais gestos... E, portanto, essa dimensão projectada em superações vai trazer uma nova dimensão ao jogo, uma nova dimensão estética ao jogo.” (Carlos Queirós, anexo 1), sendo construído progressivamente um “novo jogo”. Neste contexto, o autor afirma também que Maradona e Ronaldinho, por exemplo, trouxeram novas dimensões estéticas ao jogo.

4.2. Formação Estética: uma edificação da experiência.

Não há liberdade nem há criatividade se não houver em primeiro lugar uma educação e uma formação livre, uma educação e uma formação em que o culto da liberdade de pensamento, de decisão, não esteja presente em todos os actos de formação dos jogadores. O treino da rua, ou a aprendizagem pela rua dava e permitia que os jogadores muito cedo ganhassem esse sentido de autonomia.
(Carlos Queirós, anexo 1)

Após termos procurado esclarecer um pouco mais alguns dos factores que concretizam a estética do Futebol, é fundamental partir então para o entendimento da necessidade da dimensão estética na formação dos jogadores.

Que consequências para o fenómeno poderá ter uma formação estética em Futebol? O que é que esta dimensão pode dar ou trazer ao Futebol contemporâneo?

Para Carlos Queirós (anexo 1), as principais ferramentas que uma formação estética pode conferir ao jogador são a liberdade de pensar de modo autónomo, fortalecendo a relevância dada por Valdano (2008) e Lacerda (2008)

à liberdade e à autonomia na formação. De modo convergente pensa Pepijn Lijnders (anexo 5): “Let them free! Let them learn to play.” No mesmo sentido, também Tiago Moreira (anexo 7) afirma que à estética e à criatividade está implícito um conceito fundamental: a liberdade, que, de acordo com Vítor Frade (anexo 2) nada tem que ver com a lógica predominante da mecanização, da estereotipação e atomização do Futebol. Segundo Carlos Queirós, quem não consegue ser livre a pensar, é incapaz de se adaptar a diferentes contextos. E para este entrevistado, só a compreensão, para a qual a formação estética assume um papel de grande relevância, fornece ao indivíduo a capacidade de dominar os contextos, adaptar-se a eles e reinventar-se e expressar-se neles. A compreensão tem também, segundo Marisa Gomes (anexo 4), a prerrogativa de dar critério aos comportamentos e, por isso, assume uma dimensão projectiva que lhes confere sentido.

Descortinamos assim e, apoiando-nos no testemunho destes entrevistados, uma relação entre várias capacidades que a formação estética pode dar aos indivíduos. São elas: a compreensão, a liberdade, a adaptação, a criação e a expressão. Assim, uma formação estética não só contribuirá para o conhecimento e compreensão do jogo, como permitirá aos jogadores adaptarem-se mais facilmente a diversos contextos, permitindo-lhes adquirirem comportamentos mais livres, criativos e expressivos da sua identidade.

A este respeito, Tiago Moreira (anexo 7) acrescenta que esse deve ser, aliás, o objectivo supremo da formação em Futebol, isto é, dotar os jogadores de ferramentas que contribuam para a sua plasticidade e adaptabilidade em diferentes contextos, referindo que para isto devemos ter permanentemente referenciais de *top*.

No entanto, Vítor Frade (anexo 2) acrescenta um novo factor, distinguindo o entendimento do jogo da inteligência no jogo, sendo que o primeiro exige a capacidade de compreensão, mas a segunda é que lhe confere sentido e utilidade, porque se dá e se manifesta através do corpo inteiro, dos seus comportamentos e constrói-se pelas vias da sentimentalidade com que se vive o jogo. É neste sentido que Jorge Maciel (anexo 6) refere que, a plasticidade e a adaptabilidade (dimensões que no seu entender conferem grande significado

e valor à dimensão estética do jogo) são proporcionadas essencialmente pelos constrangimentos impostos pelo contexto, que terão de conter diversidade, fazendo depender a formação estética de uma edificação da experiência, aspecto focado também por Sobrinho Simões (*in* Maciel, 2008 – Anexo 1).

Carlos Queirós (anexo 1) vem aditar outra capacidade que a formação estética pode proporcionar aos indivíduos, defendendo que uma formação estética dos jogadores de Futebol, para além de atribuir competências de manifestação da beleza, da inovação e do surpreendente do jogo, distinguirá os jogadores essencialmente na sua capacidade de proporcionar aos outros, com quem interagem, a competência de jogar ainda melhor do que à partida seriam capazes. Neste contexto, Pepijn Lijnders (anexo 5) partilha connosco aquilo que procura transmitir aos seus jogadores desde muito cedo: “(...) and always we are telling to the players: «everything you create, you create for the team, so you have to use your technique to let other players play better»”.

Nesta ordem de ideias e, considerando esta dimensão de interacção e comunicação, o aparecimento de jogadores esteticamente formados, não só acrescentará a possibilidade de contributos estéticos individuais, mas sobretudo abrirá a oportunidade de criação, por contágio, de uma “bolha estética” que contribuirá para o desempenho de todos os jogadores e para a criação do espectáculo em geral.

Tendo aprofundado sobre as potencialidades da formação estética, é fundamental, então, procurar, a partir do contributo de experiência e conhecimento oferecido pelos entrevistados, identificar modos de concretização desta formação.

Como criar espaços de formação estética no treino em Futebol?

Jorge Maciel (anexo 6) refere que a formação estética consiste, antes de tudo, naquilo que os treinadores dão a conhecer às crianças e jovens acerca do fenómeno do Futebol. Essa ideia de Futebol que se dá a conhecer tem, segundo Jorge Maciel (anexo 6) de respeitar a própria natureza do fenómeno: “É a essência do jogo é o «eu» com os «outros», o «eu» contra os «outros», o «eu» com o contexto, o «eu» com a adversidade, é tudo isso! É o plano da

singularidade e da possibilidade dessa singularidade emergir no colectivo, é o plano do individual e do colectivo, é o plano da auto e da hetero superação, é tudo isso! É o plano daquilo que podes controlar e daquilo que não podes controlar e o treinador tem que compreender isso.” (Jorge Maciel, anexo 6).

Também Marisa Gomes (anexo 4) refere que o Futebol é, sobretudo, interacção, sendo que os gestos e os movimentos só existem na medida em que assumem significância no contexto.

Assim e, sustentando-nos no contributo de Marisa Gomes (anexo 4) e Jorge Maciel (anexo 6), podemos constatar que uma formação estética que respeite a natureza do fenómeno terá de se dar através da relação íntima e desde muito cedo com o jogo na sua totalidade, dando sentido aos comportamentos. Este aspecto vai de encontro à noção de «imundação» do Futebol referida na Revisão da Literatura. Neste sentido, para Marisa Gomes (anexo 4), mesmo quando desenvolvemos a relação com bola, esta não se dá apenas através do contacto físico com a mesma, mas do contacto no seio de um contexto que lhe confere sentido. Neste encadeamento, também Pepijn Lijnders (anexo 5) apela à necessidade de inculcar um sentido nos comportamentos dos jogadores: “ A lot of players don’t know what they do, they just go on the field and they play . And they play technical good, but they don’t know what they are doing. And that’s, for me, is ten times more important (...) that’s “inteligência” in Portuguese... so that’s one of the most important things...” (Pepijn Lijnders, anexo 5).

Do mesmo modo que os gestos adquirem sentido a partir da referência do jogo, também a formação do jogador reclama o seu sentido comunicativo.

Nesta ordem de ideias, Tiago Moreira (anexo 7) afirma que o jogador em si não existe, porque no momento em que considerarmos a formação do jogador centrado em si, já estaremos a comprometer essa mesma formação. Assim, é fundamental a compreensão de que, na dimensão interactiva, comunicativa e colectiva do jogo é que formamos para o jogo e que, portanto, formamos em termos estéticos.

Podemos então concluir, apoiando-nos também em Marisa Gomes (anexo 4), que este lado cooperativo manifesta a natureza do jogo porque, sobretudo,

manifesta a natureza do próprio Homem, que necessita e valoriza a transcendência cooperativa. Assim, o respeito por esta natureza, que poderá expressar a formação estética, deve estar concretizado a todos os níveis, isto é, nas sessões de treino, nas planificações, na modelação do treino, na configuração do contexto e na intervenção do treinador antes, durante e depois dos jogos e dos treinos (Marisa Gomes, anexo 4).

Além disso, para Carlos Queirós (anexo 1) as crianças e os jovens manifestam essa necessidade de beleza pelo modo como procuram o jogo, sendo, segundo Tiago Moreira (anexo 7), fundamental que os treinadores incentivem e incutam o desejo pelo belo.

Assim, a qualquer formação estética está inerente o significado que todos os intervenientes dão ao conceito de belo e, sobretudo ao conceito de belo aplicado ao jogo de Futebol.

Há, contudo, um preconceito com o qual se torna urgente cortar: o preconceito de opor o belo à eficácia (Marisa Gomes, anexo 4). Para esta entrevistada, se a procura do belo for feita no seio da natureza do jogo de Futebol, será uma consequência natural de um jogar de qualidade. Por este motivo, é fundamental conseguir, através do treino e da qualidade do jogar, evidenciar a indistinguibilidade destes conceitos.

A criação de um contexto esteticamente formativo exige, naturalmente, uma intervenção do treinador encaminhada nesse sentido. Qual o papel do treinador na criação de um contexto estético no treino?

Vítor Frade (anexo 2), afirma ser mais difícil descobrir talentos de treinadores para a formação do que talentos de jogadores e esta dificuldade acentua-se ainda mais se tivermos em conta a dimensão estética da formação.

Para Carlos Queirós (anexo 1), no contexto da sociedade actual, o papel do treinador é determinante na formação de jogadores autónomos e livres, que saibam como desenhar as suas condutas dentro do campo, de forma livre e responsável. Partilhando connosco a sua experiência profissional no Japão, Carlos Queirós (anexo 1) expressa a formatação e homogeneização do treino a

que assistiu nesse país, afirmando que essa forma de trabalho pouco ou nada tem de formativo.

Os entrevistados deste trabalho, essencialmente os mais directamente implicados com o treino na Formação em Futebol, forneceram alguns contributos acerca da concretização prática, por parte do treinador, de uma Formação Estética em Futebol.

Uma das referências focadas foi o enquadramento do treinador enquanto modelo que, inevitavelmente é.

Em primeiro lugar cabe ao treinador ser um forte transmissor e promotor da paixão pelo futebol que é o principal motivo condutor à sua prática por parte das crianças: “The players start playing because they love the game. (...) you can win big prize if you play with your heart. You play because you like the game, you like to win, and you also like to do good things, and you want to have the ball.” (Pepijn Lijnders, anexo 5). Segundo este entrevistado, para que o jogador desenvolva a paixão que o atraiu para o Futebol, é necessário que o próprio treinador a possua, para que possa, de modo natural, contagiá-lo. Neste sentido e, segundo Jorge Maciel (anexo 6), uma das principais premissas da formação estética é a passagem do testemunho da paixão. O jogador tem de sentir prazer naquilo que faz e este aspecto deve permanentemente ser incentivado e alimentado.

O prazer que advém da paixão e da experiência estética proporcionada pelo Futebol está altamente dependente do sentimento de competência dos jogadores (Jorge Maciel, anexo 6), reforçando assim a relação entre sucesso e prazer, a qual se aludiu na revisão da literatura deste trabalho, como indispensável à criação no treino de um espaço esteticamente formativo em Futebol.

Para que isto se torne possível, e, segundo Tiago Moreira (anexo 7) é necessário que a intervenção do treinador seja feita no sentido de reforços positivos perante o sucesso. Quando tal acontece, a criança associa aos gestos bem sucedidos um estado elevado de prazer, de recompensa e de bem-estar, o que pode proporcionar a vontade de o repetir e de continuar a procurar sucesso noutras acções (Jorge Maciel, anexo 6).

Contudo, e segundo Marisa Gomes (anexo 4), é também fundamental, por parte do treinador, a descodificação da intenção dos comportamentos dos jogadores. Esta actuação, por exemplo através do questionamento, poderá permitir ao jogador uma melhor compreensão dos seus comportamentos e intenções.

No entanto, em contexto de formação, por detrás de alguns comportamentos infecundos ou infrutíferos, estão intenções potencialmente fecundas e fundamentais para o jogo. Então, para Jorge Maciel (anexo 6), estes são os momentos de eleição do treinador para tornar o erro fecundo, através da descodificação do sentido do comportamento, abrindo espaço de experimentação ao jogador e estimulando essa procura. Deste modo, os jogadores vão criando caminhos e mapas valorativos (nos quais se incluem os valores estéticos) que vão sendo consolidados em função dos reforços que a intervenção do treinador potencia.

Uma condição essencial para que o jogador procure o sucesso é, em primeiro lugar acreditar, que isso é possível. A este respeito, os entrevistados acrescentaram mais uma faceta na intervenção do treinador: a participação no jogo com os jogadores, tendo em vista a criação de um contexto potenciador de experiências estéticas.

Para Tiago Moreira (anexo 7), uma importante tarefa do seu trabalho é jogar com os seus jogadores, despertando-os para a exequibilidade, contextualizada, de determinados movimentos e habilidades que ainda não conseguem realizar. Deste modo, os jogadores, além de se aperceberem da possibilidade de concretização em jogo, são convocados ao desafio da superação. E este desafio leva-os em primeiro lugar, ao desenvolvimento da capacidade de observação, depois à imitação, e com frequência, posteriormente conduz ao próprio desejo de criação (Jorge Maciel, anexo 6), níveis de experienciação estética integrados nos referidos por Björn Funch (cit. por Barros Marques e Fróis, 1999), Lacerda (2004) e Collinson, 1973, ct. Por Arnold, 1988).

“Normalmente faço para jogar sempre numa das equipas. Para quê? Para intervir!”, porque muito mais importante do que dizer é proporcionar

experiências concretas de aprendizagem, impregnadas de necessidade de superação (Marisa Gomes, anexo 4).

Este testemunho dos entrevistados relativamente à superação permite-nos retirar uma característica evolutiva natural, que é indispensável à formação estética dos jogadores: a questão da necessidade. O Homem supera-se quando sente necessidade de o fazer. Neste sentido, cabe ao treinador criar circunstâncias de necessidade, promovendo assim a superação e o desejo de transcendência.

A este respeito, Marisa Gomes (anexo 4) evidencia uma das suas maiores dificuldades: a luta contra a pressa. Este aspecto mencionado na revisão da literatura (Gleick, 2003; Jones, 2006; Lipovetsky, 1989; Valdano, 1998) é, para a entrevistada, um dos principais problemas na formação. Para muitos jogadores a corrida apressada, por exemplo, é um fim em si mesmo, ainda que o jogo não evidencie tal necessidade. Perante estes jogadores, a sua maior dificuldade é fazê-los parar (quando tantas vezes seria a melhor solução para ganhar condições de eficiência e até de eficácia).

Deste modo, uma formação estética pode contribuir para que as acções e os comportamentos ganhem intencionalidade e um sentido projectivo. Dá-se o desaparecimento da aprendizagem de comportamentos pelos comportamentos, mas como resultado de uma necessidade, que é também, manifestamente, estética.

Por este motivo, a formação estética em Futebol não se apresenta tarefa fácil, porque exige uma atitude de permanente reflexão, sistematização e adaptação às respostas que o contexto vai dando à operacionalização (Vitor Frade, anexo 2).

5. Considerações Finais e Conclusões

5. Considerações Finais e Conclusões

Le paradoxe humain c'est que tout est dit et que rien n'est compris. Tout est dit sur la guerre; tout sur les passions. L' Humanité réelle se compose de ces belles formes pleines de sens, que le culte a conservées.
(Alain, 1991)

Já é tempo de concluir.

“E com efeito em que se acordam os sábios? Qual é a doutrina em que todos concordam, qual é o sistema em que todos convêm, ou qual é o princípio em que todos se fundam?” (Aires, 1953, p. 126).

Conclusões de validade universal são algo que este trabalho etnometodológico não pode nem pretende produzir, nem tão pouco foi nossa preocupação encerrar, de modo simultaneamente includente e excludentemente delimitado, as questões levantadas pela problematização da formação estética em Futebol.

Se, neste estudo de natureza exploratória, conseguirmos problematizar, questionar e dar voz a uma temática pertinente, tal facto dá, por si, sentido e significado ao caminho percorrido, desprendendo-nos facilmente da vaidade humana que a gratificação da descoberta de verdades universais pode potenciar.

A tarefa não se apresentava fácil. O Futebol é apenas mais um dos factos sociais dos quais tudo se diz, mas muito pouco parece ser compreendido.

Este estudo não se esgotou na sua realização teórica, mas preencheu o nosso tempo, espaço e contexto, ocupou as nossas almas e foi-se desenhando em nós, no seio das rotinas, tarefas, relações e experiências inerentes a qualquer dia-a-dia. E, nesse quotidiano, fomo-nos deparando com alguns pré-conceitos, nomeadamente a dificuldade de admissão de uma formação estética que não pelas vias da arte, bem como uma objectualização, carente de sentido e compreensão, da gestualidade manifestada no Futebol. Esta sobre-enfatização do lado desprovido de significado com que o Futebol é frequentemente representado, parece ter vindo a satisfazer a comunicação

social e, conseqüentemente, a opinião pública em geral. Se, por um lado, tais obstáculos nos foram colocados, por outro lado, essas mesmas barreiras, constituíram fortes pilares que reforçaram, progressivamente, a pertinência do trabalho.

Então, sim! Faz sentido apontar conclusões! Naturalmente que serão refutáveis, repensáveis, re-estudáveis, reconsideráveis... é aliás este seu carácter que lhes confere valor. Mas não deixam de ter fundamentação e riqueza, graças ao contributo de experiência, conhecimento e sabedoria, do grupo de estudo que conosco tão empenhadamente colaborou.

De um modo compendiado, este estudo permitiu concluir que:

- O Futebol, independentemente de ser considerado arte ou não (discussão que permanece actual e que revela divergências nos entrevistados) é um facto social, com história, que apresenta uma natureza manifestamente estética, interactiva, comunicativa e dinâmica, caracterizada pela sua particular capacidade de convocatória e pela evidenciação de inumeráveis categorias estéticas, nomeadamente: a beleza, a competição, o movimento, a elegância, a superação, a transcendência, a eficiência, a eficácia, a imprevisibilidade, a emoção, a tensão, a harmonia, a ordem e também o caos, a cooperação e a oposição, a complexidade, mas também a simplicidade, a comunicação, o prazer associado à vitória e ao golo, porém também o contraste com o desprazer associado ao sofrimento do golo ou à derrota, manifestações individuais e colectivas do sublime... sendo que nenhuma destas propriedades do jogo deve ser considerada isoladamente, estando, todas elas, relacionadas umas com as outras e, sobretudo, contextualizadas a partir de vários planos ou focagens de estética do jogo. Este percurso realiza-se desde dimensões mais micro a dimensões mais macro, estando também, tais dimensões, permanentemente conectadas;
- Um olhar estético perante o Futebol, como qualquer apreciação estética, tem que ser referenciado à natureza do objecto, do contexto e do sujeito, sendo que a sua reflexão exige uma abordagem transdisciplinar que vá de encontro à

natureza do fenómeno, não fazendo tender a sua análise para nenhum dos intervenientes comunicativos (sujeito, objecto ou contexto), em percursos mais compreensivos e relacionais do que descritivos, que possibilitam a afinidade empírica com o objecto;

- A compreensão da estética do jogo implica a consideração da relação e intercambialidade entre estética e ética, concretizada na relação interdependente entre o “belo jogar” e o “bem jogar”, conferindo assim especificidade à sua abordagem, admitindo, contudo, a diversidade de manifestações práticas que estas categorias podem assumir;
- Há, no fenómeno futebolístico uma relação de dependência entre estética e eficácia, sendo que a primeira se engrandece e acresce de sentido com a segunda e esta, por sua vez, é tida em consideração como um conceito sustentado em frequência e constância, não se podendo reduzir a momentos únicos e fechados;
- Pela constatação da relação estética/ética, bem como da relação estética/eficácia sustentada, a equação estética do Futebol (axiológica e semiótica) deve ter, como referencial, as equipas que evidenciam um rendimento superior.
- Alguns dos aspectos referidos como evidências da manifestação estética dos desempenhos das equipas de rendimento superior foram: posse de bola, jogo posicional, dinâmica das equipas, qualidades individuais que diferenciam e distinguem os jogadores, constituindo autênticas manifestações do sublime e capacidade de transcendência colectiva.
- O contributo e consequências de uma formação estética em Futebol manifesta-se a vários níveis, são eles: a autonomia, a liberdade, a inteligência e a criatividade dos comportamentos dos jogadores em jogo; a plasticidade e adaptabilidade a diferentes contextos; uma melhor compreensão do jogo e do

sentido das acções por parte dos jogadores; a construção de uma identidade e a necessidade da sua expressão; a aspiração a manifestações cada vez mais elevadas do belo e do sublime do jogo; a capacidade de não só jogar melhor, mas potenciar também o desempenho dos companheiros de equipa; o desenvolvimento de um espectáculo Futebolístico cada vez melhor e mais atractivo.

- A criação de um contexto estético na formação em Futebol exige: o respeito pela natureza comunicativa, interactiva, circunstancial, portanto, estética, do fenómeno; conseqüentemente, uma formação centrada nessa natureza e não apenas no objecto ou no sujeito; e a quebra do preconceito de opor o belo à eficácia.

- Para a criação de um contexto esteticamente formativo em Futebol, a intervenção do treinador é determinante e deve considerar: a passagem por contágio do testemunho da paixão pelo jogo; a criação de um espaço prazenteiro associado ao sentimento de competência, revigorado por intervenções através de reforços positivos e não penalizadores; a permanente descodificação das intenções que estão por detrás das acções dos jogadores, para uma gestão direccionada da intervenção; a participação do treinador no jogo, lado a lado com os jogadores, constituindo-se assim como um possível modelo que os despertará para a exequibilidade contextualizada de determinados comportamentos; a promoção de ambientes de observação, imitação e criação; a construção de contextos de necessidade que conduzam à superação com significado, intencionalidade e sentido; a permanente reflexão, sistematização e adequação do treino às respostas dos jogadores à operacionalização.

Por constatarmos que o término deste trabalho tem mais de introdutório do que conclusivo, porque a consciência de que aquilo que desconhecemos é colossalmente incomparável àquilo que descobrimos, desejamos que trabalhos futuros possam dar seguimento à problematização estética da formação em

Futebol, por meio de mentes mais iluminadas que superem as fronteiras das pequenas sugestões que deixamos para ulteriores investigações. São elas:

- Procurar outros meios de formação estética através do Desporto, que não os exclusivamente pelas actividades tendencialmente consideradas como artísticas ou estéticas;
- Identificar contextos desportivos mais ou menos potenciadores da formação estética (e o que os caracteriza);
- Estudar as consequências, ao nível da experiência estética, de o Futebol se ter tornado num fenómeno de massas;
- Estudar por que motivos parece existir da parte dos clubes de Futebol um interesse crescente na integração de mulheres nos processos de formação, e procurar a relação entre este facto e o ensino do Futebol;
- Analisar o problema da Estética do Futebol à luz das neurociências.

6. Bibliografia

6. Bibliografia

A

Aires, M. (1953). *Reflexões sobre a Vaidade dos Homens*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.

Alain, E. C. (1923). *Propôs sur l'Esthetique*. (6.ème éd). Paris. PUF.

Andrieu, G. (1980). L'effet esthétique en éducation physique ou étude historique de quelques concepts. *Travaux & Recherches en E.P.S.*, INSEP, (nº 6), pp. 160-170.

Arnold, P. J. (1988). *Education, movement and the curriculum*. New York: The Falmer Press.

Azeredo, J. (2000). *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

B

Barros Marques, E., Fróis, J. P. (1999). Conclusões da conferência: Educação estética e artística. *NOESIS. Instituto de Inovação Educacional. DOSSIER*. (nº 52). p. 3.

Bento, J. O. & Marques, A. (Ed.). (1990). *Desporto Ética Sociedade*. Porto : Universidade do Porto - Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física. Actas do Fórum Desporto Ética Sociedade, Porto, 1989.

Bento, J. O. (1995). *O outro lado do Desporto*. Porto: Campo das letras – Ediotres, S. A.

Bento, J. O. (2004). *Desporto. Discurso e substância*. Porto: Campo das letras – Editores, S. A.

Bento, J. O. (2007). Desporto, beleza e arte. *A Bola*. (Quinta Feira, 13 de Setembro). p.17.

Best, D. (1988). The aesthetic in sport. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*. pp. 477-493. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

Bourdieu, P., Chamboredon, J., Passeron, J. (1968). *Le Métier de Sociologue*. (1^o vol). Paris: Mouton.

Boxill, J. M. (1988). Beauty, sport and gender. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 509-518. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

C

Coimbra, L. (1983). *A razão experimental*. Obras Completas. (Vol II). Porto: Ed. Lello e Irmão.

Constantino, J. M. (2007). Os valores educativos do desporto - REPRESENTAÇÕES E REALIDADES. In J. O. Bento & J. M. Constantino (Eds.), *EM DEFESA DO DESPORTO - MUTAÇÕES E VALORES EM CONFLITO* (pp. 57 - 79). Coimbra: Almedina Edições, SA.

Coulon, A. (1995). *Etnometodologia*. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis R. J. Ed. Brasileira: Vozes.

Cunha e Silva, P. (1999). *O Lugar do Corpo: Elementos para uma cartografia fractal*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.

D

Dalai-Lama. (2006). *O universo num átomo: A convergência entre a Ciência e Espiritualidade* (A. F. Bastos & L. Leitão, Trans. 1ª ed.). Matosinhos: QUIDNOVI.

Damásio, A. (1999). *O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano*. (19ª ed.). Mem Martins: Publicações Europa – América, Lda.

Damásio, A. (2000). *O sentimento de si. O corpo, a emoção, e a neurobiologia da consciência*.(11ª ed.) Mem Martins: Publicações Europa – América, Lda.

Damásio, A. (2004). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir*. (6ª Ed. Vol. 6º). Mem Martins: Publicações Europa – América, Lda.

Duchamp, M. (1990). *Engenheiro do tempo perdido*. Colecção Arte e produção. Lisboa: Assírio e Alvim.

E

Eco, U. (1965). *A definição da Arte*. Lisboa: Edições 70.

F

Fornel, M. d., Ogien, A., & Quéré, L. (2001). *Colloque de Cersy L'ethnométhodologie - Une sociologie radicale*. Paris: Éditions La Découverte.

Frade, V. (2006). Dossier de Metodologia de Futebol I de Jorge Maciel - 3º Ano - Opção de Futebol. Dossier de Aulas não publicado. Faculdade de Desporto - Universidade do Porto.

Frade, V. (2007). Entrevista realizada por Marinho, D. sobre o entendimento existente acerca da Estética do Futebol. Documento não publicado.

G

Garfinkel, H. (2006). *Estudios en Etnometodología* (H. A. P. Hernáiz, Trans. 1ª ed.). Barcelona: Anthropos Editorial.

Gleick, J. (2003). *Cada Vez Mais Rápido* (J. L. Malaquias, Trans. 1ª ed.). Lisboa: Temas e Debates.

Ghiglione, R. e Matalon, B. (2005). *O Inquérito: Teoria e Prática*. Oeiras - Portugal: Celta Editora.

Goleman, D (1999). *Inteligência emocional*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, Lda.

H

Hemphill, D. (1995). Revisioning sport spectatorism. *Journal of the Philosophy of Sport*, (XXII), pp. 48-60.

Henry, T. (2006). *The ART OF FOOTBALL* [Documentário]: RTP.

Huizinga, J. (1972). *Homo ludens*. Madrid: Alianza Editorial, S. A.

I

Innerarity, Daniel (1996). *A filosofia como uma das belas artes*. Lisboa: Teorema.

J

Jones, S. (2006). *A Descendência do Homem* (P. M. d. Fonseca, Trans. 2ª Edição ed.). Lisboa: Gradiva.

K

Kirk, D. (1984). Physical Education, Aesthetics and education. *Physical Education Review*. (vol. 7, nº1), pp. 65-72.

Kuntz, P. (1985). Aesthetics applies to sports as well as to the arts. In David L. Vanderwerken & Spencer K. Wertz (eds.), *Sport inside out*, pp. 492-509. Fort Worth: Texas Christian University Press.

Kupfer, J. (1988a). Sport – The body electric. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 455-475. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

Kupfer, J. (1988b). A commentary on Jan Boxill's "Beauty, sport and gender". In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds.), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 519-522. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

L

Lacerda, T. O. (2002). *Elementos para a construção de uma Estética do Desporto*. Porto: T. O. Lacerda. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Lacerda, T. O. (2002). A estética como uma dimensão de referência para o desporto do século XXI. *Publicações Horizonte*, (Vol XVIII – nº 104).

Lacerda, T. O. (2004). Acerca da natureza da experiência estética desencadeada pelo encontro com o desporto e do seu contributo para a educação estética do ser humano. In Eunice Lebre e Jorge Bento (Eds), *Professor de Educação Física. Ofícios da Profissão*. Porto: Edição FCDEF-UP, pp. 301-307.

Lacerda, T. O. (2007). A Magia dos Jogos Desportivos e a Estética do Desporto. *In* Actas do 1º Congresso Internacional dos Jogos Desportivos. [CDROM]. Porto, Portugal.

Lacerda, T. O., Gonçalves, E. (2008). Educação estética, dança e desporto na escola. Porto. Faculdade de Desporto – Universidade do Porto. Documento não publicado.

Levitin, D. J. (2007). *Uma Paixão Humana: O seu Cérebro e a Música* (B. P. Coelho, Trans. 1ª ed.). Lisboa: Editorial Bizâncio.

Lipovetsky, G. (1989). *A era do Vazio*. Lisboa: Relógio de Água.

Lobo, L. F. (2002). *Os Magos do Futebol*. Lisboa: Bertrand Editora.

Lobo Antunes, A. (2008). “Escrevo pela mesma razão que a pereira dá peras”. Entrevista de Carlos Vaz Marques. *Revista LER*. Maio 2008. pp. 33-43.

M

Maciel, J. (2008). *A(In)(Corpo)r(Açção) Precoce dum jogar de Qualidade como Necessidade (ECO)ANTROPOSOCIALTOTAL - Futebol um Fenómeno AntropoSocialTotal, que «primeiro se estranha e depois se entranha» e ... logo, logo, ganha-se!* Porto: J. Maciel. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Marques, A. (1993). Desporto, arte e estética. Fronteiras e espaços comuns. *In* Jorge Bento & António Marques (eds.), *A ciência do desporto, a cultura e o homem*, pp. 31 – 39. Porto: FCDEF - UP, CMP.

Masterson, D. (1983). Sport, theatre and art in performance. *In* Hans Lenk (ed.), *Tropical problems of sport philosophy*, pp. 169-183. Schorndorf: Verlag Karl Hofmann.

Moderno, J. R (1998). Estética do futebol. *PRAXIS da Educação Física e dos Desportos*, (vol.I, nº 2), pp. 51-60.

Moderno, J. R. (2004). *Filosofia da criação desportiva: extensão e limites estéticos, éticos e tecnológicos da cultura desportiva*. Sessão: inovação, tecnologia e cultura. X Congresso de ciências do desporto e educação física dos países de língua portuguesa. Porto. FCDEF – UP.

Molénat, X. (2008, Juin). Ethnométhodologie la société en pratiques. *Sciences Humaines*, (194), p. 48 - 52.

N

Neri Marinho, D. (2007). *Valor estético do Futebol: o olhar do apreciador com conhecimento profundo do jogo*. Porto: D. Neri Marinho. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Nunes, Andreia (2007). O espectador na contemporaneidade (conceito sem definição). Porto, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Documento não publicado.

O

Ortega y Gasset, J. (1993). *La Rebelión de las Masas*. Obras completas. (2ª ed.). Madrid: Alianza Editorial.

Osterhoudt, R. (1991). *The philosophy of sport: an overview*. Champaign, Illinois: Stipes Publishing Company.

P

Pacheco, R. (2001). *O ensino do futebol: Um Jogo de Iniciação ao Futebol de 11*. Porto: Edição de Autor.

Patrício, M. (1993). *Lições de axiologia educacional*. Lisboa: Universidade Aberta.

Patrício, M. (1996). *A Escola Cultural: Horizonte Decisivo da Reforma Educativa*. (3ª ed.). Lisboa: Texto Editora.

Platini, M. (2006). *The ART OF FOOTBALL* [Documentário]: RTP.

Q

Queiroz, C. (1983). Para uma teoria do ensino/treino do futebol. *Ludens*, (8), p. 1.

R

Roberts, T. (1995). Sport, art, and particularity: the Best equivocation. In William J. Morgan & Klaus V. Meier (eds), *Philosophic inquiry in sport*, pp. 495-507. Champaign, Illinois: Human Kinetics Publishers, Inc.

Ronaldinho. (2004). Sem bola sinto-me meio morto. *Record Dez*, 22, p. 28.

S

Santos, D. (1982). *Obras Completas: Da Filosofia – Do Homem* (vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Sérgio, A. (2003). *Para uma nova dimensão do Desporto*. Coleção Epistemologia e Sociedade. Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.

Sousa Santos, B. (1987). *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Edições Afrontamento.

Sousa Santos, B. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Porto: Edições Afrontamento.

Stewart, D. (2006). THE ART OF FOOTBALL [DOCUMENTÁRIO]: RTP.

Sumanik/Sharon, I., Stoll, K (1989). A philosophic model to discuss the relationship of sport to art. *Sport Science Review*, (12^o), pp. 20-25.

T

Tabatabai, J. (2006). THE ART OF FOOTBALL [DOCUMENTÁRIO]: RTP.

Tronchet, D. (2004). *Petit traité de Footballistique*. Paris: Albin Michel.

V

Valdano, J. (1998). *Los Cuadernos de Valdano* (3^a ed.): El Pais Aguilar.

Valdano, J. (2008). No princípio era a bola. *A Bola*. (11, Outubro, 2008).

W

Watson, R. (2001). Continuité et transformatino de l'ethnométhodologie. In M. d. Fornel, A. Ogien & L. Quéré (Eds.), *Fornel, M. d., Ogien, A., & Quéré, L. (2001). Colloque de Cersy - L'ethnométhodologie - Une sociologie radicale* (pp. 17 - 29). Paris: Éditions La Découverte.

Weber, Max (1979), *Sobre a Teoria das Ciências Sociais*, Lisboa: Presença.

Weber, Max (1986). *Le savant et le politique*. Paris: Plon.

Wenger, A. (2006). THE ART OF FOOTBALL [DOCUMENTÁRIO]: RTP.

Z

Zidane, Z. (2002). Zinedine Zidane - Como Num Sonho. On *Alix Delaporte* [DVD]: LNK Video.

7. Anexos

7. Anexos

Anexo 1

Entrevista ao Professor Carlos Queiroz

Luísa: Olá Professor Carlos Queiroz. Desde já lhe agradeço a sua disponibilidade e o contributo, que é o contributo de alguém que por estar a top e ao mesmo tempo manifestar empenho na formação, evidencia um profundo conhecimento da inteireza que é o futebol. E a primeira questão que lhe coloco é: qual o contributo que uma abordagem estética do futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?

Professor Carlos Queiroz (PCQ): Eu acho que é uma importância decisiva. Tem um impacto decisivo e determinante para escrever o caminho que nós queremos traçar, isso é o primeiro ponto de partida de todas as coisas. Porque... com base nesta resultante: primeiro, compreensão do fenómeno e depois da sua valorização em termos educativos, em termos de formação, em termos daquilo que nós... (entrevista foi interrompida por telefonema nesta parte)

(...) na determinação e no enquadramento das questões estéticas da formação e do jogo, se definem o quadro de valores e de princípios que norteiam no fundo atitudes, comportamentos e toda a nossa vida não é? E ao balizar esses valores e esses princípios, nós estamos digamos a nortear o caminho que queremos percorrer. Ora isto tem que ser a conjugação daquilo que queremos ver no jogo, daquilo que queremos ver as pessoas fazerem no jogo, aquilo que nós queremos que o jogo represente para as pessoas e aquilo que nós queremos que as pessoas façam do jogo.

Luísa: Em que é que se concretiza, no seu entender, a estética do jogo de futebol?

PCQ: No fundo, concretiza-se em todo o quadro de princípios e de valores que depois deve nortear as nossas atitudes e comportamentos quando jogamos, quando competimos, quando falamos uns com os outros, quando comunicamos, aquilo que vemos do jogo, aquilo que aproveitamos do jogo, repare...No fundo, o que é que eu quero projectar? Para onde é que eu quero projectar o jogo? Como é que o quero ver? Mas o jogo aqui não é diferido das questões humanas porque o jogo é feito, provavelmente é feito, por pessoas não é? É vivido por pessoas...quando, por exemplo, aqui na minha escolinha num ponto muito pequenino, nós todos os dias falamos de valores e de coisas importantes do jogo: o respeito, a identidade, a solidariedade, a comunicação, a competição séria pelo esforço, pelo empenhamento, pelo entusiasmo, pela alegria...todo um conjunto de coisas que o jogo deve expressar...expressar através dos humanos que o fazem e depois dos outros que o vêem, dos outros que o entendem dessa maneira. No fundo é estabelecer uma linguagem comum de quem vê e de quem o pratica, exactamente para promover e fazer perdurar o próprio jogo. Porque se nós chegarmos a um...como acontece em determinadas situações e já aconteceu exemplos na América do Sul ou às vezes em países subdesenvolvidos ou até mesmo em Portugal como nós vemos quando, às duas por três as claques, o público, a imprensa, os treinadores e os jogadores não falam a mesma linguagem, ninguém se entende. Portanto, há aqui uma falha qualquer e portanto não é o enquadramento policial ou a regulamentação ou as leis. Podem pontualmente resolver algumas coisas, algumas situações pontuais, mas o quote de uma estética que no fundo nos faz entender uns aos outros...

Luísa: ...e ao próprio jogo...

PCQ: ...e ao próprio jogo. O que é que é bonito? Se aos olhos do espectador daquilo que é bonito, que é elegante, que tem classe e que tem significado, não é o mesmo daquilo que os jogadores estão a tentar expressar, há aqui uma falha...quer dizer, não resulta.

Luísa: Qual a relação entre a finalidade estética, agora assentamo-nos mais no jogo, qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade do jogo de futebol que é essencialmente tático? Elas são distinguíveis? Separáveis? Por exemplo, qual a relação entre o jogar bonito e o jogar bem?

PCQ: O jogo tem um propósito, não é? Para mim tem um propósito. Principalmente o jogo de futebol tem um sentido lúdico para as pessoas, tem um sentido em última análise de competição, de superação, de me projectar em coisas superiores. Por exemplo, quando os miúdos e quando algumas equipas jogam, têm sempre ideais...às vezes estão a jogar e projectam-se nos exemplos máximos do jogo não é? E o que é que está na cabeça deles? Está a imagem de uma vitória de que é a Champions League, que é os melhores jogadores do Mundo. E então, porque é que há este envolvimento todo? Porque os sócios, os adeptos, os fãs, os jogadores, sem pagarem nada, sem direitos apropriados, revêem-se nessas coisas todas não é? Portanto, e isto acontece depois também na vida. Isto acontece também na vida em termos de outras actividades, em termos de actividades da minha projecção profissional ou social ou às vezes política. Portanto, se eu entendo bem a pergunta que me está a fazer, o que é que a estética, a parte tática do jogo, tem a ver com a parte tática da vida não é? É isso que me perguntou não é? Ou não?

Luísa: O que perguntei é mais...Nós temos finalidades táticas não é? Nós temos uma intencionalidade quando jogamos, nós queremos ganhar sobretudo!

PCQ: Exactamente!

Luísa: Essa finalidade como é que se relaciona com a finalidade estética? Isto é, são diferentes? São incompatíveis ou são distinguíveis? Eu posso estar só a pensar no só jogar bonito sem jogar bem? Ou no jogar bem sem jogar bonito?

PCQ: Não. O jogar bem é fazer bem as coisas e jogar bonito. O fazer bem as coisas tem a ver também com a beleza. O ser capaz de me superar, o ser

capaz de superar os adversários. Por exemplo, nos aspectos táticos e técnicos, ser capaz de fazer coisas que pelo bem feito é que acabam por trazer essa condicionante ou essa envolvimento estética. Muitas vezes até está não é na elaboração muito complexa das coisas. Porque o futebol, para mim, tem esta coisa que o separa às vezes de outras actividades desportivas. É na simplicidade que às vezes estão as coisas mais bonitas, mais atraentes. O facto de eu dominar a bola com o pé...uma coisa...se eu tiver uma bola na mão...parece uma coisa simples, parece uma coisa natural. Se eu tiver uma bola parada no pé, que é também uma coisa simples, mas é tão inatural que se torna elegante, torna-se estético. Como é que é possível que um...nós somos feitos para andarmos nos dois pés e depois joga-se com um pé e o outro é que está no chão, que é ainda mais inatural. Ainda por cima domina-se uma bola que é redonda só com um pé, o outro no ar. Anda-se com um pé e está sempre um no chão. Às vezes até nem está nenhum no chão. Portanto, está neste paradoxo do que não é natural mas que é uma imagem simples, toda a elegância e toda a beleza desta actividade. Agora, eu acho que o jogar bem é jogar bonito. O ser capaz de saber fazer bem as coisas é onde está a beleza da simplicidade de poder jogar para ganhar. Porque no fundo é o que as pessoas...a gente quando mete duas crianças de sete anos ou oito anos e diz que está ali uma baliza, eles têm uma coisa que é meter a bola que os encanta o mais vezes possível dentro da baliza e ninguém lhes diz nada disto. Não é preciso dizer. Põe-se lá a baliza e eles sabem para onde direccionar. Portanto, eu acho que as duas coisas estão ligadas. Agora, quando nós somos capazes de fazer isso usando elementos que não são naturais, depois a solidariedade, depois a comunicação, os elementos colectivos...estamos a construir elementos daquilo que é atraente porque...o que é que atrai as pessoas? O que é que nos atrai ao jogo? É a incerteza, é a emoção, é a beleza, é...até hoje vejo uma coisa que mudou radicalmente no jogo, hoje até a beleza dos jogadores mudou. Há, digamos, uma tentativa de padronizar questões até estéticas dos próprios jogadores, que não eram tão importantes. Veja como é que mudou isto: há trinta anos atrás, a estética do jogador de futebol era o

ponta de lança um bocado careca, três ou quatro cicatrizes, sem dentes...então isto era a imagem do ponta de lança rude...

Luísa: ...robusto...

PCQ: ...robusto, durão. Isto não vende donuts. Houve uma série de pessoas que começaram a perceber que estas imagens têm alguma dificuldade em vender...digamos...roupa interior para homens não é? Começam a aparecer hoje uma nova dimensão estética nos próprios jogadores porquê? Mudaram até os close-ups da televisão. As televisões começaram a apanhar os jogadores muito mais perto, muito mais fechados, muito mais individualmente. E, portanto, começou-se aqui a criar um novo padrão de “coisa”. A televisão mudou o jogo, mudou a dimensão estética do jogo completamente. Hoje há dois futebolis que nós estamos a falar. Isso é uma das coisas que é importante perceber logo na formação e por onde é que caminha o futebol. Estamos a falar de dois futebolis: um que se passa dentro do campo e dos estádios e o outro que se passa dentro da televisão, das nossas casas. São duas coisas que parece que são a mesma coisa mas não são.

Luísa: Essa focagem que se vai fazendo cada vez mais, vem a propósito da seguinte pergunta que é: a estética do futebol manifesta-se num jogo como um todo, de natureza essencialmente táctica, ou esgota-se na forma dos seus gestos, nesses pormenores que por vezes se focam mais ou que se dão mais ênfase?

PCQ: Eu acho que é na relação dialéctica das coisas todas. Nem é numa nem é noutra. Na relação dialéctica, porque uma sem a outra não fazem sentido, já não é futebol. Poderá ser outra coisa qualquer mas já não é na avaliação estética do que é do próprio jogo não é? E no fundo David Beckham e o Figo vendem o jogo, não se vendem a si próprios. Vendem-se através do jogo. Portanto, eu acho que tem que haver uma relação dialéctica entre todos esses elementos.

Luísa: Concretizando um pouco mais: um gesto técnico, uma apreciação estética específica do futebol – não uma estética abstracta mas uma estética do futebol – tem valor estético por si só ou esse valor existe apenas contextualizado em função da estética do jogo?

PCQ: Para mim contextualizado porque é no reconhecimento da sua complexidade, da sua simplicidade que está depois a apreciação e valorização do próprio gesto.

Luísa: Portanto, para reconhecer o jogo...

PCQ: Por isso é que eu digo, na formação e quando se fala da estética do futebol, não é só importante o que é que nós fazemos com os jogadores. É importante saber o que é que nós vamos fazer com todos aqueles que são espectadores. Porque essa dimensão se não for passada para os espectadores, quando aparece depois uma...a elegância, por exemplo, de um jogador no segundo poste, no ar, a fazer um pontapé de bicicleta e a chutar a bola...se não houver uma compreensão do momento, retirado daquilo que é o jogo, aquela fotografia pode ser vista desta maneira, ou de lado, ou ao contrário. Quer dizer, até posso dizer que é um astronauta se calhar dentro de uma nave espacial...

Luísa: É qualquer coisa que pode nem ser futebol...

PCQ: Por exemplo, você pode ter a mesma fotografia na mesma posição, tirada dentro de uma nave espacial. As pessoas não lhe dão o mesmo valor porque sabem, que no contexto da nave espacial sem, enfim, atmosfera se calhar aquele gesto não tem a dimensão estética que tem quando é feita num jogo de futebol.

Luísa: Qual é a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o próprio fenómeno, o futebol.

PCQ: Eu acho que é determinante porque eles é que vão passar essa mensagem. Dou-lhe o exemplo de...eu vi dois jogos este fim-de-semana muito interessantes de poder comparar isso. Vi o Arsenal – Manchester e vi o Sporting – Porto e parece o mesmo jogo mas não é. Não é só por causa do valor técnico das coisas que aconteceram, é por causa também da mensagem que foi passado num e que foi passado noutra. E porquê? Porque a predisposição e a linguagem, se quiser linguagem estética dos jogadores, do primeiro jogo que eu falei não tem nada a ver com aquilo que foi a predisposição estética dos jogadores do Sporting – Porto. Isto é, se eu tenho uma predisposição ao espectáculo e se o outro tem uma predisposição ao confronto ou à confrontação, as minhas condutas e os meus comportamentos, se calhar avaliados neste padrão da confrontação, poderão ter alguma dimensão estética também. Mas então é melhor ser a arena de Roma. Então tem que haver sangue mesmo, tem que haver cabeças cortadas, etc. Porque o que fizeram não foi suficiente para ser, de facto, um espectáculo de gladiadores. Portanto, não tem valor. Quer dizer, foi pobre. O padrão estético daquilo que eles fizeram ontem foi pobre porque não foi espectáculo no futebol e foi pobre porque como espectáculo de gladiadores ninguém perdeu a cabeça, não houve sangue, também não foi suficiente. Portanto, a resposta à sua pergunta é esta: a formação e o empenhamento dos jogadores é determinante nisto porque eles têm que compreender que estão ali para competir, para ganhar jogando bem, jogando bonito, porque senão o conseguirem fazer eles não conseguem atingir aquilo que é a razão da sua existência que é produzir um espectáculo de futebol.

Luísa: Em que é que podemos concretizar no treino a formação estética dos jogadores de futebol? Como criar um espaço de formação estética?

PCQ: Às vezes é...por exemplo, uma das coisas é obviamente através das atitudes e dos comportamentos dos jogadores não é? A outra é através da elegância, digamos, tática e da predisposição tática que os jogadores mostram no jogo para tornar o jogo mais alegre, mais atractivo, mais entusiástico. Aquilo que nós hoje chamamos e que é muito importante: há um body language individual e um body language colectivo. Não é só a canção e o cantor. É também a maneira como ele expressa. Você tem, por exemplo, um cantor que pode ser muito bom a cantar uma canção mas a interpretação, o cenário, pode não ser rico, pode não transmitir a beleza, pode não ser atraente não é? E se nós convidarmos na formação dos jogadores e se estimularmos os jogadores a serem bonitos e elegantes naquilo que fazem, como se vestem, nos seus gestos, na sua forma de se movimentarem dentro do campo, no risco, na elevação do risco, veja...o risco aqui poderá ter a ver com o grau de eficiência. Nós temos um treino de cruzamentos para treinar finalização e hoje os defesas atacam cada vez mais depressa a bola, cada vez mais alto. Se nós estimularmos os atacantes também a atacarem a bola cada vez mais rápido e cada vez mais alto, evidentemente que a configuração do desenho técnico para poder fazer isso pode ser mais atraente, mais surpreendente. Podem aparecer mais pontapés de bicicleta, mais gestos...E, portanto, essa dimensão projectada em superações vai trazer uma nova dimensão ao jogo, uma nova dimensão estética ao jogo.

Portanto, este estímulo no treino, este convite à elegância, à classe, à “finesse”, deve existir ao nível dos treinadores.

Luísa: Qual a importância da diversidade e da criatividade para isso que está a dizer?

PCQ: É muito importante. Mas antes disso eu acho que não há liberdade nem há criatividade se não houver em primeiro lugar uma educação e uma formação livre, uma educação e uma formação em que o culto da liberdade de pensamento, de decisão não esteja presente em todos os actos de formação dos jogadores. O treino da rua ou a aprendizagem pela rua dava e permitia que

os jogadores muito cedo ganhassem esse sentido de autonomia e, portanto, eu acho que digo que sim à resposta não deixando de acrescentar que isso só é possível se em primeiro lugar a gente tiver jogadores que saibam o que é ser livres e o que é, digamos, desenhar as suas condutas dentro do campo de uma forma livre e responsável. E aqui não tem nada a ver com anarquia e libertinagem, tem a ver com a capacidade dos jogadores serem autónomos nas suas decisões, estarem libertos e personalizados para durante o jogo assumirem decisões que às vezes determinado enquadramento educativo não lhes permite. Não há criatividade sem liberdade. Portanto, os jogadores que se sentem amarrados e demasiado apertados não podem chegar a esse nível. Portanto, para mim, antes de estar preocupado com a criatividade (criatividade como elemento) eu explorava a primeira dimensão que é a de dar autonomia e liberdade suficiente aos jogadores.

Luísa: Como construir uma formação estética do jogador que vá ao mesmo tempo de encontro às necessidades de um jogo que é colectivo por essência? Não corremos o risco ao tentar formar jogadores de nos desviarmos da especificidade táctica ou colectiva do jogo?

PCQ: Não, eu acho que não porque os exemplos do passado repare... Se nós pensarmos em jogadores como o Maradona, como o Pelé, como o Eusébio, Cruyff... todos os grandes jogadores que foram isso tudo num só corpo, numa só mente, foram personagens que se distinguiram, na minha opinião, porquê? Porque, para além daquilo que prestava de beleza e de surpreendente e de inovação ao jogo, distinguiram-se dos outros porque foram capazes de fazer os outros à sua volta jogar melhor do que aquilo mesmo que eles eram capazes de jogar. Ao fazerem isso, isto significa que não é incompatível uma coisa e outra.

Luísa: Está-me a falar de uma formação estética que não é apenas individual mas que tem o carácter comunicativo.

PCQ: Exactamente. Comunicativo, solidariedade...estamos a falar da formação estética do futebol não é...como jogo. Estou a falar do homem jogador, do jogador colectivo.

Luísa: Como pode a formação estética do jogador contribuir para a sua recriação pessoal do modelo de jogo da equipa onde se insere ou de um dos modelos de jogo das várias equipas onde se pode inserir? Que ferramentas é que uma formação estética pode dar para que um jogador se adapte a diferentes contextos e possa ser autónomo nesses contextos?

PCQ: Liberdade de pensar, saber pensar.

Luísa: Então a formação estética também tem esse carácter de...

PCQ: Se não pensar, não consegue adaptar-se. Há duas maneiras de podermos ver a vida. Conhece aquela frase: “penso logo existo”, há outros que dizem “compreendo logo desisto”. Mas eu acho que compreender e ser capaz de pensar ajuda-nos a dominar as coisas e a ser capaz de nos adaptarmos a todos esses contextos onde nós estamos. Portanto, eu acho que se for um jogador que for criado ou for educado – prefiro a palavra educado – em liberdade e responsabilidade, que vai ter esse sentido autónomo de ser capaz de se reinventar a si próprio, ele adapta-se facilmente não é? Posso-lhe dizer, por exemplo, daquilo que eu vi do treino e da formação dos jogadores japoneses, é o oposto da pergunta que me está a fazer. Se saírem daquele contexto e daquela não são capazes de (...)

Luísa: ...é a formatação...

PCQ: Exactamente. Isso eu vi quando estive no Japão dois anos.

Luísa: Que manifestações tem a formação estética que pode ser intencional ou não – se falarmos em Ronaldinho, Zidane provavelmente não houve uma

formação estética direccionada ou intencional – que manifestações é que essa formação tem nos desempenhos dos jogadores das equipas de rendimento superior, de top, do seu ponto de vista?

PCQ: Eu acho que dizer que eles não tiveram não me parece bem dito. Tiveram. O que tiveram é que pode ser discutido. A verdade é que o contexto em que viveram e tiveram essa formação, acabou por criar um impacto no próprio jogo. Se me disser: “através do sucesso, através do resultado...”, é verdade. Mas no final, o Ronaldinho acabou por criar modelos representativos quer a gente goste quer não goste. Até o Maradona que, apesar de todas as vicissitudes que a vida o acompanhou, acaba sempre por...são modelos alguns referenciais pela positiva outros pela negativa. Apesar de tudo o Ronaldinho parece que traz uma dimensão estética ao jogo e trouxe uma dimensão estética ao jogo que é, para mim, muito bonita. A sua elegância, a maneira como ele se movimenta, o seu corpo, acho que se há jogadores que nós podemos dizer que são como um bailarino, o Ronaldinho mexe-se como um bailarino dentro do campo.

Luísa: Tendo como referência a sua apreciação pessoal do futebol actual, é possível identificar a necessidade desta dimensão estética?

PCQ: Eu acho que não é só sentir necessidade. Eu acho que ela deve ser cultivada porque senão vamos cortar esta flor. Tem que ser educada também pelas pessoas, tem que se chamar a atenção. Veja, por exemplo, se você assistir aos nossos espectáculos de televisão sobre futebol, aos comentários... caminharam exactamente para o lado oposto. O jogo não tem nada de estético. É absolutamente execrável conseguir estar a ver um programa de televisão duas horas sobre futebol e não conseguir ver uma pessoa a dizer e tentar explicar....espere aí, dois terços da humanidade andam à volta deste jogo, falou-se duas horas, não houve uma coisa positiva sobre o jogo? Consiga-me explicar como é que dois terços da humanidade andam à volta do jogo. Aqueles dois terços da humanidade estão errados ou este programa está

errado? E não é só o ganhar porque quando dois terços da humanidade...sei lá não sei quantos biliões de pessoas vêem uma final do Campeonato do Mundo e a maioria das pessoas não tem nada a ver com nenhum dos países que está ali...não foi certamente por causa da bandeira da Alemanha ou do Brasil! É porque há questões que atraem as pessoas a ver aquele jogo. Questões táticas, técnicas, questões estéticas estão ali. Mas você se vir o Sporting – Porto hoje na televisão, não encontra nada estético naquele jogo, nada. Eu pergunto: “Mas então as pessoas que estiveram ontem todas no estádio é tudo estúpido? É tudo burro? Anda tudo atrás deste jogo pelas não razões que a televisão está aqui a discutir?”. Há qualquer coisa que está mal. Portanto, é muito importante nós pelo menos defendermos aquilo que é o futebol. E por muito poucos que sejamos, até ao final pelo menos dizer: “Não matem isto.”. Porque é no fundo o que estão a fazer. Não há um golo bonito, um gesto técnico bonito? Você vai hoje ver um programa de televisão, não retiram um gesto bonito. Digam-me: “Olhem para isto! Olhem para este movimento...a elegância de um homem a correr a não sei quantos quilómetros por hora com uma bola no pé e de repente cruza e está uma pessoa no ar...”. Ninguém consegue dizer nada disto do jogo.

Luísa: Fazem-se considerações muito mais descritivas...pelo menos vê-se muito na televisão os quilómetros que o jogador correu mas não se vê ele a correr.

PCQ: Claro.

Luísa: Gostaria de referir mais algum aspecto que possa contribuir para o estudo e compreensão do tema “Novos desafios para a formação do futebol contemporâneo? Que formação estética no jogo?”

PCQ: O desafio que nós temos que pôr é: o que é que nós queremos para nós próprios no futuro em primeiro lugar? Eu acho que a discussão que se tem que fazer...para mim a maior preocupação já não é discutir o jogo nem discutir o

futebol, é saber o que é que queremos ser como homens e como sociedade no próximo século. Tentar perceber se este jogo, que ainda vamos jogando hoje, será o jogo do futuro. Tenho algumas inquietações e dúvidas a esse respeito porque a televisão está a mudar o jogo. Quer a gente queira quer não, a televisão mudou o jogo e está a mudar os homens. Mas eu como não vou estar cá, se calhar é tempo de eu começar-me a preocupar menos com isso. Agora, uma coisa é certa, eu acho que a pergunta que me faz nós responderemos no dia-a-dia no dia em que começarmos a perguntar o que é que nós queremos para nós próprios no futuro.

Luísa: Isso vai-se reflectir em tudo o que fizermos: no futebol, ...

PCQ: ...no futebol, na vida, nos políticos que escolhemos, nos governos que queremos, na casa onde queremos viver, como é que queremos viver... Enquanto nós não soubermos o que é que queremos ser, não temos a capacidade de dizer não. Porque o sim é o fácil, o talvez é o cómodo. Agora, o dia em que nós claramente soubermos que nós não queremos ser isto porque queremos ser aquilo então fica fácil dizer não e fica mais consistente.

Luísa: Professor Carlos Queiroz, muito obrigada pelo seu contributo, pela sua disponibilidade...

PCQ: ...espero ter ajudado...

Luísa: Ajudou imenso. Muito obrigado Professor.

Anexo 2

Entrevista com Prof. Vítor Frade

Luísa: Professor Frade muito obrigada pela sua disponibilidade para esta entrevista. A primeira questão que eu lhe coloco é: Qual o contributo de uma abordagem estética do futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?

Professor Vítor Frade (PVF): Eu acho indispensável...acho indispensável, embora levante múltiplos problemas, porque há uma espécie de contaminação, não é? Acerca do jogo, em termos do que ele é. E nesse sentido, muitas das vezes, o que é enfatizado como necessário é contrastante àquilo que devia ser como necessário e então ligar-se-ia ao estético. Portanto, acho que isso é um estudo, um esforço absolutamente indispensável do meu ponto de vista e sobretudo porquê? Porque para mim, a qualidade do jogo tem a ver com... pronto... para estabelecer uma certa afinidade com a estética, o belo, ou seja, com o bonito. E a necessidade de pensar isso nesses termos levava-nos para aquilo que eu acho, e nos dias de hoje cada vez mais, que é o jogar bem. Portanto, o jogar bem é, necessariamente do meu ponto de vista, único. Depois fazem-se uma série de confusões, uma série de atropelos quando se pega nestas duas pré noções, chamemos-lhe assim, porque há gente a cada passo e há gente que... é neste sentido... que eu salientava o aspecto da linguagem, porque a cada passo a gente: "Ai jogar bonito não interessa, interessa é os pontos!"...mas não...o que interessa é a eficácia. Ora, traz um reflexão a uma série de conceitos que, se calhar, contextualizados passam a ter outro sentido e estão todos... só há futebol como atributo estético se for um futebol bem jogado, se for um futebol bonito. Agora, isto é, indo ao encontro da sua questão, ou da sua pergunta, é fundamental porque um estudo sério, uma reflexão sério põe as coisas no, ou tenta pelo menos, ou traz esse benefício: pôr as coisas no seu devido lugar. Se você quiser, eu hoje, como faço sempre e você sabe, pego nos jornais e leio para depois pôr uns textos lá em baixo. Os jornais de hoje que eu ainda nem li sequer os artigos, eu estava a seleccionar e

o primeiro, repare aqui: “o futebol que se joga nos bancos de universidade” e depois aqui: “O futebol é um objecto de estudo”... portanto, isto traz-nos logo... está aqui que a preocupa...qual tem que ser o objecto da estética? É o belo, é o bonito. Então, e o objecto do jogo, qual é? É o jogar. E qual é aquele que manifesta ou que expressa a máxima qualidade? É necessariamente o bonito, é necessariamente um bem jogar. Que categorias é que a gente pode isolar, ou pode salientar aqui, nesta coisa....portanto...como objectiváveis, como caracterizáveis? E isto é tão subjectivo como à primeira vista parece? Eu julgo que não! Subjectivo é, agora, é uma espécie de subjectivo para o individual. O que é que eu quero dizer com isto? É capaz de evidenciar uma sensibilidade, se quisermos falar em termos estéticos, não é? Um conjunto de apriorismos, ou de princípios que fundamentem essa sentimentalidade que mova um conjunto de pessoas ligadas de determinada maneira ao fenómeno, sintam o fenómeno mais ou menos do mesmo modo e ao sentirem se emocionem, se... e então, perante o bem jogar e perante o belo em afinidade. E portanto, este lado unitário se quisermos, é o lado que me interessa. É unitário, se quiser, desta natureza subjectiva. E que tem uma finalidade, ou deve ter... tem-na porque a própria evolução do jogo demonstra um bocado isso, tem uma finalidade que é revelada pela adequação na evolução da forma, do jogar ao sujeito. Ao sujeito, este sujeito subjectivo, esta natureza subjectiva que está ligada ao futebol...

Luísa: Portanto, o próprio objecto se transforma em função ou se constrói em função...

PVF:...não... é que é uma dicotomia inclinar esta análise para o lado do sujeito, no caso concreto do jogar ou para o lado do objecto. Porque o objecto de estudo, neste caso do jogar, é uma coisa complicada porque é feito da presença de sujeitos e é a sua presença que dão expressão e expressividade manifesta ao objecto enquanto jogar. E com mais, os sujeitos implicados directamente no jogar, são pessoas, são gente, que também se deixam contaminar e contaminam... Ora, é este lado, este lado que a mim me interessa, portanto, não sendo à semelhança...porque isto depois traz-me, para

mim, para uma questão fundamental que é a noção, a primeira é a do objecto estético e que tem que ser o objecto estético e a natureza do objecto estético. Pronto, já vimos o que é que tem que estar implicado para que, de facto, ele seja um objecto estético mas como expressão da manifestação da máxima qualidade desse objecto estético. A natureza é deste tipo. E então, o objecto como tal é um objecto um bocado esquisito, porque tem a sua expressão que pode ser identificável, e nesse sentido como objecto é objectivável em termos científicos, porque é caracterizável no ataque, na defesa e não sei quê...mas isso, é por isso que o lado fenomenológico aqui é importante...é....e porque, lá está, porque esta se quiser, máxima expressão de bem jogar e máxima expressão estética só se dá quando a transcendência de alguns gajos se dá... é preciso uma espécie de superação de alguns indivíduos para que: “Yeahhh”.... O golo que ninguém esperava, a coisa que foi por ali e parece que não podia ser. E isso faz, portanto é um aspecto, é um micro contexto digamos, daquele momento, que faz guindar, às vezes, um determinado jogo ou uma determinada manifestação ou sublime e , se calhar, até é uma obra de arte, do meu ponto de vista. E portanto, parecendo a pertencer à história do objecto de estudo que é o jogo e portanto permitindo o evoluir de tal forma, ou seja, da ascensão na finalidade que se propõe.

Luísa: o professor falou aí em vários conceitos, um é dum objecto científicável, mais à frente falou na questão de até poder ser artístico. Qual o interesse de uma abordagem, sendo a estética uma disciplina até da filosofia, qual o interesse de uma abordagem que ciência e filosofia se relacionam?

PVF: eu acho que é muito, sabe porquê? Porque alguns dos pilares destas manifestações estéticas, que nós reconhecemos presentes no bem jogar, no jogar bem. E o jogar bem, neste caso, tem que ter eficácia, mas é uma eficácia de outro tipo. É uma eficácia expressa ou como consequência da manifestação regular da eficiência do funcionamento dessa organização estética e do bem jogar. Não sei se me estou a fazer entender...porque o simples facto de uma equipa chegar á área adversária e não concretizar pode nos ter levado ao rubro

pela jogada que foi feita. Portanto, esteve presente a eficiência, esteve presente a eficiência sem que tenha estado a eficácia no imediato...

Luísa: ou em acto porque em potência estava...

PVF: E mais, em acto à la long! Porque as equipas que se manifestam assim regularmente são as que ganho. A vitória naquilo que é a competição normal das equipas de top é conseguida num campeonato, numa prova de regularidade ou... essas equipas também perdem. Portanto, alguns desses pilares estéticos, digamos assim, devem ser suficientes para questionar a impossibilidade do uso de uma certa terminologia científica para os decifrar, o claro e o distinto e não sei quê... não sei se me estou a fazer entender. Portanto essa manifestação, em termos estéticos, e utilizando uma linguagem ajustada é suficiente para podermos questionar o tipo de ciência, ou ciência adoptada ou aquela linguagem dita científica que procura identificar uma coisa, e quando o faz, fá-lo aquém do que ela é, porque ela está muito para além... é por isso que às vezes se fala, em termos filosóficos da necessidade do terceiro incluído e não do terceiro excluído porque nestas coisas... e a necessidade de arranjar categorias científicas ajustadas às categorias estéticas. Portanto, se de facto a expressão estética... porque a expressão estética em termos do objecto é uma dinâmica feita de múltiplas dinâmicas. Portanto, que carece, que necessita da gestualidade, mas isso não é o relevante, o relevante é... portanto, o lado estético pode vir da configuração, da articulação, da interacção de equilíbrio, rapidez, de ritmo, se quiser, de simplicidade, de geometrização ou não sei quê...! E portanto as categorias habitualmente utilizadas, porque entretanto o objecto de estudo já tem história, e é estudado como? Estão aquém da possibilidade de... portanto, um trabalho em termos de valoração estética se for feita tendo por necessidade de articular isto com o bem jogar... o jogar bem... e o jogar bem depois sujeito ou condicionado à eficácia mas sem... balizando bem... o que é isso de eficácia?!... Para se jogar bem acho que é um ganho extraordinário. Olhe, quer ver? Pronto, este é isso... como vê aqui... há muitas abordagens e não sei quê... agora, peguemos aqui... olhe, por exemplo,

futebol italiano é belo mas não vende lá fora...se vir aqui, olhe o que diz o Mourinho: “Contra o Génova, mudei a tática três vezes ou quatro vezes e eles adaptaram-se sempre”. Acho isso fantástico. Agora, há determinadas pessoas que não detectam isto...não...não...esta alteração circunstancial na procura de não ter tanta eficácia, não ter tanta eficiência, o pá...isto do meu ponto de vista é uma categoria estética do carças, é belo e ao manter-se contagia-me e portanto, esta identificação com o fenómeno, cá está, com o bem jogar acho que é muito importante. Portanto ele faz uma série de considerações no mesmo sentido. Que ver aqui...

Luísa: O que o professor está a dizer é que uma contextualização estética dá sentido ao científico do jogo...?!

PVF: Exactamente! E se calhar contestando o cientifismo ou cientricismo que tem proliferado e fazendo apelo a outro tipo de ciência muito mais humana e muito mais complexa. Se calhar, olhe por exemplo, você vai ver aqui às classificações, as equipas que estão nos campeonatos todas à frente, todas elas têm uma forma de jogar, e com e eficiência e com eficácia porque vão à frente, que é muito pouco decifrável ou é muito menos decifrável do que as outras. Portanto, são equipas cujos padrões que manifestam têm qualidade porque expressam isso e têm esta complexidade de articulação de múltiplas categorias que nós possamos reconhecer que existam lá...

Luísa: O professor há um bocado falou num objecto que, embora seja objectivável é subjectivo, mas tem impregnado uma subjectividade comum a muita gente, não é? Em que é que se concretiza no seu entender a estética do jogo de futebol? Essa parte subjectiva mas que, por ser comum, pode ser objectivável? Em que é que isso se concretiza?

PVF: Ela concretiza-se... se eu entendo que você me esta a perguntar...ela concretiza-se na possibilidade da sua manifestação e da sua regularidade de

manifestação e traduzindo-se isso, portanto, normalmente nas equipas de top e que...

Luísa: A pergunta é mais: o que é que há de concreto no futebol que o faz ser diferente, que o faz potenciar reacções estéticas semelhantes, subjectivas por serem estéticas, mas comuns a muita gente. O que é que há de concreto para potenciar isso?

PVF: Há golos que às vezes acontecem naquela equipa e alguns dos adeptos daquela equipa vibram. Ora, se nós por exemplo, remontarmos ao Kant, ele diz que: “ A ciência dos possíveis princípios ou da totalidade dos princípios à prior do sentimento ou da sentimentalidade, seria a ciência que...”...e ele distingue isso do entendimento, ou da intuição ou não sei quê...! Ora, isto é um dado que tem que ser equacionado culturalmente, equacionado socialmente e se calhar até antropologicamente. Às vezes, eu distingo jogadores a terem uma conversa e um discurso sobre o jogo, neste sentido: “Pá... o que conta é o resultado”... e no entanto, depois a jogar, contradizem o que dizem, dão prioridade àquilo. Ora, de facto, o que contamina as pessoas e o envolvimento é o surgir desses momentos, dessas vertigens que são um adquirido à la long e que evidenciados e verificados em conjunto, levam um individuo a ficar encantado, a ficar extasiado. E é tanto mais assim, do meu ponto de vista, quando o jogo é bem jogado, é um jogar bem exprimindo ou expressando determinadas características quer a atacar, quer a defender e que, independentemente, passa-se um fenómeno um tanto ou quanto esquisito, que leva a adular as coisas. Ou seja, o Paulo Cunha e Silva deu uma entrevista ao Jorge em que a certa altura disse-lhe assim: “Porque o Futebol num tubo de ensaio passaria a ser um futebol em tubo de ensaio”... e eu tenho um amigo de quem sou muito próximo, que gosta de futebol pa caraças, um amigo com quem eu ia imensas vezes ao futebol e que por força de ter, e não só, de ter feito uma sociedade com o genro que é em Viana, tem menos tempo disponível e vai menos ao estádio. Então, não deixa de ver os jogos na televisão. E aqui há três anos diz-me assim: “ Sabes que eu agora até parece que gosto mais de ver o

jogo na televisão?!". Ora, o quanto... a continuidade de ver jogos na televisão, por força daquele esmiuçanço e daquele escarpelizar aquele contra senso do meu ponto de vista. Portanto, aqui, o peso que a televisão, que o ecrã tem a formar ou a mostrar um produto alterado do próprio produto e, no sentido...repare...os jogos, na generalidade, os espectadores têm diminuído mas as audiências dos jogos de futebol têm aumentado, o que leva as pessoas a pensar...portanto, eu gosto às vezes de ir... se eu, em vez de ter sessenta e quatro anos, tivesse 30, provavelmente ou de certeza que não gostava do futebol como gosto, apesar de tudo hoje. Agora faço uma selecção extraordinária e aquilo que gosto, que me faz ser um maluco pelo futebol, são os resquícios activos que são cada vez mais uma espécie em vias de extinção e que me levam ao rubro quando vejo, que me fazem levantar do sofá ou dar um grito se estiver ao vivo a ver, quando vejo jogar o Barcelona, quando vejo jogar o Arsenal, quando vejo jogar estas equipas ou quando vejo os torneios internos nossos com os sub-12 ou os sub-13 e não sei quê...que estou ali quatro horas de pé sem me ficarem a doer as costas e não sei quê. Portanto, este à priori da sensibilidade, hoje em dia, é facilmente nas neurociências ilustrado, tem a ver com a emoção e com a afectividade, os marcadores somáticos que se puserem e não sei quê...! Portanto, este problema da sensibilidade não é nada dos espíritos, é qualquer coisa que tem história, tem discurso, mas tem percurso. E portanto, esse lado, essa retoma, e vamos quase à primeira questão, esse retomar do lado...repare...um jogo de futebol tem um espaço se não quisermos colocar as quatro dimensões, a dimensão do tempo... tem 100metros de comprimento, cento e pico e sessenta e tal de largura, 70 metros, e tem onze gajos de cada lado com a bola aqui a jogar. Ora, isto tem, em termos de variabilidade quase...em termos de detalhe...porque às vezes, quando se fala do lado estético do jogo tem-se tendência, parece-me a se fixar demasiado na gestualidade do indivíduo, mas essa não é a manifestação estética maior, diria eu, daquilo que o jogo tem como estético e que se pode às vezes, do meu ponto de vista, tornar numa obra, numa obra...

Luísa: Esse ponto de vista do professor é diferente, provavelmente, da maioria das pessoas precisamente por aquele problema que o professor referiu à bocado que é o facto da maioria das pessoas, de crescer o numero de pessoas que vêem o jogo pela televisão, porque precisamente o que é focado na televisão são esses pormenores de gestualidade e o que é focado como belo na televisão são precisamente esses gestos...

PVF: É! E isso então, vai-nos levar a uma outra questão que eu acho que é fundamental, que é...aquilo que é... o juízo estético tem que ser um juízo de valor, porque tem que estar em conformidade... e que até é diverso em termos regionais, pode ser, porque os contextos são diferentes mas, naquilo que seria o objecto estético do futebol, portanto, atendendo à universalidade, ele é um juízo valor. Ora, portanto, o futebol deve fazer força para, inclusivamente, construir ou equacionar uma espécie de estética axiológica, que são os valores identificadores do jogar bem. Agora, as categorias são complexas. Agora, neste sentido quando a gente salientasse as categorias do jogar bem, o que é que estaria aqui a evidenciar? Determinados signos ou sinais. Portanto, uma estética também semiótica. O que o espectador, a distanciação do objecto de jogo, a catadupa de saliência pontual ou atomística dos media e não sei quê, sobre um fenómeno que é colectivo, cria uma espécie de Kitch, uma espécie de signos que têm valor por si. A própria publicidade mostra o Cristiano a fazer aquelas coisas e não sei quê.... Portanto, esta dissonância, dessincronização existe e mais, a televisão... porque tem enfatização da imagem, mas descontextualizado. Por exemplo, você na maioria dos jogos da televisão não vê o campo inteiro, não vê...portanto...muito do que se está a fazer no ataque tem a ver com o que está na defesa. E a televisão mutila, não pode fazer isso. Portanto, só mais do que aquilo do jogar bem, só uma pretensão estética de equacionar o futebol lhe proporcionaria isso, portanto, não é a estética do objecto, não é a estética do sujeito, é uma estética fenomenológica que trata isto. Isto pode ser tratado assim, quase que poderíamos dizer que a ciência do belo é científica. Acho que sim!

Luísa: Essa...portanto, há aqui uma preocupação que o professor está a levantar que é estes dois diferentes futebolis que existem ou que são mostrados ou manifestados, das duas uma, ou estão a alterar o objecto, ou seja, modificam aquilo que é o futebol, ou não estão a mostrar futebol. Se estão a mostrar futebol e estão a modificá-lo, se calhar é mais difícil objectivar o belo do futebol...

PVF: ...não, difícil é, e cada vez mais. Mas repare, nós temos aqui...repare...de uma forma implícita é uma seriação do que é bonito e do que não é bonito. Jogo ontem, Belenenses 1- Académica 0, por acaso vi, sub escrevo por inteiro. Apenas um solo de violinho na noite do toca a bombar. Um jogo tecnicamente muito pobre, portanto, só é um fenómeno céptico se isto não existir, porque isto é condição *sine qua non* para que o colectivo funcione que é a disponibilidade, a capacidade extraordinária que o individual tem para poder proporcionar isso, eu e na relação entre os outros. Portanto, porque o futebol também é justo, o golo nasce no único lance bonito. Ora, tudo se vive...sei lá... repare que até o Carnaval agora é empacotado para vender, é um sambódromo, é...faz-se uma gaiola e mete-se lá e não sei quê.... No futebol está-se a passar o mesmo. Portanto, esta confrontação para não lhe chamar outra coisa, resulta de quê? Dos múltiplos interesses que estão envolvidos no fenómeno. Portanto, do meu ponto de vista, faz todo o sentido e é pelo lado, de facto, do belo, do bonito, do êxtase, do drama, da vertigem, da imprevisibilidade, do espanto. E isso só pode aparecer num determinado nível de relação entre as coisas em presença. Ora, um determinado nível de relação que se sustente como tal em termo de ordem para dar continuidade e que ao mesmo tempo proporcione isso, só pode ser um futebol bem jogado. Só pode ser...que é aquele que a maioria, pelo menos, das equipas de top conseguem manifestar. E portanto...agora, de facto, o desconhecimento...o desconhecimento do objecto, pode fixar o espectador e se é atizado para que isso se saliente, vai afixar naquilo que não é, passo quase a redundância, a essência da natureza da...é por essa razão que...ou seja, e o objecto...o objecto estético do meu ponto de vista e objecto do jogo, que é o jogar, que é

objecto do futebol, tem sofrido alterações significativas ao longo...às vezes quase no sentido de parecer que vai definhar com a exacerbação, por exemplo, do lado físico. Mas logo logo, surgiu, por exemplo, a Espanha a ganhar o campeonato mundial onde os gajos eram todos pequenos e jogavam futebol tricotado. E não pode haver centrais que não sejam grandalhões? Os dois da equipa que ganharam eram pequeninos. O guarda-redes tem que ser muito alto? Era o que foi considerado melhor do mundo e era pequenino; os gajos do meio campo, gajos com menos de 1.70m e não sei quê...e jogando! Portanto, ora, isto de algum modo exerce influência alguém, não se constituirá norma de uma vez por todas mas constituirá, como exerce um trabalho pegado pelo lado da estética, do belo, e que tem que ter, do meu ponto de vista, afinidade com....

Luísa: Indirectamente já estamos a falar nisto, mas qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade de um jogo que é essencialmente tático?

PVF: ...mas isto levanta, cá está, por exemplo, tático para mim é aquilo que é levado a acontecer ao longo do tempo, em função dos treinos e permite que, na generalidade das vezes que equipa se apresente, seja reconhecível por uma identidade, pela presença dominante de determinadas categorias ou...é um problema de organização, é um problema de presença das dinâmicas fundamentais ou não sei quê...portanto, o problema, normalmente não é assim que se interpreta a tática. A sua questão era?

Luísa: qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade de um jogo que é essencialmente tático?

PVF: Pronto. Deve ser a mesma, portanto...mas tendo em conta, tendo em conta que embora nós possamos dizer que há...

Luísa: ...desculpe interromper. O professor diz “deve ser a mesma” e a pergunta que eu lhe faço é: é possível não ser a mesma?

PVF: É. Exactamente a mesma, é! Porque, eu se eu lhe disse à bocado que a natureza, a unicidade ou humildade da natureza do subjectivo, mas subjectivo é individual, é um grupo determinado, pode ser dominante, mas contextualizado, que tem uma história, que tem...e portanto, pode não ser exactamente, exactamente sensibilizado pelas mesmas coisas do que eu...sobretudo de daí advém eficácia...portanto, é por isso que...agora, o que eu acho é que algumas das categorias, nesse não ser a mesma, são...têm que ser necessariamente as mesmas porque, embora o jogar bem, não seja uma coisa única, para se jogar bem, algumas das coisas que o jogar bem tem que ter...

Luísa: ...comuns...

PVF: são comuns. Portanto, algumas delas são. Se não há diversidade, há definhamento. E portanto a diversidade...agora, exemplos...

Luísa: ...desculpe...e o belo não será uma dessas características que têm que ser comuns a um jogar bem?

PVF: eu aí...eu não tenho nada essa tendência para o absoluto, quer dizer, porque eu acho que há o belo em termos de género, digamos assim, mas dentro desse, quer dizer, eu conheço loiras bonitas e acho que negras bonitas também...

Luísa: ...sim, mas isso é admitindo que há vários belos...

PVF: ...pronto...não...mas o belo tem é que ser suportado nalgumas destas categorias do jogar bem, não todas necessariamente, ou sobretudo na relação entre elas, pode diversificar-se um bocado. Agora, que a finalidade é esta...a finalidade da reflexão essa é objectiva, não é? Mas esta tem o seu quê de subjectivo. Agora, há a possibilidade de contaminar um grupo alargado e que se torna uma unidade, em função da natureza dessa subjectividade. E neste

sentido a tendência é para a finalidade do belo estar em sintonia com a finalidade do jogar...

Luísa: Qual a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno?

PVF: Essa é fundamental e, por exemplo, a gente vê no nosso clube. No nosso clube, nós temos essa preocupação e repare, a possibilidade de conseguir....

(Não foi possível gravar o resto da entrevista por causa de uma falha técnica relativamente ao gravador. Por este motivo, a entrevista repetiu-se dois dias mais tarde e é abaixo transcrita)

Luísa: Qual o contributo que uma abordagem estética do futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?

PVF: Se sempre foi necessária, eu acho que nos dias que correm é imprescindível. É cada vez mais, porque cada vez mais tudo foi tornado produto vendável, as coisas que querem vender não têm, exactamente os mesmos interesses que a lógica do futebol deve ter, e portanto esse esfacelamento, essa proliferação de significados que as coisas do futebol podem ter, interferem, do meu ponto de vista, com esse lado estético. E é esse lado que, do meu ponto de vista, como coisa presenciável, como coisa que agrada as pessoas, que é capaz de fazer perdurar o futebol e o bom futebol. Porque do meu ponto de vista, o lado estético está ligado ao jogar bem. Portanto, se a gente normalmente relaciona estético com beleza, com bonito, o jogar bonito é indispensável para a durabilidade do futebol e, este escavacção das coisas tem esfacelado algumas coisas do futebol e, às vezes até, não é que isso também seja totalmente prejudicial, mas até posso conseguir isso como uma primeira sintonização das pessoas com o futebol, como uma coisa de futebol e, afinal o futebol proporciona estas coisas, mas não é exactamente futebol aquilo que a gente vê nos reclames da nike ou não sei quê...o objecto

em relação ao qual...objecto no sentido do termo, de objectivável, caracterizável, de identificável, só pode ser o jogar. E neste caso, só há jogar se tiver gente, se tiver sujeitos presentes, não é? Porque o jogar faz-se de sujeitos em cooperação, em comunhão. E há um mercantilismo, há uma multiplicidade de interesses que se constituíram como quase, como verdades em si...o melhor jogador do mundo...não sei quê...! Por exemplo o jogo de ontem, Portugal Brasil ou Brasil Portugal é a prova disto que estou a dizer porque, toda a gente reconhece como representativos da criatividade, do belo, do bonito, de fazer coisas que ninguém faz...o Cristiano Ronaldo, o Deco por exemplo...e eles tentaram sempre por si evidenciar-se, não contando para a lógica do jogo ou contando negativamente. O Brasil tem os Robinhos, mas houve um contexto sempre presente no Brasil que não trouxe à tona do modo exclusivamente ou predominantemente marcante nos Robinhos, nem qualquer dos outros, fazendo que houvesse jogar e se traduzisse em 6 a 2. Ora, a esse mitificado, mistificando muitas das vezes a este lado analítico da gestualidade que tem alguma afinidade com o estético, porque o estético é uma forma...é qualquer coisa que tem de ser observável, que tem que ser visível mas, no caso do futebol, essa estética tem que ter uma coisa muito mais importante que não se vê...

Luísa: a interacção...?!

PVF: ... que é a interacção, e é uma interacção possuída por intenção e, neste caso, uma intenção colectiva, cooperante. Ora então, é o lado estético do futebol a ser contemplado com tanta....pode-se entrar por qualquer porta para estudar o futebol... o lado estético é um! E então...

Luísa: O problema é quando se fica por ali, não é? Não se vai mais longe....

PVF: Por ali ou não se é capaz de não ficar por ali, não se é capaz de ir mais longe e então, é do meu ponto de vista, o lado estético do jogo que se calhar, premeia a presença do jogar bem, do jogar com qualidade. Então teríamos de

ir para as boas equipas que fazem....O Brasil fez coisas ontem em jogo que me deleitaram, como disse no inicio antes de começarmos a gravar, que do mal o menos... eu estive até as três da manha, mas vi uma equipa a jogar bom futebol, e portanto há nesta lógica dos tempos que nasceu, se calhar, com o Descartes e continuou com o Newton, desta mecanização e desta estereotipação e nesta atomização das coisas, também tem esfrangalhado, de algum modo, o futebol e se.... E eu vejo esses concursos que, da outra vez até te tinha dado este exemplo, que tinha passado na aula na altura, que foi um concurso lá em Madrid onde está o Ronaldinho Gaúcho e mais dois indivíduos desconhecidos com jogadores top de Futebol e, tinham que criar sistematicamente coisas com a bola, individualmente com a bola. A certa altura o Ronaldinho esgotou e os outros é que ganharam, necessariamente. Mas isso é estética desse tipo de objecto, desse tipo de relação próxima minha com a bola que não é isso que é a expressão. Mesmo a relação de alguém com a bola, má ou boa, interfere numa acção no jogo, porque é uma interacção, porque em função disto ou daquilo os outros, as duas equipas ajustam-se e adaptam-se. E normalmente, o ajustamento, o entrosamento, o equilíbrio e a eficácia ou eficiência, está presente nessas equipas traduzindo-se em beleza!

Luísa: Então o Ronaldinho nesse jogo perdeu, porque esse jogo...

PVF: ... não é jogo...

Luísa: ... não reflecte a natureza....

PVF:...isso não é jogo. Exactamente! Um dos aspectos essenciais é, quer dizer, isto leva-nos para outra coisa: para a origem dos juízos estéticos, não é? E muitos dos juízos estéticos têm haver com um certo constrangimento, um certo modo de implantar as coisas ou como as coisas ficaram, que são aquilo que esse núcleo, esse grupo e os jogadores, até as vezes valorizam, portanto é um juízo de valor, mas que é da estética dessa configuração. É ai que eu falo sempre no jogar bem e esse, com um certo grau de diferenciação, com um

certo grau de diferenciação...que um dos males do século do meu ponto de vista é a indiferenciação dos reais, ou seja, a homogeneização das coisas...é tudo mais do mesmo. A natureza não é nada disso, o futebol também não é nada disso, nem deve ser, ou seja, a espécie só ganha com o significado que a biodiversidade tem. A tendência para definir é negativa, como o futebol. Mas esse grau de diversidade no futebol de qualidade tem presente, tem que ter presente, determinadas coisas em toda essa diversidade.

Luísa: Categorias comuns?!

PVF: Categorias comuns! Exactamente!

Luísa: O professor fala no jogar como um objecto, um objecto de estudo. Em que medida é que a linguagem filosófica ou a linguagem da estética pode contribuir para o aprofundar do conhecimento?

PVF: Acho que pode muito! Acho que pode muito! Por alguma razão também se chegou à conclusão que era preciso um corte paradigmático ou epistemológico por exemplo, para equacionar os sistemas vivos, no que eles são, e a teoria dos sistemas ou a cibernética ou outras coisas assim... pensaram-se muito mais, é o pensamento ecológico ou esta noção mais holística para ver as coisas. Ora, esta expressividade espantatória que o jogo nos proporciona e tendo em conta a complexidade de relação das categorias para se jogar bem, são pilares estéticos, pilares desse bem jogar estético, que o estudo da sua função, a linguagem a utilizar, pode interferir noutras linguagens, até na científica... a linguagem que é utilizada para ver isto distinto quando na realidade tem que haver uma alteração...

Luísa: Mas pode ajudar a entendê-la...

PVF: Ajudar a entender. Exactamente. É por essa razão que eu sempre me senti muito mais agradado a conversar com os treinadores top com quem

trabalhei do que a maioria dos meus colegas académicos. Porque a linguagem académica e científica tende para ser inócua, não tem suor, não tem lágrimas, não tem drama. E dito isso, tendo em conta a natureza do objecto em questão até é pornográfico. E os do futebol não são isso, usam até a metáfora para a gente os entender...

Luísa: Porque esses não estão alheios à realidade de vida....

PVF: Exactamente! Exactamente! Por exemplo, ler os textos do Valdano é uma inveja para mim, inveja no sentido positivo, porque é de uma riqueza estética a linguagem que ele utiliza, e verdadeiramente definidora ou equacionadora daquilo que é essencial no futebol. E o que é que ele faz? Porque é que eu julgo que é rica? Porque ele parte sempre de uma evidência empírica de qualquer coisa relacionada com o jogo. Ele reflecte sobre histórias que traz e isto para mim são eventuais pilares estéticos. A função que isto pode desenvolver ou proporcionar...de certeza que reconhece que a terminologia que às vezes se usa, mesmo pertencente científica, de sentido não tem nada, tem é de mutiladora. E portanto, nesse sentido, faz todo o sentido, do meu ponto de vista, é mesmo esse estudo...aliás, o trabalho do Professor Zé Guilherme de mestrado é um bocado nesse sentido. Ele faz o estudo do desenvolvimento do jogo e depois chega à conclusão que há duas vias fundamentais: uma que é a tático – física se quiser, a outra é a físico – tática. Portanto, a exacerbação do uso limitado de determinados conceitos...

Luísa: Objectualizado....

PVF: Exactamente! Exactamente! Definiu o futebol nesse caso...

Luísa: Boaventura Sousa Santos refere que todo o conhecimento científico deve tender a se tornar senso comum, o senso comum exacto...porque...

PVF: E neste caso ainda mais. Neste tipo de fenómeno ainda mais...

Luísa: Sendo a experiência estética uma experiência de natureza subjectiva, é possível concretizar no futebol, no seu entender, uma estética do jogo? Em que é que podemos concretizar? O que é que há no jogo que se pode concretizar como estético?

PVF: Portanto, o lado estético é o lado configuracional, é o lado exterior do fenómeno, é o lado visível e contagiante. E esse lado visível, essa possível forma presentificada na manifestação das equipas, evidencia momentos de êxtase, momentos de espanto e dá gozo usufruir. Inclusivamente, o meu filho viu o jogo comigo, ele tem duas licenciaturas, uma de psicologia, outra de fisioterapia mas, tem uma relação de amor – ódio com o futebol por força da minha paranóia do futebol. Mas em acontecimentos determinados ele dispõe-se a vê-las, é um ignorante funcional a ver a qualidade do jogo. Mas ele vibra, também vibra pelo lado afectivo, neste caso, nacional, mas o que é facto é que ele: “ Eii pai...isto, isto, aquilo...pelos brasileiros”. Ele até tem uma certa aversão ao Brasil, portanto, isto contamina, isto transgride. Este lado do, que eu chamo sublime, porque é criativo, porque é verdadeiramente identificador da presença de um fenómeno vivo, de um fenómeno que é auto organizado mas que se transcende, portanto, que tem criatividade. É evidente que, o contexto é fundamental, que é onde se alicerça essa possibilidade embora, nós depois observemos que são uns mais do que outros os protagonistas mais próximos, mais directos dessa exterioridade.... O gajo que marca o golo, porque para determinadas coisas, às vezes, é preciso ter.... por exemplo, o meu filho é incapaz de ver isto que eu chamo de imaginativo, de criativo na defesa, por exemplo, eu vejo: é o gajo que antes da coisa acontecer ele anteviu isto, se antecipou ao outro...e isto é muito difícil de detectar para quem não percebe o jogo. Mas também é o lado do visível, este nuanciar da forma, sem esfacelamento da forma, é uma coisa, do meu ponto de vista, deleitante e é estética. É morfológica, tem uma lógica da forma. Mas, o essencial está para além disto, está naquilo que não se vê, naquilo que não se observa, está na intenção que leva a efeito isto. E que tem que ser contemplada se ensinas. Se

calhar este lado mais global é mais dominante, digamos assim, já tem que ser contemplado nos escalões mais baixos, para que a transcendência se possa fazer e para que a partir daquilo que é a ideia de cada um, ou no fundo é o jogar de cada um, que está aquém do jogar bem, mas que num processo com tempo a gente aspira a concretizar. Portanto, vá permitindo, em função disso... Como é que eu hei-de dizer? ...a valorização que ele vai dando ao contexto ultrapassa isso, portanto, supera isso e eu passo a valorizar... e, neste sentido, a entender e a incorporar outro jogo. Isto é curioso porque, muitas das vezes, o mal que a gente contém nestas coisas é pensar que chega trilhando bocas, dizer e eles fazem. Às vezes eles até entendem, portanto, eu distingo dois conceitos: um conceito que para mim é um entendimento do jogo e há gente que entende isto mas, outra coisa, é a inteligência do jogo e essa é com o corpo todo. E portanto, essa está no à priori, para permitir um possível salto para o Damásio, está no à priori da sentimentalidade. Porque eu só valorizo o que tem sentimento, o que eu sinto.

Luísa: Voltando um bocado a trás ao conteúdo estético do jogo de futebol...por vezes há autores que fazem tender mais a experiência estética para o objecto, outros mais para o sujeito. O que é que há no jogo que permita a existência de uma experiência estética subjectiva mas comum a muita gente?

PVF: Eu acho que, neste caso particular, pôr o sujeito a ver um filme que passa que é o jogo, é negativo porque o jogo tem um sujeito implicado. Portanto é esse lado fenomenológico. E portanto há uma osmose, ou pretende-se que haja uma osmose entre o sujeito e o objecto. E o objecto constrói-se com a presença do sujeito e o sujeito constrói-se na presença do objecto. Mas, a prioridade está no sujeito, ou seja, em termos conceptuais se calhar é ao contrário, em termos didácticos até...porque primeiro está o objecto. O futebol existe independentemente da ideia de que dele se tem, portanto, eu pretendo.... Mas, as pessoas quando começam têm uma afinidade relativa com o futebol e é desse ponto que partem. Portanto, eles só valoram o que valoram. Só valoram o que valoram. Portanto, a prioridade está no sujeito. E é por essa

razão, que em determinados locais, se pode falar portanto, se calhar, de uma estética regional do futebol, porque as pessoas são...estes princípios à priori da sentimentalidade, são o resultado da vivenciação continuada de uma coisa que se valorizou, que pode estar aquém da coisa do jogar bem. E então, podemos ir ao encontro daquilo que seria a natureza subjectiva, mas subjectiva não tem a ver com individual, é um conjunto vasto que pensa as coisas de determinada maneira. Portanto o juízo estético em determinada configuração ou em determinado contexto é diverso do juízo estético noutra possível contexto, em relação ao mesmo “objecto”, entre aspas, se se quiser...

Luísa: Provavelmente houve uma relação entre objecto e sujeito diferente...

PVF: Daí que eu digo que o futebol não é uma coisa que nasceu agora, é uma coisa que tem história, foi assim passou a ser assado... Nós, por exemplo, ... as pessoas ligadas ao futebol não se esquecem de determinadas selecções, da selecção do Brasil...por acaso essa ganhou...mas, por exemplo, a Holanda, ninguém se esquece da Holanda e a Holanda não ganhou. Se calhar nem sabem quem é que ganhou o mundial nessa altura. E através de quê? Do lado estético, do lado expressivo. E esse lado expressivo revela uma coisa fundamental, é a eficiência de manifestação de determinadas categorias. Porque não há lado expressivo que nos potencie se não tiver as categorias do ataque, da organização a funcionar. Mas isso é eficiência. A eficácia está para além disso, porque é um fenómeno que tem a ver com campeonatos, com torneios, com pontos, não sei quê...e a eficácia traduz-se em resultado, mas se se relativiza, o facto de a eficácia não ser no imediato, não quer dizer que não seja no mediato, fazendo-se um campeonato porque ganha-se a regularidade.

Luísa: Sim, se a Holanda chegou à final é porque ganhou...

PVF: Ela não ganhou, mas chegou à final...

Luísa: Se chegou à final é porque ganhou noutros jogos...

PVF: ...noutros jogos! Exactamente! Mas, esse lado é muito importante porque, do meu ponto de vista, reforça a minha ideia inicial. É absolutamente indispensável mergulhar numa preocupação estética do futebol, tendo como preocupação também, ter a mínima caracterização possível do que é jogar bem. E isso tem que ir às boas equipas, às equipas que estão à frente nos campeonatos...e todas elas... ver o Barcelona agora, ver o Arsenal, por exemplo.... O caso da circulação de bola que é para mim o jogo do posicional. Por exemplo, o Freitas Lobo fez um artigo ontem que eu, por acaso, como passei hoje um filme na aula, não tive tempo de tirar cópia, que é um artigo muito interessante. E é, isto agora só aqui para nós, é resultante da semana termos a semana passada almoçado juntos aqui: eu, ele, o Zé Guilherme e a Marisa. Estivemos a discutir, e se o ler vai ver até porque é, porque...e então o que é...diz-se: “o sistema é importante mas o que é importante é a dinâmica do sistema.” Mas mais importante que a dinâmica do sistema, para a dinâmica do sistema ou a dinâmica das equipas ser de qualidade, é o jogo posicional. Porque eu só posso pôr uma dinâmica complexa e dinamizada se tiver a garantia de saber que ali, acolá ou além há possibilidade da dinâmica, da dinâmica do apoio para...e também tem que, necessariamente, ser muito relevante e muito importante que a passagem de um ponto para o outro do posicional, para a dinâmica crescer ou se qualificar, ser através do passe. Portanto, a circulação de bola, embora se faça de múltiplas maneiras, ela é uma necessidade para o jogar bem mas, dentro do jogar bem, ela também pode ser hierarquizada. Porque se não privilegiar o jogo posicional, muito provavelmente....

Luísa: O Tiago Moreira, na entrevista que tivemos, dizia que é impossível jogar bem sem se ter a bola, e quando se refere a isto, não se refere apenas ao lado material de se ter a bola, mas ao tipo de comportamentos que se tem quando não se tem a bola, mas se quer a bola e isso é uma maneira de ter a bola...

PVF: Por isso é que eu lhe dizia á bocado, que muitas das vezes, o perigo da pretensão... de captar o lado estético pode, mesmo que esteja para além da expressividade gestual, e portanto, tenha mais a ver com a harmonia da relação, acho que esse lado que você referiu é determinante porque eu posso estar a defender mas o que se está a passar na cabeça das pessoas é muito importante para depois estar a atacar. E isso não se vê, isto é do lado das intenções ou é do lado da interacção se quiser, e isso...

Luísa: Assim como eu posso não concretizar golo no imediato, mas os comportamentos que tenho pelo menos com alguma frequência...

PVF: ...criam situações... essa é a relação que estabeleço entre eficiência e eficácia. A eficiência é a constatação de uma regularidade de acontecimento, neste caso, global da equipa...é evidente que isso faz-se para...mas a própria natureza do fenómeno não permite que eu deixe, de o facto de estar a presenciar uma percentagem significativa de eficiência no que estou a fazer, a eficácia em termos de golo é linear, é tanta eficácia quanto eficiência. Não é nada, não é nada disso.

Luísa: Qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade do jogo de futebol?

PVF: Tem que ser a mesma, deve ser a mesma, agora depende de que estética, de que finalidade estética, que finalidade de jogo. Por isso é que é muito importante a concepção de jogo, porque a concepção de jogo é que... promove a propensão ao contexto para um certo tipo de finalidade, portanto, um certo tipo de eficácia e de eficiência, e essa é exprimível por uma forma manifestamente presente que tem a ver com articulação entre formas segmentares, entre não sei quê... e que tem pelo menos uma geometria visível, detectável e com acordes das coisas que são o resultado disso, e portanto eu diria que é tanta maior a beleza, o estético, quanto mais qualitativo é a qualidade de jogo.

Luísa: Então porque é que se ouve tanto em jogos, principalmente importantes, até jogadores dizerem que neste jogo o que interessa é ganhar e jogar para ganhar e não jogar bonito...

PVF: ... É por isso que eu lhe dizia no início que, é se calhar ainda mais imprescindível agora, o trabalho a partir do estético para fazer uma espécie de lavagem contextual e de pôr as coisas no seu sítio porque a quantidade de disparates de coisas que...repare...você ouve frequentemente na televisão os comentadores e até treinadores e até jogadores a comentar, dizerem isto: ... o jogo está a decorrer e eles dizem assim: “ O jogo está morno ou está lento porque as equipas ainda se estão a estudar. “... Estão a estudar o quê carago? Estão a estudar o morno quando eu quero saber coisas sobre o ferver? E isto é uma constante. Portanto, um verdadeiro estudo é o estudo da dinâmica. Ora, a dinâmica não está lá, está em banho-maria. Ora, eu preocupado com o objecto de estudo que deve ser o jogar e tendo ele presente as categorias que são identificadoras disso e essas promovem uma certa diversidade de categorias inter conectadas e graus de liberdade imensos em relação a cada uma das sub dimensões.

Luísa: A propósito disso...o belo é um conceito abrangente, não é? Há muitos belos, assim como o jogar bem é um conceito abrangente, há muitas maneiras de jogar bem...

PVF: Não há tantas... Não, eu aí já não estou totalmente de acordo...

Luísa: Sim, mas como é que podemos objectivar isto?

PVF: Por isso eu lhe dizia que é absolutamente indispensável fazer o trabalho estético apoiado na identificação de aquilo que seria o núcleo duro das categorias do jogar bem. E essas não promovem assim uma diversidade tão grande do jogar bem. Agora, o pormenor de cada uma dessas coisas, dessas

categorias, dessas trave mestre, desses pilares do jogar bem é que é....por exemplo, há momentos em que o jogar bem é fundamental que traga com regularidade á área adversária a maioria, o maior numero possível de jogadores. Mas não traz dez... há equipas que às vezes trazem oito e não se desagregam, mas às vezes o facto de trazerem oito, também é aproveitado pelas outras, mas só que elas não perdem essa relação, essa lógica e a maioria das vezes ganham. Portanto, o jogar bem... eu acho é que pode haver.... Se a riqueza do jogo não for grande, aquilo que se valora, aquilo ao que eu sou sensível, não sou grandemente sensível ao que desconheço mas, eu acho que isso tem uma estética. É, se calhar, entre o mais belo e o menos belo?! ...talvez...mas a partir de quê? De um supra belo?! Isso também é belo?! Pode ser...mas esse tem que ser contextualizado e o contexto só pode ser através do que é o futebol. E nesse sentido eu não posso descurar a relação: jogar bem, eficiência, ou jogar bem, eficácia. E esta possibilidade permite-me um conjunto de categorias que são identificadoras... depois aqueles gajos que têm mais ou menos...

Luísa: Se eu estou a perceber o que o Professor está a dizer, é possível identificar um conjunto de categorias estéticas, se quisermos, comuns a um jogar bem?

PVF: Sim! É isso! O facto de esta forma de jogar não ser exactamente igual àquela não quer dizer que não seja o jogar bem. E é jogar bem porquê? Porque alia a presença de um conjunto significativo de categorias, ambas têm e ambas ganham com alguma regularidade. Portanto, a natureza do fenómeno e a natureza da realidade...porque senão o jogo é sempre uma aposta, a competição é sempre uma aposta porque o simples facto de eu: vou jogar bem, vão os outros jogar bem, não vai permitir que ganhem os dois....

Luísa: Portanto, o lado estético do jogo tem muito a ver com essa incerteza...

PVF: ...incerteza...

Luísa: ... com esse resultado...A estética do futebol manifesta-se no jogo como um todo de natureza essencialmente tática ou esgota-se na forma dos seus gestos?

PVF: Não, eu acho que em função do que lhe disse, ela tem que ser analisada em função da globalidade, do jogo. Agora, o jogo tem vários níveis de organização, as equipas têm vários níveis de organização e portanto, aquelas ramificações estéticas têm que acontecer para que o macro, que é o padrão identificador, se realize. E portanto, esse macro resulta da presença de contextos micro e do respeito pelos graus de liberdade possíveis que cada micro contexto me permite e que, ao concretizá-los, me permitem transcendência, criatividade, não à revelia....

Luísa: Portanto, é uma transcendência do contexto micro para o macro...

PVF: ...macro. Exactamente! E, se calhar, do macro para o micro também.

Luísa: Qual a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno?

PVF: Acho que é toda. E no panorama em que estamos é cada vez mais, porque o jogo está cada vez mais distante das pessoas e dos putos ainda mais. Portanto, para além disso, há todo um mercado de valoração de pedaços do jogo, que não são o jogo, que têm o condão também de levar as pessoas a gostar de qualquer coisa que pertence ao futebol, mas não é exactamente isso. Agora, o que isso leva é que o jogo na cabeça dessas pessoas seja isso e, do jogo, jogo não tem nada. Portanto, é absolutamente indispensável que esta multiplicidade de configuração esteja presente desde cedo no sentido de aproximar as pessoas ao jogo. Portanto, esse manancial ou essa diversidade da expressividade são conteúdos estéticos que, ao serem identificados promovem emulação, promovem possibilidade de imitação, promovem

crescimento na identificação com o jogo e transcendência das pessoas e isso é...

Luísa: O professor não fala só de uma necessidade de formação estética dos jogadores, pelo que eu estou a perceber, está a falar de uma necessidade de formação estética das pessoas todas...

PVF: Sim, porque as pessoas são um empecilho, porque nós não temos nenhum laboratório, nem existe e ainda bem, onde possamos levar a efeito sem a contaminação do envolvimento. E os putos não deixam ser putos, não deixam de ter pais, não deixam de ter amigos, que funcionam, normalmente, no comprimento de onda contrário e se a gente não os apanha cedo, porque cedo o terreno está lavrado para tudo. E o processo cedo faz-se por selectividade. Portanto, é facílmo pôr as crianças a falar seja que língua for. É pô-las a ouvir. Depois, o processo tarde é que é o caraças. É por isso que as pessoas têm sotaques e não saem por nada. Agora cedo é fácil, futebol é a mesma coisa. Cedo é fácil. Difícil é apanhar juvenis ou juniores ou seniores que têm...às vezes não é difícil eles aprenderem: “ Sim senhora, olha de facto é!” Mas: “ Não é para nós que a gente não...”! Primeiro passo: é aqui, mas o corpo não é! É, por exemplo, eles verificarem: “é ou não é?” Ver os putos....”Afinal é possível”...Isso já é, isso já é... Agora, os putos é mais fácil, parece um paradoxo mas é mais fácil. Portanto, este para mim é o lado da qualidade do jogo. É por isso que eu me debato muito no jogar bem, porque acho que o jogar bem está brutalmente contaminado por coisas que são estupidez. Como essa que você evidenciou que se ouve frequentemente: “Ah, vamos jogar é para os pontos ou para o resultado, não é jogar bonito!” Não! É absolutamente indispensável jogar bem! Agora, jogar bem não é: “ Ora vamos jogar bem!”..., então toda a gente era boa treinadora, dizia e fazia. Não tem nada disso. Isso precisa de muito tempo, precisa-se, cada vez mais entender, saber o que é isso do jogar bem e esse jogar bem é estético, é bonito e como é jogado, ... esse dinâmico leva a várias vertigens, leva à gente estar condicionada por uma sequencialidade e sai outra coisa e a gente salta e não sei quê.... Mas... a

aquisição dessa possibilidade implica que saibamos o que é o indivíduo que nem toda a gente sabe. Portanto, do meu ponto de vista, quando Kant dizia que: “ que o estudo da estética transcendental, que estava na detecção de todos os princípios à priori do sentimento”. O que é isto senão o que o Damásio nos diz: “ Eu sou subconsciente porque tenho uma habituação determinada”. Então, o que é preciso é uma determinada habituação e não uma qualquer. Porque depois as coisas marcam, lá está, os marcadores somáticos. Primeiro, eu entro assim desenfreadamente porque sou contaminado porque é a emoção, é o mover-me para, mas depois nem sempre isso é favorável, então, há que calibrar as coisas e é eu sentir que as coisas me convêm de determinado modo. Independentemente disso, o papel relevante está no subconsciente, eu até gosto mais de chamar não consciente porque é esse sentir que me leva...

Luísa: Eu estou a perceber aqui no que o Professor está a dizer, se estou a perceber, é que há aqui uma relação dialéctica ou inter cambiável entre, por um lado o jogo que nós vemos faz-nos formar a ideia...

PVF: ...mas você, desculpe, não se esqueça do que ia a dizer... você tinha-me posto a questão tendo em conta o sujeito ou o objecto. O objecto em si não tem particularidades intrínsecas, só tem porque eu as valorizo. E você valoriza-as de modo diferente de mim. Sim senhora, o primado está no sujeito, não me custa absolutamente nada mas, eu não posso concretizar uma transformação no sujeito que está...que aquilo que ele valoriza está aquém do valorizável se, o que tem que ser valorizável não for capaz de ter mais do que isso. Portanto, também está no objecto. Daí eu dizer que é absolutamente imprescindível...o futebol...mas que é isso do futebol?...o jogar bem não existe...existe ou não existe? E esse jogar bem é aquele que é menos mono córdico, aquele que a harmonia das coisas é mais visível, tem uma articulação...e que está dependente da afinidade sentimental, emotiva que foi levada a efeito para que o significado das coisas, quando acontecem, fosse mais ou menos do mesmo modo para toda a gente. Ora, isso não se vê. Mas do lado de fora, quando a

gente tem presente a continuidade disto e é o tal lado estético, é portador necessariamente dessa realidade e que... Agora, está a ver?! Tudo o resto, a televisão joga um papel negativíssimo nisso porque inclusivamente, até tínhamos falado nisso da outra vez que não gravou, que conscientemente, deliberadamente ou não, o que se tenta exponenciar é um certo tipo de acontecimento no jogo...você vê...eles classificam o golo mais bonito...raramente eles consideram o golo mais bonito, aquele golo no qual a intervenção foi variada e procurou aqui e além. Não é, não é isso. Portanto, por outro lado, a exacerbação da imagem é o que conta, a saciação do espectador em relação ao fenómeno é...a passividade inclusivamente é... Ora, tudo isto promove um outro tipo de produto, distancia o espectador e as pessoas do processo e gera, inclusivamente, uma contradição, uma coisa paradoxal que é, as pessoas piram-se do estádio, não vão, os jogos são feitos quase sem gente, mas as audiências nas televisões transmitindo jogos ao domingo, à segunda, à terça, à quarta, à quinta, à sexta, ao sábado, ao domingo, não há nada que dê mais audiência. É, do meu ponto de vista um conspurcar da... e há que, repare, ...aos intervalos aparecem as girls e não sei quê... tudo isto é a lógica dos tempos, não é? Portanto, permita-me dizer isto, qualificar a estética é uma necessidade e a qualificação da estética só se faz em relação à qualificação, passo a redundância, da qualidade do jogo.

Luísa: ...a esse respeito...

PVF: Porque a natureza do objecto estético é a natureza do objecto do jogo. O juízo estético é que é levado a efeito em função do não conveniente entendimento que as duas finalidades... têm que ser a mesma, independentemente, de a estética se agarrar mais pelo lado de fora, e o jogo agarra-se pelo lado de fora, mas agarra-se sobretudo pelo lado dentro porque nenhum treinador admite que para pôr uma equipa a jogar bem, não tenha que demorar muito tempo e depois entrar pelas unhas dos pés e não sei quê...

Luísa: Portanto para se fazer, no seu entender, para se fazer um juízo estético do jogo de futebol tem que se compreender em primeiro lugar a sua natureza...

PVF: É, eu acho que.... Eu já li coisas de gente muito inteligente que eu conheço, que eu tenho uma estima e uma consideração grande, entendedores de uma multiplicidade de coisas, não sei quê... mas, porque não entendem o futebol ou entendem à semelhança daquele individuo que o futebol para ele é pontapé para a frente, não é? Ou o futebol não tem nada de colectivo...e é... o futebol é um desporto colectivo. Portanto, as categorias mais importantes, os conceitos mais importantes são referenciais colectivos. E portanto, tudo o que seja expressão da existência disso, e expressão com espanto, com encanto, com beleza, é estético.

Luísa: Voltando à questão da formação estética dos jogadores. O professor à bocado estava a falar de uma relação dialéctica, se percebi, entre o jogo que nós vemos....portanto, o jogo que nós vemos constrói a ideia que nós temos do jogo, ou pelo menos, exerce influência na ideia que nós temos do jogo e por outro lado, a ideia que nós temos do jogo constrói, vai construindo ou modificando o próprio jogo, isto é,..e referimo-nos também à questão da televisão, o facto das imagens do jogo que estão acessíveis...

PVF: Mas isso é bom, sabe? Porque... às vezes, diz-se que a característica dos sistemas vivos é a auto organização, eu acho que não é. Acho que é, mas sobretudo a grande característica dos sistemas vivos é uma particularidade da auto organização que é a criatividade, é a não perda de uma identidade, mas a possibilidade de uma adaptação com ganho da adaptabilidade que senão, se não for assim, não havia a espécie humana. Foi através de uma emergência qualquer que a gente passou de um estádio para o outro. Ora, essa transcendência resulta de uma necessidade do contexto do qual o jogo não pode sair, que é o jogo, tem oposição e.... Agora, essa transcendência faz tanto melhor, sustentada numa auto organização, portanto, numa ordem que é esse lado táctico, matricial, digamos assim... o Valdano é que costumava dizer

assim: “ Não há criatividade sem ordem”! Agora, não é a ordem dos cemitérios. Aliás, eles não têm criatividade nenhuma. Estão lá deitados e não se levantam. Agora, esta ideia de jogo exponencia-se... não uma ideia da configuração, por isso eu falar em jogar bem, independentemente de poder alterar mais uma premissa ou uma categoria, o fundamental está no padrão de conexão dessas, que são identificadoras, mas a filigrama, a nuanciação disso é nunca mais acabar. E portanto, isso resulta da dialéctica, como você chamou, da ideia com a operacionalização da ideia e as consequências da operacionalização da própria ideia.

Luísa: Em que é que se pode concretizar no treino a formação estética dos jogadores? Que contexto é que nós podemos criar para isso?

PVF: Através do reconhecimento...

Luísa: ...desculpe interromper, o Professor na outra entrevista dizia que é mais difícil encontrar talentos de treinadores do que talentos de jogadores...

PVF:...de jogadores. E repito, se disse isso ,repito.

Luísa: eu acho que isto tem haver com isto, não é? Com esta questão...

PVF: Tem. A Marisa dizia-me noutra dia assim: que uma das coisas que ela modificou radicalmente foi que as preocupações de falar são cada vez menores e, inclusivamente, ela dizia uma coisa muito engraçada que é...mesmo sentiu que, mais importante era a criação do contexto sem lhes colocar o objectivo porque, eles estão aquém da possibilidade do objectivo, a primeira reacção deles é mostrar, crentes em lá chegar. Portanto, isso só se dá quando a dificuldade se lhe coloca e eles resolvem. Mas ainda por outra razão que é, porque não são só eles, são os pais e depois é ela que é mulher e portanto se ela lhes der o objectivo, eles: “Ai é para irmos jogar melhor?”...”Ui...então jogamos... Estás maluco? Vocês não conseguem...”. Portanto, o processo é

isto. O processo é...isto tem haver com a ideia de modelo de jogo... Quando o Mourinho dizia “o modelo é tudo”, para te explicar o modelo, o modelo até é aquilo que a gente pensa que não existia e que entretanto a gente detecta e que nos leva a reequacionar. É por isso que eu chamei da primeira vez “periodização tática” mas depois dei-lhe vários nomes para ajudar as pessoas a entender...que o importante é o aqui e agora. Mas, nem sequer...como é que eu dizia?...a pragmática da fraccionação, mas depois pragmática é a gramática do jogo, dá ideia que é uma coisa já feita, é um catálogo, é um álbum. Não! E depois praxiológico que é a lógica da prática, a lógica é que eu tenho que agarrar. E a lógica contém isto. É o estar desperto...portanto...a Marisa tem dado um salto do caraças porque ela...já faz parte dela agora. Ela preparou o treino e depois reflecte sobre o treino redigindo um coiso e ela está constantemente a dialogar o lado das palavras da operacionalização. Portanto, os problemas estão sempre ali todos em mãos. E o treino é isso. Aliás, eu às vezes procuro funcionar assim nas aulas inclusivamente. Eu venho falar sobre isto e, em casa, não sou capaz...no dia anterior tenho que estar...ora bem, deixa tocar nisto para articular e o caraças.... Pronto, é isto. Mas às vezes saio de casa e vou à papelaria onde compro os jornais e folheio:”Epá...vem a propósito”.., mas o simples facto de encaixar isso vai alterar totalmente...e as pessoas têm muita dificuldade em aprender, quer dizer, você põe o cinzento, stop! Pára o cinzento, depois fica o preto e branco... Mas não é a mesma coisa. E então, este lado de agarrar o padrão de conexões indispensável, garante o domínio sobre a lógica. Depois a singularidade, essa...essa...vamos ver, não é?

Luísa: E ao nível da intervenção do treinador com os miúdos? Em que é que podemos...o que é que há de importante?

PVF: A grande capacidade que eu acho que os treinadores têm que ter é levar os miúdos a ir para onde querem através da capacidade que têm de colocarem dificuldades, eles sentirem a necessidade do truque. Habitualmente a tendência deles é fazerem o que sabem fazer. Mas o que sabem fazer pode

estar facilitado pelas condições de facilitação adversária. Mas não faz sentido nenhum você dizer que eles não façam, só criando uma contrariedade... Imagine que o gajo é bom no 1 contra 1 e ele faz..., mas você acha que ele empecilha, emperra-lhe o jogo, então sugere que em vez se um gajo só, tenha dois ou tenha três. E ele começa a dar conta da dificuldade. Isso é muito difícil. Isso é que é mais difícil.

Luísa: Isso é a criação de um contexto de superação...

PVF: É sempre, sempre, sempre, sempre...e não há nada que seja mais estimulante do que o sentimento de fazer qualquer coisa que não tinha feito até aqui. E isso é o contrário do tipo de intervenção que a gente vê. Portanto, essa capacidade, eu costumava dizer que as pessoas até deviam entender o exercício, ... tem, quando muito, informação potencial, porque tem uma configuração, tem um certo constrangimento e, em principio e tal.... Mas depois aquilo que efectivamente vai acontecer resulta da dinâmica, muitas das vezes, a dinâmica é facilitada pelos próprios intervenientes, outras vezes é dificultada pelos próprios intervenientes. E eu, costumava chamar, utilizando uma terminologia da cibernética, portanto que há relações em constância e relações em tendência. A constância é o termostático. Mas agora, antes de mais, tenho que alterar o termostático. Neste momento observa o mecanismo... e no caso do futebol é cérebro mecanismo. Este controle exterior ao sistema regulado é do treinador. Sou eu que tenho que intervir, mas nos timings, não posso deixar passar. Portanto, isto é aquilo que eu costumava dizer: a redacção é o que eu ponho e eles têm que ter alguma identificação com a redacção, mas o texto são eles que fazem, senão é um ditado. E a lógica é...é muito mais difícil...

Luísa: E qual é o papel do treinador em proporcionar contextos de imitação e até de criação...de expressão?

PVF: É muito! Eu costumo até dizer assim: a grande virtude que o futebol de rua tinha...tinha porque quase não existe...era por um lado: jogo. Estão onze é

seis para aqui é cinco para acolá, depois em condições diversas como ó tudo, não tem balizas, tem pedras, um campo é a subir serve, de vez em quando passa carro e a gente para... tem isso tudo... nenhum jogo se repete, nem eles... está seis zero, muda, vamos formar novas equipas. Mas tem outra coisa para mim tão importante quanto isso, é que não tinha o adulto. Tinha quanto muito, o mais velho, os gajos que faziam as coisas e...

Luísa: ...serviam de modelo...

PVF:...que serviam de modelos. Na altura tinham mais, a possibilidade de os putos verem os jogos que agora cada vez menos têm. Portanto, o papel que o treinador tem que ter e por isso tem que se ter talento, é perceber isto e o que é que pode acrescentar sem adulterar, sem formatar. E isso é muito difícil. Por exemplo, nós estamos a levar, como você sabe, permanentemente torneios internos lá dentro, até porque é para nivelar as coisas, que é para tornar a possibilidade de aparecer dificuldade e as pessoas se superarem. E, os mais novos, portanto... cada equipa é entregue a um treinador...o que é que faz? E a primeira regra logo foi...até porque é um torneio interno, mas nos outros também devia ser, o treinador não fala, só pode falar no intervalo e a dificuldade... não se conseguiu. O Hélder estava sempre a falar, o Baptista também fala, o Nuninho também fala, só conseguia não falar o Tiago na primeira vez. Primeira reunião... também pode-se falar e até a intervenção é importante...se eu perder sou posto em causa. Não, tenho que ganhar. Isto também, até pode nem ser consciente, mas isso...pronto... e a gente tem que pesar estas coisas todas. Portanto, quais foram os mais fáceis de induzir a não falarem? A Mara e o Tiago. E a Mara e o Tiago não falando sendo já a terceira e quarta vez, não escalando o Hélder que era pior, o Baptista e o Nuninho já falaram menos. Neste último torneio, os mais novos, os jogos todos foram feitos, praticamente nem falou. Mas agora, o mais curioso de isto tudo, é que nos primeiros jogos quando o Nero não falava, eles estavam à espera que os treinadores falassem, para decidirem eles...o que é que isto tem de tomada de decisão autónoma? Não tem nada, é pela habituação. Nos últimos jogos e

então no final eles próprios antes do jogo: “Olha, tu vais jogar à esquerda, não é?”. Eles próprios e tal...e não sei quê...eles a falarem e tal! Então o papel do treinador é estar atento e ajudar. Epá... o gajo está ali a esgravatar não consegue, ele vai a cair deixa-lhe pôr a mão e tal...e sobe. Isso é muito difícil, é preciso saber, como lhe digo, do jogo e dos putos... e não é fácil, não é? E há uma série de.... eu costumo dizer assim, neste momento nem a psicologia do desenvolvimento é uma psicologia das etapas, no entanto, ...como o treino. O treino é o geral e tal...isto é tudo treta. Não é nada assim, não é nada assim, ou pode não ser nada assim. E mesmo as pessoas a dizerem: “Não, este puto é de cinco anos é muito melhor que os de oito”. Então porque é que ele vai para os cinco e não vai para a beira dos oito ou para a beira dos nove? Mas há uma infinidade destas coisas. E há, eu, no texto que eu escrevi em 85 digo: é necessário cartografar ou caracterizar os bloqueios intrínsecos, os bloqueios psicológicos intrínsecos a cada modalidade. Mas não são psicológicos, são culturais. E são essas coisas... na minha aldeia, eu com 20 anos, 17 anos, ia passar férias para lá e via muitos outros indivíduos que também iam passar férias para lá, os outros de lá que estudavam em Coimbra ou não sei quê...então, a gente jogava muito à bola. E o facto de jogar e essas coisas, a gente tentava jogar de outra maneira. A assistência:” Para trás mijá a burra” e eles só batiam alto porque o Futebol deles era esse. Quer dizer, recentemente se houver um jogo lá as pessoas, mesmo essas, já aceitam. Agora, isso é um processo muito longo e com a contrariedade.... Porque há o imiscuir de interesses no fenómeno do Futebol, porque o Futebol constitui-se como uma indústria, um comércio e um negócio. E muita da gente que manda, que entra e é protagonista e tem peso e tem poder, os interesses não são esses. O interesse dos empresários é a orientação da carreira dos jogadores. E para eles o que faz sentido é fazer girar o mais possível os jogadores e até há leis que... abrem os mercados agora em Dezembro e o caraças.... Isso é contrário a toda a sustentabilidade da presença da tal matriz, do tal entrosamento, a tal presença das categorias...

Luísa: Exige tempo, exige frequência, constância...

PVF:..Pois! E continuidade...

Luísa: ...continuidade...

PVF: Porque o simples facto de... até em casa nós sentamo-nos quase sempre no mesmo sítio. Você vai a um sítio qualquer e vai dormir... eh pa... nota a cama...Tudo isso. Agora, isso está muito para lá do racional. Muito do que se faz em jogo e, muitas coisas são aprendidas tão cedinho... tão cedinho que... a gente pensa que já nasce a andar e se não andasse, que andava. Não é. Por isso é que eu refiro várias vezes o livro do Lucien Malson: “ as crianças selvagens”. Portanto, o envolvimento é uma condição fundamental. Mas, é perfeitamente natural...hoje a minha aldeia está assim um bocado conspurcada, mas o contexto é “degradante”, entre aspas, porque é perfeitamente natural... a panela ao lume, quer dizer, o lado estético não têm, aquilo só tem....quer dizer, as pessoas não têm necessidade para o que desconhecem, não é? E portanto.... Agora tem a estética...não vejo ninguém a pôr a panela a assar de pernas para o ar ou não sei quê.... Tem essa configuração, mas a limitação, o atrofiamento...e foi isso que se passou no Futebol porque os media privilegiam uma coisa, a ordem e a ordem... o Boavista quando ganhou o campeonato era pontapé para a frente, o Boavista ganhou o campeonato fazendo por média, os jogos tinham 40 e tal, 50 faltas. A UEFA diz que qualquer jogo que tenha mais que 25 faltas é uma batalha campal e dizia-se, nessa altura, que o Boavista era menos penalizado porque tinha influência sobre as análises..., não era para 50, era para aí 70. E como é que era? Não deixavam jogar, vai e pontapé para a frente e muita gente: “Pois, assim é que se ganha e não sei quê”. Felizmente, lá ao fundo aparecem aqueles gajos e tal e depois aparece o outro Futebol na semelhança...nas espécies era a mesma coisa, no secundário esta vida estava para os Dinossauros, não é? Quem viesse, eu dou muitas vezes este exemplo, quem viesse lá de outra galáxia qualquer no secundário ficava: “Eiiii”, quem domina os dinossauros: “Ah, isto nunca vai ser outra coisa”, e como é que a evolução

se fez? Fez-se pelos que tinham que se esconder dos dinossauros, há noite piravam-se e depois foi por aí...e os dinossauros acabaram por desacatar e não sei quê...! Portanto, por isso eu lhe falava na unidade da natureza subjectiva. O sentimento do Futebol, isto agora, pois também, tínhamos que confrontar isto com a globalização, mas é um produto mais empacotado. Não é por acaso que os jogos, às vezes, são transmitidos á hora que são, que é para serem vendidos na Ásia e tal...! Um jogo às onze horas na Grã Bretanha, porque quê? Para vender na Ásia e não sei quê...! Portanto, este lado regional é, então em termos do treino, é muito importante, porque tem haver com o modelo de jogo, porque as pessoas... Quando o Mourinho chegou a Inglaterra, a primeira preocupação dele, era levar os centrais a tomar consciência que para a forma como ele queria que jogassem, o que eles faziam habitualmente era altamente pernicioso, que era, agarrar na bola e ele não queria lançamento da fisga nem lançamento do dardo com a bola. Portanto, mas há uma natureza, digamos assim, subjectiva, mas não é individual, é colectiva, é subjectiva, mais ou menos objectivável mas, que está aquém digamos assim. Agora, o Futebol Inglês era caracterizável pelo abre e cruza e não sei quê, tipicamente Inglês e começou a modificar-se. Em função de quê? Em função de treinadores estrangeiros, de jogadores estrangeiros... No entanto, apesar de a gente dizer que essa contaminação se exerceu mais e é mais verificável nas equipas Manchester, Chelsea... que são as que jogam melhor, até se diz que são mais latinas a jogar, muita da outra gente ainda joga da maneira, e o peso, se calhar, o peso cultural, a sentimentalidade, a adesão a isso é ainda muita... Por outro lado, eu tenho uma história engraçada, estava na Boavista e fomos jogar para a UEFA a Glasgow, jogamos com o Glasgow Rangers, até fizemos de papel de saloios lá na altura... Já agora conto primeiro, porque estava um frio danado, uma coisa insuportável e nós tivemos que fazer o aquecimento, então reparamos que os bancos dos treinadores eram aqueles bancos de jardim, de tiras com intervalo no meio, de pau mesmo... e então quando a gente acabou o aquecimento foi e nós, os destreiners, “Aquilo é um frio do caraças, vamos levar umas mantas” e nós viemos com as mantas e portanto, passado cinco minutos eram um calor insuportável, os bancos eram aquecidos, estás a ver? A

cara não dizia com a careta. Portanto, uma coisa é a forma, outra coisa é o conteúdo. A relação da forma com o conteúdo, podia ser assim desde que estivesse aquecido, resolvia o problema, portanto, não tinha estética, não sei...Ora bem, mas, o que é que eu lhe queria contar? Nós jogamos com o Glasgow Rangers, aquilo estava cheio, no estádio estavam cento e tal mil pessoas mas, só para aí catorze é que eram do Boavista, o resto era tudo deles. Eu fui lá pelo Boavista. E logo nos começos, portanto, ainda 0-0, num contra ataque, eles caíram naquele jogo meio cavalgado e a gente caçou a bola, um ponta de lança que tínhamos que corria muito, o Coelho e ele, à entrada da área, um tiraço do caraças e ela quase que entrou, passou mesmo aqui assim... e eu fiquei balançado...todo o estádio...porque a jogada foi bonita, empolgante...cá está, isto tem a ver com a estética também, se calhar, deles. E apesar de ser adversário, 0-0, e todo o estádio:"AAAAA", aplaudiu e vibrou. Aqui isso não é possível isso. Isso pode ser possível para um gajo isoladamente mas, a cultura deles é outra perante o fenómeno. Portanto, ver as coisas...é por isso que à bocado caricaturei, entre aspas, o Kant na pretensão de uma estética transcendental, o à priori do sentimento...Hoje sabemos que a afectividade..., eu dava muitas vezes, a brincar nas aulas, o exemplo dos esquimós porque eles numa relação amorosa em vez de beijarem na boca, esfregam nariz com nariz e neurovegetativo aquece e o caraças e se for beijo com a boca já não dão, porque até... a gente vê pelos países de Leste, como eles cumprimentam. Portanto, eu acho que, essa tendência às vezes absolutista ou absolutizadora, a mim dói. Agora, a especificidade do fenómeno, é que tem que ser agarrada. E, portanto, na sua especificidade, a expressividade mais qualitativa é possibilitadora de encantar as pessoas, de entusiasmar, de euforizar as pessoas...acho que é bonito... e tem beleza, encanta... é, do meu ponto de vista estético, e para mim é mais. Dou várias vezes este exemplo porque quando o Platão escreveu a República, ele não tinha qualquer preocupação de ser um artista, provavelmente...mas aquilo está tão bem constituído que é uma obra de arte, é harmónica e tudo e não sei quê.... E, se calhar, algumas coisas de tal maneira, que ainda têm validade para hoje, não digo tudo, mas algumas coisas têm maneira. Portanto, como no

futebol, são transcendentais. Só que puderam ser feitas porque foi um artista e eu acho... ontem vi coisas no Brasil que... andou tanto nos limites do possível que entrou no limiar do impossível e só tem isso a eficiência, na sua presença, do futebol bem jogado.

Luísa: Como é que pode a formação estética do jogador contribuir para a sua recriação pessoal no modelo de jogo de outras equipas em que se pode inserir?

PVF: Pode porque, como eu lhe disse há um bocado, ele...e por isso faz sentido falar em sentimento e em valorizar. Se ele constata, agrada, sente..., ele noutra contexto, contrasta e é um possível catalisador, ou senão vira as costas e vai para outro lado, não é? Mas é importante. Nós o que é que estamos a fazer? Nos torneios, se você verificar vê, nos torneios das escolinhas quem é que vai apitar? São os infantis. Os torneios dos infantis quem é que vai apitar? São os do escalão acima. Porque assim eles próprios... estamos a contribuir para que o entendimento deles sobre o acto de arbitrar seja diverso daquele que é. E o acto de arbitrar em si também nos leva a entender melhor o jogo e as regras e não sei quê...! O raciocínio acho que é...

Luísa: tem muito que ver com plasticidade...

PVF: Tem, tem! E quanto mais cedo melhor porque se há atributo que depois se reconhece que a caixa córnea tem é de plasticidade cerebral, contrariamente ao que se pensava. E ela então nos putos..., por isso lhe dei o exemplo das línguas, os putos têm uma facilidade do caraças de aprender e são bilingues, trilingues com uma facilidade do caraças!

Luísa: o professor considera que esta formação estética promove essa plasticidade?

PVF: Acho que sim, mas lá está, não podemos descurar o seguinte... é por isso que tem que haver uma boa identificação, a periodização táctica é isso. Periodização é ter tempo para fabricar uma coisa, se a coisa não é grande coisa, para que é que preciso de tempo para fabricar? Só preciso de tempo se ela for complexa. E a qualidade do jogo de qualidade é, é. Portanto, é absolutamente fundamental. A sua questão era?

Luísa: Se uma formação estética promove a plasticidade...?!

PVF: Necessariamente, porque essa qualidade..., o padrão é complexo, é rico em diversidade. No próprio padrão ou no padrão de conexão dos padrões, digamos assim, e no pormenor, no detalhe, nos graus de liberdade dessas categorias pilares ou qualquer coisa assim.

Luísa: E agora falando a top, que manifestações tem a formação estética dos jogadores em equipas que demonstram, evidenciam...

PVF: Tem, dei o exemplo à bocado dos Ingleses... a incursão em Inglaterra dos gajos... começaram... os primeiros foram os argentinos, depois foram os... e contaminaram o próprio futebol e as equipas. Todas as equipas que têm dinheiro, que podem comprar, cuidam desse...eu não tenho duvidas absolutamente nenhuma, aliás, é uma coisa que eu tenho insistentemente referido que, os nossos miúdos quando lhe permitirem ir a um intervalo de um jogo da primeira equipa e jogarem dez minutos, o pessoal: "Ei pah, afinal pá, nós estamos..."...porque eles...eu vou Domingo, ele disse-me que sim e espero que ..., levar lá ao torneiro domingo à tarde, vai lá estar o Freitas Lobo toda a tarde comigo. Eu não lhe vou pedir que ele escreva nada, mas ele gosta á brava de futebol, de certeza que ele vai ficar contaminado. Porque, você para já olha para os miúdos que lá estão, são todos fantásticos na relação da bola e nenhum é igual ao outro, todos eles são singulares. Isso por si só é já um contributo estético. E então, saímos de lá dizendo assim: "Epá, o gajo não é individualista" ou " as equipas jogam como equipa"... não é como Portugal

ontem que eu saí desolado...aquilo foi nos dez minutos iniciais, mas pareceu-me trinta e um de boca, ou seja, aquilo não era uma postura, era uma impostura porque bastou marcarem, por isto ou por aquilo, também, provavelmente, pela presença do Brasil que tinha mérito, mas começou logo tendencialmente a verificar-se a intenção do subconsciente, provavelmente, de sobressaimento de alguns jogadores em relação aos outros. E há uma cultura que se dirige para isso...

Luísa: Aqueles dez minutos não foram naturais?

PVF: Não, não, foram...mas eram configuradores da presença, do respeito de algumas categorias que o futebol jogar bem tem que ter. Eu nunca tinha visto a selecção a jogar assim, a partir de trás..... e o Brasil à rasca a andar atrás dela, a partir do momento em que chega a mim, chega ali, acabou. E o Deco é o principal responsável nisso, o Cristiano idem aspas aspas e o Pepe. O Pepe, o primeiro golo é uma enfatilidade, uma coisa que era um gato morto na cara, enquanto não miasse não se devia deixar de meter, porque ele recebe uma bola, aparece-lhe um gajo em cima, ele não tem ninguém atrás porque a equipa perdeu a bola e estava aberta e ele tenta sair pelo mesmo lado do gajo que vinha e ele saca-lhe a bola e golo. Agora, isto pode-se dizer, isto é muito complexo...o simples facto do Pepe ser brasileiro, do Deco ser Brasileiro...a jogar no Brasil..."nós somos..."...e são, de facto são. Epá, aqui é aqui e isto não é ping pong. Isso é uma mentira. O melhor jogador do mundo é uma das maiores mentiras, que não há, isso não existe, é uma ficção. Se fosse assim...

Luísa: Aliás, um dos critérios de avaliação dos melhores jogadores do mundo, são os resultados da sua equipa...

PVF: ... mas são, do mesmo modo que às vezes fazem uma critica ajustada pelos circuitos comerciais da arte... a gente até vê... Você vai ali ó escaparate da fnac e não é por acaso, se calhar, que os livros, os que lá estão, estão. Hoje há um jogo de interesses... não sei se leu aquela entrevista que lhe dei do

Lobo Antunes, ele refere, inclusivamente isso. E esta conspiração de interesses, adultera e também pode crer fazer significado que o que é bonito é isto, as pessoas ouvem até por desconhecimento... é por isso que eu ponho sempre a tónica... o jogar bem...o que é isso do jogar bem? Esse esforço do que é isso de jogar bem, a possibilidade de identificação, então, isso tem que ser feito a partir das equipas de top. Mostra mais ou menos a largada, aquelas que ganham regularmente, o que é que elas... sem que as pessoas saibam porquê, "Ai o Arsenal é que joga bem!"...mas porquê? Elas não sabem!..."Opa...mas joga bem"... Mas e agora um estudo, mas encontrar porquê, porque é que jogam bem? O que é que fazem para jogar bem? Vamos ver: "Ei... aquela também joga bem!"... mas então o que é que ela faz?...mas são diferentes...é...então o que é que têm em comum? E esse lado do meu ponto de vista é que especifica a estética, porque eu acho que... o problema foi o atomístico em que estamos mergulhados, esta vertigem do atomístico faz com que se guinde e se mitifique a simbologia das coisas ou o signo. Por exemplo, aparece o Ronaldo a mexer com a bola e tal e isto constituiu-se em signo, pode ate ser uma estética semiótica, mas desfazada da estética do bem jogar. Daí eu lhe ter dito que, para mim, o juízo estético é um juízo de valor. Ora, é um juízo de valor que deve ser o culminar da identificação mais abrangente do fenómeno na sua qualidade. Então, isso faria com que... aquilo que poderia ser e pode ser uma estética semiótica, uma espécie de teoria dos signos no futebol, relativizava o gesto mas, não há possibilidade de existir um bom futebol sem dribles e sem simulações. Mas não é a simulação e o drible em sim é a semiótica duma axiologia que está para lá e é a sua contextualização. Eu acho que faz todo o sentido esse esforço...

Luísa: O professor Carlos Queiroz dizia a esse respeito que o receio dele é que isso venha efectivamente a mudar o jogo, a ter de tal maneira influência no jogo que quase que ele possa passar a ser isso. Ele diz que nesse momento se corre o risco de acabar com o futebol, de...

PVF: eu acho que não se, a primeira preocupação for a identificação com o que é a natureza do objecto, que é o jogar. E o jogar para ser de qualidade o que é que tem que ser? Então, já não caímos nisso. É por isso que eu lhe lembrei à bocado o valorar do Brasil, da Holanda, da Espanha agora...! Isso não vai acabar com o futebol. Eu costumo dizer assim, eu tenho 64 anos, mas se tivesse 30 anos ou 35, muito provavelmente eu não gostava de futebol como gosto, se calhar nem gostava. O que eu... eu tenho às vezes nostalgia: “Epá”...por isso é que eu não perco nenhum torneio dos miúdos, porque nesse torneio dos miúdos, o futebol... o que está é o futebol dessa equipa do Brasil dos 70, o Brasil de ontem...

Luísa: ...foi o que o professor conheceu...

PVF: ...pois, que eu conheci, que eu conheci. Quem não conhece...há miúdos que pensam que as galinhas nascem ali no hipermercado, estão lá nas prateleiras, nascem lá; ou os iogurtes que nascem ali. Eu próprio vou à minha aldeia, eu sei que são árvores, mas distingo o pinheiro de não sei quê. Os gajos lá, alguns não sabem uma letra do tamanho de um comboio. Mas eu é que sou inculto, não são eles. Eles sabem...”olha o ninho de não sei quê, não sei quê...vai chover” e chove!!. Eu é que não sei nada daquilo. Lá está, abstratizo-me, formalizo não é. Por isso nisso não estou nada de acordo com o Queiroz, antes pelo contrário, se vê. Porque, você sempre me ouviu dizer que a minha grande preocupação é o jogo, a qualidade de jogo em relação às gerações futuras. E foi isso que me mobilizou estar agora, voltar a descalçar os chanatos e os chinelos e ir para ali. É a esperança que eu tenho! O que eu quero é que o futebol não morra! Mas é o futebol, é o futebol. E esse é estético, é bonito, é encantador...é deslumbrante até, pela diversidade, pela sincronicidade, pela harmonia...

Luísa: Mas se esse futebol se vê pouco...é um bocado nesse sentido que ele diz que corre o risco...

PVF: Não, mas...

Luísa: ...se se vê pouco e as crianças, os jovens não vêem esse jogo...

PVF: Mas você não me está a falar...o contributo estético na formação do futebol é do outro, não é de este, está a perceber?

Luísa: Claro! Claro!

PVF: É a partir do outro! Porque é que nós lá... eu sugeri que se pusessem plasmas? Para passar esse bom futebol! E um dos entraves que tive logo: "Sim, mas do nosso clube!". O nosso clube às vezes joga tanto mal, eu quero é que o Arsenal e os gajos e não sei quê... percebe? Estes bloqueios epistemológicos e de raciocínio. Portanto, eu não penso nada assim, antes pelo contrário. Eu disse-lhe que... quando eu propus que fizessem a gaiola..."Está maluco! Ó prof mas tem que..."...meia dúzia de vezes..." ò prof mas tem que ser pelado?"..." Tem que ser pelado" porque até era melhor haver mais variedade de pisos. Repare, ultimamente fala-se muito em proprioceptividade, mas é um slogan para a maioria das pessoas. Porque nós temos pessoas aqui dentro que dizem que o músculo é cego. Ele é que é cego, eles é que são cegos. Porque à volta do músculo e do músculo, os corpúsculos de Golgi, de Pachini ... toda essa sensibilidade, aquilo que eu chamo os olhos do músculo e que é tanto maior intervencionável ou tanto maior se manifesta, quanto maior for a diversidade. Como é que eu posso fazer uma simulação se eu não domino a diversidade dos apoios? E portanto eu tenho de criar, eu disse: "não, façam-me mas é mais uma igual de areia e outra igual de relva natural"... não há espaço senão faziam isso mas, o receio daquilo... Precisamente para não acabar com o futebol. O futebol, eu digo às vezes a brincar, digo que isto nasceu tudo com o caldo Knorr, mas o caldo não é nada disso, o caldo tem de ser feito e se calhar a lume brando e não sei quê, com paciência. "não, está feito, está feito". Isso não é nada, quer dizer, não é nada disso. E portanto, o futebol de rua, você vê, o Carnaval é o sambódromo, o

sambódromo é feito ali. E o são João dantes era pelo Porto todo, nuns sítios mais...e agora não, agora tem de ser ali, é todo empacotado como agora o futebol... não... Queres ver, queres ver no sofá. Isto interfere nas pessoas porque...!! Eu dou-me muitíssimo bem com, sou muito amigo, mesmo muito amigo, ele até é irmão do ex-ministro, do Barreto. Somos muito amigos, um dos irmãos dele, que eles são sete e fanático do porto, com cativo e o caraças, mas ele agora fez uma sociedade com o genro que é em Viana, portanto, deixou de ir ao futebol. Eu disse. “ Opa Fernando e o caraças, anda ao futebol”....”Opa, eu agora vejo televisão”....” Televisão? E Nem vais nada?”....” Opá, se queres que te diga, até gosto mais de ver na televisão”! Opa, eu esperava tudo menos isso um gajo daqueles a dizer aquilo, percebe? Porque ele vê na televisão o que não existe lá. O que não existe. Mas que a televisão tem a preocupação de mostrar, de exacerbar, porque muitas daquelas coisas que são vistas... e depois pá... esta patologia que é cinco indivíduos a discutirem: “foi”...”passa outra vez para ver se foi”...” não, foi penaltie”...”não foi”...”foi”...e critica-se o árbitro. Como é que o árbitro a olho vivo pode ver se eles não conseguem?! ...Isto é de uma paranóia e isto interfere nas pessoas. Portanto, só metendo, é por isso, porque é que obriguei que as pessoas lessem o trabalho do Jorge? Ninguém me entra na aula sem levar aquilo, porque aquilo é o futebol inteiro. O futebol inteiro, de algum modo, é inteiro. E a obrigação de lerem aquilo há-de trazer alguma coisas às pessoas, quanto mais não seja raiva ao Vítor Frade! E nesse sentido é... repare... porque depois diz-se muita asneira que são mentiras. Diz-se assim: “ah o futebol antigamente era mais fácil de jogar, esses craques....”. É mentira, é mentira!”ai...havia espaço”...é mentira, é mentira! E fiz esta experiência com a Marisa, disse:” venha cá ver”... até foi o Pepijn que me arranjou o filme do Pélé e eu disse:”venha cá, sente-se aí e vai dizer se era mais fácil, se este gajo não era craque na mesma aqui.” E ela começou a ver e ela é esperta como o caraças.” Ai é, é”. “Então, ele tinha espaço? Ele tinha um, dois, três e a quererem dar-lhe em todo lado, os outros não, mas ele tinha. Olhe para as botas dele se tem alguma coisa a ver com as botas, e olhe a relva, e olhe como ele faz...não tinha aqui?” Noutro dia um dos treinadores holandeses, o mais velho, a perguntar-me se um gajo dos juniores não estava

a fazer um trabalho de força. Mas para quê? Eu disse-lhe assim: “tu és holandês. Qual foi para ti o melhor jogador holandês de todos os tempos? Diz!”...” Cruyff”. Para mim também, para mim até foi dos melhores jogadores do mundo de todos os tempos. “Olha lá, ele não jogava agora? Quantas vezes é que ele fez musculação ou quê? O gajo fez? O gajo... tem juízo pá! “Mas tudo isto, porquê? Aos lobbies é importante as máquinas e o caraças. Isto cria necessidades nas pessoas. E há psicólogos a trabalhar para que isto entre na cabeça das pessoas. Não é o Zé das iscas que promove isto. E a gente tem que enfrentar isto, esta realidade. Portanto, o que é? É uma espécie de psicologia da criança. Levar os miúdos a crerem... Não, não... E crerem! Olhe o exemplo da Marisa, eu levei o Tiago a ver um jogo da Marisa. Fomos ver um jogo e tal, para ele apreciar, depois fazer o relatório e ele fazer o relatório com vontade e a certa altura, ele está à minha beira e deu uma gargalhada e eu olhei:” está-se a rir de que?” E diz ele...” Ó prof é preciso ser uma mulher do carago!” Porque ela entretanto saiu do banco e foi discutir com um fulano qualquer do...e não sei quê, não sei quê...era a única mulher no meio de homens contra o rio ave, junto à praia, num pelado e o caraças. Senão também...e você pensa lá que ela não suporta...não é...nem...a famelga dela, o namorado dela é jogador de futebol... julga que alguma vez veio ver um jogo dela? Portanto...

Luísa: eu conversei com ela sobre isto...

PVF:....esta envolvimento, o preconceito é mesmo tremendamente forte e não é rápido que sai. E então, basta a gente saber... eu dei-lhe à bocado o exemplo dos dialectos, dos sotaques que para mim são...você vê...uma pessoa que vem da Alemanha, vive aqui a 40 anos e não consegue tirar aquilo. Ora isto no futebol também é verdade. Portanto, cedo... é mesmo...e é tanto mais difícil quanto mais a natureza subjectiva que nos envolve, portanto a tal unidade, for contrastante. Mas, contrariamente ao que possa parecer...é através de putos, de um processo que...” afinal posso”.... Hoje em dia, diz-se com facilidade...: “Epá...os miúdos, os sub-13, os sub-12 que diferença dos, sub-16, dos sub-

15... tecnicamente nem se ouve a bola, afagam a bola...". É isso, como atrai e inibe os gajos..."Eia..." ...os gajos ficam...o Pepijn agora está a começar...ainda ontem estivemos a ver o jogo de intercalar e estivemos a falar sobre isso. Ele a o que é que se propôs? A colaborar com a primeira equipa. Fazer o que faz com os putos com jogadores do... apareceram-lhe quatro só...um argentino, o Candeias, mais não sei quem...já não é mau. E eu:"que tal a reacção?" Ele até me pediu para aparecer...porque ele é que faz as terças de manha às nove...tem que ser meia hora antes do treino, depois vêem os outros e acaba...disse:" Ó pá...era porreiro tu convenceres o Wil Coort, que é o treinador dos guarda redes, que esta também aqui, ele tem certo um peso porque basta...e tu , um gajo que vejas que se sente bem... o argentino..como é que se chama? Que jogou ainda este ultimo jogo? O que joga...

Luísa: em que posição é que joga?

PVF: jogou a defesa direito, jogou a meio campo...ele tem dois nomes...até jogou ontem na intercalar...e que gostou muito e tal...ó pá esse que traga um gajo amigo e tal...porque é muito difícil, mas a partir do momento em que eles vêem que colhem dividendos daquilo...por isso que eu insisto... insisto cada passo nas reuniões... insisto para a possibilidade dos putos... porque é a melhor montra...é os putos irem lá mostrar só...entre eles...e os gajos vêem: " não, isto afinal é possível, isto é possível." Porque digo que é... doía-me a alma ver jogos dos miúdos, jogos dessas equipas todas, não vejo uma simulação, não vejo uma finta e depois mais...os putos entre eles a correrem, não sabem correr...não sabem cair. E isso aprende-se aos pilhes nos recreios, a roubar pinhas, a roubar laranjas e agora acabou tudo isso! São putos de aviário a maioria. Portanto, o futebol é uma coisa difícil. Agora é fácil se se começar cedo, como é fácil aprender chinês se se começar cedo, em putos...não tenho duvidas absolutamente nenhuma!

Luísa: Professor, gostaria de referir mais algum aspecto que possa contribuir para o estudo e compreensão deste tema que se intitula: “Novos desafios para a formação do futebol contemporâneo. Que formação estética no jogo?”

PVF: Não, nada que não tenha referido já, nada disso, só pessoas de boa vontade para levarem a efeito isso e, quer dizer, cada vez tenho menos esperança nisso...era que a faculdade funcionasse doutra maneira, não é? Porque o que a faculdade valoriza é precisamente o aposto, é o dito fisiológico é o não sei quê...e era isso...o estudo...por exemplo, seria uma grande passo... é o problema da estética do futebol ou dos tipos de futebol ou qualquer coisa assim para...isso seria muito interessante. Porque mesmo aquela gente que a gente vai ver e pensa que até estava mais a 100% identificadas connosco e não está, mas não deixa de estar de algum modo, não é? E quanto mais gente se fizesse sair daqui sensibilizada para essas coisas... sim... Porque você entrevistou o Pepijn e, primeiro foi espanto estético: “Ei”... é normal... o próprio Tiago quando ele falou, ele ficou “Estética??”...Mas as pessoas são sensíveis a esse lado, não designado nos mesmo modos e tal... portanto a conversa tem de ser de outro tipo. Mas a faculdade, sim, interessar-se e isso...agora...

Luísa: ... é curioso que o facto dessas pessoas estarem relacionadas com o futebol e conhecerem e lidarem com o futebol diariamente lhes dá uma capacidade de sintonizar rapidamente com a questão estética...

PVF: Exactamente!!!

Luísa: ...ainda que no início se sentissem apreensivas...

PVF: pois ...pois...

Luísa: no desenvolvimento da conversa, identificaram logo...

PVF: é, é...e se calhar todas elas, eu a do Tiago tive oportunidade de ler e gostei bastante porque o central, o fundamental, e ele sendo muito novo não é...portanto... receptivo ao essencial, ao essencial da questão. Não sei se você referia um por cento dos ganhos que poderá eventualmente obter com a entrevista do Tiago, de alguns catedráticos daqui. Eu vejo por este ano, pela opção, é uma coisa de doer a alma... no entanto até ando angustiado porque eu já estabeleci comigo...a Luisinha acabou, a Ritinha entrega-me a coisa, e eu desligo e meto logo a reforma porque me vou embora...mas eu tenho 80 alunos, são os quarenta do Natal e os meus e alguns deles com metodologia do ano passado e nunca falaram de futebol, falaram dos lactatos, do salto de carapau para a frigideira e do futebol não falam, portanto o lado estético deve ser um objecto voador e não identificado... o que é isso e não sei quê? E depois com estas coisas...não...o músculo cego...contraí e descontraí...opa isto é alguma coisa? Já li o que tinha a ler para desempenhar as minhas funções. Claro, uma faculdade assim contribui muito pouco...mas como eu na outra vez que não gravou, eu trazia do dia, uma série de referências de jornais da altura a referirem o lado estético, digamos assim, o lado bonito, o lado contagiante e a diferenciação... ou do que era também o jogo merda como se dizia, mas que num único momento de divindade, digamos assim, e que deu até o golo

Luísa: essa parte ainda ficou gravada...

PVF: ... portanto é uma constante, é uma constante a gente estar perante isso...mesmo que a pessoas...as pessoas...porque é geral. Até os fulanos da imprensa, ...embora um gajo que não sabe, ou cai no exagero para baixo, ou cai no exagero para cima, ou 8 ou 80. Não sabe, ou diz Ámen, ou então diz que não presta, mas não sabe dizer porquê. E muitas das vezes, é isso que se passa, com os comentadores, porque repare, a gente ouve os gajos a comentar um jogo e eles dão informação a todo instante, mas nunca é sobre o que está a acontecer, é sobre o que aconteceu antes ou o que vai eventualmente acontecer, mas o que aconteceu eles não dão... isto é contra

tudo que devia ser. E só fazem isso porquê? Porque eles não sabem analisar e falar sobre o que está a acontecer. Então dizem disparates a torto e a direito. Portanto, não é fácil, isto de facto não é fácil, mas a gente facilmente, mesmo no café, as pessoas, digo isto, porque esses dizem: “naaa...foi um jogo de porcaria”... até eles sentem que foi um jogo de porcaria”... e quando aparece um jogo melhor, eles próprios: ...” ah este e tal”, não sabem porquê, mas há qualquer coisa que...como a gente olha...e: “Epá...é gira pa carago”, porquê? Não sei...e até chora e até quando ela não lhe liga e o caraças... o pá...mas é... portanto, lá está, está na esfera doutras coordenadas da sentimentalidade, que hoje em dia, são muito melhores...tratáveis e compreendias...como você sabe, eu sou um maluco pelas neurociências e isso eu acho que seria uma coisa interessante, analisar o futebol e a estética à luz das neurociências, seria muito...Porque agora há cada passo...a gente até...a neurobiologia do prazer... a neurobiologia... olhe até há um livro que, salvo erro, é a biologia do conto. Ora, o conto pode ser o jogo. Estas coisas é que são interessantes. Mas eu ouço a cada passo:” Epá o Arsenal joga pa carago” mas eles não sabem dizer. Ora como é que eu vejo o jogo? Eu também via o jogo como espectador, mas agora não consigo ver, estou a ver o jogo como vá lá, digamos assim, “expert” como dizem, não é? Mas mesmo assim há partes...elah...e consigo identificar e não sei que...foi um jogo bom ou jogo mau... eu dou cartas, digo qualquer coisa, mas o pessoal...é...mas depois não sabe porquê. Mas esse lado da sensibilidade, ora, esse lado da fluência é da estética, é do belo, seja lá o que for. Agora, nós podemos....

Luísa: ...e não se pode fugir a ele...

PVF:... pois...e não se pode fugir a ele. Portanto esse trabalho de identificação do belo, mesmo tendo em conta a diversidade, mas ainda belo, é primordial, é o remate, digamos assim, e aqui devia ser uma constante. Não é, infelizmente! Repare que o único trabalho histórico que eu conheço feito assim em termos académicos sobre o desenvolvimento e a evolução, portanto, a história do futebol, tendo em conta isto, foi a tese de mestrado do professor Zé Guilherme.

Foi surripiada, tirada de...e...sem consentimento do gabinete... Portanto, na faculdade esse trabalho assim...depois acho que este tipo de catequização que a gente está a tentar fazer no porto, a aproximação dos pais...o simples facto de estar a fazer um questionário a um miúdo com o pai presente, embora o pai não falando, é uma influência que isso tem sobre o pai. Até a identificação do filho por parte do pai..." Ei, não sabia que o meu filho falava sobre isto"... e coisas que o gajo lhe diz: ... "Não, pontapé para a frente"... Ele ali apercebe-se que não sei que... alto aí. Agora isto é problema de geração, é problema de gerações. Mas coisas nesse sentido sim, por exemplo, trabalho do Jorge, da introdução, dizia:" tudo isto é futebol ou tudo isto é jogar à bola, mas tudo isto não é futebol". Então vamos cá identificar. E este lado do Kitch, o lado do malabarismo ou não sei quê... e do futebol, e do malabarismo no futebol...pá isso devia ser uma constante dos trabalhos aqui Luísa, devia...

Luísa: professor muito obrigada por esta segunda oportunidade!!!

PVF: de nada Luísa, tudo bem!

Anexo 3

Entrevista ao Professor Paulo Cunha e Silva

Luísa: Então a primeira pergunta que lhe faço é: qual é o contributo que uma abordagem estética do futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?

Professor Paulo Cunha e Silva (PCS): Eu gostava de começar por fazer duas distinções que me parecem fundamentais não é? Primeiro, a distinção entre arte e estética e essa distinção pode ser também a distinção entre arte e desporto não é? Muita gente diz, bom, desporto é arte também. Tudo é arte, tudo pode ser arte e se tudo pode ser arte tudo tem estética não é? Porque a arte é de certa forma a confirmação da estética não é? A arte é a forma através da qual as nossas impressões, sensações e constantes estéticas são confirmadas não é? Ou seja.....

Luísa: Ultrapassando essa discussão da relação entre arte e desporto, o Professor, segundo o seu ponto de vista é possível identificar no desporto ou no futebol em concreto conteúdo estético? Independentemente de ser considerado arte ou não...

PCS: Mas a questão passa por aí, ou seja, a questão passa pela.....e a minha convicção é de que o desporto não é arte não é? Ou seja, e o desporto não sendo arte, à partida traria uma certa dificuldade à possibilidade de considerarmos no desporto elementos estéticos. Agora a estética é diferente da arte não é? Embora a arte se organize....embora a arte seja, como eu disse, a confirmação da estética, são conceitos de natureza absolutamente diferente. Quer dizer, a arte tem que ver sobretudo com a produção de objectos que passaram por um tratamento estético, se quiser, estético não é? Agora, há objectos e há situações que não são artísticas mas que despertam sensações e que despertam emoções e que despertam uma abordagem de natureza estética. Nesse sentido, quer dizer, um pôr-do-sol pode ser estético e no

entanto um pôr-do-sol não é uma obra de arte não é? Só é uma obra de arte se for fotografado por um artista que tenha a capacidade de dar àquele pôr-do-sol uma dimensão de obra de arte. Agora, muitos dos pôr-do-sol que nós fotografamos apesar de serem bonitos não são obras de arte, está a perceber? No entanto, eles exprimem sensações estéticas porque são sensações agradáveis... (alguém entrou na sala e interrompeu por breves momentos a entrevista). Portanto, o que eu estava a dizer era justamente isso, ou seja, de que...Agora, a estética é também a possibilidade de você se relacionar com um determinado território, de se relacionar com o mundo através de um conjunto de sensações que são sensações positivas. Essa situação levar-nos-ia a pensar que só as situações agradáveis e as situações que consideremos agradáveis é que tinham potencialidade estética. Ou se quiser, no âmbito do desporto, haveria desportos mais estéticos, mais próximos dessa sensação mais comum do belo, e desportos menos estéticos. Por exemplo a ginástica artística seria mais estética e o boxe seria, por exemplo, menos estético. A minha convicção não é essa, ou seja, tanto pode ser estético o boxe como pode ser estética a ginástica artística. O boxe pode ser mais estético que a ginástica artística ou o atletismo pode ser mais estético do que o voleibol. Quer dizer, depende da forma como olhamos cada um dos territórios. Não há propriamente um padrão de avaliação e uma grelha de avaliação muito definida que nós possamos aplicar à situação. Portanto, a abordagem estética depende sobretudo da capacidade de, perante cada uma dessas situações, extrairmos categorias que podemos classificar como categorias estéticas. Agora pergunto-me: e o boxe é estético? Pode ser porque há confronto, porque há tensão e porque a própria agressividade pode ela ter também uma certa dimensão estética. Não é? Ou seja, a própria noção de belo, desde o fim do século XVIII é uma noção cuja evolução também se foi alterando. Hoje em dia consideramos belas coisas que há cem anos atrás eram horríveis e portanto a estética sofre também essa evolução relativamente à forma como olhamos para as coisas e para as situações. E portanto, voltando à sua questão original, há certeza no futebol elementos estéticos que têm que ver com várias características, que têm que ver com... aliás, chamo-lhe a atenção para um

filme muito interessante feito pelo Douglas Gordon que se chama justamente “Zidane, um retrato do século XXI”. Viu esse filme?

Luísa: Não.

PCS: E ouviu falar?

Luísa: Ouvi.

PCS: Pronto, é um filme em que o Douglas Gordon e o Philippe Parreno (o Douglas Gordon é um artista, um cineasta inglês e o Philippe Parreno é um cineasta) e o que é que eles fazem? Durante todo o jogo de futebol, um jogo qualquer do campeonato espanhol do tempo em que o Zidane jogava no Real Madrid, acho que já não joga não é? São para aí duas dezenas de câmaras colocadas no campo que filmam só, durante todo o jogo, o Zidane, não filmam o jogo. Portanto, o filme é a montagem dos momentos em que o Zidane aparece, portanto é o retrato do Zidane em campo e é um objecto estético, não é? E é um objecto estético porque o próprio Douglas Gordon achava que no jogo de futebol e na figura do Zidane haveria elementos que tinham essa capacidade estética. Portanto, distinções fundamentais: não associar a estética ao belo e não associar a estética à arte e, portanto, não associar também o belo à arte. Não é? São características de natureza diversa, apesar de o próprio belo ter vindo a incorporar noções e características que não considerávamos atrás, quer dizer... hoje podemos considerar belo situações que não despertariam essa beleza, de resto, o próprio Fernando Pessoa disse que era tão belo o binómio de Newton quanto a Vénus de Milo. Não é?

Luísa: O próprio conceito de belo na filosofia tradicional era muito mais abrangente do que é hoje em dia... Secalhar agora o belo é mesmo só o que é bonito... O conceito de belo era um conceito mais transcendental...

PCS: Não... Sim... era um conceito de natureza mais filosófica mas a sua focagem era mais limitada do que é hoje. Não é? Ou seja, você hoje acha belo outras coisas. O belo era mais transcendente mas isso não quer dizer que o seu campo de definição fosse maior. Era menor, ou seja, as coisas consideradas belas eram mais limitadas do que as coisas que são consideradas belas hoje, ou seja, coisas de natureza áspera, por exemplo, um artista simulou um ataque às torres gémeas e disse que a queda das torres gémeas foram o verdadeiro acontecimento artístico do século XXI, o acontecimento mais belo. Quer dizer, ninguém se lembraria de considerar esse acontecimento um acontecimento belo. Portanto, a capacidade de nomear o belo está também dentro de nós e portanto somos nós também, é o observador quem possui os instrumentos estéticos que legitimam uma situação como estética ou não.

Luísa: Do seu ponto de vista o olhar estético pode contribuir para o conhecimento científico do fenómeno?

PCS: Está a falar do futebol?

Luísa: Sim.

PCS: Sim, concerteza. Agora estamos a falar de uma coisa diferente que é... e é uma coisa sobre a qual eu até já falei e escrevi, que é o facto de o gesto belo e o gesto do futebolista, do gesto mais eficaz ser o gesto mais belo. Aliás nós dizemos “bonita jogada” não é? Portanto... e uma jogada é bonita porquê? Porque é eficaz, ou seja, vimos aquela jogada e há naquela jogada uma economia motora, se lhe quiser chamar, que faz com que ela seja bonita. Não é? E dizemos “que bela jogada”.

Luísa: Que dá sentido, não é?

PCS: Que lhe dá sentido e portanto que a organiza. Contrariando-me um pouco pode haver jogadas mais eficazes que sejam menos belas, não é? Mas a ideia de belo no desporto está também associada, digamos, à depuração, à eficácia, à simplicidade. É por isso que um jogo de futebol pode ser mais bonito que um número de ginástica artística. Não é? Porquê? Porque pode haver mais eficácia.

Luísa: A esse propósito pergunto-lhe qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade do jogo, que é um jogo essencialmente tático?

PCS: Ou seja, nenhum jogador ao jogar está preocupado com o facto de fazer uma obra de arte, ou seja, o jogador quando joga não está a fazer uma obra de arte. Está a tentar ser eficaz.

Luísa: Mas fá-la, sem ter essa finalidade.

PCS: Fá-la sem ter consciência disso. Mas, mais uma vez, porque o jogador não quer dançar. Há um texto meu em que eu distingo a Vera Mantero do Figo. Não conhece esse texto?

Luísa: Não.

PCS: A Vera Mantero é uma coreógrafa e bailarina, o Figo é um jogador de futebol, como sabe, e portanto, eu discuto a natureza estética dos dois corpos em acção. E portanto, a Vera Mantero quando dança sabe que está a produzir um objecto de natureza estética, o Figo quando joga, apesar de agora já jogar pouco, está a produzir um objecto de natureza pragmática. Mas isso não quer dizer que a pragmática que ele aplica possa ser entendida através de um filtro estético. E se for estético pode ser que a jogada seja mais eficaz, justamente porque associamos a estética também à simplicidade, ao rendimento, à eficácia. Não é? Agora, quer dizer, um jogador para ser bom não tem que saber dançar, percebe? Tem que saber jogar e tem que saber finalizar. Agora,

associado à finalidade pode haver uma dimensão estética e os jogadores com maior capacidade de concretização e de finalização acabam por ser os que jogam mais bonito, se quiser. Não é? Porque a beleza do futebol tem também que ver com isso, com essa singeleza e com a eficácia da jogada.

Luísa: A estética do futebol manifesta-se no jogo como um todo de natureza essencialmente tática ou esgota-se na forma dos seus gestos?

PCS: Eu acho que há várias estéticas dentro da estética do futebol: há uma estética que pode ter que ver com uma leitura mais impressiva do jogo e do todo, e uma leitura quase desfocada em que estamos a olhar para um campo e para um território em que vemos estruturas que se movem e que definem uma rede e um tecido particularmente vivo, e podemos também focar-nos num jogador e apreciar as qualidades estéticas de um jogador e de uma jogada. Portanto, acho que há vários níveis estéticos.

Luísa: Podemos considerar a existência de uma dimensão supra-estética que possibilita a sua apreciação estética e que fundamenta a forma dos seus gestos?

PCS: Essa apreciação supra-estética continua a ser uma apreciação estética, como acabou de dizer.

Luísa: Sim, sim, claro!

PCS: Portanto, pode haver estética na jogada, pode haver estética no jogador e pode haver estética no jogo, digamos assim. Eu distinguiria estes três níveis: a jogada pode ser estética, o jogador pode jogar de uma forma estética e o jogo em si pode ser estético. E se quiser ainda um outro nível que é o nível da relação entre o campo e o envolvimento, e a bancada. Portanto aí teríamos uma supra-dimensão que é a circunstancia de um jogo ser mais bonito quando acontece num estádio cheio do que num estádio vazio. Porque a estética

também tem que ver com essa tensão e com essa emoção e um jogo sem público não tem emoção, é um treino.

Luísa: Mas essa visão mais micro do gesto tem valor estético por si só ou necessita, neste caso concreto do futebol, de ser contextualizado?

PCS: A estética necessita sempre de ser contextualizada. Percebe? A estética é sempre uma avaliação de uma situação, a estética resulta sempre de um olhar. Quer dizer, as coisas não são estéticas por si. Não é? O pôr do sol só é estético se você achar que o pôr do sol é estético. Não é?

Luísa: Claro.

PCS: Ou seja, os objectos e as situações não têm propriedades estéticas, somos nós que temos um olhar estético. Está a perceber? Portanto, a natureza estética da realidade só se revela depois de ser revelada, quer dizer, depois de ser olhada. Está a perceber? Não há uma estética a priori, digamos assim.

Luísa: Portanto, está a dizer que não há características no objecto que potenciem essa relação estética?

PCS: Sim, porque eu sou um bocadinho fenomenologista, o que eu quero dizer é que não há objecto sem observador que o configure e que o qualifique. Portanto, o objecto só é estético depois de ser apreciado e isso é que também confere à estética uma dimensão subjectiva. Não é? Ou seja, está a perceber?

Luísa: Sim.

PCS: Até porque a estética é não só pessoal, como é cultural, e portanto a estética tem uma dimensão antropológica, se quiser. Culturas diferentes consideram de valor estético situações completamente diferentes. Ou seja situações que nós repugnamos na nossa cultura ocidental são situações que

têm uma dimensão estética nas culturas da Nova Guiné. E situações que eles consideram estéticas, e até estéticas com uma dimensão operacionalizante, com uma dimensão ritual, nós consideramos situações abjectas, que nos provocam a abjecção e o nojo se quiser. Portanto, o que eu quero dizer é que a estética do século XX e do século XXI tem uma dimensão muito antropologia, não há, digamos, uma estética universal que é um bocadinho um mito romântico do Hegel que acabou, porque não há uma estética, digamos assim, há estéticas. E as estéticas são condicionadas e têm uma dimensão cultural e uma dimensão antropológica.

Luísa: No caso específico e concreto do futebol...

PCS: Por exemplo, um jogo de futebol para um grupo de marcianos pode ser uma coisa que não faça sentido nenhum. Não temos que ir tão longe, não temos que ir até Marte, basta irmos até aos Estados Unidos: os americanos olham para o futebol europeu com alguma displicência, quer dizer, não o consideram. E o facto de considerarmos o futebol um evento de natureza estética tem que ver também com a dimensão que na cultura europeia e sul-americana, se quiser, é atribuída ao futebol. Ou seja, a possibilidade de o futebol ter também uma dimensão estética tem que ver com o facto de ser um fenómeno social com esta repercussão global e que envolve tanto as pessoas. E o facto de envolver leva-nos a dizer “bom, isto se nos envolve e se mexe tanto conosco deve ser porque é interessante, e se deve ser porque é interessante começamos a escalá-la e deve ser porque é bonito e se deve ser porque é bonito é porque tem características estéticas, tem valores estéticos”.

Luísa: Mas sendo o futebol um desporto com muito mais, a nível mundial, muito mais adeptos do que as outras modalidades, exclui a possibilidade de haver no futebol características que o caracterizam como um *primum* que potencia depois reacções estéticas?

PCS: Eu acho que o facto de ser uma modalidade com muitos adeptos, e não só com muitos adeptos, mas que convoca uma multidão muito grande, faz com que... e tendo a capacidade também de despertar paixões e de despertar emoções, faz com que a dimensão estética se coloque com muito mais pertinência do que com uma modalidade praticada por pouca gente, do que o hóquei em patins, por exemplo. Ou seja, a questão de o futebol ser bonito coloca-se com muito mais pertinência do que o hóquei em patins eventualmente o ser, ou seja, o facto de ser praticado por muita gente tem essa capacidade de convocatória. Está a perceber? E a estética também tem que ver com isso, ou seja, com a capacidade de as pessoas serem convocadas, despertadas. E ao sermos convocados somos confrontados e ao sermos confrontados a estética surge como uma possibilidade biológica, ou seja, como uma possibilidade de entre nós e o futebol surgir uma relação que passa pelo facto de o considerarmos bonito.

Luísa: Qual a importância e contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno, do seu ponto de vista?

PCS: Para o quê? Para a estética do futebol?

Luísa: Sim, para o futebol em si, qual o contributo que uma formação estética pode dar às capacidades dos jogadores.

PCS: Ora bem, eu acho que, sinceramente não sei se o Cristiano Ronaldo jogaria melhor se tivesse passado por todos os museus do mundo. A convicção que temos é que o Cristiano Ronaldo não é propriamente frequentador de museus.

Luísa: Mas a formação estética não se pode dar de um modo não intencional? A experiência de vida dele não lhe pode ter dado formação estética?

PCS: Sim, não quero ser preconceituoso, eu não quero dizer que o Cristiano Ronaldo não tenha passado por situações de natureza estética, concerteza que sim, e portanto, no seu dia a dia e no seu quotidiano, digamos, o que eu quero dizer é que o convívio com a arte não faz das pessoas artistas no sentido de bons utilizadores da estética. O Cristiano Ronaldo joga bem, por exemplo, e jogará, bonito, mas não é pelo facto de ter uma noção muito precisa do que é o belo, ou seja... Está a perceber?

Luísa: Sim, eu percebo o que me está a dizer mas, por exemplo, o contacto, o convívio que ele teve com o futebol ao longo da sua vida, e considerando o futebol como uma actividade que possa ser encarada como artística, não lhe terá dado uma formação, uma bagagem de apreciação estética?

PCS: O que está a dizer é ao contrário, está a dizer o contrário do que eu estava a dizer. Portanto, eu estava a supor que o que me queria perguntar é se o facto de um jogador conviver com um universo estético isso lhe daria maior eficácia. E o que me está a dizer é o contrário, ou seja, sendo o futebol estético, o facto de haver um bom jogador, portanto, isso quer dizer que se ele convive, está numa bolha estética, num ambiente estético, isso lhe dá uma noção do belo? Sinceramente é uma pergunta à qual não sei responder. E mais uma vez essa questão convoca aquilo que eu estava a tentar definir que é também a natureza circunstancial, antropológica e contingente do estético. Quer dizer, o Cristiano Ronaldo pode ser um personagem estético dentro de um jogo de futebol, jogar muito bem, mas depois na sua vida social pode ser alguém pouco estético, a sua casa pode ser pouco estética, os seus amigos e o seu modo de vida pode ser pouco estético. Está a perceber?

Luísa: Sim. Por isso é que há estéticas e não...

PCS: Por isso é que há estéticas. Portanto, o que eu lhe queria dizer é que o facto de o Cristiano Ronaldo ser um ótimo jogador de futebol e um jogador que joga bem, bonito, e com qualidades estéticas, não lhe dá um suplemento

de capacidade de apreciação do belo. Percebe? Do belo no sentido do belo, ou seja, de se comover perante um quadro do Caravaggio ou do Botticelli... presumo que ele nunca tenha ido a um Uffizi em Florença, tão-pouco ao British Museum, apesar de viver em Manchester.

Luísa: Não lhe dará uma capacidade de apreciação estética do jogo?

PCS: Isso não sei. Não. Dá-lhe a ele uma capacidade de resolução de problemas no jogo e essa resolução passa muitas vezes pela eficácia do gesto estético. Aquilo que estamos a dizer é que o gesto estético é um gesto mais eficaz. Agora, se o Cristiano Ronaldo vai jogar melhor pelo facto de ter consciência de que o seu jogo... ou pelo facto de achar que socorrendo-se de características estéticas a sua jogada vai ser melhor, isso eu não consigo dizer nem ninguém conseguirá. Tínhamos que fazer um filme que se chama não “Na cabeça de John Malcovich” mas “Na cabeça de Cristiano Ronaldo”. Não sei se há realizador com essa capacidade.

Luísa: Eu digo isto porque, olhando para o Cristiano Ronaldo, por exemplo, ou jogadores do estilo, dá a entender que, ainda que não seja intencional ou que não seja consciente, que tem uma capacidade de apreciação do jogo ou de resolução do jogo superior em termos estéticos.

PCS: Tem uma capacidade, pronto... é a tal história, ou seja, tem uma capacidade no sentido que quer dizer que ele joga, parece jogar, mais bonito que os outros, não é?

Luísa: Ainda que não tenha consciência de que o faz.

PCS: Sim, mas pronto, mas o problema é que o próprio treino incorpora gestos que nós depois consideramos bonitos mas que têm que ver com essa eficácia. Percebe? Ou seja, o próprio treino e a forma como cada jogador incorpora a aprendizagem motora é diferente, faz com que haja jogadores que joguem de

uma forma mais bonita, se quiser, do que outros jogadores. Agora, há jogadores que jogam de uma forma feia mas que são extremamente eficazes sob o ponto de vista da concretização e sob o ponto de vista daquilo que se espera de um jogador de futebol.

Luísa: No futebol não será essa eficácia bonita, ainda que pareça feia?

PCS: Sim, não, mas é isso que eu estou a dizer, ou seja, mas... começamos por dizer isso, ou seja, grande parte da estética do futebol tem que ver com isso. Por exemplo, um jogo que termina empatado a zero-zero as pessoas, por mais interessantes jogadas que tenha tido, as pessoas acham que o jogo foi... quer dizer, há qualquer coisa que falhou, e portanto que o jogo não teria sido tão bonito. Portanto, a eficácia está concerteza associada ao belo. E, por outro lado, a eficácia está associada ao belo no sentido de que a estética pode favorecer um determinado comportamento em jogo, mas por outro lado, um determinado comportamento em jogo tem também a capacidade de convocar momentos de natureza mais estética do que outros.

Luísa: Em que é que se pode concretizar no treino a formação estética dos jogadores? Voltamos a bater nesta questão: será que se relaciona mais com essa formação estética geral ou pode-se criar uma formação estética específica?

PCS: Quer dizer, eu acho que, sinceramente, não estou a ver o Mourinho a ler livros de estética antes de chegar aos seus treinos.

Luísa: Exactamente. Como é que nós podemos concretizar isso no futebol?

PCS: Eu acho que repare, há aí um equívoco também. É que a estética, como eu lhe disse, tem que ver sobretudo com a apreciação que nós fazemos, que o leitor faz e, portanto, o processo de atribuição de características estéticas ao futebol não está tanto nos jogadores mas está em quem observa o jogo. Está a

perceber? Ou seja, a capacidade de nomear o jogo como belo não depende dos jogadores mas depende dos observadores. Agora, podemos dizer que há uma espécie de beleza de estética activa e de estética passiva. O observador é, digamos, o elemento que produz a estética activa. O jogador é o elemento que produz a estética passiva, no sentido de que ele joga mas, quer dizer, ele não leu nenhum livro de estética para fazer aquelas jogadas, no entanto elas são bonitas. Mas são bonitas mais para quem as observa do que para ele próprio. Quer dizer, ele não está a fazer uma jogada bonita, ele está a fazer uma jogada eficaz. Agora, dessa eficácia pode resultar a beleza. Está a perceber? Ou seja, o jogador quando quer fazer uma jogada não se preocupa com o belo, agora o belo é uma categoria que surge do próprio jogo, da própria jogada e, portanto, de coisas que o jogador... com as quais trabalha, mas de uma forma inconsciente. Está a perceber? Enquanto que a beleza do jogo quando o jogador joga é uma beleza inconsciente, a beleza do jogo quando o observador observa é uma beleza consciente, ele pode dizer “este jogo é bonito”. Está a perceber? Agora, o Cristiano Ronaldo quando faz uma boa jogada e marca um golo, como aconteceu ainda agora neste último jogo em que marcou dois, não fica satisfeito com a beleza daquela jogada, fica satisfeito com a sua eficácia, está a perceber? Ou seja, ele não se deleita com o belo associado àquele jogo, quem se deleita é quem está de fora. A estética, o que eu quero dizer é um bocado isso, ou seja, parece-me que aí radica um dos seus vícios de apreciação. É que a estética está no observador e está pouco no objecto. Percebe? Porque o objecto é muito contingente e depende do observador. Está a perceber?

Luísa: Mas ainda que leigo o jogador não pode ser um observador quando pratica?

PCS: De si próprio no jogo?

Luísa: De si próprio, no jogo em geral.

PCS: Mas quando passa para o...

Luísa: Quando está a jogar ou quando não está a jogar e vê outros jogos e...
experiencia o jogo.

PCS: Quer dizer, eu acho que quando ele está a jogar, digamos, a sua
experiencia estética é, como disse, uma experiencia inconsciente. Não é? Ele
faz coisas bonitas não para fazer coisas bonitas mas para ser eficaz. Agora,
estando do lado de cá, como toda a gente, e até mais do que qualquer outro,
tem uma capacidade de ler o jogo muito mais complexa do que quem não joga.
E portanto, essa complexidade na capacidade de ler o jogo, permite-lhe
também atribuir características estéticas mesmo que ele não saiba o que é
estética, mas pode achar que aquela jogada foi particularmente bonita. Agora,
quando o jogador joga, ele não quer jogar bonito, ele quer jogar bem, e jogar
bem é jogar de uma forma eficaz. Agora, a pessoa que está cá fora é que acha
que esse bem é bonito. Está a perceber?

Luísa: Pois, a questão que eu ponho é: será que o jogador não tem essa
consciência da indistinguibilidade do bem e do bonito, porque... Qual é a
relação entre o jogar bem e o jogar bonito? Será que são separáveis? Será que
são opostas?

PCS: São... aquilo que eu lhe estou a tentar dizer é que o que norteia o
jogador é a eficácia do jogo, é a necessidade de fazer boas passagens que
levem à marcação do golo.

Luísa: À vitória.

PCS: E portanto, ele não vai para um sítio contrário só para fazer uma pequena
pirueta, não vai atirar a bola para o ar e fazer um jogo com a cabeça.

Luísa: E isso seria estético no contexto do futebol?

PCS: Poderia ser estético naquela situação isolada, até pelo lado... porque a estética também tem um lado muito transgressivo, não é? Até pelo lado da transgressão isso poderia ser estético, não é? Mas não seria tendo em vista a eficácia e o sentido do jogo que é alguém vencer. Não é? Está a perceber?

Luísa: O próprio desejo de vitória e a procura da vitória não eleva o valor estético da jogada?

PCS: Eleva a... ou seja, provoca situações que dão mais dimensão estética ao jogo porque... dimensões que têm que ver com a competição, com uma maior pulsação do próprio jogo, com uma maior tensão dentro do próprio jogo, e portanto isso são características estéticas que podemos identificar no futebol. Está a perceber?

Luísa: Sim. Como construir uma formação estética do jogador mas que vá de encontro às necessidades de um jogo que é colectivo? Portanto, a pretendermos ou a procurarmos uma formação estética do jogador, ainda que não seja intencional, como conciliar isto: o jogador e a equipa e o todo?

PCS: Quer dizer, isto sinceramente se calhar é a questão central do seu problema, mas é um problema para o qual eu, sinceramente, não tenho respostas porque a minha visão é que de facto o jogador quando joga não quer jogar bonito, quer jogar bem não é? E, portanto, agora o jogar bem pode ser jogar bonito não é? O gesto estético é mais eficaz porque é um gesto que eliminou o ruído, digamos assim. Portanto, o gesto do jogador que conseguiu eliminar o ruído e conseguiu ser mais claro, ser mais depurado e ser mais pertinente, é melhor e também é mais bonito.

Luísa: Portanto, o que me está a querer dizer é que ao termos preocupações com o jogar bem, conseqüentemente o jogar bonito surgirá e não é necessário termos essa preocupação com o jogar bonito.

PCS: Pois, o que eu estou a dizer é que o jogar bonito não deve ser a preocupação do jogador, ou seja, é um bocadinho aquilo que lhe estava a tentar dizer, é que para o jogador a estética é uma categoria passiva, para o observador a estética é uma categoria activa. Ou seja, o jogador pode jogar bonito porque joga bem não é? Agora, o observador tem a capacidade de olhar para aquela situação e dizer “esta situação é uma situação bonita, é uma situação que esteticamente me convoca”.

Luísa: Portanto, para elevar o valor estético do desempenho da equipa ou do jogador, basta preocupar-nos com o jogar bem.

PCS: Sim, portanto, a ideia que eu tenho é justamente essa. Ou seja, é a de que o jogar bem, de resto isso em todas as modalidades, o jogar bem dá a tal dimensão estética ao jogo porque o jogo não é uma obra de arte e como não é uma obra de arte não é estético à priori, percebe? É estético depois de observado, está a perceber? Enquanto que uma obra de arte é um objecto estético à priori, porque ela foi produzida por um artista e portanto o valor estético da obra de arte não depende do observador, está a perceber? A obra de arte tem um valor estético natural que lhe foi atribuído por um artista, não é? No caso dos objectos e das situações que não são obras de arte, o valor estético é conferido por quem o observa está a perceber?

Luísa: Não podíamos olhar para os jogadores ou para a equipa como artistas que constroem, ainda que seja imprevisível, mas que constroem uma obra de arte?

PCS: Artistas entre aspas não é?

Luísa: Sim, entre aspas.

PCS: Ou seja, artistas podemos considerar um cirurgião um artista percebe? Usamos aí a palavra artista, muitas vezes, com sentidos diferentes e de uma forma paradoxal. Dizemos de uma pessoa: “ele é um artista”, portanto, é alguém que no seu território e na sua matéria consegue superar-se, consegue elevar-se até uma dimensão estética e dizemos: “ele é um artista” e podemos dizer justamente no sentido contrário, dizer: “ele é um artista” estilo “ele é um farsante...” percebe? Para a mesma situação e dando um tom diferente eu posso daquele cirurgião dizer: “ele é um artista porque de facto ele consegue transcender-se e aquela cirurgia que fez...aquele transplante...aquele bypass coronário é uma obra de arte” não é? Agora posso dizer do mesmo cirurgião “Ah, ele é um artista.”, portanto, é alguém que faz as coisas às três pancadas está a perceber?

Luísa: Há na literatura quem compare...quem faça esta comparação ainda que utilize, de facto, esta expressão artista entre aspas.

PCS: Mas tem que ser entre aspas sim!

Luísa: Mas olha para o jogo como uma criação, uma construção como a obra de arte. Ainda que tenha duas características que a obra de arte não tem que são: a intencionalidade da eficácia...da vitória no caso concreto do futebol e imprevisibilidade dos constrangimentos do jogo não é?

PCS: Sim, mas há obras imprevisíveis. Por exemplo, há obras e há muitos movimentos na história da arte do século XX que lidam com a imprevisibilidade, por exemplo, as situações de automatismo...de pintura automática e não sei que mais, em que o jogo mesmo do trabalho do próprio Jackson Pollack, ele não sabia exactamente no que é que aquela obra...onde é que aquilo ia parar percebe? Portanto, não é por aí. Há uma distinção que eu uso que eu acho que é muito pertinente e é eficaz. É que só há obra de arte quando há artista não é? Qualquer coisa hoje em dia pode ser uma obra de arte, mas só é obra de arte se houver um artista a dizer que aquela “qualquer coisa” é uma obra de

arte. Portanto, o problema deixa de estar a jusante e passa para montante. O problema é: o que é um artista? E eu não creio que um jogador de futebol seja um artista no sentido de que é um produtor de obras de arte, agora produz coisas bonitas mas não são obras de arte.

Luísa: Que manifestações têm a formação estética, intencional ou não, (já ultrapassamos essa discussão) nos desempenhos dos jogadores e das equipas de rendimento superior? O que é que há no jogo e nos jogadores, pela sua apreciação actual no jogo de futebol, que faz...

PCS: Acho que voltamos um bocadinho à mesma questão, ou seja, um jogador que joga bem acaba por ser um jogador mais eficaz e sendo mais eficaz, o seu gesto acaba por mais bonito e, portanto, aí estamos na mesma situação está a perceber? Ou seja, o jogador não faz...o jogador não é artista, não faz obras de arte. O seu objectivo é jogar, agora desse jogo e do resultado desse jogo surgem situações que podem ser apreciadas esteticamente. Mas agora você diz-me. "Mas então, eu posso considerar um jogo de futebol uma obra de arte?"...Não! Pode considerar uma situação esteticamente interessante, mas um jogo de futebol só é uma obra de arte se, por exemplo, neste caso do Douglas Gordon que fez a partir de um jogo de futebol uma obra de arte. Agora se eu fizer uma fotografia de um jogo de futebol, aquilo só é uma obra de arte se eu for um artista, está a perceber? Ou seja, um jogo de futebol nunca é uma obra de arte, é um jogo de futebol que tem qualidades estéticas digamos assim....

Luísa: ...apreciadas...

PCS: ...e que eu próprio tenho a capacidade de atribuir a um jogo de futebol capacidades estéticas. Porque nem só, como lhe disse, a obra de arte é estética não é? Um pôr-do-sol pode ser estético também não é? Mas um pôr-do-sol não é uma obra de arte. Nem quando fotografado por mim é uma obra de arte. Pode ser uma coisa agradável e bonita não é? Até pode ser, pelo

contrário, uma coisa “kitch” não é? Porque toda a gente fotografa pores-do-sol e pode ser uma coisa até parola se quiser, não é?

Luísa: Gostaria de referir mais algum aspecto que posso contribuir para o estudo da compreensão do tema “Novos desafios para a formação do futebol contemporâneo, que formação estética no jogo?”.

PCS: Pronto, eu acho que o olhar estético, de facto, é um olhar que enriquece a leitura do futebol não é? Ou seja, agora eu acho que não se deve sobrecarregar o praticante com olhares. Mas o observador deve enriquecer-se com esses olhares e com a existência de múltiplas camadas e múltiplos filtros que permitem observar uma determinada situação, está a perceber?

Luísa: Claro.

PCS: Eu acho que ao jogador compete jogar bem, se ele jogar bem o seu jogo vai ser particularmente eficaz. Agora, um treinador de futebol vai acabar por ratificar os gestos bonitos, porquê? Mas não é por serem bonitos, é por serem eficazes está a perceber?

Luísa: Claro.

PCS: E, portanto, um bom jogador de futebol acaba por ter gestos e por ter um comportamento motor bonito, mas porquê? Porque essa beleza está associada à eficácia está a perceber?

Luísa: Para promovermos esse jogar bem, que terá como consequência jogar bonito, resta-nos preocupar-nos com dar ferramentas para que joguem bem.

PCS: Para que joguem bem. Portanto, eu acho que o jogar bem não é? Agora, o próprio treinador pode, embora não tenha a consciência disso e é a tal

situação da estética passiva, justamente ratificar e pode ser esse gestos bonitos porque se apercebe que os gestos bonitos são gestos mais eficazes. Agora, ele não vai só ser os gestos bonitos se verificar que eles não são eficazes está a perceber?

Luísa: Claro. Professor, muito obrigada pelo seu contributo.

PCS: De nada.

Anexo 4

Entrevista com Marisa Gomes

Luísa: Muito obrigada Marisa pela tua disponibilidade para esta entrevista. A primeira questão que te coloco é: Qual o contributo que uma abordagem estética do Futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?

Marisa: É assim...uma abordagem estética no futebol, eu acho que não só uma abordagem estética mas todo o tipo de abordagem no futebol, que possa contribuir para um aumento do conhecimento, são todas positivas. O que a abordagem estética tem é que o lado estético é o lado da valorização. E nós valorizamos, ou a estética em si... é aquilo que se vê. Agora aquilo que tu vês, aquilo que eu vejo, aquilo que as pessoas vêem é diferente em função da realidade e daquilo...da capacidade de cada uma tem de ver porque, a realidade não é uma coisa neutra, a realidade é aquilo que nós fazemos que ela seja, não é?!E a abordagem estética no futebol tem o seu lado macro e o seu lado cultural muito forte, muito desenvolvido, isto é, em qualquer parte do mundo toda a gente pode não saber....sei lá, nos países mais pobres podem nem saber o que é um gesto cultural básico para nós, por exemplo ,o tomar banho ser uma rotina cultural básica para nós, uma necessidade básica e para eles pode não ser, mas eles jogam futebol e sabem o que é o futebol, conhecem o Cristiano Ronaldo, conhecem este lado do comercial, este lado do conhecimento, que é um lado cultural macro, tem influência também no que é o futebol, isto é, na realidade macro de que é o futebol. No entanto, dentro dessa abordagem existe....deste lado macro existem maneiras de ver o futebol totalmente diferentes, portanto, a abordagem estética vai ser totalmente diferente em função disso. Tu vês um jogo, e eu vejo o mesmo jogo e, de lá tiremos conclusões e vemos coisas totalmente diferentes. O jogo é o mesmo, não é? Mas não é o mesmo para ti nem é o mesmo para mim. Portanto, essa abordagem estética resultou muito de quê? Daquilo que nós fazemos com que a estética seja, Se calhar em Portugal o jogo é visto de uma determinada forma

porque existe uma determinada cultura, uma maneira de ver o futebol. Se calhar em Itália é totalmente diferente...do mesmo jogo. E, individualmente acontece o mesmo, acontece individualmente, acontece em termos de equipa, acontece em função do contexto. Agora este contexto pode ter uma limitação macro, mundial ou ter uma escala de limitação ou uma escala digamos assim...uma escala mundial, pode ter uma escala continental, pode ter uma escala de região, pode ter uma escala pessoal...que é individual. E essa abordagem estética no futebol é, no meu entendimento em termos macro, tem contribuído para quê? Para se valorizar o comportamento em si, isto é, só aquilo que se vê, quando que eu acho que o jogo é muito para além daquilo que se vê. O jogo é aquilo que se vê em consequência das intenções que nós temos a resolver as coisas. Mas fruto ao desenvolvimento da comunicação social, fruto ao lado da publicidade valoriza-se se calhar uma finta que o Cristiano Ronaldo faz e não aqui...a maneira como ele recebe a bola ou o que ele faz para conseguir receber a bola e no seguimento daquilo que ele faz. Isto é, ele faz uma finta, mas qual é a consequência... qual é o contexto em que ele a faz? Isso não se valoriza...isso não se valoriza! E no meu entendimento isto é que é a estética. Porque para mim o jogo, aquilo que eu mais gosto ver no jogo, aquilo que eu adoro ver no jogo, é ver jogador que é capaz de....aquilo que ele faz antes de receber a bola ou aquilo que ele faz para o outro receber a bola, aquilo que ele faz para além do contacto com a bola...

Luísa: Isso é porque tu conheces mais profundamente o jogo e é por isso que eu te coloco esta questão....essa visão mais profunda do jogo não nos pode dar uma ...ou, por outro lado uma apreciação estética do jogo não implica essa visão mais profunda do jogo, esse conhecimento mais profundo do jogo?

Marisa: É assim, isso é o que eu te estava a dizer. Isso implica uma mudança cultural muito grande, porque à escala mundial, o que hoje se dá primazia é o lado técnico da bola...o técnico desprovido da intenção, o lado...do...do...

Luísa: da exteriorização do gesto?

Marisa: exactamente. O movimento em si. E isso, para que a gente conseguisse alterar isso é preciso aquilo que eu acho que é fundamental e que tem que começar nas faculdades, porque é aí que o conhecimento se gera é uma mudança de paradigma, uma mudança de pensamento, uma mudança de perspectiva e uma mudança na forma de se verificar as coisas, porque as coisas são muito mais para além daquilo que a gente vê enquanto... do lado exterior! Agora isso implicaria ...para que isso aconteça, implicaria uma mudança. No entanto, se tu reparares, as grandes equipas, os grandes momentos no futebol...são aqueles momentos de exaltação individual, como por exemplo o do Maradona, em que ele finta quatro, ou cinco, ou seis, ou sete e vai... Implica a uma individualização do Maradona, mas também há, por exemplo, a laranja mecânica holandesa. Em que esta laranja mecânica holandesa é o oposto do individualismo para o colectivo. E o que eu quero dizer é assim, as grandes equipas jogam e são adoradas pelo sincronismo colectivo e nós vemos que instintivamente, quando nos vemos uma cooperação espontânea que tem sucesso, nós exaltamos. E quando uma equipa joga bem, toda a gente gosta. Portanto, este lado é mais inconsciente e eu acho que instintivamente nós valorizamos o lado cooperativo. Faz parte da espécie, faz parte da natureza humana. Nós quando nos ajudamos ou há entreaajuda e conseguimos transcender nessa entreaajuda, nós valorizamos. E tanto que nós vemos as equipas que fazem grandes jogos em termos colectivos...nós adoramos. O lado da transcendência, da exaltação para além de possível, acontece a varias escalas e essas.... Como nos vemos, por exemplo, às vezes dois jogadores que se entendem muito bem e toda a gente valoriza. Este lado também existe, agora o que não tem é um peso, não tem uma ajuda, nem tem um suporte da comunicação social, do jornalista, daqueles que também fazem parte do futebol, a uma escala maior e que contribuem para que as pessoas que não conhecem o futebol de dentro... aqueles que lêem jornais, aqueles que só vêem na televisão que passem a ver o jogo dessa

maneira. Porque nós vemos as pessoas que falam hoje de futebol, toda a gente fala de futebol e o interessante é que as pessoas que não conhecem o futebol em termos de conhecimento em si, repetem aquilo que dizem os jornalistas. E nós vemos um jogo, a maioria vezes tenho que tirar o som á televisão porque é uma coisa aberrante.

Luísa: ...então, estamos aqui a reconhecer algo de específico no futebol que, universalmente ou por essência deveria ser valorizado esteticamente. Ou esse lado que me estas a falar também é subjectivo, também é...

Marisa: Não! Eu acho que não é subjectivo. Eu acho que é mesmo instintivo. Porque repara, sempre que um jogador faz uma finta e passa por alguém e tem sucesso naquilo que faz, há uma exaltação. Porque se ele não tem sucesso não se valoriza, mesmo que a intenção fosse boa, não se valoriza.

Luísa: ...então há algo concreto do jogo de futebol....

Marisa: Há! E....

Luísa: que faz com que ele tenha valor estético!

Marisa: Exactamente! Para mim o que tem mais valor estético e o que revoluciona as pessoas é a transcendência, é qualquer coisa que surge que ninguém está à espera seja em termos individuais, seja em termos grupais, seja em termos colectivos, quando isso acontece toda a gente valoriza. Podemos...agora, nós temos é que reconhecer que a valorização do lado colectivo....para já o lado colectivo transcender-se ou a transcendência colectiva é muito mais difícil de acontecer porque é muito mais difícil de conseguir. E isso...

Luísa: é mais complexo...

Marisa: ...é mais complexo! E é mais difícil de ser reconhecida, mas quando acontece toda a gente adora! Toda a gente adora ver o Arsenal jogar, não sabem muito bem porquê! E só pelos golos? É só pela qualidade dos jogadores? Não! É pela qualidade colectiva em que isso acontece.

Luísa: Voltando um bocado à questão inicial. Sendo tu, uma pessoa das ciências do desporto...qual é o contributo para o conhecimento científico do jogo que uma abordagem estética pode dar?

Marisa: o contributo...

Luísa: ...porque estamos a falar de um âmbito mais de percepção...a estética leva...

Marisa: ...eu acho que tem partir daquilo que é o futebol. Isto é, uma faculdade como a nossa, tem que estudar o futebol. E...

Luísa: o futebol é isso!

Marisa: e o futebol é isso. Agora e à abordagem estética é que se nós partirmos.... Nós temos de partir do futebol. Agora se as pessoas do futebol, eles próprios, o conhecimento do futebol que se faz nas faculdades, porque a faculdade para mim tem de ser o momento chave da mudança....se as próprias faculdades não estudam a intenção, não estudam o que está subjacente e anterior aquilo que é o comportamento visível...se não estudam os contextos, se não estudam o lado da transcendência, se não estudam nada disso...como é que as pessoas vão conhecer isso?

Luísa: Em que é que se concretiza...já falamos um bocado, não é? Estavas a falar de características próprias e específicas do futebol, objectivas que fazem

com que ele tenha conteúdo estético. Em que é que se concretiza no teu entender a estética do futebol?

Marisa: É assim a estética do futebol é tudo aquilo que é visível e que faz....aquilo que é visível e estético não é? Porque a gente vê movimento ou não vê movimento...isso também é estética. Aquilo que no futebol pode ser, ou pelo menos, deve ser visível também...eu acho que deve ser visível e que é possível as pessoas conseguirem ver isso com uma mudança...tem que ser mesmo radical e a uma escala universal. É as pessoas perceberem que, por exemplo, um jogador...a técnica passa muito mais do que um momento de contacto com a bola. Passa no momento em que se antecede e no seguimento que se dá a bola. Por isso é que eu digo que trabalhar a técnica...eu trabalho com os meus pequeninos, trabalho muito a técnica...e com os grandes também, mas os pequeninos muito. E uma das coisas que tenho feito é primeiro um relacionamento com a bola, mas esse relacionamento com a bola não se restringe aos contactos com a bola. É no eles simularem antes de receber a bola. E como é que eu faço isso? É não só, nas situações de contacto com a bola em que há passes e eles antes de terem a bola tem de fazer uma simulação, como também nas situações de jogo, em que eu ponho espaços reduzidos e a simulação passa a ser uma necessidade para que eles consigam ter sucesso naquilo que estão a fazer. Por exemplo, pôr o jogo a dois toques num espaço muito reduzido, as simulações passam a ser uma dominante! E eu tenho uma valorização estética, eu valorizo isso e os miúdos também valorizam isso, no entanto.... e as pessoas que estão de fora que nem sequer têm essa noção também adoram isso. Porque há o lado da transcendência. Há um lado que a gente vê que não está à espera de ver e toda a gente valoriza isso. No entanto, as pessoas como só conhecem outro tipo de coisas quando eles estão a jogar se calhar até pedem outro tipo de coisas. Eu dou-te um exemplo concreto. Ainda nesta segunda feira começámos a treinar no sintético e nós nos infantis trabalhamos muito a parte técnica, o contacto com a bola, a maneira como eles se relacionam, o proteger, com diferentes trajectórias com...e eu...a minha intervenção com esses miúdos

passa muito pelo fazer. E... uma das coisas a que me obriga é eu estar sistematicamente a contactar com a bola, de formas diferentes, com trajectórias diferentes, de maneiras diferentes, em contextos diferentes. E o que é que aconteceu? Segunda-feira fizemos... foi sintético a primeira vez, começámos como tradicionalmente começamos com a bola de aquecer e depois fizemos jogos. Jogos em que o objectivo era passar com a bola controlada pela linha final. E esses jogos eram jogos muito reduzidos, com o espaço bastante reduzido. Com quatro contra quatro. E eu jogo... normalmente faço para jogar sempre numa das equipas. Para quê? Para intervir Porque mais do que dizer ao miúdo. "Olha recebe assim ou"...eu tenho que fazer! E mais do que fazer, eu quando jogo nos infantis nas escolas, o meu jogar é diferente do que o jogar dos juvenis. Porquê? Porque eu exagero na simulação. Exagero, não na finta em si, mas como o contexto é apertado eu até nem tenho a necessidade...estou sozinha...não tenho a necessidade de fazer uma simulação antes de receber a bola. Estou sozinha... não vou enganar ninguém. Mas pelo lado estético, pelo reforço estético. E o engraçado é que nós estávamos a jogar e as pessoas normalmente de fora, no clube onde eu estou, no Foz, não valorizam isto nem estão habituados a ver este lado bonito do jogo. É o lado bonito... e o que aconteceu foi que nos estávamos a jogar, eu estava a jogar, a dada altura tinha lá juvenis e juniores e os pais e tudo a bater palmas. Em situações que foram para além daquilo que eles já tinham visto...ou que se calhar eles só dizem:"ah! Isso só acontece na televisão"; "ah não sei que..."! E este lado, o lado do bonito é que faz toda a diferença. Porque quando acontece qualquer coisa bonita com eficiência, porque o perceberem porque aquilo que eu faço tem que ter sempre eficiência. E os meus miúdos fazem em termos técnicos e eu valorizo, mas não vejo nenhum lá a fazer coisa parecida, como um fim em si mesmo Porque em situações de jogo eu obrigo que seja assim, e eu também faço que seja assim. Eu nunca, por exemplo, faço bastantes fintas, mas não venho para trás para fintar o meu adversário. Nem deixo que eles façam isso. Porque eles têm que reconhecer que as coisas se fazem com um fim em si mesmo...

Luísa: hmmm...

Marisa: ...deixa acabar só este raciocínio. Duas coisas que é: primeiro, neste lado estético aquilo que faz a diferença entre as pessoas até mais evoluídas culturalmente e menos culturalmente é ter um parâmetro em geral até...é a beleza. Porque se tu reparares as pessoas mais desfavorecidas são aquelas pessoas que têm um padrão de beleza muito mais baixo. São aqueles que o seu ambiente e o seu contexto está muito mais degradado. E esses são habituados a isso.

Luísa: ... e então espantam-se quando lhes aparece...

Marisa: ou então nem o procuram, percebes? Enquanto que as pessoas mais favorecidas... e a desigualdade reside exactamente aí. Uma criança num meio favorecido tem um acesso a beleza muito mais bonito, muito mais frequente, muito mais hmm ...faz parte da vida deles. E então nós...

Luísa: ... essa frequência, essa frequência pode até ter um efeito contrário. Habituarse de tal maneira...

Marisa:... mas depois tem uma coisa que é muito importante, que é... Eles depois não se sujeitam aquilo que não é bonito. E no jogo a mesma coisa. Se os meus infantis são habituados desde pequeninos a jogar em jogo bonito, depois se calhar se o jogo for sempre um pontapé para a frente, eles não se sujeitam. E vão ser muito mais selectivos, um dia que por exemplo, saem no final deste ano, saem para outro clube. Chegam a outro clube, onde a realidade e a beleza em si não existem.....o lado estético não existe, não é tão presente, eles se calhar não valorizam e não querem, não se sentem bem.

Luísa:... estás a falar disso do bonito, da questão do bonito e da sua relação com, com a eficiência, com finalidade e a esse propósito, pergunto: qual a

relação entre a finalidade estética e a finalidade do jogo de futebol que é essencialmente tático?

Marisa: tem que ser o mesmo.

Luísa: tem que ser o mesmo.

Marisa: Tem que ser o mesmo. E porquê? Porque repara....eu quando digo aos miúdos, eu quando faço trabalho técnico de fintas há sempre um obstáculo, primeiro. E segundo, quando eu isolo no fundo, em termos de complexidade porque estou a ensinar uma finta nova. Por exemplo, eu faço sempre as fintas e obrigo que eles façam também com o pé contrário. E quando faço isso e decido que para eles terem sucesso Porque este lado do sucesso é fundamental ... para que eles tenham sucesso tenho que reduzir. Mas eu por exemplo, digo, “façam uma finta á Ronaldo”, mas a seguir tem que fazer qualquer coisa mais. Isto é, mandas:”Façam um Ronaldo” e se tu disseres: “façam um Ronaldo e a seguir tem de fazer isto”, o Ronaldo tem uma configuração manifestamente diferente. Porquê? Devido ao lado projectivo. Isto é, eles a seguir sabem que tem de fazer mais qualquer coisa. E isto muda tudo, porque eles não fazem a coisa por si próprio, eles fazem a coisa tendo em conta o que vão fazer a seguir. E isso é que é eficiência.

Luísa: qual a relação entre estética e eficácia no jogo de futebol?

Marisa: tem que ser a mesma. É aquilo que eu te digo. Se tu fazes uma finta e a coisa não resulta, ninguém valoriza. É aquilo que eu te digo, a gente joga futebol, o lado colectivo, se tenta jogar bem e tenta jogar bonito, e não resulta, não ganha...as pessoas dizem: “ ah ta bem...vai jogar bonito”, mas se resulta “ei, aquela equipa é que joga”. Percebes? E este lado está associado, por isso é que eu te digo que o lado do estético está muito ligado, aliás, para mim está inerente à eficiência, ao sentido com que se faz as coisas, ao contexto que as estava a fazer. Aquilo, a transcendência é porque ele teve de se

transcender....aquilo que nós estávamos à espera que acontecesse naquela situação, ele transcendeu-se para fazer aquilo e nós valorizamos. E não pensámos: “ Eiii, devia ter feito ao contrário”...”Eiiii devia ter feito de outra maneira” porque ele teve sucesso. Foi para além daquilo que nós estávamos a espera.

Luísa:... e sobretudo porque se reconhece que esse produto é resultado do processo jogar bonito, não é? Não são independentes...

Marisa: o produto é aquilo, Luísa, que eu estava-te a dizer. Tu não podes separar...o produto do processo. O processo tem uma finalidade e essa finalidade é o produto. E se tu vês o movimento só em si, só estas a ver o produto, então não estás a ver o jogo. Estás a ver um conjunto de movimentos. Por isso é que eu falo sempre em interacção. Porque a interacção é, o meu colega recebe a bola do lado direito e eu que estou do lado esquerdo tenho que estar a jogar com ele. E que é que significa? Significa estar a contribuir para esse contexto....abrindo as vezes para criar espaço, outras vezes é criando-lhe uma linha de passe viável... e muitas vezes, por isso é que eu te dizia a bocado, que o lado estético é muitas vezes estar parado. Uma das maiores dificuldades que eu tenho hoje em dia nos escalões maiores...

Luísa: ...e no entanto as televisões estão constantemente a dizer quantos quilómetros um jogador correu...

Marisa: Exactamente! Exactamente! Eu confesso que nos escalões maiores a maior dificuldade que eu tenho é fazer com que os miúdos parem. Porque há uma vertigem para correr, para ir para a frente. Quando muitas vezes, parar é a melhor solução, é a solução mais eficiente. É a onde têm mais condições. E do mesmo modo que eu, as apreciações que eu ouço das pessoas é o melhor jogador é sempre aquele jogador que corre mais, e que deu o litro e que não sei quê... E isso para mim, não tem nada a ver com estética! Porquê? Porque não é eficiente, não está enquadrado num contexto, não tem um lado estético.

Luísa: ...sobretudo não tem a ver com futebol

Marisa: Para mim não é futebol!

Luísa: Pode ser estética de outra coisa qualquer, mas do futebol...

Marisa: Exactamente. É aquilo que te digo... para mim futebol é interacção, um movimento em si não vale nada, não existe. Existe enquanto movimento, mas não existe enquanto significado para mim. E por isso é que eu digo , e nós temos... por isso é que é fundamental haver um contexto colectivo. Porque havendo um contexto colectivo, todas as acções têm uma significância para quem está nesse contexto. E esse contexto é que é jogo. E o jogo repara... o jogo não é um somatório de movimentos. O jogo é muito para além daquilo que se vê! E tu vêes que vais ver as melhores equipas ... e... foste ver ao vivo, na televisão não dá porque a esta deturpação da imagem, há uma exacerbação da imagem, do movimento em si e não daquilo que está subjacente e por isso é que se valorizam jogadores que, sem os outros jogadores que pensam o jogo, não eram nada. E vemos jogadores que num contexto eram fantásticos e mudam de clube e deixam de ser fantásticos. Porquê? Porque o contexto não é propício. E o que é esse contexto? É o conjunto dos outros jogadores que fazem com que as condições com que ele recebe a bola e que o lado visível das televisões, da sociedade e da cultura, seja aquele. Aquele que seja o manifesto, mas o manifesto é o emergente e o emergente é qualquer coisa que está subjacente.

Luísa: A estética do futebol manifesta-se no jogo como um todo de natureza essencialmente táctica, ou esgota-se na forma dos seus gestos?

Marisa: O gesto em si é táctico, Luísa. O gesto que tu tens mais automático é táctico. Porque tu podes não pensar que vais comer, mas tu tens fome e tens

uma intenção subjacente, é automático, mas fazes. Não pensas nisso, mas fazes, é subconsciente, não deixa de ser tático...

Luísa: ...sim, mas há gestos desprovidos de significado...

Marisa: não acho!

Luísa: Não?

Marisa: Não. Porque o teu colega pode ter a pior decisão. Por exemplo, estas a jogar, o teu colega recebeu a bola, fez um 1 contra 1, porque é individualista e fez 1 contra 1, nem viu o contexto, nem nada...mas teve repercussões no contexto.

Luísa: Claro...

Marisa:... Estás a entender? E aquilo que ele fez resultou do quê? De um automatismo que ele tenho. E esse automatismo, o lado tático... há sempre uma intenção no comportamento. Sempre. Agora, por exemplo, tu tens fome, vais saciar a tua fome. Como é que vais fazê-lo? Vais ao bar, vais ali a cantina, vais acolá...e aí já são coisas mais conscientes, mas o inconsciente, o lado, faz com que tu tenhas demasiados comportamentos, determinados padrões, determinadas escolhas, percebes? E que, resultam da sociedade onde tu vives! Se tu vivesses na Índia, se calhar o saciar a fome...tinhas fome a outras horas que não tens agora. Resulta de quê? Dos hábitos. E os hábitos são táticos. E esse tático pode ser um "t" pequeno pode ser um "T" grande, desde a cultura. Tu fazes imensas coisas, nem te passa pela cabeça, imensas coisas que tu fazes resultantes da tua cultura, que tu nem questionas, porque faz parte da tua cultura, da tua educação, da tua civilização. E o jogo a mesma coisa. Há certas coisas que eu pergunto aos jogadores...eu até te vou dizer uma coisa...neste último treino, há um jogador que joga sempre com o ponto de lança. O jogo para ele é passar a bola ao ponta de lança. O que é uma

aberração, mas é. E tanto que ontem aconteceu que ele recebeu a bola, estava sozinho, puxa para ao meio, vê o ponta de lança a desmarcar-se para a linha com dois jogadores a acompanhá-lo e ele procura meter-lhe a bola, eu falo com ele e digo: “o que é que devias ter feito?” ...e ele “passar ao Tiago”...ele tentou fazer aquilo mas cortaram-lhe a bola porque era a pior decisão que podia ter tomado, mas o jogo para ele era aquilo. E eu disse: “o que é que devias ter feito?” E ele tornou-me dizer: “jogar para o Tiago”. Porque o jogo para ele é aquilo. E eu disse: “não, olha repara nisto. O jogo não passa para além do Tiago que é o ponta de lança, quando devia passar pelos outros todos.” E isto é para tu veres é aquilo que resultou dele, é fruto do quê? De um automatismo que ele tem. Do fruto dele jogar já varias vezes e o facto de o ponta de lança ser o líder e aquele que resolve se calhar as situações nas situações de aflição, ou nos contextos de aflição...então para ele o jogo é isso.

Luísa: e depois isso acaba por ter repercussões tácticas na equipa?

Marisa: Isso é táctico, percebes? Isso é táctico. É por isso que eu te estou a dizer que a estética é aquilo que está inerente ao comportamento. Eu sei que ele fez aquilo resultante disso, mas também sei que aquilo é um vicio, que aquilo é automático, ele nem pensa, só ontem é que: “Epá...o que eu fiz?” e a gente olha...o lado consciente. Mas, repara, na próxima situação que acontecer num contexto exactamente igual, ele faz o mesmo. Mas se eu lhe disser ele já sabe que fez mal. O golo, a valorização, a significância é que já muda, então o contexto para ele já muda, estás a entender? O lado da estética é o lado do significado e tudo é táctico. Agora, o táctico em si é o consciente e inconsciente, é aquilo que faz parte de ti, mesmo que tu saibas que não faz, mesmo que tu não saibas que faz, percebes? E por isso é que a gente fala em treino, por isso é que a gente fala em automatismos, por isso é que a gente fala na cultura de jogo, porque, era aquilo que eu te dizia... se o lado...aquilo que eu valorizo é que é estético. Eu valorizo...ainda ontem fizemos uma situação de posse de bola, em que eles a trocar a bola e houve um jogador que se virou para mim e disse-me:” Ó mister, nós estamos a jogar bem”, porque eu valorizo

aquilo, aquilo é bonito, mas enquanto se eu dissesse antes do exercício...dissesse: "Eiiii, vamos fazer isto, jogar bonito e tal"... O jogar bonito para eles é pontapé para frente, marcar golos assim num tiro. E não teve nada a ver. No entanto, como eu valorizo aquilo é bonito. Quem viu aquilo viu que era bonito, e eles próprios reconheceram que era bonito. Mas daí a dizerem assim: "ah...isto está bem, é isto que nós temos de fazer", aliás, eles ate dizem que assim é impossível ganhar jogos, mas o que eu sei é que eles estão adquirir.

Luísa: os jogadores dizem isso?

Marisa: dizem. Dizem: "Ó mister aqui nisto é impossível". Porquê? É o lado da beleza, é o lado do estético. Foram habituados, a cultura deles habituados a que só é eficiente a outra forma, tem que se jogar feio para se ganhar. Isso é uma aberração. E tanto que o lado,.. por isso é que os infantis e as escolas, a jogar bem, a jogar bonito estão a ganhar jogos. No próprio treino estão a educar as pessoas que estão cá fora. Isto é estética. Agora eu tenho é que criar condições para aquilo aconteça, eu tenho de criar condições de valorização. Eu vejo um miúdo que...corrijo; vejo um miúdo que numa situação qualquer de aperto faça uma simulação, passa eu aplaudo. E faço com que isso seja valorativo. Porque por contágio, ou por osmose, que eu costumo dizer que é por osmose, toda a gente vai viver aquilo. Por isso é que eu falo em nicho ecológico. E as pessoas quando virem, não já, porque isso demora bastante tempo, mas se calhar no Natal, já virem algumas equipas a jogarem em determinado padrão, vão dizer: " Eiii...acredito que aquilo seja possível."

Luísa: Qual é a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno?

Marisa: É fundamental. Porque é aquilo que eu te acabo de dizer. Só nos treinos, ainda não conseguimos fazer nos jogos, porque os jogos passam o lado emocional e aquilo tem de ser depois a parte deles, o corpo deles. E é

mais esporádico e quando a gente está em situações de aflição, a gente vai para os hábitos antigos. E os hábitos antigos são o jogar mal, o jogar feio para se ganhar. Que é o que eles têm na cabeça:

Luísa: O que é que em concreto essa formação dá o jogador?

Marisa: Dá o critério. Dá a selectividade. Dá a orientação das escolhas para o lado eficiente. E este lado eficiente é o lado valorizável. E o eficiente valorativo é o nos estarmos a jogar e sabermos que para ganharmos temos de jogar daquela forma. E que não é a questão de ser bonito ou ser feio. Não. É a questão de que é assim que se joga. É assim que nós somos eficazes. E o jogo é isso, porque era aquilo que eu te estava a dizer. A diferença de os contextos mais evoluídos para os menos evoluídos é a necessidade de beleza. E a beleza é.....houve uma vez um senhor, eu já não me lembro quem é mas, que disse uma coisa fantástica. Ele diz:” a maior doença é a fealdade”, o lado feio das coisas. E é verdade. As pessoas doentes, os sítios ou os bairros sociais onde as coisas estão mais degradadas, o lado feio é visível. E é normal, percebes? Enquanto que a formação estética, a valorização, aquilo que tu valorizas, a valorização daquilo que para ti é importante, o lado táctico, bonito, eficiente no jogar de determinada forma é determinante. Porque faz com que ele saia se calhar do Foz este ano e vá para outro clube e diga assim:” epá...eu assim não jogo e não valorizo “aquele acto. E então volta, se calhar, para o nicho ecológico, onde as coisas são mais bonitas, onde para ele têm significado. Porque ele formando-se nestas.... Tu, formando-te num clube onde haja uma lógica, numa equipa onde haja um entrosamento, onde haja cooperação instantânea, o lado táctico... Isto passa a fazer parte deles, e eles chegam a outro sítio, a outro contexto onde isso não exista, eles não se sentem bem, não conseguem jogar, porque o jogo é a gente jogar apoiando-se uns nos outros. Agora isso pode ser consciente e inconsciente. Mas resulta. Porque senão é uma anarquia total e o jogo não existe. Existe o quê? Um conjunto de comportamentos? Mas que com a continuidade até esses comportamentos acabam por desaparecer. Porque tu jogas...o jogo de futebol...o futebol de rua,

repara na altura nós jogávamos na rua e o futebol de rua era automaticamente, tipo: mudavam as equipas todos os dias e tal, e tal, e tal...e um dia eram três contra dois, outro, quatro contra quatro mas, eu reconhecia no meu vizinho que com o pé esquerdo ele fazia determinadas coisas que eu não conseguia fazer, mas que eu tentava imitar, porque sabíamos que ele....e ele, o saber que faz aquilo muito bem, chegava lá e mostrava...é uma maneira de afirmação, de valorização que fazia com que nós tentássemos...e eu, lembro-me de em casa, às vezes estar em casa a tentar fazer o que eles estava a fazer. Não fazia à frente dele (opa e tal), mas tentava fazer em casa, por contágio, por osmose e por contrariar, porque este lado competitivo existe. É o lado da superação, da transcendência, faz parte da vida.

Luísa: Em que é que se pode concretizar no treino em concreto a formação estética dos jogadores?

Marisa: A todos os níveis. Com a sessão de treino, na planificação e na modelação do treino, na configuração do contexto, na configuração do exercício, na intervenção do treinador, naquilo que o treinador diz antes, durante e após o jogo e o treino...no modo como faz com que os jogadores olhem para as coisas. Isso é formação. E isso é um processo contínuo. E a formação estética tem que fazer parte. Eu posso não ter consciência, mas o facto de eu estar a valorizar um determinado jogar...Eu tenho três equipas no foz, e eu valorizo determinado jogar...e espero chegar ao Natal, agora temos novas condições, e ver um padrão de intenção com “l” grande que é num plano mais macro a ser manifesto nas intenções e , com “i” pequeno em todos os jogadores e quero, que as pessoas passem a reconhecer essa diferença, porque eu valorizo determinadas coisas, no entanto, existe um projecto...existe um projecto metodológico que eu fiz para o clube e os outros treinadores, não valorizam, não faz parte deles e eu dou por eles a falarem, a valorizarem outro tipo de coisas. Apesar de a gente estar a falar antes do treino, fazemos os exercícios e pronto... falarmos dos exercícios e tudo, antes do treino e, eles dizerem que é este o objectivo mas depois a intervenção deles, não faz parte

deles. Aquilo que eles valorizam não é o mesmo que eu valorizo. Como para mim ver um jogador que recebe a bola e faz um gesto que não...para ele próprio, isto é, ele recebe a bola e só pensa em driblar sem ver onde é que estão os outros, sem saber o que está a fazer, eu paro o treino e castigo. Castigo no sentido de: “ o que é que estás a fazer?”...”Olha para este disparate”...e este lado para mim tem tanta valorização como eu dizer a um jogador que retardou a bola para o outro conseguir receber e fazer golo. Tem o mesmo valor. Porquê? Estamos a construir o mesmo, uma mesma lógica, a construir uma cultura, um processo contínuo porque as aquisições são corpo e alma. E a alma não é só aquilo que a gente faz em termos fisiológicos, mas esse sermos fisiológicos ganha uma configuração, uma cor em função daquilo que a gente ouve, porque repara, o lado psicológico que as pessoas dizem que existe é, por exemplo, um jogador ter sucesso naquilo que faz. Eu, normalmente, quando recebo a bola de costas, tenho muito sucesso em rodar de costas para a baliza. Consigo perceber onde é que está o adversário e passo sempre, ou vou pela direita ou vou pela esquerda e tenho sucesso naquilo que faço. Tenho sucesso nisso. E esse lado, esse sucesso faz com que eu tenha confiança. Mas essa confiança não tem uma...faz com que...o que é que eu quero dizer?! Essa confiança, que é um sentimento que se tem, resulta de quê? Do meu sucesso de concretização. E esse sucesso de concretização resulta de quê? Da minha capacidade de executar, de ser rápida a fazer isso, porque se eu se calhar fosse lenta, muitas vezes não conseguia fazer. Mas esse ser rápido é o timing, é eu muitas vezes ter que simular para fazer a seguir, muitas vezes ter que parar a bola e só depois é que rodar, outras vezes significantes ir para a bola e rodar logo. É o timing, é o contexto. É isso que faz com que eu tenha sucesso. E esse sucesso é eu dizer: “Ok, foi espectáculo”, toda a gente dizer: “Foi espectáculo porque conseguiste superar o adversário”, o adversário individual, colectivo. Conseguir ter sucesso no desenvolvimento do contexto, isso tem uma configuração positiva, a emotividade, por isso é que o Damásio fala em “marcadores somáticos”. Isso é psicológico, isso é físico, os “marcadores somáticos” são físicos. A minha contracção física das minhas contracções musculares ganha uma conotação, pelo valor que as coisas têm.

Por isso é que a valorização estética tem que fazer parte do corpo. E os “marcadores somáticos” são isso mesmo. Agora, se eu sou...faço isso...e sou muito mais explosiva nas minhas contracções rápidas, do tipo, as minhas fibras rápidas são muito solicitadas nesse tipo de gesto, no qual eu tenho sucesso, esse tipo de contracção tem uma emotividade, uma conotação positiva ou negativa e tem uma valorização estética. A valorização estética é exactamente isto, é a emotividade e a significância, o valor que as coisas têm... não só em si, mas no desenvolvimento do contexto.

Luísa: Portanto, aí referiste um aspecto que é o facto da formação estética estar implícita na formação em geral. E tudo o que o treinador e a equipa constrói para formar.

Marisa: Exacto!

Luísa: Portanto não há uma formação estética geral...

Marisa: ...geral! Não! Mas há uma natural. Porque repara, vais a um clube onde o treinador não tem qualquer tipo de preocupação, mas ele valoriza um jogo na cabeça dele e como os meus...por exemplo, tenho treinadores que valorizam o lado combatível por exemplo de muitos jogadores e dar tudo o que têm e de luta...ele na cabeça dele o futebol é isso, tem inerente um lado estético, porque ele valoriza certa coisa.

Luísa: e é mais inconsciente do que intencional essa...ou não?

Marisa: é intencional, agora essa intencionalidade é inconsciente, percebes? Porquê? Porque ele...toda a gente tem uma orientação, ele orienta-se é para coisas totalmente diferentes das minhas, a valorização estética é totalmente diferente da minha. Um contexto para mim é fantástico, por isso é que eu te digo, disse-te no início que no facto de a gente ir ver um jogo, para mim é um jogo, para outro...resulta disso mesmo. É que para mim o jogo, o lado

combativo, é uma coisa que está construída e que foi moldada pela cabeça das pessoas, agora o que orienta esteticamente as coisas. Agora o que eu te ia a dizer...esse treinador se tem um jogador e isso acontece nalgumas equipas que eu até acho engraçado, engraçado para vermos a essência humana porque repara, o treinador não tem uma preocupação estética igual à minha, mas há um jogador que tem classe naquilo que faz, tem critério e tem inteligência e ele não o corrige...para aquilo que eu normalmente digo, isto é, ele diz sempre: “é pontapé para a frente, mete o corpo, mete o pé”, mas para aquele jogador que é um jogador inteligente e consegue ser eficiente naquilo que faz, ele não o corrige e sabe que ele vai resolver os problemas à maneira dele, do mesmo modo que se tem um jogador que, normalmente, de 1 para 1 consegue fazer e ter um sucesso espectacular duma lógica diferente àquela combativa ele não, digamos...que não..... ele faz e tem sucesso e ele não diz: “eii, não faças isso”, diz: “boa, boa!”... valoriza.

Luísa: ...mas em formação... isso não acontece porque nem sempre há sucesso, ou seja, para se chegar ao sucesso...

Marisa: Era isso que eu te ia a dizer. Agora, as vezes, se calhar, ele faz em cinco vezes, passa três, nas duas em que ele faz, diz assim: “epá....não faz isso!”

Luísa: Pois...

Marisa: Agora o jogador, se tiver, nas vezes em que tiver certo faz na mesma, independentemente daquilo que ele disser. Agora este lado da formação estética existe sempre, porque tu dás sempre um significado e um valor às coisas, consciente ou inconsciente, Luísa, por isso é que o tu gostares de uma coisa... por isso é que a ideia do treinador é fundamental. E pior do que ter uma má ideia é não ter ideia nenhuma, porque tu não sabes, ou valorizas agora uma coisa e depois outra e não há uma coerência, não há uma lógica.

Luísa: Qual a importância da relação afectiva com a bola desde cedo, nesta formação estética?

Marisa: É fundamental. Com a bola e sem a bola, porque a relação com a bola é o meu colega mais distante de mim ter a bola e eu saber onde é que devo estar, para eu poder receber ou para eu poder ganhar ou para estar em condições de a receber, ou para estar em condições de a ganhar. Portanto, a minha relação com a bola não é só quando a contacto, é no desenvolvimento do contexto. E no desenvolvimento do contexto também fazem parte os meus colegas e os meus adversários e também faz a configuração espacial.

Luísa: estamos a falar na relação com o jogo...

Marisa: o jogo...! O jogo é isso mesmo. O jogo...Agora, eu reconheço que o modo como tu contactas a bola tem muita importância no desenvolvimento do contexto. Se tu não tens capacidade... porque repara é um processo simples, natural, que é tu não tens... eu por exemplo agora, mais por necessidade de estimular os miúdos, consigo trabalhar melhor com o meu pé esquerdo, mas quando eu jogava o meu pé esquerdo era zero, isso limitava as minhas escolhas, porque sempre que eu precisava de ir pelo lado esquerdo para ter sucesso, não o fazia. E o interessante é que as minhas colegas já sabiam disso, por um entrosamento natural e sabiam quando eu precisava de ir para o pé esquerdo, o mais provável era eu perder a bola, porque não o fazia, porque não tinha sucesso. Isto é um processo evolutivo. Por isso é que eu falo que o sucesso tem que fazer parte. Eu só sou boa naquilo que consigo fazer e eu vou apostar sempre naquilo em que tenho mais sucesso. Agora, se eu digo...por isso é que o critério é importante, porque se eu conseguir ir pelo lado esquerdo e pelo lado direito é uma questão depois de eu analisar as circunstâncias. Porque senão eu própria estou a reduzir a minha capacidade de E por isso é que a capacidade de intervenção sobre a bola e tratar bem a bola é fundamental porque tu consegues depois ter capacidade de concretizar. E as tuas intenções vão ser...tu orientas-te sempre para o sucesso, a não ser em

casos patológicos ou de maluqueira, mas orientas-te quase sempre. E esses lados...por isso é que falamos em automatismos....um automatismo conquista-se com o sucesso de concretização de qualquer coisa...e se tu tens sucesso num passe, tu vais passar mais vezes...Se tu és péssima no passe, vais evitar passar. Instintivamente. E portanto, se tu tiveres sucesso no passe, no drible vais conseguir desenvolver o teu critério com mais sucesso. Porquê? Porque tens capacidade de resolver e de escolher e de concretizar. Porque o jogo acontece no domínio da acção. Agora a acção é muito mais do que aquilo que a gente vê. É tudo aquilo que a gente tem em nós, projectamos para o futuro e tudo aquilo que nós temos em nós e nem sabemos que tempos.

Luísa: E qual o papel da imitação e criação nesta formação estética?

Marisa: É fundamental. A imitação é aquilo que eu te falava ao bocadinho da osmose. Eu...há um gesto que eu faço e que nem me apercebia que fazia e que este ano os miúdos me alertaram, que é, eu jogo e envolvo-me no jogo, porque só assim é que eu consigo jogar. E, como eu já te disse ao bocadinho, eu exagero na minha envolvência no jogo, na situação, no gesto bonito e na minha relação com a bola e no modo como me ponho a jogar com as colegas. E este lado...um passe...procuro sempre que o passe seja em condições, em boas condições de recepção...e este lado, fez com que este ano, quando a bola me vem na lateral e eu não tenho, ou não tenho oposição do lado contrário, eu rodo sempre por este lado. Faço, digamos que um “L” no sentido contrário. Apanho a bola assim de lado e faço. É uma coisa que eu faço, adoro fazer aquilo. Sempre que jogo, sempre que tenho condições faço isso. Gosto. Adoro fazer aquilo. E um miúdo, uma vez estávamos a treinar, estávamos a falar das rotações e vira-se um miúdo assim:” Ó mister temos de fazer aquela que você faz no jogo”...” Aquela que eu faço no jogo? Qual? E experimentei um conjunto de gestos que eu via em mim que normalmente costumo fazer, se calhar até mais conscientemente. Ele disse: “ não, aquilo que você roda”...este miúdo tem as rotações todas de costas. “Não, aquela que você recebe assim e faz assim” e eu...”aaa”. Isto quer dizer o quê? Eu não fazia aquilo na parte

inicial, ou não valorizava aquilo, mas aquilo fazia parte de mim. Os miúdos adoram ver aquilo e eu também adoro fazer aquilo, porque dá...é...o defesa vem dali e eu rodo por este lado. E aquilo criou um tal impacto nos miúdos, que eles me pediram para lhes ensinar. E eu.... o que é certo, é que há miúdos já a fazerem aquilo. Como, por exemplo, na segunda-feira, a bola ia fora, eu meto a bola na...por exemplo, a bola está aqui, tenho a parede ali, e eu meto a bola contra a parede e a bola vem e eu nunca recebo a bola para a parede. Se a bola vem da parece recebe sempre para o lado contrário, ou deixo passar por baixo das pernas, ou então faço uma rotação. A dada altura os miúdos que iam buscar a bola, estavam a fazer o mesmo que eu.

Luísa: E qual é a influencia, o papel que isso tem, na sua capacidade depois de criar, de eles próprios autonomamente criarem?

Marisa: Criam porque depois têm, é aquilo que eu te dizia...como eles depois começam a desenvolver uma relação com a bola, com o colega, com a capacidade de conhecerem o espaço e de aproveitarem, eles próprios...é aquilo que te dizia à bocadinho....eles próprios, a capacidade de concretização desenvolve-se. Porque eles sabem que há espaço do lado esquerdo e conseguem ir com o é esquerdo fazer aquilo que eles inventam e criam...e às vezes a bola vai ali a fugir e como ele tem capacidade de lá meter o pé esquerdo e ir buscá-la, consegue ter sucesso e então passa a fazê-lo mais vezes. O lado, acaba por ser uma cadeia, um ciclo, começas a conseguir concretizar, começas a ter mais sucesso, começas a ter capacidade de intervir sobre o contexto. É aquilo que eu te dizia...tenho um contexto propício para ir o lado esquerdo, mas não tinha capacidade de o concretizar, de ter sucesso naquilo, então, se calhar perdi. E eles fazendo até uma vez, fazendo duas, três quatro as coisas acabam por ser e depois, o lado sendo um a evoluir, o outro a evoluir, o outro a evoluir, o outro a fazer coisas que se calhar nem ... este lado faz com que a riqueza do contexto seja cada vez maior e a dificuldade seja cada vez maior. Ora, a dificuldade sendo cada vez maior obriga-te a superar os

limites continuamente. Na linha de passe que dás, no segurar da bola quando ele te vem dum lado. Este lado é que é estético.

Luísa: Como construir uma formação estética do jogador que vá de encontro as necessidades de um jogo colectivo?

Marisa: Formando jogadores para jogarem o jogo. O que é que eu quero dizer com isto? É tu desde pequenina valorizares, primeiro a relação com a bola. E a relação com a bola é aquilo que eu já te disse, no contacto no antes e no após e depois na aposta em contextos de dificuldade. Nos contextos que obriguem, por exemplo... eu quero que os meus miúdos utilizem o pé esquerdo, eu ponho espaços muito reduzidos onde a competitividade...e normalmente com adversários de qualidade. Porquê? Porque vai obrigá-los, mesmo que eles não queriam a tocar com a bola mais vezes...

Luísa: ...a ter que recorrer a essa ferramenta...

Marisa: ...porque se eles tiverem espaço vão utilizar o pé direito. Há este conceito que é também fundamental no treino e na formação, é o conceito da necessidade. Nós evoluímos e transcendemo-nos quando temos necessidade. Tu ao subires as escadas, não levantas a perna para subir duas escadas ao mesmo tempo se não tiveres necessidade. Agora, se o degrau for maior, tu vais ser obrigada a isso e vais fazer. E no jogo a mesma coisa. E a formação do jogador tem que ser nesse sentido. Agora, a lógica com que tu...a lógica com que tu fazes isso, a lógica que tu implementas ao teu contexto para que se resolvam os problemas é que varia de contexto para contexto. E havendo uma continuidade e havendo este lado da beleza, da estética, daquilo que é o meu jogo, o lado individual colectivo está inerente. Eu valorizo o gesto com a bola tendo em conta o contexto, eu deliro cada vez que um jogador recebe a bola e vê que vai ser pressionado e simula antes de receber a bola para conseguir ganhar a bola, isto é, a bola vem, o adversário está ao mesmo nível que ele e ele quer receber a bola ali, então ele simula que vai que é para o adversário

conter e ganha a bola aí. Eu deliro com isso. Porquê? Ele enganou o adversário para ter sucesso e tendo em conta que...é receber a bola e no modo como a dá. Isto é que é jogo, porque é um contexto, não é...eu faço muitas situações isoladas, eles a tocarem na bola, mas até esse tocar na bola, eu digo:"tem que ser um toque com o pé direito, outro com o pé esquerdo", para que eles tenham sucesso naquilo. Porque se eu vou querer que eles utilizem o pé direito e o pé esquerdo e os obrigue a jogar só com o pé esquerdo, eles não têm sucesso nenhum. Isto não é jogo. E eu vou-te dar um exemplo mais concreto...nesta segunda-feira estávamos a jogar e o que é que acontecia? Acontecia que a dada altura as equipas ganhavam a bola e iam para a frente. E o meu adjunto teve uma intervenção engraçada...engraçada. O que é que ele disse? Pegou e disse aos miúdos: "Ah, é obrigatório fazer quatro passes antes de marcar golo", quando eu estava a ver outras equipas. Quando cheguei aquele espaço vi numa situação logo, na primeira situação, um miúdo que tem....uma das melhores qualidades é essa, é reconhecer quando tem que progredir ou quando tem que retardar porque não há condições, no fundo, ter critério na transição. E então, eu vi que ele, normalmente, as condições eram todas propícias para ele avançar e ele não avançou e isso espantou-me. E eu disse:" Então Bruno, porque é que não foste?" e ele disse: "Porque o mister disse que era obrigatório fazer quatro passes", e eu "Quatro passes? Não, não é obrigatório." E porquê? E fui ter com o adjunto e disse...chamei-o para o exercício e disse: "Porque é que tu lhe fizeste isso?"..." Porque estava a ser muito fácil!"..."Porque estava a ser muito fácil? Mas os defesas é que têm que vir para trás... o ajustamento tem que ser na defesa. Se perderam a bola ali eles, têm que ajustar." E se tu tiveres necessidade de entrar nesse exercício e dizeres assim: "olha, eu jogo aqui", podes mostrar como é que é, intervindo, jogando...então tu tens que o fazer. Agora, impor essa regra não porque estás a limitar o jogo. E ele....porque é que ele estava a fazer? Ele estava a mutilar o jogo, o facto de ser obrigatório fazer quatro passes para trás implicava que quando o jogo, a necessidade era de ir para frente, eles não iam. Então, nós estamos a mutilar um critério, eles têm que reconhecer quando é que têm que ir para a frente ou de vir para trás, em função de quê? Do contexto. Então, nós

próprios estamos a mutilar o contexto! O que é que fazia? A equipa que perdia a bola estava tranquila porque eles tinham que fazer quatro passes. Isto tudo estava...não era jogo quase, não era o jogo que eu queria que houvesse, não havia critério, eles não passavam a reconhecer e quem está a defender o jogo está formatado. Eu sei que eles têm de fazer quatro passes então é diferente... E isto, não é formativo.

Luísa: Sim...porque os comportamentos têm que ser feitos em função dos constrangimentos, quando se tiram esses constrangimentos....

Marisa: ...os constrangimentos é que têm que ser no sentido de desenvolver critérios e para desenvolveres critérios tens que ter várias escolhas. Se não tiveres escolhas não desenvolves critérios. Desenvolves quê? Um gesto em si, uma escolha...agora...

Luísa: descontextualizada....

Marisa: ...exactamente. Por isso é que eu falo em contexto, para quê? E não em comportamentos. O contexto é que faz com que haja variabilidade e necessidades diferentes e ajustamentos diferentes, percebes? O grau de liberdade...como é que a gente pode crer que haja transcendência?!...e a gente...quando eu digo transcendência não é só transcendia ofensiva, eles tinham era que se transcender naquele contexto e vir para trás, perdendo a bola, tinham que enquadrar com a bola para os outros recuar. Se os outros marcavam golo era mérito próprio e desmérito deles. Agora, nós temos como treinadores... É a mesma coisa que um jogador ganha a bola, tem sucesso no 1 contra 1, faz o passe e marca golo. A gente: “ na na, tu não podes fazer sempre um contra um!”...Não. Tenho é que colocar, se calhar, dois defesas à frente, para ele não fazer um contra um, faz um contra dois. Se ele passar? Se calhar tenho que é que ir para um contra três

Luísa: Aí estamos a entrar noutra questão que é: Como é que pode a formação estética de um jogador contribuir para o seu desempenho ou para a sua recriação pessoal de outros modelos de jogo, de outros contextos...?

Marisa: A formação tem que ser isso, tem que ser a riqueza de contextos, percebes? Agora, quanto mais baixa a idade, mais tem que ser essa riqueza de contextual, que é para eu ter necessidades de ajustamento. E essas necessidades de ajustamento, é que vão fazer com que eu desenvolva um critério. E desenvolva segundo a lógica que nós estamos a implementar, a valorização estética, o sentido e o significado das coisas. Agora, eu reconheço, por exemplo que nos juvenis, esse lado de variabilidade tem que ser reduzida, aliás, tem que ser no sentido contrário, aquilo que já existe na cabeça deles no meu contexto, percebes? Porquê? Porque existe já uma aquisição..., eles no fundo estão restritos. O problema dos meus juvenis é que eles estão restritos a um jogar. E eu, para os levar para outro jogar, eu tenho que os direccionar para lá e não lhe posso dar o leque de variabilidade que dou, por exemplo, aos infantis e às escolas. Porquê? Porque eu para os direccionar, não os posso deixar totalmente à solta, senão passa a ser anárquico. Eu tenho é que os levar a... no sentido contrário, para que as coisas tenham algum sucesso, senão, se calhar chegava à Páscoa e conseguiam, mas eu quero conseguir o mais rápido possível.

Luísa: Claro!

Marisa: Percebes?

Luísa: ... a questão da competição, não é? E as suas consequências na formação, não é? Por vezes ...por vezes que.... Não sei, eu acho que é importante pensarmos que formar não é, precisamente, dar ferramentas para que em qualquer contexto o jogador de desenrasque ou saiba discernir....

Marisa: o formar no futebol tem que ser o estimular a transcendência do desenvolvimento dos contextos de jogo em que, variando os colegas, variando a equipa adversária, variando as solicitações, eu tenha uma capacidade de intervenção diversificada, para que eu tenha sempre sucesso. Percebes? E esse lado...e esse lado é que é formar, porque senão é formatar. Eu digo que os meus juvenis são muito limitados, porque eles não têm capacidade de ajustamento, estão formatados numa forma de jogar.

Luísa: Mas ao direccioná-los para outra forma de jogar...eu pelo menos admito a possibilidade...de não...de isso não ser formatar, mas direccionar para um modo de jogar que lhes dá ferramentas, que lhes fornece ferramentas....

Marisa: Sim... eu quando digo forma de jogar é tipo, eu quando estou a falar aqui em forma de jogar que eles têm é que...sabes o que é? É que o jogo não é jogo. O jogo deles é a bola cá atrás, tem de chegar lá frente o mais rápido possível, sobretudo pelo ar, que é para o adversário não ter capacidade de interceptar e é o meu extremo está viciado a jogar para o ponta de lança, e é o meu lateral receber a bola e tentar furar. Isso não é jogo. Porque isso é um conjunto de comportamentos automatizados e viciados. E que nos levam a ter muito insucesso e não nos levam a jogar como equipa. Por isso é que eu digo que tenho que mudar. Agora, eu também sei que esse lado...isso também é jogo. É jogo e faz parte deles. Agora, tenho que intervir. O que eu quero dizer é que eu não digo aos meus infantis: “olha...nós temos ...quando falo aos jogadores é em termos de princípio e não em termos de comportamento. E porquê? Porque em termos de princípio, eles próprios vão-se cooperar, isto é, “nós sabemos que temos que fazer isto”. Como é que vamos fazer? Se houver um sentido comum, a significância, a valorização estética passa a ser essa, como por exemplo, o jogar para trás. Eu para jogar...para fazer os meus juvenis jogar para trás tem sido uma luta Já começo a ver eles a jogar para trás, quando não dá para a frente, torna a jogar para trás. No entanto, eu vejo que nos meus infantis o jogar para trás faz parte. E faz parte numa equipa, por exemplo, que nos infantis em que eles valo....o guarda-redes é um jogador

espectacular em que eu.... Joga muito com os pés e é um líder. Então o jogar para trás naquela equipa faz parte. É espectáculo vê-los a jogar para trás. Agora, nos outros já não, já é mais difícil, já é um preconceito que eles já têm neles. No entanto, as outras...as pessoas vão ver os infantis...e vêem a jogar para trás e sentem-se seguros, porque há uma segurança natural porque o rapaz tem sucesso. Se o rapaz tivesse um medo terrível de socar a bola, se calhar, não se jogava com tanta naturalidade para trás. A eficiência em si, o processo acabava por ser, o lado da emotividade acabava por....e porque é que ele tem medo? Tem medo porque se calhar muitas vezes já teve insucesso. É porque não concretiza tão bem. E então, nós temos é que conseguir fazer com que o sucesso seja presente, para que a coisa seja positiva. E é nesse sentido que nós temos que valorizar, um lado de grau de liberdade. Mas eu reconheço, por exemplo, que tenho um lateral esquerdo que é muito limitado ao nível da concretização...porquê? Porque sempre que ele recebe a bola finta sempre. Então, isto para o lateral direito tinha sido: "Tu tens que ver se o meio está fechado jogas por fora, se o fora está fechado jogas por dentro e depois.....e se não dá para frente, jogas para trás. E ao meu lateral esquerdo não faço isso. Ao meu lateral esquerdo digo assim: " Tu quando recibes a bola, jogas para fora. Sabes porquê? Porque ele...a tendência em, em dez, nove vai para dentro. E se eu lhe disser isso, ele em dez vai fazer só cinco por dentro, estás a entender? E este lado é que tu tens que saber gerir, tu crias grau de liberdade... nele, obrigando-o a fazer.... Ou reduzindo-lhe, no fundo, na tua intervenção, o grau de liberdade contrário, porque tu sabes que ele instintivamente não vai fazer aquilo que tu dizes. Se eu dissesse ao meu lateral direito: " Tu só jogas por fora"... ele jogava sempre por fora, então eu não lhe digo.

Luísa: hm...

Marisa: estas a entender?

Luísa: Agora falando a top...que manifestações tem a formação estética que pode ser intencional ou não nos desempenhos dos jogadores e nas equipas de rendimento superior?

Marisa: Tem um efeito fantástico e vou-te dizer porquê. É o caso por exemplo da laranja mecânica que a gente falou a bocadinho. Hoje nem se fala nisso, isto fala-se com nostalgia:”eiii pá...que bem que jogava”... as pessoas: “eiii pá...” e teve sucesso então o impacto ainda maior. Como a gente vê o Arsenal...para mim o Arsenal é fantástico...o Arsenal joga como joga porque eu vejo os vídeos e digo aos meus miúdos: “ é possível jogar assim. Aquilo é que é futebol. E então a valorização estética orienta, porque é o lado que a gente falou a bocado, o lado concreto, eles vêem acontecer, existe. No entanto, há o outro lado..., que é:”ah...eles jogam assim, mas assim é difícil de acontecer.... Mas nós não conseguimos jogar assim”.... É a mesma coisa que eu dizer assim: “eii...eu gostava de fazer isto, mas não me sai o euromilhões!!”.. o lado de dentro, o que é possível acontecer e aquilo que a gente gostaria que acontecesse. E é por isso é que é fundamental que as coisas aconteçam na prática e é fundamental que os infantis... eu jogo com os infantis e passa a acontecer aquilo. Para eles é: “Final é possível acontecer”...é fantástico ver as pessoas, quando vêem os infantis jogar e isso...”ei...jogam assim, jogam assado”...as pessoas: “eiii...é possível jogar assim, é possível ganhar assim”. Só depois de ver acontecer. Porque senão é o lado: “ eii...era muito bom, mas é impossível de atingir”! E o lado....e agora os nossos modelos de referência têm que ser o top. E nós vemos equipas como arsenal a ganhar é fantástico, porque nós dizemos assim:” Aquilo é que joga, aquilo é que é futebol”! E se víssemos todas as equipas a jogar como jogava o Boavista à uns anos atrás...ai...então, se calhar, o futebol ainda era pior do que o que é hoje. E se calhar o futebol tem sido muito mutilado ou muito... este lado estético daquilo que eu gosto e daquilo que as pessoas também gostam, que no fundo as pessoas gostam, gostam de ver as equipas a jogar bem. Se jogar um Arsenal ou jogar, se calhar, outra equipa...qualquer que não tenha o mesmo padrão de beleza, as pessoas orientam-se e vão ver o Arsenal,

instintivamente, porque sabem que ali é bonito. E adoram ver o jogo e adoram ver o espectáculo.

Luísa: Aí entramos noutra âmbito. Tendo como referencia a tua apreciação pessoal do futebol a actual é possível identificar a necessidade desta dimensão?

Marisa: é é...eu acho que é fundamental, é a mesma coisa que a moda. A moda, tu vêes a moda de chanel e vêes as passagens de modelos e tu olhas e dizes assim: "Nunca nos vamos vestir assim!" Mas aquilo é o top. Mas nós sabemos que...e se tu reparares...aquilo passa nas passerelles de top, passados dois ou três anos, numa forma não tão elaborada, mas numa forma mais simples, é o que domina o padrão normal. Há o lado do exagero, há o lado da classe, mas que depois se vai repercutir aqui. Porque, por exemplo, há dois anos atrás, tu vias as passerelles em Paris, de moda e tu vias que o estilo que dominava era o estilo dos anos 80 e tu vêes que agora actualmente é esse. Mas tu vêes as passerelles de agora, a moda, e vêes que não tem nada haver com o que é actual, percebes? Existe o tempo top e depois aquilo que vai ser...se tornar normal. E isso demora muito tempo. E por isso é que os grandes criadores, que são, podemos ver como os grandes treinadores, são aqueles que fazem as passerelles e fazem com que as pessoas digam: " Epá...aquele vestido é bonito!" Porquê? Quando as passerelles passam com um padrão de moda totalmente diferente, nós dizemos assim:" Algum dia nós vamos vestir-nos assim? Aquilo é horrível! Até os penteados!". Os penteados que se usam hoje, quando saíram a dois anos nas passerelles a gente....ou os sapatos que é uma coisa que agora estão muito diferentes e com cores berrantes, quando passaram as primeiras vezes nas passerelles....quando dominavam as cores sombrias, os pretos, os cinzentos, os castanhos...e as pessoas diziam:"Algum dia a gente vai se vestir de vermelho e amarelo?". E no entanto, passados dois anos, a gente parecíamos um arco-íris, quando a gente veste agora com amarelo, com laranja, com vermelho. Porquê? Porque foi consequente disso. Foi consequente das ideias e das tendências dos grandes criadores. E os

treinadores é a mesma coisa e por isso é que eles conseguem impor, por exemplo... ver o Arsenal com miúdos de dezassete e dezoito anos a jogarem como jogam, para mim é fantástico. Porquê? Porque prova que o jogo é aquilo e prova que aquilo é possível de acontecer e que se calhar e que existem equipas....há muitos preconceitos, há! Mas se calhar daqui a uns tempos:" Aquele de dezoito anos também joga na equipa sénior e joga bem e não sei quê"... no entanto, se calhar alguns clubes: "Ah não, ele é muito novo, não tem experiência!"...e jogam muito bem. E este lado demora tempo, demora...é aquilo que eu te digo, a dimensão macro demora muito mais tempo, mas que é fundamental é.

Luísa: isso é na influência que isso pode ter na formação, não é?

Marisa: sem dúvida!

Luísa: mas olhando com olhar...

Marisa: mas uma coisa para dizer. Tem muita influência na formação, mas quem faz essa passagem, quem faz essa tradução para o concreto é o treinador. É eu chegar lá e dizer assim....eu não digo: " ah vamos jogar como à a Arsenal"... mas eu quero que eles joguem à Arsenal. Não lhes digo, porque é assim "ehhh ...o Arsenal é o Arsenal"...."....tudo bem, mas eu quero que eles joguem e sou eu que tenho que fazer. Se não dizia assim: "opá...não vale a pena". Como eu oiço alguns treinadores... "Quando é que vais pôr a equipa a jogar assim? Nunca. Os teus jogadores são muito limitados"...." Está bem, por isso mesmo, por serem limitados, é que eu quero que eles joguem assim."

Luísa: ... pois, mas o Arsenal não é a regra e olhando para a maioria ou para a generalidade das equipas, em que é que podes sentir a falta desta dimensão?

Marisa: Posso sentir é que as pessoas dizem-me assim: " Aaa...Mas para ganhar, o Arsenal não ganha nada! Aa... e o Inter é que está a começar a

ganhar"! E até o Inter, por exemplo, que esta a ter já alguns padrões diferentes daqueles que são norma, as pessoas aplaudem quando eles ganham. E até dizem: "é possível, é possível e é bom e é não sei quê...", Mas antes de isto acontecer: "Ei pá...vai ser difícil!". E o próprio conceito é este, é uma barreira e é aquilo que eu digo...as barreiras são um alvo para as pessoas se predispõem para eu fazer. E eu digo aos meus miúdos:" porque é que vocês vêm a fazer isto?" ..."Aaa... é o Cristiano Ronaldo!"...Mas eles não estão a jogar e a dizer que são o Cristiano Ronaldo. Mas no fundo já há alguns que fazem algumas coisa à Ronaldo e isso é importante. É importante para que eles vejam, para que a dimensão do jogo seja cada vez maior, para que as pessoas, sobretudo os pais que têm uma grande influência nos miúdos, se apercebam que se calhar é possível as coisas acontecerem.

Luísa: Tornar possível a transcendência...

Marisa: Exactamente. Tem que ser possível...

Luísa: Marisa esta questão que te vou colocar agora, não pretendo por mim ser explorada, mas no entanto quero aproveitar a entrevista que estou a ter contigo para levantar este tema, para futuros trabalhos? Poderá ser o contributo de uma treinadora feminina diferente de um treinador na formação estética em futebol?

Marisa: Sem dúvida, porque é aquilo que eu te digo. A valorização, a estética é o significado que a gente dá as coisas e o facto de eu estar no futebol, sendo mulher, tem uma perturbação que eu...as vezes até me custa...porque, é assim, para mim o preconceito não existe e eu estou à vontade e às vezes deparo-me com situações em que é quase uma chapada na cara e dizer assim:" Eiii...nem toda a gente pensa isso", porque eu vou....primeiro, as primeiras impressões nos jogadores e nas equipas: " Uma mulher? Uma mulher não percebe nada"... depois as pessoas: " Eiii...uma treinadora? Estão a brincar"... e depois quando é a parte do treino, por exemplo, quando é o jogo

dos miúdos, aí é um impacto que eu nem sequer estou à espera, que eu nem sequer tinha real noção que isso pudesse ter....”Quê? A gaja joga”...é que é mesmo assim....” A gaja joga”. Ou então eu vou para o banco e já um monte de pessoas atrás de mim vêm-me falar no banco, das equipas adversárias e ouço, às vezes eu a dizer determinadas coisas aos miúdos e, ouço eles a dizer também. E como ouço, pessoas precisamente contrárias e começam a mandar bocas....”Eiii... vai ser uma gaja, vai ser uma gaja”... Este lado, e que isto também faz parte da realidade e que faz com que o preconceito, que é a barreira que se colocam às coisas, seja maior e acredita que é bem maior daquilo que eu pensava. E é, por exemplo as pessoas às vezes dizerem-me assim, como já tive quem me dissesse...” Aa... a Marisa é mulher e mulher para treinar juvenis é complicado....juvenis e juniores é muito complicado”...! Isto é um preconceito, isto é uma aberração. Porquê? É não entender o que é o jogo. Interessa lá se eu sou mulher ou não, o que interessa é jogar e o treinar....a gente está lá a ver se é mulher ou homem. Faz parte do contexto, tem de fazer parte do contexto

Luísa: Mas tem um efeito, uma consequência que é, quando resulta, quando há sucesso, a exaltação é muito superior...porque não se estava à espera ou...

Marisa: Sim, pode ser, pode ser, mas também é muito mais difícil. E é muito mais difícil teres que levar com pessoas na cara e com comentários deste género, que te dizem assim...Opa...sou sincera, as vezes dá-me vontade de dizer assim: “Nem estou para aturar pessoas burras!” e abandonar isto. Porque acaba por ser uma....há situações que é mesmo assim, é andar a lutar para o boneco, para o boneco mesmo. Agora, eu gosto! Aquilo que eu penso é assim...: eu gosto, não estou para prescindir de uma coisa que gosto pelas pessoas burras, pelas pessoas estúpidas. Não, vou continuar por mim. Se calhar sou egocêntrica, egoísta...talvez...não sei. Mas é aquilo que eu digo, eu oriento-me para aquilo que gosto e enquanto gostar...

Luísa: ...e enquanto reconheceres que o teu papel, que a tua intervenção é útil...

Marisa: enquanto eu reconhecer que consigo transmitir alguma coisa aos miúdos, continuo.

Luísa: Exacto.

Marisa: E conseguir que os meus juvenis comecem a fazer coisas completamente contrárias àquilo que eles pensam e que a maioria das pessoas lhe dizem que não é assim...eu continuo, eu continuo.... Agora, este lado do preconceito não é só as pessoas de fora, atenção! Eu diariamente debato-me com preconceitos familiares! Diariamente a minha mãe me pergunta quando é que eu deixo o Futebol, aliás, ela já se propôs, digamos que, a oferecer-me um trabalho, ou uma solução de vida totalmente diferente desta... para além do namorado, amigos e coisas do género...

E por isso é que eu te digo uma coisa: eu ando no futebol e o lado afectivo, do sentido prontos...familiar ou amizades, ninguém vai ver os meus jogos. E eu até quero que haja um distanciamento, porque eu também te digo uma coisa: não é fácil as pessoas que gostam de mim e têm qualquer ligação, ouvirem as coisas que ouvem. Eu não me importo nada, a sério, neste aspecto, não me importo. Domingo aconteceu, um gajo do progresso mandar uma boca qualquer e eu olhei para trás e ri-me na cara dele. Ri-me porque eu disse assim: "É a prova evidente da estupidez humana"... aquilo que ele estava a dizer...." Aaa não sei quê, é uma gaja, a gaja está-te "...para o árbitro..."a gaja está-te não sei quê...." ...qualquer coisa do género. A prova evidente. Mas este tipo de boca está ao mesmo nível daquilo que me disseram que eu não tinha idade nem, por ser mulher, para treinar juvenis e juniores. O preconceito é o mesmo.

Luísa: agora começamos a notar que os clubes na formação, principalmente em idades mais baixas, os mais pequeninos, começam a recorrer a mulheres...

Marisa: Mas isso não será uma questão publicitária? É assim, quando elas são competentes, eu acho fantástico eles terem apostado em duas ou três mulheres, no sentido de cativar as mães, ou para os mais pequeninos e, depois terem-se apercebido que as mulheres percebiam muito mais de futebol do que muitos homens que lá andavam. Porque eu vejo que as pessoas falam para mim e dizem assim: “o que é que você achou do jogo?”... mas estão a espera de ver o que é que esta gaja percebeu ou o que é que esta gaja percebe. E quando uma pessoa começa a falar ou quando uma pessoa se envolve e fala, as pessoas até ficam assim.... Mas a forma como eles fazem a pergunta, aquilo que eles perguntam e estão à espera da resposta é preconceituoso e permitem, e isto é uma vitória espectacular, que as raparigas que têm entrado no futebol tenham provado que não estão ali para ser mães dos meninos enquanto eles jogam futebol, estão ali...

Luísa: É esse o objectivo dos clubes? Ter mães?

Marisa: Alguns é, sou sincera, alguns é! E por isso, mas independentemente disso, acho que é de valorizar, porquê? Agora depois....porque dou a oportunidade, depois as melhores é que têm de trabalhar e têm que conquistar os seus pares e têm que mostrar que aquilo é contrário, estás a entender?

Luísa: Achas que esse contributo pode se facto ser diferente? Ou tão bom ou igual? Ou não se pode comparar sequer?

Marisa: Como assim?

Luísa: Achas que o contributo de uma mulher pode ser diferente? Ou é indiferente?

Marisa: Pode. Sabes por quê? Não, não, não é indiferente, porque é aquilo que eu te ia dizer, uma mulher tem que ser vinte vezes mais competente que

um homem para ter a mesma valorização. E enquanto estás com os pequeninos, porque foi aquilo que eu senti, enquanto estás com os pequeninos...opa...ela enquanto está com os pequeninos é professora. Enquanto treinadora, nunca ninguém me via como treinadora, ou então vêem-me como treinadora: “ Então, quando é que você vai treinar uma equipa feminina?”. Eu já treinei uma equipa feminina sénior, mas não quero, não é aquilo que eu quero. Naquele contexto não era o que eu queria, não quer dizer que não vá treinar pequeninos. Não é isso que eu estou a dizer, o que eu quero dizer é que: enquanto está com os pequeninos é professora e é um bocadinho isso. Agora, enquanto ser treinadora porque, repara, ser treinadora de juvenis e juniores não é a mesma coisa. Não. E para os pais dos miúdos? Então é que não! E para os burros das pessoas que acompanham e mandam este tipo de bocas? Então ainda pior! Mas eu estou lá e tive algumas dificuldades e disse e também disse para os miúdos: “ Vocês têm duas escolhas...ou levam comigo ou levam comigo na mesma, porque eu não vou desistir. E quanto maior for a dificuldade não mudo de equipa”, porque eles têm que perceber isso! E com o tempo e com a continuidade as coisas vão ao sitio.

Luísa: E isso acaba por ser também formação para eles, pelo menos no meu ponto de vista....

Marisa: Abre-lhes horizontes...

Luísa: Marisa, gostarias de referir mais algum aspecto que possa contribuir para o estudo e compreensão do tema: “Novos desafios para a formação do futebol contemporâneo. Que formação estética no jogo?”

Marisa: Eu acho que de uma maneira geral...eu acho que....a formação estética é aquilo que eu te digo, é as pessoas terem formação do que é o jogo e a necessidade de alteração do pensamento que rege as pessoas, para verem o jogo, conhecerem...eu acho que é fundamental as pessoas começarem a perceber o Homem, enquanto Homem - ser adaptativo - para conseguirem

perceber o treino enquanto processo de adaptação e perceberem que aquilo que a gente faz é tudo tático, seja consciente ou inconsciente. Agora, como a gente vai conhecendo isso?! Como é que a gente vai intervir? Como é que a gente faz? Como é que a gente faz com os pequeninos, com os maiores e que processo a gente há de adoptar. E saber fazê-lo a diferentes escalas. Era aquilo que estavas a dizer, o facto de eu ser mulher, sou uma mulher a treinar juvenis e juniores e apesar de haver muitas outras com competências para poderem estar no lugar que eu estou, não tenho dúvidas, mas que não estão...primeiro algumas porque se sujeitam, segundo porque não é fácil. Acredito! Acredito não! Sinto que não é fácil. E às vezes dá-me mesmo vontade de dizer assim: “ eu não estou para aturar estes gajos e vou para uma vidinha onde não tenho que levar com tipo de preconceitos destes”. Agora, se a gente gostar tem que lutar por isso!

Luísa: Muito obrigada Marisa pelo teu contributo.

Marisa: Depois se tiveres alguma coisa que não...tens que me dar para ler, porque...que não tenha ficado bem esclarecido, ou coisas do género, tu dizes-me e eu, depois a gente.....eu depois também escrevo...

Luísa: Obrigadíssima!!!

Anexo 5

Entrevista com Pepijn Lijnders

Luísa: Muito obrigada pela disponibilidade and the first question is how can an aesthetic approach of football contribute to a better knowledge of this sport? Do you think it is an essential approach to the nature of the game or something secondary, or superficial?

Pepijn Lijnders: Ask it again please.

Luísa: How can an aesthetic approach of football contribute to a better knowledge and understanding of this sport?

Pepijn Lijnders: How it can be?

Luísa: Yes.

Pepijn Lijnders: First of all... I don't understand the question that well but.. I will tell a little bit and... The players start playing because they love the game. The only way you can win... you can win big prize if you play with your heart. You play because you like the game, you like to win and you also like to do good things and you want to have the ball. We always talk about... that we want to demonstrate our qualities. It's not about winning in the games, but it's about winning with individual quality every game. And because we practice real individual on the beauty of the game, because we only work on technique, we only work on dribbling, we only work on dominating one to one, we only work on creativity. All the beautiful things, what the people want to see when they are sitting on the stadium, we practice it.

Luísa: What does the football aesthetic consist of in your opinion? What is in the game that fascinates people?

Pepijn Lijnders: People come to the stadium to see beautiful football, the perfect football. If you want to play perfect football you have to be on a real high level in technical. If you look to the best players in the world, whether come to the stadium people with seventy years old or thirty years old. It doesn't matter. As an example Fabregas, they come to the stadium to see special things, creativity. We get paid as coaches, as players, journalism, the whole football gets paid by those people. Nothing more. Understand? So, I think it's our obligation to always educate in those important things. Understand?

Luísa: Yes. How do you relate the aesthetic purpose of the football game, to its main purpose, which is tactical? How do you relate this two things?

Pepijn Lijnders: They are always together, it's not only technical, it's not only tactical, it's always together because a player has to understand... Lets look to Fabregas. Fabregas is fantastic to play between the lines. Understand? He plays there because he knows that his technical capacity, he can use the best in the space. He is always looking for the space where he can use his capacity the best. Understand? Every player, every top player is always looking for the space where he can use his technical qualities and his technical style of play. For Pato or Kaká it's different of Fabregas or Iniesta. Understand? So it's always coming together but the individual player always makes the difference. Not a system, not a technique, the quality of the player it's what makes the difference.

Luísa: But the quality of players to the team.

Pepijn Lijnders: Yeah, of course. And that's why we educate from... For me it's very important that we always start... we practice, you understand, dominating, dominating, and always we are telling the players "everything you create, you create for the team, so you have to use your technique to let other players play better". And if you can make that step, and we start with six years

old, and a six years old player it's not different of a nineteen years old player, understand? We talk on the same level.

Luisa: How does the aesthetic of the football game relate to its efficiency?

Pepijn Lijnders: It's always about efficiency. From the first moment it's about efficiency.

Luisa: It's not just beautiful...

Pepijn Lijnders: No, no, no... And it's... in the player style you have to be efficient. Understand? And if it's like beating three players that's your style, that's how you helped the team. Understand? But you always... the coach is always looking to develop the style of the player to make it efficient. Not for himself but for the team.

Luisa: What is the relationship between "beautiful playing" and "well playing"?

Pepijn Lijnders: The difference between "beautiful playing" and "well playing"?

Luisa: The relationship between "beautiful playing" and "well playing". They are different? They are separable? Can we play beautiful and not well playing?

Pepijn Lijnders: No, for me no. If you play beautiful you... that's everything together, that's perfect football, that's perfect soccer. There is also defending, there's also... because if you want to play beautiful you have to have the ball. Understand? So you have to capture the ball as fast as possible. And you can only play beautiful on the other side of the field, not too close to your goal but close to the other goal. So, also a beautiful is that you play as fast as possible as the team capture the ball again. And it's easy to say and it sounds so easy but is the most difficult thing there is. Understand? But the whole team is like...

waiting for the moment to capture and spread out again, and then play again, and play with the identity they have.

Luisa: Does the football aesthetic show itself during the game as an essentially tactical aspect or does it restrict itself to mere gestures?

Pepijn Lijnders: Don't understand.

Luisa: Does a technical gesture has, in a specific aesthetic appreciation of football, an aesthetic value itself, alone, or, in other hand, that value only exists according to an aesthetic of the game as a whole, do you understand?

Pepijn Lijnders: No, no.

Luisa: The gesture has a value itself or it needs to be contextualized with the game?

Pepijn Lijnders: ... No...

Luisa: A gesture, a technical gesture has an aesthetic value itself? Or it needs to be in the game, with the team...

Pepijn Lijnders: Always. But the most important thing is that the player knows what he is doing. The player knows what he is doing. For me that's ten times more than a system. Understand? A lot of players don't know what they do, they just go on the field and they play, And they play technical good but they don't know what they are doing and that's, for me, ten times more important than... that's "inteligência" in Portuguese... so that's one of the most important things... You can never see beautiful football without a style, with different type of players. You can never see it without... capturing the ball fast, as an example, you can never see it without... yeah...

Luisa: Ok. How important for the phenomenon of football is an aesthetic training or education of the players? How important is for the game?

Pepijn Lijnders: To train? What you want to say?

Luisa: Yes. Train sensibility and aesthetic training or education.

Pepijn Lijnders: It's the most important. And not to much important but...

Luisa: Which contribution for the capacities of knowing and understanding the game? Which contribution you can do with an aesthetic training?

Pepijn Lijnders: A lot. If you look to how our players develop from eight years old, six, seven, eight years old, how they develop in the training sessions... but also at home with homework, inventing... our players invest everyday one hour extra. So they have the session in the afternoon or in the evening and in the afternoon they invest one hour just by themselves. They invest in their qualities and their style of playing... A lot of times in that hour they will develop more than in the session, because they are working just with the ball, with themselves, and working. So, they know what they are doing. Understand?

Luisa: They understand what they are doing.

Pepijn Lijnders: Exactly.

Luisa: How can you meet the needs of an aesthetic training of the player with the collective character of the game? How can we meet these two things?

Pepijn Lijnders: I tell them from the first moment they start... Look: you can only... An individual top player can only play in a team with a good character. Understand? With a good and educated character. Personality is the most important. In the moment we start working we individual what we are doing

but... it's individual but it's not individual. If we work the personality education is important to educate the character. Why do we practice individual? You learn this but why do you use it? Do you use it for the team or for yourself?

Luisa: It's very important...

Pepijn Lijnders: Yes, from the first moment.

Luisa: How does an aesthetic training (intentional or not) show itself in the performance of the players and of the highly productive teams? How does this dimension (aesthetic) show itself in the top players and top teams? What do you see in that players and that teams?

Pepijn Lijnders: One more time.

Luisa: How does an aesthetic training show itself in the performance of the top players and top teams?

Pepijn Lijnders: Oh, when Arsenal plays, when Barcelona plays... I see that they know what they are doing. That they have the intention with the ball, without the ball, in transition... that they have a technical... Every player has a technical base really huge, but they are all special in one kind of way. One is very good in dominating to the front like Messy, if I think in Xavi he is a type like "ligação" he is always connecting, he's feeding other players... So they are all different types of players...

Luisa: Having in mind your personal judgement of football nowadays, is it possible to identify this aesthetic need?

Pepijn Lijnders: Aesthetic need is beautiful?

Luisa: Yes. This need of an aesthetic approach...

Pepijn Lijnders: Yeah, of course. Because the problem is that in youth is a lot about winning. For me it's about winning on individual qualities. Understand? So, it's not about winning, but winning on individual qualities. And the problem is that the players, the best players in youth... the create of players, the most beautiful players in the end are the smallest. So, if you want to win games, then we don't use that small player, we use a bigger player to win the game. And the small player will not play only the last fifteen minutes. Understand? The second thing is, if we don't work on those qualities if you look to the top teams, how they play and what kind of types, if we don't start with that younger ages and let them free in creativity and push them and let them push each other, they are friends but they want to be the best. Understand? They help each other but they want to be the best. If we don't start with that in the... on the first moment, it will never develop to a top player. Example: if we look to players... for me age is not important but potential yes. So if we look to an under twelve player who is ready or he has the potential to become a top player, we let them play on the thirteen. And if we loose the game I don't care. Understand? In FCPorto has a winning coach that's ok but we have to find ways where they can develop.

Luisa: Would you like to mention any additional aspect of this theme? Would you like to say anything else about this?

Pepijn Lijnders: I think it's an obligation for every youth coach to invest in the players potential, every day, every day, every day. And don't be, don't think about winning but think about winning of the players. Let them free, let them learn to play.

Luisa: And this will guide the players to win...

Pepijn Lijnders: Yeah. In the end, yes. But... an education you win in the end. Everything what happens before you don't win. You win when you are nineteen years old.

Luisa: Ok. Thank you very much. Obrigada.

Anexo 6

Entrevista com Jorge Maciel

Luísa: Olá Jorge. Desde já queria-te agradecer a tua disponibilidade para me ajudares a aprofundar este tema da formação estética no futebol, e a primeira pergunta que te coloco é: qual o contributo que uma abordagem estética pode dar ao fenómeno?

Jorge: O contributo acho que é muito relevante no sentido em que pode amplificar muito a compreensão do fenómeno em si que já é bastante complexo. A abordagem estética, no fundo, é mais uma das dimensões que o fenómeno, que é muito grande e muito complexo, comporta. Por outro lado, por ir de encontro àquilo que existe de mais humano, por ir de encontro àquilo que é a essência do humano, acaba por ser fundamental numa actividade que eu considero como tal, ou seja, uma actividade que é humana, que tem o homem como centro e não o homem como uno, mas sim o homem no sentido mais colectivo, sem ignorar a singularidade de cada um, por isso, nesse sentido eu acho que é muito relevante porque, estando a estética preocupada com aquilo que é a essência da humanidade, a sentimentalidade, a emotividade, logo vai de encontro àquilo que também é a essência do jogo enquanto actividade desportiva do homem, apesar de muitas das vezes se negligenciar muito essa parte. Se calhar a não abordagem ou a abordagem muito superficial do tema da estética no futebol reflecte muito essa não contemplação desse lado humano por parte de quem investiga o futebol, e quem tem trabalhado sobre futebol e quem tenta conhecer o futebol numa perspectiva científica mas, no fundo, redutora por não entender esse lado.

Luísa: Consideras que isto é uma abordagem essencial ou acessória? É uma... falaste em dimensão, uma dimensão de um desporto que é global e que envolve muita coisa. É apenas uma dimensão ou é uma dimensão que poderá caracterizar esse global? É algo de essencial ou acessório?

Jorge: É essencial, no sentido em que é uma parte de um todo maior. Não... por si só, seguramente não o caracteriza porque emerge desse fenómeno e não é ela própria que cria o futebol, embora também ache que é fundamental. Mas é nesse sentido que temos que entender a estética. Faz sentido falar-se em estética do futebol porque é a parte do todo, senão falaríamos em estética numa categoria muito mais abrangente e não estética do futebol, ou seja, o facto de se falar em estética do futebol leva-nos para uma categoria mais específica. Há a estética, mais alargada, e há a estética do futebol. Nesse sentido temos que entendê-la como essencial mas como parte no todo maior, como uma dimensão que está ou deve estar em interacção com todas as outras dimensão que comporta o fenómeno.

Luísa: Tens, no teu trabalho, preocupações estéticas?

Jorge: É assim: as preocupações estéticas, eu penso que qualquer treinador tem, mesmo que inconscientemente, porque a forma como ele concebe o jogo, como observa, como jogou, como quer que joguem, acaba por influenciar o tipo de escolha que faz para os exercícios e para a maneira como intervém nos próprios exercícios. Agora, lá está, essa preocupação pode ser mais ou menos evidente face ao tipo de orientação que eu dou ao exercício em função daquilo que entendo que é mais relevante e que é mais estético. Aquilo que é mais relevante para mim, a minha intenção, a minha finalidade com aquele meu exercício tem que também comportar uma dimensão estética porque só acaba por fazer sentido essa intenção se, no fundo, for estética porque, quanto a mim, não dá para desligar essa intenção da finalidade e daí a importância do exercício mesmo que a pessoa não esteja preocupada e, quando se fala em estética se calhar associa-se muito ao belo e à expressão de algumas coisas que nos cativam mais... mesmo que nós não estejamos muito preocupados com esse lado, mesmo que estejamos mais preocupados com a funcionalidade do exercício e com a maneira como os miúdos o percebem, com a maneira como eles podem expressar as potencialidades que têm, acaba por emergir nesse lado, porque é aquilo que nós queremos e se é aquilo que nós queremos

e se está relacionado com a finalidade que temos para aquilo que pretendemos, então aí essa intencionalidade acaba por ser o acto externo e vai se ver muito pela forma como nós queremos que os miúdos joguem, por aquilo que nos cativa mais. Eu posso criar mais, se tenho uma concepção de jogo que passe muito pelo ombro a ombro, crio mais situações de ombro a ombro e esse é o meu lado, é a minha compreensão estética do jogo. Se eu tenho um entendimento do jogo que é mais de um colectivo que permite emergir o um contra um, então eu crio situações em que englobo um maior número de jogadores mas em que esse lado emergente da finta, do drible, da simulação, da situação do um contra um, consiga emergir num contexto mais colectivo. Ou seja, eu acho que, no fundo, a concepção do jogo é que vai balizar a interpretação e a forma como eu penso os exercícios ao nível da dimensão estética.

Luísa: O que me estás a querer dizer é que a concepção que um treinador tem do jogo, daquilo que quer para a sua equipa ou para os seus jogadores, inclui sempre a sua apreciação estética do mesmo.

Jorge: Exacto.

Luísa: Em que é que se concretiza, no teu entender, a estética do jogo de futebol?

Jorge: A estética do jogo de futebol... É no jogo em si. E quando eu digo no jogo em si é o seguinte: no plano, neste plano mais... hetero ou plano mais auto. Ou seja, é desde aquele plano em que nós podemos prever, que é mais previsível, o lado científicável do jogo, que é a natureza dos princípios e a organização do jogo que é muito relevante, contudo fica empobrecido se só se cingir a esse plano. Há também o outro plano que é o plano do inopinado, que às vezes nos faz dizer “é pá... isto foi diferente”, causou ali alguma coisa de diferente que mexeu connosco porque essa relação entre a ordem e a desordem é muito importante no acto estético do jogo quanto a mim porque é

isso que faz as coisas serem diferentes e é isso que se calhar fascina no futebol, não é a monotonia, não é o jogo ser sempre igual, é o jogo evoluir, tu perceberes que há ali uma identidade que te é suportada pelos grandes princípios, pelos princípios que te permite identificar uma determinada equipa e nela identificar um determinado padrão, mas essa equipa não ser fechada a esse lado só e conseguir lidar com o aparente caos, no sentido em que permite que haja o lado do inopinado, que este lado consiga emergir, sem contudo entrar em crise. O grande problema é quando se valoriza muito a dimensão estética ligada só ao plano do detalhe e o plano do inopinado, depois perde-se e descaracteriza-se e aquilo já não é uma equipa, acaba por ser um conjunto de acções isoladas que o treinador, por entender o jogo de uma determinada forma, entende como estética ou valoriza aquilo esteticamente. Não, o que eu entendo é que o facto de teres uma equipa e de essa equipa ter determinados comportamentos e padrões de interacção que lhe permitem que esse lado seja coisas boas ou até lidar com o erro, não só com o inesperado no sentido de ser um gesto técnico que finaliza uma acção colectiva de uma forma mais bonita, porque o golo foi de calcanhar se calhar valorizamos de outra forma, mas por trás disso está toda uma construção de uma equipa. Agora, também há o outro lado, que é o lado da capacidade que a equipa deve ter de assentar em princípios de interacção que lhe permitam lidar melhor até com o erro, com o lado inopinado, não só com o que nos espanta por ser belo mas também com aquilo que nos causa algum choque por ser estranho e mesmo com o erro. Se calhar, o tornar o erro fecundo é uma coisa que, para mim, se pode valorizar imenso ao nível estético porque eu consegui lidar com aquilo, aquilo de facto foi um estorvo mas eu tive criatividade para tornar aquilo produtivo, naquele contexto aquilo funcionou. Essa é que eu acho que é a grande virtude. Por isso é que eu digo que tem que ser o jogo todo, não pode ser nem só o plano em que tu podes aparentemente prever, tem também que ser aquele plano em que tu não contas, é surpresa. E o conseguir viver nisso e o conseguir expressar determinada qualidade dentro dessa bipolaridade acaba por ser o estético levado ao máximo.

Luísa: Nesse equilíbrio entre caos e ordem, entre ordem e desordem, parece que estás a chamar ao tema o conceito do imprevisível e da adaptação da equipa ao imprevisível...

Jorge: ... à adaptabilidade sustentável, lá está, numa identidade que é fundamental. Porque senão entramos na desordem pura ou, como o Professor Vítor Frade costuma chamar, na ordem dos cemitérios, em que tudo funciona muito direitinho mas nada emerge dali, porque está tudo morto. É, de facto, a ordem do cemitério. Um organismo, e eu entendendo o jogador como um organismo que faz parte de um sistema ainda maior que é a equipa, tem que evoluir e só evolui se contemplar esse lado, senão estagna ou cristaliza e acaba por morrer. Pela própria essência do jogo é uma actividade que tem esses dois planos e se tu não consegues lidar e não consegues regular a adaptabilidade para o imprevisível ficas muito limitado porque a tua equipa ou está fechada numa dimensão única que é a da organização ou limita-se à desordem total e aí tu vais andar um bocadinho quase que à pesca e num jogo as coisas até correm bem porque o jogador estava inspirado, porque te centraste no um contra um e aquele jogador até esteve melhor sobre os outros mas para uma actividade, não só na formação mas também mais tarde, em que se pretende alguma regularidade isso depois perde-se, quando não há uma conjugação entre esses dois planos.

Luísa: Qual a relação entre finalidade estética e a finalidade do jogo de futebol que é essencialmente táctica?

Jorge: É assim, é aquilo que eu falei há pouco, é a intenção e a finalidade dessa intenção. Acho que não se pode dissociar. Quando se fala em jovens acaba por ser um bocado estranho e difícil lidar com esta situação mas a intenção só faz sentido se for produtiva, quanto a mim, porque tu tens uma intenção, tens um modelo de jogo, tens determinados comportamentos que queres para determinados momentos porque acreditas que aquilo vai resultar porque o que tu queres é ganhar porque se não ganhares, podes ter futebol

muito bonito, pode toda a gente dizer que até é engraçado o que eles fazem com a bola mas não é eficaz e, não sendo eficaz, não te confere... primeiro não te dá autonomia para andares no futebol que depende de vitórias e depende de resultados. Isso, por um lado, é mau porque te obriga no imediato a ter resultados e se calhar até a abordares a construção do teu jogo de uma forma mais conservadora no sentido em que te queres proteger, para já só queres ganhar por 1-0 e o golo acho que é... se há coisa que se valoriza é o golo, em termos estéticos o golo é o clímax, como já lhe chamaram... Nesse sentido a intenção tem que ter resultado porque se não tiver resultado não faz sentido. Porque, lá está, a estética vai de encontro à essência do homem, o homem é por natureza competitivo, o jogo é por natureza competição, então só faz sentido estar na competição se for para ganhar ou para fazer tudo para ganhar mesmo que não ganhes. A superação passa por aí, se calhar há derrotas... derrotas morais é muito giro falar mas se calhar também faz algum sentido porque se tu de facto reconheces que a outra equipa é mais forte mas fores com os teus miúdos ou a tua equipa e eles bateram-se bem, fizeram aquilo que tu achas que é o aconselhável para aquele tipo de situação mas o adversário foi mais forte, tu vais reconhecer algum valor no esforço que eles fizeram, na capacidade de transcendência que eles tentaram revelar, mesmo que não tenham conseguido consumir. Mas eles lutaram por isso. No fundo, o que está a balizar tudo é sempre o desejo de ganhar, o desejo de marcar golos, o objectivo é esse. Além de que, acredito que quando se joga bem, bem é muito subjectivo (eu posso entender jogar bem de uma forma que não tem nada a ver com a ideia que outra pessoa tem), jogar bem de acordo com aquilo que eu entendo que é jogar bem, até acaba por ser mais fácil ganhar mais vezes porque há uma identificação com aquilo que eu considero ser relevante para mim, que eu valorizo como estética, e que entendo que a equipa deve partilhar.

Luísa: Então estás a relacionar a intenção estética apenas na intenção... no fundo estás a dizer...

Jorge: É uma intenção partilhada...

Luísa: Exactamente. O treinador ou a equipa tem uma intenção que comporta a sua apreciação estética do jogo que depois se manifesta, ou deverá manifestar, deverá ter como fim a vitória. Mas a vitória em si, independentemente do processo? Qual o carácter estético que tu atribuis a essa finalidade? A competição em si tem um valor estético?

Jorge: Tem. Tem um valor estético e há uma coisa que eu acho que é muito relevante. Eu acho que as neurociências nos podem ajudar muito na apreciação estética que se tem até do futebol. Porque seguramente o Porto foi campeão europeu e tu recordas-te disso porque te marcou, foi um momento que enquanto portista te marca. O golo do Maradona no mundial, quem o viu lembra-se. Quem diz o golo do Maradona diz a Espanha a jogar e é a prova que se pode jogar bem, eu entendo, e ganhar e aliar essa expressão estética do futebol bem jogado com o futebol competitivo em que ganhar faz sentido. E nesse sentido eu acho que as neurociências nos podem ajudar muito. Porquê? Porque os mecanismos do prazer associado à vitória, acho que há aqui como um adiamento estético desses momentos marcantes, do golo que foi marcante porque foi uma boa jogada, toda a equipa tocou na bola, há um golo do Barcelona contra o Liverpool que eu tenho até na apresentação da minha monografia em que eles estão em posse de bola durante três minutos e depois, de um momento para o outro conseguem mudar o ritmo de jogo e acelerar e entretanto o Overmars aparece de lado e isso eu recordo-me desse golo, recordo-me da Espanha, de grandes golos, de grandes equipas, de grandes jogadores... Porquê? Porque eles têm sobre nós, e aqui se calhar a fisiologia, a verdadeira fisiologia pode-nos ajudar, no sentido em que há uma marcação desses estados emocionais, porque a estética lida com a emoção e com o sentimento, e esses sentimentos e essas emoções ao nível de resposta química do próprio corpo têm uma grande relevância. Por isso é que nós nos lembramos desses momentos da mesma forma que nos lembramos de outros momentos... menos bons... Agora, eu acho que a ideia dos marcadores

somáticos e mesmo a importância da dopamina nestas situações é muito relevante porque da mesma forma que se tu intervéns num treino no sentido de incentivar determinada acção o miúdo a seguir vai ter associado àquele gesto, àquela acção, àquela interacção com os outros um estado de prazer e de bem estar que ele vai procurar repetir porque sente recompensa nisso. E o facto de sentir recompensa vai levar a que ele crie determinados caminhos e mapas que vão sendo solidificados à medida que tu vais reforçando. É como um rio ou um caminho, há um pedaço de terreno que está cheio de erva, um dia passa uma pessoa, no outro dia outra, e começa a passar mais gente, a passar mais gente até que faz uma estrada ali. E eu penso que o reforço do lado estético no jogo, mesmo na própria intervenção dos treinadores, passa por aí, pelo incentivar esse gesto mesmo que as coisas naquelas idades sejam difíceis para os miúdos verem consumadas mas importa estar atento à intenção, àquilo que não se vê. O comportamento manifesto às vezes não corresponde àquilo que eles queriam mas vamos valorizar isso. A intenção saiu mal mas o treinador até gostou, se calhar para a próxima... Como eles têm alguns défices circunstanciais, mesmo na própria relação com a bola que no início é um estorvo, se nós os formos incentivando o medo deles é menor e ao fazê-lo eles sentem que o prazer é maior e não há frustração que é uma coisa que eu sinto que às vezes os miúdos têm medo de ter a bola porque há recriminação pelo erro quando o erro às vezes pode ser um princípio para algo que mais tarde possa funcionar, lá está, tornar o erro fecundo porque a determinada altura eles podem ainda não conseguir fazer mas vão tentando, pontapés de bicicleta, jogadas de calcanhar, qualquer coisa que eu por acaso valorizo e às vezes até faço com os miúdos porque são gestos diferentes que surgem assim num contexto muito próprio mas que se eles deixarem de experimentar, mesmo que seja isolando de uma forma mais analítica, eles nunca ou muito dificilmente vão conseguir fazê-lo. Porquê? Porque há o outro lado que é o lado da imitação que eles vão tendo. Só que como cada vez há menos disso, essa expressão, essas manifestações em jogo acabam por se tornar difíceis para eles.

Luísa: Mas então é importante que o treinador reconheça a intenção, ou seja, reconheça que a criança tem a intenção da finalidade.

Jorge: É, é fundamental. Isso é fundamental e lá está, porque muitas vezes eles não vão conseguir, não vão conseguir, por muito que tentem não vão conseguir.

Luísa: Isso só prova que querem.

Jorge: Que querem e que se tu disseres “ele quer” e reconheceres que ele quer e então vamos incentivá-lo, ele vai querer e vai continuar. Agora se disseres “isso não tem jeito nenhum” então ele vai querer mas não vai querer fazer mais, pelo menos à tua frente porque fica inibido, fica... tem medo porque outra coisa no treino com crianças é que os próprios miúdos são um bocado cruéis uns com os outros e recriminam o outro “não sabes fazer isto...” e se tu não tiveres muita sensibilidade para esse lado eles próprios conseguem ser muito provocativos e conseguem minar por assim dizer, e têm uma relação má uns com os outros porque eles também são cruéis nesse sentido. E quando sentem que são bons naquilo que fazem repreendem os outros e sentem-se mais que os outros e isso é que é giro também nos miúdos, é fazê-los perceber, e por isso é que o treinador tem que ter muita sensibilidade, porque muitas vezes um miúdo que até é muito virtuoso de bola, brinca e faz malabarismos depois chega a jogo e não consegue dar o mesmo desempenho que tem outro que a relação com bola até é mais fraca mas compreende o jogo. E se calhar o treinador perceber que se pode ser bom e pode ser valorado esteticamente de diferentes formas, ou porque é muito virtuoso com bola e no um para um põe aquilo em jogo e até funciona e faz algumas coisas que são diferentes pela relação que tem com a bola, deve valorizar esse, mas não deve menosprezar o outro que tem manifestações estéticas de ordem diferente porque interage de forma diferente que os outros, porque percebe que se os outros estão ali ele deve-se posicionar aqui, mesmo que quando a bola chegue a ele não tenha aquela sensibilidade com a bola que o outro pode

revelar, mas tem uma compreensão do jogo, ou seja, a valoração estética é de outra ordem, de outra grandeza, mas é importante reconhecê-la na mesma.

Luísa: E se calhar é mais específica até do jogo de futebol porque demonstra uma compreensão do jogo superior.

Jorge: Exacto. A outra também será específica se ele souber utilizá-la no contexto apropriado. São de ordem diferente, são diferentes.

Luísa: Mas mostra uma compreensão do jogo superior.

Jorge: Exactamente.

Luísa: E isso permitirá uma apreciação estética também superior.

Jorge: Sim, superior, e que se calhar nas crianças é ainda mais de valorar porque vai muito contra aquilo que é próprio da idade, do próprio desenvolvimento.

Luísa: Qual a relação entre a estética e a eficácia no jogo de futebol?

Jorge: Lá está, é a relação... aquilo que se calhar mais tem valor no futebol é o golo. As pessoas, cada vez se fala, costuma-se dizer que as pessoas vão ao estádio para ver golos e cada vez se sentem menos porque os resultados são 0-0, 1-0, e cada vez se calhar o facto de os estádios em Portugal estarem cada vez mais vazios pode até mesmo passar por aí.

Luísa: Pela ausência de golos...

Jorge: Pela ausência de golos que é aquilo que as pessoas se calhar mais procuram enquanto valor estético e que no fundo é a finalidade do jogo. Daí que eu entenda que o golo não pode nunca, ou não deve, dissociar-se do valor

estético. Mas do valor estético não só para quem o marca como para quem o sofre porque é muito engraçado e, das imagens que eu mais gosto de ver é a diferença de expressões e a diferença de estados de animosidade que os jogadores vivem no momento do golo, numa final da liga dos campeões... Aquelas duas dimensões eu acho que só podem ser valoradas, de diferente modo, mas ambas são muito relevantes porque ambas ensinam o que é o jogo, porque o jogo não é só ganhar. A vitória só faz sentido porque há a derrota e para haver derrotas outros também têm que passar e se calhar essa aprendizagem mesmo estética do ganhar e do saber ganhar é muito importante. Da mesma forma em que é muito importante a valorização da derrota para aprender e para se poder ganhar. Porque se calhar dá valor à vitória a partir do momento em que perdes porque passaste por essa situação e não queres mais, mesmo que saibas que isso aparentemente vai ser difícil, mas então vais voltar e depois daí mais digno de todos os valores estéticos, como a transcendência, o desejo de superação sempre, o fazer tudo... Porquê? Porque reconheceste que a derrota é uma coisa que, tendo a sua estética, é uma coisa dolorosa... custa-te... E porque, lá está, se calhar em termos neurais gravaste aquilo como um mau estado, um estado de mal estar, um desprazer, enquanto que a vitória deu-te um estado de êxtase. Depois há o outro lado que é o seres reconhecido pela vitória, que também é muito importante porque sentes “se eu ganhar eu sou bem sucedido e os outros reconhecem-me como tal” e isso é muito importante, sobretudo numa modalidade colectiva. Mesmo a questão do golo, o golo.. é de facto é... e por isso também é importante o treinador reconhecer que o golo não é só de quem o marca, o golo geralmente, quem marca o golo é a pessoa mais importante e o miúdo sente-se como tal. Se calhar o treinador tem que reconhecer e tem que enfatizar isso, porque de facto foi ele que o marcou, mas não se pode esquecer que o golo também foi fomentado pelo trabalho de todos os outros e aí, lá está, a valorização estética do golo vai depender também da concepção que cada um tem do jogo, porque se eu entender que o golo é fruto de quem o marca não vou valorar isso.

Luísa: Portanto, estás a indissociar o processo do produto.

Jorge: Exacto. Acho que não faz sentido, da mesma forma que... isto é como o treino e o jogo... treinar e competir... não faz sentido dissociar. A finalidade que tu queres para o teu treino e para o teu jogo é que a tua equipa ganhe e que marque golos, então tu tens que fomentar isso durante todo o processo. Por isso é que acho que as dicotomias não fazem sentido porque... não faz de facto nenhum sentido... porque, repara, estás a preparar-te para uma coisa que consideras específica que é a tua estética, o teu modelo pode ser a tua estética, a tua forma como tu vês o jogo, a maneira como tu queres ver a tua equipa a jogar pode ser a maneira como... a estética do teu jogar... no fundo é. E se tu estás a dissociar o modo como tu queres chegar lá ao produto não faz sentido.

Luísa: O produto... que é onde queremos chegar.

Jorge: O produto, no fundo, também está no processo porque o produto tem que estar sempre nos treinos da mesma forma que aquilo que tu fizeste nos treinos tem que... tem que haver congruência depois com aquilo que tu queres depois valorar como estética ou que os outros reconhecem como estética, porque no fundo a apreciação estética do teu jogar faz-se, na maior parte das vezes, não pelos treinos porque as pessoas não têm acesso, mas pelo jogo.

Luísa: Claro.

Jorge: Acaba por ser o teste estético ao teu jogar... acaba por ser o jogo. Mas, no entanto, para ti só faz sentido se as coisas estiverem congruentes, se o teu processo que deu azo a criar aquele jogo se reflecta depois quando tens de facto um teste em que para as outras pessoas... o que eu quero dizer é o seguinte: é que o lado estético que os outros reconhecem no teu jogar só reconhecem com aquele conhecimento que têm da competição.

Luísa: Sim, do jogo.

Jorge: Porque não vêm os treinos ou, mesmo vindo, não estão por dentro... numa realidade de miúdos estão por dentro, no caso dos seniores não estão, ou seja, o rótulo que tu vais levar, a impressão estética do teu jogar vai ser dada pela competição. Contudo, a impressão e o decalcar dessa identidade vai ser feito pelos treinos e pela competição. Para ti é tudo um, para as pessoas que só vêm uma vez por semana acaba por ser a imagem da competição. Contudo elas não têm que ter essa percepção. Mas tu tens que ter a percepção que tudo faz sentido sem se dissociar.

Luísa: Mas agora numa dimensão mais micro. Estás a falar no processo de treino e no produto de jogo. Mas num jogo em si, qual a relação entre o jogo bem jogado e a vitória ou o jogo mal jogado e a derrota? Qual a relação entre eles?

Jorge: Há uma relação muito engraçada e eu acho que felizmente, o caso da Espanha que ganhou o europeu, acaba por ser uma pedrada no estádio porque as pessoas estavam muito habituadas ao ganhar, ao resultadismo, que era uma forma de ver o jogo mais conservadora em que não se dava valor a determinadas coisas que eu considero que devem ser muito relevantes para o jogo. Pronto...dava-se valor a outras coisas, é uma concepção estética diferente. Para mim se calhar faz mais sentido valorar uma vitória da Espanha do que uma vitória do jogar convencional da Alemanha porque são maneiras de entender o jogo de forma diferente. Agora, culturalmente se calhar os alemães apreciam mais aquilo. Foram habituados àquilo e aquilo faz sentido para eles.

Luísa: E o que é certo é que aquilo leva à vitória.

Jorge: Leva à vitória e não deixa de ser grande por isso, lá está, porque para aquele fim, através daquela forma de jogar, conseguiram atingir os objectivos

com aquela concepção que para eles faz sentido. Agora nós valoramos mais e recordamo-nos mais de determinadas equipas com as quais nos identificamos mais, por isso é que, lá está, a tal questão dos golos, a tal questão das equipas que nos marcaram. Porquê? Porque são equipas com as quais nos identificamos e que ganharam. Hummm... O Cruyft dizia que na Holanda do tempo dele ninguém se lembrava de a Alemanha ter ganho o mundial, lembrava-se da Holanda a jogar, apesar de ter perdido. Porquê? Porque até a derrota fica mais... mais... mais...

Luísa: Mais marcada...

Jorge: Mais marcada positivamente e até se aceita melhor que... não deve ser... a derrota quanto a mim não, quando se está seja numa competição... quando se está no desporto a derrota deve ser algo que se deve evitar. Contudo, fica acumulada a parte de teres sentido que lutaste por aquilo em que acreditavas e aquilo em que acreditavas era no jogar bem. Por exemplo, depois há o outro lado. No outro dia estava a ler um livro em que falava nos maiores falhanços do Pele, e toda a gente se recorda dos maiores falhanços do Pele, porque até nos falhanços ele tinha uma forma diferente de estar, até aí ele conseguia que o belo estivesse presente. Há um lance em que ele simula, o guarda redes cai e ele vai buscar a bola pelo outro lado e depois acaba por não marcar golo, há uma defesa fantástica do guarda redes e são momentos que marcaram os mundiais, e foi um falhanço do Pele, foram três falhanços do Pele, no entanto eles marcaram. Porquê? Porque as pessoas aceitam melhor a derrota, a falha e o erro quando há uma intenção e a intenção dele estava alicerçada num objectivo que era uma finalidade que era o golo, que era o ganhar. Logo, como ele lutou por isso, a coisa atenuou um bocadinho, penso eu.

Luísa: Mas mesmo quando se falha nota-se que há ali uma intenção de...

Jorge: É assim, eu não acredito que ninguém falhe... que no futebol haja quem falhe porque quer, agora, às vezes o facto de se falhar com mestria, que foi o caso do Pele, porque ele inventou aqueles lances, acaba por... foi uma coisa que ele criou, no meio daquela organização foi uma coisa que emergiu com o talento que ele tinha e com as potencialidades que ele tinha, como tal ninguém estava à espera daquilo, agora, falhar um golo de baliza aberta toda a gente sabe qual será o desfecho de uma situação de baliza aberta, à partida é golo, só que ele falhou aí e aí ficámos um bocado...

Luísa: Mas também há aqui um conceito que é o conceito de regularidade, ou seja, jogando-se bem com regularidade pode-se perder uma vez, pode-se falhar uma ou duas vezes. Mas será que a relação entre o jogar bem, o jogo bem jogado e a vitória, ainda que casualmente se possa arriscar a perder...

Jorge: Repara... a Holanda fez muitos jogos até chegar à final e ganhou grande parte, perdeu na final... Acho que, de facto, é importante, por isso quando estamos ali a falar em ordem e desordem, é muito pertinente este limiar e o jogar na fronteira do caos sem que a equipa se desagregue... acaba por ser muito importante para essa regularidade porque se tu ou és só caos ou és só ordem não consegues. Primeiro na ordem não consegues a superação, não consegues a transcendência, tanto o auto como o hetero logo à partida não ganhas, estagnas ali. Depois também se és só caos uns dias podes ser bem sucedida e noutros podes ser muito mal sucedida e não há regularidade nisso, ou seja, só consegues ter identidade quando consegues conjugar a ordem e a desordem de uma forma harmoniosa. É isso que te vai conferir identidade ao teu jogar e é isso que vai conferir, por assim dizer, um cunho estético a esse jogar enquanto identidade porque a estética do teu jogar vai ser a marca que vais deixar nas pessoas. Porque é a isso que a estética está associada, ao sentimento que o teu jogar vai despertar nas pessoas, as emoções que vai criar e é isso que, de facto, marca as pessoas. Daí a necessidade das neurociências, quem sabe até mesmo o próprio clubismo não está fomentado por isso, não só pelo que a pessoa vê da equipa mas também

pela empatia que cria com as pessoas associadas ao clube, aos adeptos... porque nós somos culturalmente de um clube porque crescestes num contexto que te criou, que te fomentou o gosto por aquele clube, a afectividade por aquele clube, e isso se calhar em termos neurais vai ser fomentado por um contexto, não só pelo que tu vês, não só pelo jogador que se destacava naquela equipa, naquela época, pelas declarações do treinador porque era mais ou menos controverso, pelo facto de os teus pais te fomentarem a ir ao estádio, pelo facto de tu ires ao estádio e sentires que há ali toda uma dimensão... isto foge do normal, porque o futebol em si é um desporto que tem uma dimensão enorme e que mexe com as pessoas porque... eu, por exemplo, o ambiente do pavilhão... eu sou de Barcelos e o hóquei é uma modalidade muito coisa e eu fui habituado desde pequeno a ir ao pavilhão e o ambiente do pavilhão sente-se mais até do que o próprio estádio, então quando é um pavilhão muito cheio sentes isso muito. E aquilo mexe contigo. E tu vais ao estádio e vês o estádio com setenta mil pessoas e vês toda a gente a gritar e a festejar um golo, são momentos que não esqueces porque mexe, de facto, contigo.

Luísa: A estética do futebol manifesta-se no jogo como um todo, de natureza essencialmente táctica, ou esgota-se na forma dos seus gestos?

Jorge: Não, não se pode esgotar na forma dos seus gestos senão isto depois ficava um bocado secadinho... no sentido...porque... e depois é um bocado aquele futebol dos spots e o futebol do jogo mesmo... porque tu podes ver um anúncio da nike muito engraçado com um Freestyle do futebol que faz coisas maravilhosas com a bola, brinca até com a bola, mete a bola onde quer, joga de gatas, de pernas para o ar... faz tudo com a bola, contudo depois passa para o jogo e do jogo para a competição e não consegue fazer nada daquilo nem... e mesmo quando faz não tem sentido porque ou faz em zonas que não deve fazer ou num contexto que não é o mais apropriado e, nesse sentido, lá está, a finalidade, a intenção, tem de estar de acordo com a finalidade. E quando se faz uma habilidade com bola que é descontextualizada, que é uma

abstracção, deixa de fazer sentido. Porquê? Perdes como que a referência daquilo que é a essência do jogo, que é o facto de queres ganhar, teres um objectivo que é ganhar e marcar golos, o facto de estares a interagir com os outros e não com a bola somente. O facto de interagires com a bola e com os outros acarreta ainda, quanto a mim uma ordem de grandeza, de complexidade e de valoração estética ainda maior, porque se calhar aquilo que mais fascina nas pessoas e que explica o porquê do fascínio de um fenómeno como o futebol é se calhar o facto de o futebol ser um conflito inicialmente. Um conflito que tu tens inicialmente com a bola, que depois tens... quando comesças a relacionar melhor com a bola comesças se calhar a perceber que o conflito é mais alargado, passa pela necessidade de tu jogares com a bola, relacionares-te com a bola e com os teus colegas e depois da bola e de teres percepção que existem os teus colegas tens um estorvo muito grande que é o adversário e todo esse choque, todo esse conflito é que acho que traz uma ordem de grandeza estética e que leva as pessoas a procurarem o futebol. O facto de ser contranatura até engrandece-o a esse nível porque... andebol se calhar toda a gente ou quase toda a gente pode jogar, porque com as mãos nós fazemos coisas... agora, fazer com os pés aquilo que se pode fazer com as mãos acaba por ser fascinante e se calhar isso desperta esse lado mais emotivo e esse lado mais estético acaba por ser engrandecido.

Luísa: No fundo estás a dizer que o ser humano anseia por complexidade.

Jorge: Por complexidade e por desafios complexos. Porque a própria essência do homem é complexa. E, lá está, o futebol vai de encontro ao lado humano porque é o homem que está em causa mas não é o homem isolado, é o homem com os outros, contra os outros, com algo que é uma bola, com um piso que pode ser um relvado, pode ser um pelado e as circunstâncias são muito diferentes. O ajuste à adaptabilidade e a complexidade crescente acho que é o desafio da humanidade. O homem sente necessidade disso porque tu vês, a vida acaba por fazer sentido se tu fores evoluindo em termos de complexidade porque se não fores não faz sentido... deixa de ter... não

consegues, não evoluis, não... E esse aumento de complexidade só é possível através da adaptabilidade a contextos, à tua própria evolução, ao teu próprio desenvolvimento que tu vais tendo, a compreensão do fenómeno, do fenómeno não só jogado propriamente dito, como do fenómeno que está à volta, de tudo o que mexe com o futebol... depois as variáveis são muito grandes e tudo isso não pode ser dissociado da dimensão estética do jogo.

Luísa: Qual a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno?

Jorge: Acho que é muito relevante e essa contribuição passa também muito por aquilo que nós damos a conhecer aos miúdos enquanto fenómeno. Porque a compreensão estética que eles têm é muito fomentada por nós que estamos no terreno. Nós, no fundo, partilhamos com eles aquilo que entendemos que é... ou que valoramos como mais ou menos estético e daí a necessidade de quem está ter uma percepção do fenómeno que seja devidamente equacionada e que contemple a complexidade do jogo e vá de encontro àquilo que é de facto a essência do jogo. E a essência do jogo é o eu com os outros, o eu contra os outros, o eu com um contexto, o eu com a adversidade, é tudo isso, é o plano da singularidade e da possibilidade dessa singularidade emergir no colectivo, é o plano do individual e do colectivo, é o plano da auto e da hetero superação, é tudo isso, é o plano daquilo que podes controlar e daquilo que não podes controlar e o treinador tem que compreender isso. E a formação estética dos miúdos passa também muito pelos meios que ele utiliza para essa... geralmente e mais facilmente pelo tipo de exercícios que cria e nesses exercícios ele tem que perceber que a essência do jogo é algo de muito complexo e é algo muito abrangente que passa pela relação do miúdo com a bola, passa pela relação do miúdo com os outros que não se esgota no um contra um, é muito mais que isso e isso acho que é fundamental. Daí a necessidade de quem está no terreno de perceber bem o que é que é de facto a essência do jogo porque só dando a conhecer aquilo que é a essência do

jogo e operacionalizando a essência do jogo é que os miúdos sentem e reconhecem aquilo que é de facto de valorar esteticamente no jogo.

Luísa: Ou seja, compreenderão melhor o jogo.

Jorge: A essência do jogo. Que, no fundo, a essência do jogo é a essência estética do jogo.

Luísa: E que contributo é que isso poderá dar às suas capacidades de observação, de reconhecimento estético do jogo e até de fruição do próprio jogo à sua capacidade de criação e de expressão no jogo?

Jorge: Eu acho que é muito relevante porque...e... e acho que o alertar nos miúdos para se sensibilizarem para determinadas coisas que às vezes eles não estão muito predispostos porque o olhar se centra muito na bola, centra-se na bola mesmo quando estão a ver um jogo e se calhar isso é muito fomentado pela própria televisão que centra mais onde está a bola, e deixar de o fazer somente naquele espaço onde está a bola e passar a reconhecer que para além da bola e do espaço onde está a bola há todo um conjunto de interacções que são relevantes para que o jogo seja bem jogado. Fomentar isso nos miúdos acho que é...

Luísa: Educa-se?

Jorge: Educa-se... Há uns que poderão ter uma maior sensibilidade à partida para isso mas também se não forem nunca alertados nem nunca estimulados nesse sentido acabam por passar... por fazer com que isso passe despercebido porque não houve ninguém que incentivasse esse lado que eu acho que é muito relevante.

Luísa: Em que é que se pode concretizar a formação estética dos jogadores de futebol no treino, em concreto?

Jorge: Em que se pode concretizar, como assim?

Luísa: Como é que nós, treinadores, no treino, podemos concretizar essa formação?

Jorge: Por exemplo: há muitas coisas que podemos fazer, não só no treino propriamente dito, através de exercícios em que eles sejam capazes de reconhecer que determinadas interações, que determinados gestos naquelas interações fazem sentido, mas também por exemplo pela própria... pelo levá-los a observar em jogo de uma forma diferente, mesmo que nós os acompanhem nessas observações e os vamos alertando para determinadas coisas que se vão passando no jogo que para eles podem passar despercebidas. E se passam nos adultos nas crianças também podem passar.

Luísa: Levando-os a descobrir.

Jorge: A descobrir... uma descoberta diária, alertá-los para isto e depois fomentar neles o espírito de “olha, viste aquilo? Antes da bola chegar viste o que é que o jogador fez? A desmarcação, como é que foi feita? Quantos passes é que eles fizeram antes de fazer o golo, o que tornou mais fácil... foi porque eles deram muitos passes antes em determinado sítio que permitiu que o colega depois ficasse sozinho”... alertá-los para isso... eles próprios fazerem... incentivar a corrigirem determinadas coisas... o que é que acharam... mesmo que seja não só em termos colectivos, que acho que é o lado que eles estão menos sensíveis para isso, não só pelo egocentrismo que os pode caracterizar em determinadas idades, mas também pelo facto de o contexto não potenciar muito isso ou potenciar mais esse lado pelo individualismo, mas depois também fomentar neles o desejo de quererem compreender de uma forma mais alargada o modo como os jogadores estão em campo, porque é que eles reagem, porque é que eles jogam de determinada forma. Mas, por outro lado também eu acho que é muito importante porque o lado da imitação e dos modelos no futebol e na

aprendizagem do futebol jogam um papel muito importante. Também acaba por ser importante nós canalizarmos a observação deles quando é para jogadores de forma individualizada para jogadores que se assemelhem à forma deles serem, com as singularidades que eles têm e neles eles reconhecerem aquilo que achem que o jogador tem de bem e aquilo que achem que ele pode ter e que eles achem que não gostam muito, que não lhes agrada tanto e ajudá-los a perceber porque é que não lhes agrada tanto. Se calhar é porque ele às vezes faz determinadas acções em que é... em que há um excesso de individualismo... E fazê-los perceber isto “olha, viste nesta situação?”, acompanhá-los na visão dos jogos e... acho que isso é um instrumento muito bom, a observação dos outros, se possível bons, e das outras equipas, com referenciais de grande qualidade, acaba por ser um complemento muito muito importante para a formação estética dos jogadores.

Luísa: Provocar-lhes uma reacção, um desejo de...

Jorge: Um desejo de imitar... Ah, e depois também outra coisa, as próprias pessoas que estão no terreno criarem uma empatia com eles e terem uma forma de estar em que eles sintam... eu tento fazer isso que é tentar fazer com que os miúdos vejam em mim o irmão mais velho, em que haja uma empatia grande em que eu consiga cativá-los para aquilo que pretendo e depois, ao mesmo tempo, com as minhas exemplificações, com as minhas demonstrações, fazer com que eles fiquem um bocado encantados com isso e... depois também o lado... esse lado da imitação e mesmo... estares muito mal e teres um dia muito chato e chegas aqui ao treino e vês os miúdos a rirem-se e acabas por te começar a rir com eles e vais na onda... e depois também o contrário, estás muito contente e os miúdos até vêm assim um bocado mais desconcentrados porque vieram da escola e estiveram o dia todo na escola e de um momento para o outro tu entraste com um sorriso e os miúdos começam “ei... o professor hoje está todo...” e isso é muito importante, a forma de estar e mesmo a própria expressão do treinador perante os miúdos, a forma de os abordar é determinante para a valoração estética e para a

formação estética porque o tu... não é repreenderes mas dizeres “olha, fizeste isto mal” a um miúdo, se o fizeres irritado ele entendeu de uma forma, se o fizeres numa abordagem carinhosa e com um sorriso o miúdo vai dizer “prontos, eu errei, mas pronto, aconteceu”. E se tu deres a entender que ele pode errar, e que tem margem para errar e que isso é importante ele vai querer fazer coisas mais... que tu até depois mais tarde vais reconhecer que são importantes para aquilo que tu valorizas enquanto essencial no jogo. E, nesse sentido, a valoração estética passa por, quando vês uma coisa que te agrada, intervires com entusiasmo e não recriminares quando alguma coisa te agrada menos porque senão o que vamos ter é os miúdos muito robotizados, sem emoções, e se tu não valorizas aquilo que achas que é determinante os miúdos depois também acham que vai passar por indiferente quer façam bem ou mal... não vão ter paixão.

Luísa: Então a formação estética começa logo de início na relação entre treinador e...

Jorge: Sim, porque eu acho que isso... a formação estética, e acho que esta devia ser a premissa essencial, que é a passagem da paixão, valorar... A formação estética de um jogador passa por ele sentir prazer naquilo que faz e aí a paixão é determinante. E a paixão é muito fomentada por quem está com eles na relação que têm, no incentivo que dá, e nesse sentido eu acho que, de facto, o valor máximo da formação estética é os miúdos sentirem prazer e paixão naquilo que fazem porque isso é meio caminho andado para tu conseguires levá-los para a tua concepção estética de jogo.

Luísa: Qual o papel e a importância da diversidade e da criatividade nesta concretização da formação estética no treino?

Jorge: Eu acho que é muito importante porque, por um lado, o homem é a diversidade... o homem... acho que é um requisito muito muito muito importante. Acho que, e cada vez se vive mais uma situação em que se tu não

valorizares aquilo que é diferente e se tu não reconheceres mesmo aquilo que é diferente, acabas por tornar todas as coisas muito iguais e aquilo que se passa é que eu acho que a transgressão, sendo uma boa transgressão, a todos os níveis, deve ser incentivada. É a tal coisa: a distinção do talento. Nós podemos ser talentosos de diferentes formas. Por isso é que é importante que o treinador reconheça que este talento é talento porque tem esta singularidade e aquele talento tem aquele talento porque tem uma singularidade diferente e é isso que os torna diferentes, e eu reconhecer a necessidade dessa pluralidade para o futebol é muito importante. E se o treinador, na concepção de jogo que tem, estabelece que para este jogador, para esta posição quer este jogador, acho que isso é muito redutor. A pluralidade da manifestação do talento é, sem dúvida alguma, um contributo muito grande para a valoração estética de um determinado jogar. Aquilo que estávamos a falar há pouco: eu posso ter um jogador que em termos de passe é muito bom e outro que é melhor na finta. Mas não é porque eu gosto mais de uma equipa que faz mais passe que eu vou hipotecar o outro, ou que vou dizer “olha, não faças, vais fazer é passe que eu quero é passe”. Não, eu tenho é que, com aquilo que ele tem perceber aquilo que ele me pode dar, como um contributo para aquilo que eu acho que é relevante para o jogar, porque isso é castrar, é ser redutor, e o que está a acontecer é muito isso, e aí passa também muito pelo facto de o treinador muitas vezes querer impor a ideia que tem aos miúdos e aos jogadores, e então a equipa fica robotizada e fica robotizada e até faz muito sentido. Porquê? Porque nós não somos neutros emocionalmente e o facto de eu ver um miúdo fazer uma coisa que para o miúdo tem valor mas que para mim não tem valor e eu vou condenar aquilo, ele vai ficar frio, a sensibilidade dele para comigo vai ser muito diferente, ele vai sentir em mim um estranho e vai reagir quase como um robot...

Luísa: Não se identifica...

Jorge: Não se identifica e, lá está, o futebol vai se tornar muito robotizado porque os miúdos vão estar muito à minha imagem mas não se vão sentir

identificados com aquilo, logo, a emoção que eles têm que transportar ou que têm que transparecer no jogo tem que ser uma emoção que seja partilhada, em que eles sintam que aquilo é deles, sentem uma identidade, que é um desejo do treinador mas que eles sentem como modelos, porque só assim é que faz sentido. Senão aquilo que vamos ter é um futebol muito cinzento em que eles não usufruem.

Luísa: Estás-me a falar da diversidade das características dos próprios miúdos, dos jogadores...

Jorge: E do jogar...

Luísa: ... E o que me dizes da diversidade das condições e das características do próprio treino?

Jorge: Isso também é muito importante. Lá está, porque a diversidade vai levar à criação de contextos que impliquem uma adaptabilidade muito grande e a adaptabilidade acaba por ser, se calhar, aquilo que mais... que também dá grande significância e grande valor à dimensão estética do jogo, que é a capacidade de eu conseguir, face às circunstâncias dar a resposta mais ajustada ou menos ajustada ou, mesmo que menos ajustada fez um esforço para tentar e é isso que vai dar sentido às acções dele porque... e nesse sentido, todos os constrangimentos que tu possas pôr em termos de variabilidade contextual acaba por ser um requisito muito grande para que seja mais fácil a expressão da expressão estética dos miúdos porque... lá está, o que faz sentido se for num registo em que nada seja previsível, ou muito pouco seja previsível, porque só assim é que te vai causar espanto e só assim é que a dimensão estética se encontra mais presenciada. E se a variabilidade está então os miúdos conseguem lidar com a variabilidade, se conseguem lidar com a variabilidade a facilidade que eles têm para fazer emergir o lado estético é maior porque têm potencialidade para o fazer e, face ao contexto de aprendizagem que tiveram... exacerbou muito esse lado do reajuste e da

adaptabilidade que vai engrandecer o futebol. E então engrandece-o tanto mais se esse lado mais de diversidade, mais de improviso, tiver subjacente um conjunto de regras, um conjunto de princípios que dê sentido àquela imprevisibilidade.

Luísa: Que manifestações tem a formação estética, intencional ou não (já falámos disso) nos desempenhos dos jogadores e das equipas de rendimento superior?

Jorge: Hummmm...

Luísa: Que manifestações tem a formação estética, que pode ser intencional ou não, os atletas, os jogadores podem ter uma formação estética que não foi provocada... que manifestações é que isso tem nos seus desempenhos em equipas de rendimento superior?

Jorge: É muito pertinente e pertinente por duas coisas: primeiro é a concepção do jogo de que eles vêm habituados, a concepção estética de que eles vêm habituados, é muito relevante para a forma como eles se identificam com determinado jogar e isto leva-nos para uma coisa, que é o facto de, por vezes, a não formação ou a deformação estética, fruto de uma determinada concepção de jogo que tu entendes como menos de valorar e reconhecidamente menos estética ou menos atractiva, pode levar a aceitar com muita maior dificuldade a assimilação de determinados comportamentos que tu achas que são importantes para aquela equipa. E isso causa um transtorno muito grande porque colide com aquilo que para eles é valorado esteticamente. E aí a sensibilidade do treinador tem que ser muito grande. Por outro lado, se a formação estética do jogador for a verdadeira formação e não a deformação permite que aquele modelo em que ele foi sendo habituado ao longo da formação possibilite que ele mais tarde consiga integrar qualquer jogar (qualquer jogar dentro de determinados limites) com maior facilidade, com uma adaptabilidade maior. Porquê? Porque essa diversidade de jogares e

estética contemplada na formação vai permitir depois lidar mais facilmente com diferentes concepções estéticas de jogo. E aí o papel do treinador torna-se mais fácil. Mas o treinador aí tem que ter muita sensibilidade porque um jogador que vem habituado a jogar num tipo de futebol em que... futebol popular, por assim dizer... em que é pontapé para o ar... Ele foi habituado àquilo, aquilo está... entranhou-se nele, é parte dele... e tu queres de um momento para o outro... “não, não é assim”... não... calma... não deves ser assim, mas eu para chegar lá tenho que ter alguma sensibilidade e perceber que aquilo é um constrangimento muito grande para o tipo de jogo que eu quero e para a forma de jogar que eu pretendo e para aquilo que eu entendo como mais significativo esteticamente.

Luísa: Então dizes-me que uma formação estética de um jogador de futebol lhe dá a capacidade de se adaptar e de jogar em qualquer equipa, com qualquer concepção estética.

Jorge: Mais facilmente. Lá está... porque eu entendo que a riqueza de um modelo passa também pela possibilidade de albergar a pluralidade, não só ao nível estético como também... Porque repara, o objectivo da formação é formar para o rendimento superior, no meu entendimento, e fazer com que os jogadores saiam, seja isto um clube grande ou um clube pequeno. E quando estás num clube pequeno o objectivo do miúdo é sair para um clube maior. Então, quando ele sai para um clube maior ele deve ter uma bagagem que lhe permita, uma formação estética que lhe permita depois chegar a clube diferente e sentir-se minimamente à vontade, que não haja um estorvo muito grande, não haja um choque inicial muito grande com aquilo que o treinador com quem ele vai trabalhar e o clube onde ele vai trabalhar se entende como mais relevante. E isso acho que é uma... uma... é a tal variabilidade que a Marisa fala na minha monografia que é muito importante e que passa também pela dimensão estética. É essa variabilidade na contemplação estética e na experimentação estética que vai permitir que eles depois mais tarde se possam adaptar com mais facilidade de forma mais eficaz a diferentes lugares.

Luísa: A formação estética tem que ser uma formação para a variabilidade?

Jorge: Para a variabilidade... agora... para a variabilidade dentro de uma determinada cultura. Dentro de uma determinada cultura que no caso é específica, com “e” pequeno e com “E” grande. Com “e” pequeno no sentido em que é uma cultura que não refuta e que nem colide (ou que não deve colidir) com a essência do jogo, em termos de jogo mais macro, mas que também vá de encontro àquilo que é a especificidade com “E” maiúsculo do jogar, de um determinado jogar, do jogar de uma determinada equipa. Daí a necessidade de o modelo ser uma coisa aberta e rica no sentido de permitir que não se esgote naquilo que se entende que é aquela dimensão estética daquele jogar, que lhe permita o emergir para outras... ou que dote o jogador de competências para ele jogar em outras jogadas e noutras... com outras concepções estéticas.

Luísa: Como construir uma formação estética de um jogador que vá de encontro às necessidades de um jogo colectivo por essência?

Jorge: Lá está. É a tal questão da ordem e da desordem e do... a necessidade de ter subjacente princípios e regras. O jazz há quem diga que é a arte do improvisado, só que tu olhas para o jazz e consegues identifica-lo como jazz, porque tem um conjunto de padrões que te leva a reconhecê-lo como tal. Por exemplo, eu gosto muito de grafities, mas entendo que os grafities em determinados contextos não fazem sentido. Não é? Tudo tem sentido num determinado contexto. E aí as regras são importantes, os princípios. Por isso é que quando se fala na formação estética essa formação também tem que ter em conta o facto de um determinado jogar numa determinada concepção de jogo está aí subjacente determinados padrões, determinados princípios. Por isso é que este tipo de abordagens acaba por ser muito pertinente, reconhecer o que é que é... que padrões são de facto relevantes em termos estéticos, ou mais ou menos relevantes, ou mais ou menos comuns no futebol, nos diferentes jogares, aquilo que o adepto procura, aquilo que o treinador procura,

aquilo que o jogador entende como... e que valora em termos estéticos, acho que isso é muito importante, identificar esse tipo de padrões, porque...específicos... mais gerais e específicos de um determinado jogar porque é isso que depois vai conferir sentido a toda a gestualidade, a toda a interacção, a todo o comportamento que o jogador tem. É a relação com esse... com a finalidade do jogo, com a intenção do treinador e com esses padrões de interacção que lhe permitem conferir ordem e identidade àquilo que se pretende.

Luísa: Portanto, não estamos a fazer, a construir uma formação estética do jogador por si só, nem da equipa por si só, mas do jogador numa equipa...

Jorge: É uma auto-eco-organização, uma auto-eco-construção de um jogador, de uma equipa, de um jogador na equipa, com os outros, com os adversários, com os adeptos porque depois também... também não se pode ignorar muito isso porque, por exemplo, se calhar o Barcelona tem uma forma de jogar que é fomentada por alguns anos, mas também muito pelo próprio público porque o público que vai ao Camp Nou é um público que procura determinado jogar e que se identifica com determinado jogar, enquanto que o público que vai... por exemplo, eu lembro-me acho que é na monografia do Carlos Carvalhal, no livro, em que fala exactamente no facto de no Espinho se valorizar muito as transições e ele teve que se identificar com essa cultura e jogar com isso perante o público e os adeptos. Porque também é preciso lidar com toda esta situação, estás a perceber?

Luísa: Como é que pode a formação estética do jogador contribuir para a sua recriação pessoal, individual, do modelo de jogo da equipa onde se insere? Ou seja, qual a relação entre a formação estética e a formação para uma competência que é autónoma. É autónoma mas...

Jorge: É autónoma mas não faz sentido sem os outros e...

Luísa: Exactamente.

Jorge: Eu acho que é relevante, é muito relevante, porque o ter consciência de que a singularidade dele pode ser um contributo para o grupo só por si já é um valor... algo que eu reconheço como grande esteticamente, porque o tu teres consciência que és parte de um todo e que és parte num todo, acho que só por si já é esteticamente muito relevante. Mas recorda-me só a parte final.

Luísa: Qual é que é a relação entre uma formação estética e a formação para uma competência autónoma mas no seio do grupo.

Jorge: A importância, lá está, e aqui passa também uma vez mais pela concepção. Porque se a tua concepção de jogo entender que o futebol, de facto, passa por um grupo, o miúdo vai entendê-lo ou vai procurá-lo ou vais procurar que o miúdo entenda como tal. Se tu não o entenderes como tal ele pode te entender como uma situação constante de um contra um. E daí a necessidade dessas tais regras para suportarem o emergir da singularidade do miúdo. Porque a singularidade não pode ser nunca recusada, o modelo, o jogar, nunca se pode fechar a si próprio. Porque se fecha a ele próprio deixa de fazer sentido porque deixa de ter aquilo que nos fascina, deixa de ter criatividade, deixa de ter o imprevisto, deixa de ter o lado emergente que também é muito relevante e que é fundamental para o evoluir do jogar. Ou seja, não somente o jogador deve procurar perceber como pode contribuir para a equipa, como o próprio treinador tem que ter muita preocupação em ver como é que as potencialidades do jogador podem estar ao serviço da equipa e podem permitir que a equipa seja beneficiada por uma interpretação da singularidade. E para isso é muito importante que a equipa tenha de facto identificado determinado padrão e determinada identidade para que o emergir desse lado seja mais fácil. A singularidade emerge como uma consequência dessa organização, dessa auto-organização que aquele sistema de equipa permite. Se o sistema se fechar muito não permite e então aí vamos ter um

jogar sempre monocórdico, um jogar à imagem do treinador mas no qual os jogadores não se vão reconhecer nem são parte porque não dão contributo.

Luísa: Não se exprimem.

Jorge: Não se exprimem, não têm a individualidade que tem que emergir no colectivo e nesse caso não vai conseguir, vai ser a individualidade do treinador a impor-se ao colectivo, à individualidade dos outros, que é contrária à dele e nesse caso há um desagregar e... porque não há, lá está, não há uma convergência de intenções, não há uma convergência de... não há uma empatia, não... não faz...

Luísa: Não há cumplicidade.

Jorge: Não há cumplicidade. Não há cumplicidade, logo não há boa estética porque a cumplicidade passa pela emoção, pela sentimentalidade que cada um sente naquilo... na sentimentalidade que cada um expressa naquilo que faz, naquilo que joga, logo, acho que fica pobre.

Luísa: Não há um todo.

Jorge: Não há.

Luísa: Há uma soma de partes.

Tendo como referência a tua apreciação pessoal do futebol actual é possível identificar a necessidade desta dimensão estética? Se sim, como é que fundamentas?

Jorge: É possível, é possível não, é fundamental, é necessário. Embora, lá está, que concepção estética? Porque todos a têm. Pergunta-se a qualquer pessoa e qualquer pessoa emite uma opinião sobre o que é que achou do jogo, o que é que gostou, o que é que não gostou... Mas é determinante porque... É

determinante e é determinante que a formação estética fomente uma concepção estética do jogo que faça sentido e que enalteça e que vá de encontro à verdadeira essência do jogo, porque senão entramos numa valorização de aspectos e de dimensões estéticas que se calhar são menos ricas...

Luísa: Que não são o jogo.

Jorge: Que sendo jogo perdem sentido quando desfasadas do jogo e quando colidem com a essência ou deixam de ser do jogo quando colidem com a essência do jogo. E a essência do jogo passa, lá está, pelo jogo, pelo colectivo, pelo individual, pelo emergir do individual no colectivo, pelo detalhe e pela organização, por tudo isso... E, sobretudo, pela harmonia de tudo isso, pela fluidez...

Luísa: Gostarias de referir mais algum aspecto que possa contribuir para o estudo e a compreensão do tema: “Novos desafios para a formação do Futebol contemporâneo: que formação estética no jogo?”.

Jorge: Eu acho que a formação estética do jogo passa essencialmente pela forma... pelo elucidar as pessoas para aquilo que é a essência do jogo. Volto a bater, se calhar até é um bocado redundante estar a bater nisto mas acho que é de facto essencial. Por outro lado, acho que a observação, a modelação acaba por ser muito relevante, sobretudo nas idades mais jovens para os miúdos terem referenciais e perceberem aquilo que... e mesmo para o próprio treinador passar um bocado a ideia daquilo que ele valoriza enquanto estético. Por isso é que é importante que ele tenha muita parcimónia naquilo que escolhe como referencial de qualidade para os miúdos observarem. Deve dá-los a conhecer mas deve dar a conhecer de forma selectiva, não é dar a conhecer por conhecer ou, mesmo que dê a conhecer algumas... por exemplo, aqueles freestylers e tudo isso, fazê-los perceber que aquilo é muito giro e que é muito importante mas que no futebol é importante se eles conseguirem

expressar aquilo de forma contextualizada. Por outro lado a formação estética, e acho que os próprios canais de televisão deveriam ter muito cuidado com... não é deveriam ter cuidado, acho que poderiam ser um agente muito importante na fomentação de um espírito crítico e de uma identificação estética com o jogo diferente. Porquê? Porque geralmente, não só pelo comentário que geralmente se ouve, mas também pela própria filmagem. Eu, por exemplo, eu gosto muito de ver os jogos em Espanha, sobretudo nos grandes estádios, porque as filmagens são muito mais alargadas. E então se calhar aí dá para alertar para determinadas coisas que não se tem acesso quando as filmagens são muito focadas na bola e a própria intervenção do comentador vai nesse sentido... o que ele fez, o que ele não fez... Por exemplo, agora o Benfica jogou há pouco com o Sporting e o primeiro golo, o golo do Reyes, é um golo muito bonito e é um golo que é uma trivela, mas há toda uma... um conjunto de aspectos que estão antes do golo que não foram enaltecidos e que passaram despercebidos porque só se valorizou o facto do Reyes rematar de trivela, e muito bem que também o culminar num golo de uma jogada daquelas com um gesto daqueles naquelas circunstâncias acaba por valorar ainda mais e aí lá está, o tal lado emergente da singularidade e da capacidade individual que cada um tem, que deu um contributo que foi de facto enriquecedor. Contudo, há um toque do Aimar que deixa, há uma desmarcação, há tudo isso que não foi valorizado, só foi valorizado praticamente o remate como se a bola tivesse chegado ali e “olha, agora remata e vais marcar golo”. E o alertar dessas coisinhas para o ver mais além do que se passa.

Luísa: Para ver o todo.

Jorge: O todo. Porque depois é assim, tu olhas para um... na altura da amendoeira e vês migrações, ou vais à praia e vês as gaivotas ou vês um bando de pássaros e as pessoas acham muito giro aquelas danças que eles fazem, ou mesmo os peixes, porque é que eles se movimentam de determinada forma, e depois não são capazes de reconhecer isso no jogo. Mas reconhecem que aquilo é giro nos peixes e nos outros animais, mas depois

quando a equipa faz aquilo e até de uma forma harmónica não reconhecem, só olham para a bola se calhar.

Luísa: Jorge, mais uma vez obrigadíssima pelo teu contributo que, desde já, dá para perceber que é riquíssimo. Isto não foi uma entrevista, foi uma conversa muito agradável e por isso agradeço-te imenso.

Anexo 7

Entrevista com o Tiago Moreira

Luísa: Olá Tiago. Muito obrigada por me concederes esta entrevista. A primeira questão que te coloco é: “Qual o contributo que uma abordagem estética do futebol pode dar ao conhecimento do fenómeno?”

Tiago: Huuummm... Pah... Explica melhor por favor...

Luísa: No fundo, qual é o interesse que esta abordagem tem para que as pessoas possam ter um conhecimento mais profundo daquilo que é o futebol?

Tiago: Antes de mais, deixa-me dizer-te que, como estivemos a falar há pouco, isto da estética no futebol como a estética no... fundamentalmente no futebol, é um conceito muito ambíguo, muito subjectivo e próprio da... é uma subjectividade não só por quem lida directamente com o fenómeno (ao nível de treinador, jogador...), como, fundamentalmente, essa subjectividade está presente no público, porque embora haja quem defenda que futebol é resultados e joga-se fundamentalmente para o resultado, há outro extremo que diz que o futebol é algo estético, e fundamentalmente estético e para ganhar devemos ganhar jogando bem. E depois também existe isso aí de “o que é isso jogar bem?”. Se jogar bem é algo desprovido do sucesso, se é algo desprovido de vitória, isso é uma discussão a meu ver um bocado estúpida porque a estética no futebol deve estar intimamente relacionada com o sucesso. Quer a nível individual, quer a nível colectivo. Porque, por exemplo, numa abordagem mais individual todos os movimentos, por mais estéticos que sejam, devem ter sempre uma finalidade, seja para ganhar espaço para fazer passe, seja para contornar o adversário para conseguir o objectivo, ou seja, tudo tem uma finalidade e essa abordagem estética, o gesto mais bonito, o gesto mais adornado, tem sempre a ver com uma intencionalidade que tem sempre que ver com o sucesso em si.

Luísa: No fundo o que estás a dizer é que é inseparável a estética do jogar bem e do resultado.

Tiago: Exactamente.

Luísa: São três conceitos relacionados...

Tiago: Exactamente. Não podes separar. Porque, por exemplo, o picar a bola e meter a bola, por exemplo, atrás, ou parar a bola e a bola ficar no peito, isso visto como um gesto em si não tem qualquer significado, quer para o espectador, ou não devia ter qualquer significado, quer para o espectador, quer para o treinador, porque fundamentalmente é a intencionalidade e o sucesso em si, o levar a efeito...

Luísa: Em que é que se concretiza, no teu entender, a estética no jogo de futebol? O que é que há no jogo que te provoque ou que promove em ti uma reacção estética?

Tiago: Isso é um bocado o instinto, não é primitivo mas é fruto, fundamentalmente, das minhas vivências, porque sempre joguei futebol toda a minha vida e sempre valorizei aqueles gestos, os dribles, a arte do engano, o enganar o adversário e isso não foi algo que eu aprendi através dos livros, nem se calhar tem uma justificação científica nem nada, é mais pelo prazer que tenho a jogar e a tal subjectividade. Eu dou muito valor ao jogo bem jogado, o que é isso do detalhe, ao enganar... é a arte do engano. Dou muito valor a isso, muito valor a isso mesmo. Ainda há pouco estava a ver um jogo do Barcelona e dá um prazer enorme ver o Messi, porque o Messi consegue levar efeito, não é a tudo o que ele quer, mas consegue ter sucesso ou muito sucesso, independentemente da variabilidade do contexto, ele consegue sempre adornar ou ultrapassar as dificuldades próprias do contexto, independentemente da grande variabilidade contextual que exista. Mas ele

consegue sempre através da sua capacidade, que para mim é estética pura a sua capacidade, para levar a efeito a intenção que ele idealiza.

Luísa: Intenção dele e da equipa.

Tiago: Exactamente, em prol da equipa, porque a intenção individual não...

Luísa: Messi tem muito essa característica, hãaa...

Tiago: Embora haja quem não partilhe isso mesmo, o Messi para mim é fantástico porque toda a intenção que ele tem é em prol de um colectivo. Embora ele pense sempre muito na finalização, no golo, embora ele não pense muito o jogo em termos de posse e circulação do jogo, por exemplo, a nível de posse, a variação de corredores, embora ele individualize muito o jogo, mas é uma individualização em prol do colectivo.

Luísa: Qual a relação entre a finalidade estética e a finalidade do jogo que é essencialmente táctico? Será a finalidade estética distinguível, separável da finalidade do jogo? Opõe-se à finalidade do jogo?

Tiago: Não. Como tinha dito, a estética em si não existe. A estética pode existir no levar a efeito a finalidade do jogo. Porque, por exemplo, o adversário põe-nos diferentes tipos de dificuldades ao longo do jogo e a estética é levar a efeito o golo e levar a efeito determinadas intenções colectivas ultrapassando essa adversidade, seja uma adversidade mais micro, seja uma adversidade mais macro, seja uma adversidade contextual à volta do jogador portador da bola, seja uma dificuldade mais macro em conseguir levar a efeito uma proposta de jogo ultrapassando as adversidades que o adversário nos coloca.

Luísa: Neste sentido qual a relação entre estética e eficácia num jogo de futebol? Entre processo e produto? O produto é o golo, não é, ou a vitória...

hã... Qual o papel desse produto e qual a relação entre o jogo bem jogado e a vitória?

Tiago: É assim, como tu sabes o nosso professor, Vítor Frade, dá uma importância ao detalhe e é isso mesmo, o detalhe em si não existe, centrado em si não existe, o detalhe só existe para levar a efeito determinada proposta de jogo, a meu ver. Por exemplo, o que é isto do detalhe? Para muitos é um pormenor mas eu considero algo fundamental inserido numa proposta de jogo, porque é através do consegues vencer o contexto para lewares a efeito essa determinada proposta de jogo que reside o sucesso em si. Por exemplo, ganhas bola e queres partir para o contra-ataque e queres fazer o primeiro passe em profundidade e a forma como vais fazer esse passe depende muito do contexto em que tu ganhas a posse de bola. Podes ter que ultrapassar o teu adversário directo, podes receber a bola e não ter ninguém à tua frente ou perto de ti, podes fazer logo passe directo, podes fazer o passe frontal, diagonal, podes ter que tirar a bola da zona de pressão para depois partir para o contra-ataque... Essa variabilidade contextual e as ferramentas que tu utilizas para ultrapassar essa variabilidade contextual é que é o detalhe, o que tu fazes para levar a efeito uma proposta de jogo...

Luísa: É engraçado estares a referir ao produto pequenos detalhes, pequenas intenções, não estás a associar o produto só ao golo ou só à vitória, mas, por exemplo, a uma intenção. O jogador quer fazer um passe em profundidade e esse... para já é o produto, e depois, de acordo com o contexto, ele resolve com um processo que encontra, que consegue e que escolhe.

Tiago: Exacto e as capacidades variam de jogador para jogador e em função da capacidade que eles têm para levar essa mesma intenção. Há jogadores que conseguem levar, há outros que têm mais dificuldades em levar, sujeitos a pressão ou não. É aí que varia muito e que os jogadores fundamentalmente se diferenciam, em levar a efeito essa mesma intenção, contornando o contexto, a variabilidade contextual.

Luísa: A estética do futebol manifesta-se no jogo como um todo de natureza essencialmente tática ou esgota-se na forma dos seus gestos?

Tiago: Hummm... Como?...

Luísa: Um gesto técnico numa apreciação estética específica do jogo de futebol tem valor por si só, ou esse valor apenas existe contextualizado e em função de uma estética do jogo como um todo que é naturalmente tática?

Tiago: Claramente contextualizado. Por isso é que eu estava a dizer que a estética não é algo geral nem é algo abstracto. A estética está... relaciona-se muito com a forma de jogar que nós levamos a efeito porque a estética associada, os movimentos estéticos associados a um jogo fundamentalmente de posse e circulação vão ter maior percentagem de determinadas coisas comparativamente a jogos fundamentalmente de bloco baixo e contra-ataque. Portanto, para mim, jogando em bloco baixo e contra-ataque a estética associa-se, por exemplo, a passe longo, o retirar a bola da zona de pressão com exploração do corredor contrário, a condução de bola em velocidade, jogo mais... não mais intenso, mas jogo mais rápido... É manifestamente diferente de um jogo de posse e circulação com variações de velocidade, de circulações de bola, um jogo mais de posse, mais curto, um jogo que tens que pensar que tens que ultrapassar defensivas muitas vezes densas e muito concentradas... o levar a efeito essa proposta de jogo requer uns determinados tipos de movimentos em maior ou menos percentagem. E a estética é isso mesmo, é o levar a efeito... hummm... contornando as dificuldades. O passe de calcanhar... O que é isso do passe de calcanhar? O passe de calcanhar em si não existe. O passe de calcanhar existe em função de levar a efeito determinada intenção em função do contexto. Por exemplo, podes-me vir pressionar e o passe de calcanhar pode ser a única solução que eu tenha para fazer um passe para o espaço entre sectores. Portanto, é algo que o contexto nos exige.

Luísa: Qual a importância e o contributo de uma formação estética dos jogadores para o fenómeno? Quais os contributos que uma formação estética pode dar às suas capacidades de compreensão, de conhecimento do jogo, até à capacidade de observação e de fruição, de criação e de expressão do jogador no contexto do jogo?

Tiago: Nós, por exemplo, nós a meu ver procuramos dotar os miúdos desde muito cedo de ferramentas (entre aspas) para o jogo. O dotá-los de vários movimentos de um contra um é dotá-los de ferramentas para eles terem sucesso no jogo, fundamentalmente. Isso podemos encará-lo como uma abordagem estética mas... Faz-me outra vez a pergunta para eu...

Luísa: uma formação estética para ti que capacidades pode dar aos miúdos? Estás a dizer que procuram dotá-los de ferramentas para se conseguirem desenrascar no jogo. Mas que outras capacidades lhes podem dar, nomeadamente relativamente ao conhecimento do jogo, à sua capacidade de observação, de percepção do jogo... Essa formação que vocês procuram fazer... O que é que contribui para isto, para que um miúdo olhe para o jogo e o conheça mais profundamente?

Tiago: Isso é uma pergunta complicada porque isso do que é estético para ti e o que é estético para mim difere, como para os miúdos... O que é estético para um dos miúdos que nós temos pode ser... pode não ser o mesmo do que é a estética para outros miúdos. Difere muito. Mas devemos, a meu ver, devemos sempre inculcar o desejo pelo belo, o desejo pelo ser aplaudido porque, no fundo, um jogador só é aplaudido por cinquenta mil pessoas ou por estádio cheio quando... quando... quando diverte esse mesmo público.

Luísa: É engraçado teres referido que vocês procuram dotar os miúdos de determinadas ferramentas e ao ouvir isso... vem-me logo à mente este

pensamento que é: vocês tentam dotá-los de ferramentas para que eles depois sejam capazes de, autonomamente, criar a sua estética e...

Tiago: Exactamente.

Luísa: ... e resolver as situações de jogo à sua maneira com toda a bagagem que receberam. É essa a vossa intenção?

Tiago: Exactamente. Por exemplo, nós agrupamos determinados movimentos de acordo com os jogadores de top, de quem os pratica. Por exemplo, nós temos determinados movimentos Lucho, temos determinados movimentos Zidane, Messi, Quaresma, etc, etc, etc. E procuramos que os miúdos vivenciem esses mesmos gestos que os adquirem pela repetição sistemática, pela observação e imitação, etc, etc, e depois que os explorem no jogo de acordo com as suas capacidades, com as suas formas de estar, de acordo com as formas com que eles jogam, digamos assim. Não queremos impor nada mas que os miúdos explorem à vontade, que, por exemplo, nós temos muitos e muitos movimentos e depois os miúdos pegam nesses movimentos e experimentam e, de acordo com o seu jogo, porque os miúdos não têm só um tipo de jogo, há uma diversidade enorme porque há jogadores fundamentalmente de passe, há jogadores fundamentalmente de procura de um para um constante e, por exemplo, a forma como um jogador fundamentalmente de passe apreende os movimentos não é de forma idêntica aos jogadores que procuram fundamentalmente o um contra um. Até, por exemplo, pela rapidez, pela velocidade... um pouco pelas capacidades que...

Luísa: Sim, mas no fundo, o que eu estava a interpretar daquilo que me estavas a dizer é que formar do ponto de vista estético não é tanto...

Tiago: Nós damos os movimentos, os miúdos praticam os movimentos, depois exploram esses movimentos de acordo...

Luísa: Portanto, não estamos a castrar.

Tiago: Nada, nada...

Luísa: Estamos a dar ferramentas para eles criarem...

Tiago: Promovemos diversidade e depois eles pegam nessa mesma diversidade e exploram a seu bel-prazer, não é nada que nós...

Luísa: Em que é que se pode concretizar a formação estética dos jogadores no treino? Por exemplo, qual a importância de uma relação afectiva com a bola desde muito cedo? Como é que podemos conferir ao treino um espaço de formação estética mas assegurando ao mesmo tempo que estamos a ensinar futebol? Como é que criamos um ambiente de criatividade, diversidade no treino, mas ao mesmo tempo conseguir dar uma formação de jogadores de futebol, não é?

Tiago: Essa diversidade ou essa estética e criatividade... À estética e à criatividade está implícito um conceito que é fundamental que é a liberdade. Uma pessoa não deve impor nada, os miúdos devem explorar o jogo a seu bel-prazer no início, se bem que devam ter referenciais porque, por exemplo, uma pessoa parte sempre daquilo que vê e aquilo que desconhece nunca o poderá utilizar em jogo por isso mesmo porque desconhece mesmo. E, por exemplo, nós damos muitos referenciais do um contra um, de passe, nós temos uma importante tarefa que é o jogar com eles para eles verem que determinados movimentos que nós levamos a efeito em contexto mais isolado têm... têm que contextualizar esses mesmos movimentos e demonstrar que esses movimentos têm um contexto, têm uma circunstância e podem ter sucesso. E é isso mesmo. Nós não impomos nada aos miúdos, eles... nós incentivamos a criatividade, sempre que os miúdos têm movimentos criativos incentivamos. Temos sempre aí trinta minutos no espaço Artur Baieta que é mesmo para isso, é deixa-los jogar, explorar o jogo por eles mesmos e aperceberem-se de

determinadas coisas, e nós incentivamos. Incentivamos o que está bem, não reprimimos o que está mal, fundamentalmente funcionamos com feedbacks positivos a posteriori, não castramos, deixamos explorar o jogo, deixamos explorar os movimentos, deixamos criar novos movimentos, aplaudimos esses novos movimentos, porque no fundo é isso, é incentivar a criatividade para o jogo, sempre... Não pela criatividade em si mas como pano de fundo o sucesso e a intenção.

Luísa: Que manifestações tem a formação estética, intencional ou não, nos desempenhos dos jogadores e das equipas de rendimento superior? Que manifestações é que tu vês nos jogos de top, do rendimento superior, que manifestações é que tu vês dessa formação estética, que pode ter sido intencional ou não? Há jogadores que certamente tiveram uma formação estética ainda que não seja intencional. Porque tu vês criatividade, tu vês excelência na forma como manifestam...

Tiago: Se é intencional ou não, não sei porque acaba sempre por ser um pouco intencional. Porque, no fundo, quando estás a jogar e sentes que estás a ser observado, tu queres-te distanciar dos rapazes, falando um pouco no futebol de rua, queres-te distanciar dos rapazes com quem estás a jogar e queres sobressair no meio deles. E como é que tu podes fazer para sobressair? É esses movimentos criativos, é não só o sucesso mas a forma como alcanças o sucesso. E pode ser manifestamente diversa: eu posso obter golo em potência ou posso obter golo driblando os meus adversários. E a forma como driblo os meus adversários, isso da formação estética pode ser intencional, embora partindo de cada um, mas o facto de eles sentirem que estão a ser observados podem querer sobressair, sendo mais estéticos que os outros, digamos assim.

Luísa: E que manifestações é que isso tem a top? Essa formação, intencional ou não, que manifestações é que tu achas que tem nas equipas de rendimento superior? O que é que tu vês no jogo que identificas que, ao veres um jogo de

top, o que é que te faz identificar que houve ali uma formação dos jogadores mais estética, ou uma formação dos jogadores menos estética?

Tiago: A estética... a estética... há vários tipos de estética. A estética não... Um jogador que utilize fundamentalmente o um contra um e que tenha sucesso nesse um contra um não quer dizer que seja mais estético que um jogo fundamentalmente de passe. Por exemplo, um David Beckham não quer dizer que seja menos estético do que um Ronaldinho. São ambos estéticos, têm formas de estar e de jogar muito distintas, mas tu fundamentalmente capturas essa estética do movimento pela harmonia do movimento, pela forma como sai. Não é algo que eu consiga explicar mas tu vês quando uma bola sai o efeito da própria bola, tu inconscientemente capturas quando o movimento é estético ou não. Por exemplo, eu não percebo nada de andebol e no último campeonato do mundo, nos últimos jogos olímpicos de andebol, a nível do alto rendimento, a nível de top, tu consegues ver que aquilo é estético. Embora eu não perceba nada de andebol, eu consigo ver que as formas de jogar são mais habilidosas, o passe é... tem uma forma de sair, tem uma forma de execução distinta porque ali estão os melhores jogadores do mundo. Os movimentos são mais harmónicos, são...

Luísa: E nas equipas? Estás a falar de movimentos técnicos... Mas nas equipas? O que é que tu vês nas equipas de estético? O que é que tu vês na equipa do Ronaldinho? Ou o que é que tu vês na equipa do Beckham? E do Messi? O que é que tu vês no Barcelona que, a teu ver, é estético? Que manifestações é que isso tem?

Tiago: A estética a nível colectivo tu consegues apreender quando há uma intencionalidade colectiva, quando não... digamos, quando cada um joga por si, independentemente da proposta de jogo isso acho que é inestético. Quando vês uma ocupação racional do terreno de jogo, quando não vês todos no mesmo sítio, quando vês uma ordem na equipa e uma...

Luísa: Harmonia...

Tiago: Sim, uma harmonia entre mobilidade e estrutura, quando independentemente da mobilidade que os jogadores tenham em campo consegues ver que a equipa não perde estrutura, consegues ver que há ali uma forma evoluída de jogar...

Luísa: Um equilíbrio entre ordem e desordem.

Tiago: Exactamente.

Luísa: Como construir uma formação estética do jogador que vá de encontro às necessidades de um jogo que é colectivo por essência? Podemos fazer uma formação estética do jogador ou da equipa? Ou de um jogador na equipa?

Tiago: Formação estética da equipa e do jogador na equipa... Parte muito da concepção de jogo que tu tens. Tu podes... digamos... Idealizas uma forma de jogar e depois tens que a adaptar dependentemente do contexto em si mas... não sei... não sei como é que hei-de explicar...

Luísa: No fundo o que eu quero perguntar é se no futebol há uma formação estética do jogador ou há uma formação estética da equipa? Ou mais: haverá antes, ou deverá haver uma formação do jogador dentro da equipa, no seio da equipa?

Tiago: Isso há sempre. Tu tendo uma proposta de jogo e procuras, ao operacionalizares essa mesma proposta de jogo, estás a trabalhar não só ao nível colectivo mas a nível inter-sectorial, sectorial, grupal e individual, em prol desse mesmo colectivo. Agora... se é uma formação estética ou não... Para mim é estética. A minha proposta de jogo e o levar a efeito a minha proposta de jogo, a forma como o sucesso inerente ao levar a efeito essa mesma proposta de jogo é estética.

Luísa: O Jorge... Na conversa que tive com o Jorge, uma das questões que ele levantou foi... Tu agora disseste “estético é sempre” e o Jorge também referiu isso: podem ser diferentes maneiras de estética mas o que tu procuras fazer na tua equipa é sempre reflexo ou manifestação daquilo que tu consideras que é estético. Partilhas dessa opinião?

Tiago: Exacto porque... O que é isso jogar bem? Jogar bem é levar a efeito a minha proposta de jogo, é o teu sucesso no levar a efeito. É fazer com que a equipa tenha sucesso ao levar a efeito a minha proposta de jogo e... Para levar essa mesma proposta de jogo tens que vencer o contexto, tens que vencer o adversário, e a forma como vences essas mesmas adversidades, a forma como vences pode ser estético e tem de ser estético.

Luísa: Mas tu achas que nós corremos o risco ao procurar uma formação estética do jogador...corremos o risco de não ir de encontro às necessidades de um jogo que é colectivo? No fundo era esta a questão que eu queria pôr...ou se...

Tiago: O jogador em si não existe...o jogador centrado no jogador não existe. O jogador centra-se sempre no...ou devia-se centrar...toda a intenção tem que ter sempre como pano de fundo levar a efeito algo mais importante. Porque tu, por exemplo, na formação de jogador tu nunca podes formar um jogador centrado no jogador...é a tal individualização do jogo centrado no individuo não....o futebol é um jogo colectivo, joga-se com onze elementos contra onze elementos e o jogador tem que aprender não descurando a promoção ou o desenvolvimento individual mas o jogador tem que compreender que estão onze elementos e ele sozinho nunca conseguirá ganhar um jogo. Precisa dos restantes dez elementos e... ao treinar a coordenação e a relação desse jogador com os dez elementos podemos querer incutir valores estéticos...claro que podemos incutir valores estéticos mas... é como te estava a dizer, essa estética é muito... comporta muita variabilidade a nível de entendimento.

Luísa: Como é que pode a formação estética do jogador contribuir para a sua recriação pessoal do modelo de jogo da equipa onde se insere? Qual a relação e o contributo que uma formação estética pode dar para uma competência autónoma no seio de um grupo? No fundo já falamos disso quando falamos ao bocado em que não estamos a castrar mas ainda a dar ferramentas para que eles se recriem e... mas essa competência no seio do grupo. Qual o contributo que esta formação pode dar para uma competência, que é autónoma, mas que depende de um todo que é o grupo? Tu estás a trabalhar com miúdos, não é, de pré-escolas...aquilo que tu ensinas em termos de ferramentas que lhes proporcionas, qual é o contributo que tu achas que isso vai dar para no futuro eles contribuírem numa equipa?

Tiago: Ah, exacto! Quanta mais capacidade tu tiveres...quanta mais diversidade técnica tu conseguires levar a efeito, mais capaz és de sobreviver no jogo porque....e o que é isso de dotar os miúdos de ferramentas? Porque tu podes querer dotar os miúdos de ferramentas mas estás a...querer praticar algo num contexto muito fechado. Não, o jogo nunca é nem nunca será isso. O jogo é a variabilidade, é a bola que vem com diversas trajectórias, é a bola que vem a saltar, que vem a meia altura e tu tens que dominar a bola independentemente das trajectórias a que elas te cheguem. Por isso, nós queremos dotar os miúdos de ferramentas mas comportando essa mesma variabilidade contextual e tu nunca comportas essa variabilidade contextual no treino a fazer passe, frente a frente, sem qualquer tipo de oposição em que se a bola vier mal tu paras e tu pões a bola no chão para depois fazeres o passe. Não, isso não é... O dotar-se os miúdos de ferramentas é o preparares para essa mesma variabilidade contextual que o jogo em si comporta. E fundamentalmente é isso que nós procuramos fazer lá em baixo no espaço Artur Baieta. A bola está sempre em jogo, o piso é completamente irregular, a bola está sempre a saltar e os miúdos têm que se adaptar a essas mesmas trajectórias de bola. Têm que se adaptar a essas mesmas...essas...essas....

Luísa: E no futuro têm que se adaptar a diferentes contextos não é? A diferentes pisos, a diferentes constrangimentos que o jogo impõe. E também terão que se adaptar a diferentes equipas, a diferentes jogares, a diferentes treinadores....essas ferramentas serão úteis para isso também?

Tiago: Claro, claro. Isso deve ser o objectivo supremo da formação. Não preparar para um tipo de jogar, para uma organização estrutural, mas dotar os miúdos de várias capacidades do conseguires defender quer zonalmente num bloco baixo, médio ou alto. Conseguires dotar os miúdos de...de ferramentas que eles possam jogar tanto em posse de bola fundamentalmente, como fundamentalmente de contra-ataque. Isso deve ser a formação. A meu ver é dotares das maiores capacidades possíveis e imaginárias tendo como referencia jogares a top...fundamentalmente a top. Dotar-lhes cada um de ferramentas para eles conseguirem sobreviver nesses vários tipos de jogos, inerentes a vários tipos de treinadores, inerentes a vários tipos de realidades. Não que eles nunca tenham formação para só um tipo de jogo, para só uma organização estrutural, só para uma concepção de jogo, mas para várias. Porque é isso mesmo, os jogadores quando são formados com vista unicamente à equipa principal, à forma de jogar da equipa principal, à organização estrutural da equipa principal, quando eles chegarem lá em cima essa forma de jogar, essa organização estrutural pode não estar lá. Por exemplo, porque entretanto o treinador foi despedido, ou foi para outros clubes. Não...nós devemos dotá-los das melhores ferramentas possíveis quer em contextos individuais quer em contextos colectivos. Para que eles consigam, quando chegarem a top, consigam sobreviver.

Luísa: Tendo como referencia a tua apreciação pessoal do futebol actual, é possível identificar a necessidade desta dimensão estética? O que é que tu achas do futebol actual? Sentes a necessidade da estética?

Tiago: O futebol actual... O futebol actual... O futebol actual, para mim, eu vejo... Eu vejo cada vez menos diversidade no jogar actual. E a estética

também, ainda não tinha falado, mas a estética comporta essa diversidade a nível de concepções de jogo. E o que vejo neste momento são equipas em bloco baixo e a partir para o contra-ataque, fundamentalmente. Não vejo equipas, ou raramente vejo equipas que queiram dominar o jogo, que queiram ter a posse de bola, que procurem o golo utilizando a posse de bola. Não. Fundamentalmente o que eu vejo hoje em dia são equipas em bloco baixo que não querem ter a bola e querem... jogam sempre no erro do adversário. Isso para mim não se engloba no meu conceito de estética, porque jogo para mim é ter a bola. Beleza existe quando existe bola e... Se bem que também consigo identificar beleza no conseguir direccionar colectivamente a equipa adversária para jogar para determinadas zonas para mais facilmente roubar a bola e partir para o contra-ataque...

Luísa: Mas isso é porque se quer a bola.

Tiago: Exactamente.

Luísa: Mesmo essa estética de não ter a bola existe porque se quer a bola.

Tiago: Também, também. Exactamente. Quer-se a bola de determinada maneira.

Luísa: Gostarias de referir mais algum aspecto que possa contribuir para o estudo da compreensão do tema? Novos desafios para a formação contemporâneo? Que formação estética no jogo?

Tiago: Hummm... Nós devemos sempre partir daquilo que há de melhor e utilizar as referências que nós consideramos que essas referências têm qualidade, seja por exemplo pegarmos nos melhores jogadores do mundo, identificamos o que eles fazem em jogo e promovemos a vivenciação das crianças através desses mesmos gestos que eles fazem em jogo e as crianças partem daí, não partem do zero, partem desses movimentos e transcendem-se

depois partindo desses mesmos movimentos. Porque nós partimos sempre daquilo que conhecemos e se nós desconhecemos que essa qualidade existe e continuamos a basearmos na qualidade, por exemplo, cingimo-nos sempre ou procuramos cingir ao futebol praticado em Portugal, partimos sempre de um nível muito mais baixo. Devemos partir sempre de qualidades referenciadas a top e partimos dessas mesmas qualidades. Devemos querer sempre formar jogadores partindo das referências de top, seja referências colectivas seja referências individuais.

Luísa: Tiago, muito obrigada pela tua entrevista.

Tiago: Não tens que agradecer.

Luísa: No início notei que estavas apreensivo pela tua falta de familiaridade com o tema da estética.

Tiago: Exactamente.

Luísa: Mas aqui mais uma vez ficou provado que quem sabe de futebol sabe de estética de futebol e portanto é fácil conversarmos sobre esse assunto. Muito obrigada!

Tiago: De nada.

ANEXO 8

PARECER

1. O Trabalho proposto por Luísa Graça aborda um tema extremamente original e inovador. Não tem sido muito tratada esta questão da estética do jogo, e em particular do futebol. É muito interessante como pista para futuras investigações filosóficas e sociológicas, que exigem evidentemente um trabalho de campo, isto é, terão que basear-se numa recolha de experiências através de questionários, sondagens, testes, etc.
2. A tarefa a realizar não é fácil, pois embora na extensa bibliografia referida, constem alguns trabalhos sobre este tema, não está ainda implantado na opinião pública geral, e falta ainda um desenvolvimento mais a fundo de todas as dimensões deste tópico.
3. Quanto às entrevistas, foram bem seleccionados os entrevistados: um Professor Catedrático do gabinete da Estética do Desporto, o Professor Paulo Cunha e Silva; um Professor da disciplina de Metodologia de Futebol, o Professor Vítor Frade, que tem também a licenciatura em filosofia; o Professor Carlos Queirós, treinador de futebol e actual seleccionador nacional; uma treinadora de futebol licenciada com o curso de Desporto e Educação Física, Marisa Gomes; um treinador holandês responsável por desenvolver as capacidades técnicas e criativas individuais na formação do Futebol Clube do Porto, Pepijn Lijnders; permitindo a variedade captar, pelas suas diferentes posições em relação ao futebol uma visão alargada que integre a diversidade de perspectivas. Parece-me, no entanto, que as perguntas dirigidas ao seleccionador e ao treinador deveriam ser mais concretizadas, mais específicas. Possivelmente nunca terão pensado na dimensão estética do futebol, e a maneira de lhes formular as perguntas deveria clarificar um pouco mais o que se pretende, indo ao encontro das suas funções como treinador e

seleccionador, para as quais possivelmente não terão qualquer formação filosófica ou estética.

4. Para tratar o tema na contemporaneidade, há que ter em conta também o contexto sociológico em que se insere hoje em dia o «fenómeno» do futebol. Poderá ser encarado sob o ponto de vista estético, mas esse ponto de vista é actualmente inseparável de uma série de condicionamentos ou de circunstâncias que envolvem o futebol: é um fenómeno de «massas», que desempenha na actual sociedade de consumo um papel multifacetado – uma sociedade onde se dá um certo desaparecimento do indivíduo na massa da sociedade, uma insaciável busca de «novas experiências», etc. A dimensão estética está até certo ponto condicionada – ou pelo menos contextualizada – por muitos outros factores, que por vezes se sobrepõem e abafam, por assim dizer, a verdadeira «experiência estética».
5. De qualquer modo, parece-me ser um bom trabalho que certamente se projectará no futuro em ulteriores desenvolvimentos sobre a perspectiva estética do futebol.

Maria Luísa Couto Soares
Professora Associada com Agregação
do Departamento de Filosofia da FCSH-UNL